

A FÚRIA

JOHN FARRIS



**BEST
SELLERS**

UMA SAGA DE SEXO E TERROR TRADUZIDA POR
CLARICE LISPECTOR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

John Farris

A Fúria

Tradução de **Clarice Lispector**

Editora Nova Cultural
1988

*A Kathy,
a que mais importa*

NOTA DO AUTOR

A fúria é um trabalho de ficção. Tomei certas liberdades com lugares em Nova York ou cercanias — assim é que não poderão ser encontrados Sutton Mews ou o Hospital Washington Heights em qualquer mapa ou guia da cidade. O Instituto Paragon é imaginário. E embora as personagens sejam tão reais quanto possível, felizmente elas não existem fora das páginas deste livro.

1

Se as portas da
percepção estivessem
purificadas, todas as coisas
apareceriam para
o homem como elas são,
infinitas.

— William Blake,
The marriage of heaven

2

Nos seus bons dias
ele era tímido. Ele
poderia fazer com que o resto
da raça humana
se sentisse obsoleta.

— Srta. Roberta P. Edge

3

Interesse próprio é a
única constante na
vida, e homicídio
é preferível
a impotência.

— Childermass

4

O que fizeram os
lograria.

— Anne Sexton,
The book of folly

Um

Ultimamente muitas das meninas que iam para a escola com Gillian pareciam ter passado por uma espécie de crise mórbida ou sofrido mudanças na personalidade. A maioria já tinha ultrapassado os quinze anos e Gillian era a mais nova na classe; completaria quinze anos somente a 4 de fevereiro, na metade do ano escolar. Anne Wardrop, a pobre patetinha, tinha sofrido um genuíno colapso nervoso, precipitado por um acesso de riso realmente apavorante durante a audição do *Requiem de São Bartolomeu*, de Verdi. Gillian estremeceu quando ouviu os detalhes de que Anne tinha tido três padrastos e uma troca de analista a curtos espaços de tempo nesses dois últimos anos e todos sabiam que ela estava condenada a uma completa desproteção.

Por outro lado, Carol Dommerick, a menina de brilhantes olhos azuis arregalados, havia descoberto o sexo e levava adiante um namoro precoce com um seminarista de teologia geral de vinte e três anos. Depois de quatro meses e meio de aguda ansiedade, os pais de Bo Crutcher tinham localizado a filha no México e a trouxeram de volta-de uma choupana, em viagem marítima, abatida, amarela como uma abóbora e cheia de vermes. Bo não poderia voltar a Bordendale naquele ano. Sue Noyes, que sempre teve extremo cuidado com sua aparência, agora tinha que ser chamada severamente à atenção para tomar banho ou escovar os dentes e estava deixando o cabelo escuro cair descuidadamente sobre as costas. Havia ainda Wendy van Alexia, um tipo primitivo e errante, espírito livre — que tinha feito umas rápidas leituras das obras de filósofos existencialistas e dos mais melancólicos escritores escandinavos do século XIX. Wendy nunca mais sorriu freqüentemente como antes e Gillian sentiu falta daquele sorriso.

Meninas brilhantes e ricas, jovens privilegiadas de Nova York, uma cidade que oferecia o máximo de tudo, mas dura para as psiques sensíveis — seriam as pressões da própria cidade ou as insuportáveis neuroses dos pais que estavam abalando tão boas meninas? Gillian, que sempre vivera numa região de terrenos indescritivelmente caros, conhecida como Sutton Mews, amava a vida da cidade e conhecia também alguns jovens complicados que moravam em Plaudome e Pound Ridge. Mas era óbvio que naquela cidade o processo de seleção natural era mais cruel e acelerado.

O pai de Gillian, um antropologista amador, tinha feito uma interpretação sobre a falta de rituais da época em que os jovens atingem a maioridade, e que hoje existem escassamente numa sociedade industrial (exceto como variações espontâneas e freqüentemente destrutivas de formas arquetípicas). Nas culturas tribais, sem levar em consideração a complexidade do ambiente, é o ritual que proporciona um sentido firme e ordenado de transição da puberdade para a adolescência. Há nisso admiração, disse ele, dignidade e um sentido de realização. Alguém tinha cumprido as expectativas de um grupo. Alguém fora aceito. Era como uma *aceitação oficial* quando se cumpriu a exigência mais importante. Era demais para Avery Bellaver. Não concederia tal coisa.

"Mas nas assim chamadas civilizações adiantadas, onde os tabus foram derrubados e os grupos familiares estão fragmentados, a aceitação e aprovação estão concentradas em grupos de elite altamente estruturados, onde as regras estão constantemente mudando, ditadas pela moda, pelas, ai! perversidades de nossas mercadorias, perversidades que destroem as almas. Exceto no caso da religião ortodoxa, entre nós não há linhas orientadoras para a juventude. A comunicação é viciosa, as expectativas são perturbadas. Padrões excêntricos de maturidade são impostos aos jovens que ainda não atingiram os vinte anos por adultos desprivilegiados e de uma mediocridade irresponsável. As exigências mudam tão caprichosamente que não me espanta ver muitos escolares nas esquinas das ruas com protuberantes pastas e com total pasmo nos olhos, como se estivessem a ponto de gritar. O que é que eles querem? Que faço agora? Há poucas, suspeito, para quem isso não tem importância, crianças que herdaram resistência e qualidades auto-ajustáveis necessárias para sobreviver. É torturante o fracasso para muitos, ao tomarem conhecimento de suas condições sociais. Finalmente cedem aos golpes emocionais

sofridos e nossas idolatrias parecem inadequadas para a tarefa de integrar o fraco e o sucumbido no que é, essencialmente, uma casa social de loucos."

Seus olhos brilharam e sentiu-se satisfeito quando então olhou para sua filha atentamente.

— Você não foi atingida, não é?

Gillian foi apanhada tão de surpresa que teve que rir, o que feriu seus sentimentos. Para disfarçar isso, ela o beijou alegre e rapidamente, com um rubor de simpatia e amor por esse homem maduro e solitário que podia ser tão perspicaz quanto à condição humana e tão totalmente incapaz de atender às poucas exigências que a vida lhe fazia.

— Estou bem, mas alguns de meus amigos, não.

— Oh, sim. São tantos os novos rostos que me cercam. Aquela criança delicada e amável que estremece algumas vezes completamente, sem nenhuma razão aparente. Você se dá bem com todas elas. Você é boa. Você presta atenção nelas.

Larue era a menina que estremece. Chegara da Califórnia em outubro, excelente como uma refugiada, e Gillian imediatamente tomou-a sob sua custódia protetora. Larue estava assombrada com a confusa cidade, alérgica a qualquer aragem que tomasse. Estava habituada a um rancho de trezentos acres perto de Santa Bárbara e aos alegres verões de Malibu.

Seu pai era diretor de filmes, decadente em seus sucessos, e tentava reviver sua carreira com um musical na Broadway. Como diretor, tinha os instintos de um Torquemada, e não era mais alegre em casa também. A mãe de Larue era uma atriz que trabalhava regularmente em co-produções italianas em locações distantes, mesmo de avião; era uma situação que Gillian certamente sabia de cor. A mudança poderia ter sido um enorme trauma para Larue, mas além disso um meio-irmão a quem era devotada tinha morrido num vôo de planador nas montanhas Rochosas naquele verão. Larue tinha presenciado a rapidez da colisão das asas quebrando-se contra a rocha sólida; daí as ocasionais indisposições de momento e o longo olhar vidrado quando pensava nele. Gillian quis levar Larue para Acapulco com a família para passar o Natal, mas por alguma razão pouco clara o pai de Larue não o permitiu.

Na segunda-feira que precedeu o Natal, Larue veio passar a noite com Gillian. As lojas ficaram abertas até tarde e as duas mocinhas tinham que

fazer compras. O cozinheiro estaria de folga, então elas fizeram uma refeição no Beefsteak Charlie's, na 57th Street, olharam as vitrinas e pegaram a sessão das oito e trinta do *show* do Trans-Lux. Caía neve misturada com chuva quando acabou a sessão, mas tinham que andar apenas quatro quadras até Sutton Mews, que dava para o rio, exatamente ao sul da Ponte Queensboro. Um navio cargueiro deslizava sob a ponte num brilho de luzes em movimento, fazendo ondas que tinham cheiro de mar. Larue instantaneamente ficou saudosa do brumoso Pacífico.

— Se tivesse de viver em Nova York — disse sonhadoramente —, seria neste lugar.

No início do século XIX havia três velhas casas geminadas na pequena área da estrebaria pavimentada de pedras roliças que tinha sido um território da família Bellaver desde 1850. Chegava-se à estrebaria através de um caminho em arcadas que saía da Sutton Square e era protegido por uma força policial particular constituída de seis homens. Gillian vivia na ensolarada casa de esquina, de tijolo aparente. Doze quartos amplos, sete empregados, a maioria deles diaristas. A casa ao lado era da avó Min, mas a maior parte do ano somente o caseiro morava lá. A terceira casa, e a maior delas, pertencia a um primo de Gillian, Wade, que como a maioria dos homens da família Bellaver estava ligado a atividades bancárias e investimentos. Eles labutavam em modestos escritórios, ocupavam salas de aluguel por todo o país, zelando pelo dinheiro da família como tantos chacareiros. A família era francesa anglicizada; sua fortuna tinha sólida base — concessões de terra de milhões de acres, datando do tempo de Jaime II, o valor da terra acrescido de um cêntuplo por combustíveis fósseis.

Dois anos antes, quando o pai de Gillian voltou vivo de uma das ilhas Lesser Sunda, depois de ser dado como perdido por três semanas, a revista *Time* publicara que os bens pessoais de Avery Bellaver se aproximavam de duzentos e setenta milhões de dólares. Isso era novidade para Gillian, e não muito interessante; mas ficou pasmada ao ver impresso no jornal que o "menos conhecido membro de um poderoso clã tinha dado recentes contribuições para as ciências antropológicas". Agora, sim, tinha do que se orgulhar.

Acontece que aquela foi realmente uma das grandes noites que justamente surgem sem qualquer planejamento. Depois que as meninas vestiram roupas caseiras — suéteres, velhas calças Levi's e agasalhos com

aplicações de tiras de vinil —, Gillian persuadiu o pai, que se encontrava nas profundezas da biblioteca do andar térreo, a se reunir a elas. Avery era um autodidata e tão bom instrumentalista no baixo quanto no piano. Larue tocava guitarra, tanto clássico como *jazz*, e Gillian era eclética — harpa, flauta e piano, que ela aprendeu com um dos músicos que era figura obrigatória nas festas de sua mãe. Eles tocaram *Fast and Willie the Lion* e alguns outros *swings* contemporâneos até a meia-noite; então se acalmaram com uma hora dedicada a recordar Shearing. As moças foram para a cama e, como estavam bastante cansadas para tagarelar, dormiram em dois minutos.

Pela manhã, quando Gillian acordou, a mãe estava em casa, o que era um acontecimento.

Gillian julgou que tinha dormido pesadamente, o que era um problema recente. Sem sonhos, músculos enrijecidos enquanto dormia, de tal modo que freqüentemente se sentia cambaleante por alguns minutos, já de olhos abertos, esgotada como se tivesse passado a noite escalando montanhas. Uma chuva fina de água tépida usualmente fazia com que voltasse ao ritmo de animada eficiência, que imitava a vitalidade natural de sua mãe. Mas nessa manhã ela sentiu uma maçante dor de cabeça e glândulas intumescidas no pescoço; estava desanimada para trocar de roupa e prosseguir na rotina costumeira. Felizmente, não havia aula e nenhum trabalho urgente para antes do meio-dia e Larue ainda dormia tranqüilamente na outra cama, um travesseiro colocado de modo a protegê-la da luz do sol. Gillian levantou-se, calçou chinelinhos indianos, fechou as cortinas e foi para o banheiro.

Sentada no vaso, ela se sentiu um pouco atordoada. A dor de cabeça não passava. Raramente precisava de remédio de qualquer espécie; por isso não havia nenhum de reserva no banheiro. Um analgésico parecia uma boa idéia. Ela subiu para o andar de seus pais e apanhou quatro pílulas infantis de aspirina, sabor laranja, que Katharine Bellaver guardava atrás de vinte qualidades de vitaminas naturais.

Avery tinha saído cedo para o Museu Pan-Americano de Cultura que ele havia fundado e que estava preparando uma exposição da mitologia tolteca. Mas Gillian ouviu Katharine movimentando-se no ateliê e entrou para dizer alô.

A mãe havia chegado de Washington por volta de três da manhã. Passava um pouco das sete e ali estava ela serenamente de roupão, exercitando-se na barra. Katharine tinha quarenta e cinco anos, pernas compridas como as de Gillian, mas não era tão alta. A pele era de um tom bronzeado, os cabelos ruivos caindo numa cascata de cachos bem-arrumados e completamente soltos; era um tanto infantil, mas ainda lhe assentava bem. Os dentes eram esplêndidos, pareciam nunca terem sido usados, como se ela se alimentasse intravenosamente.

Gillian tossiu secamente e olhou em volta do estúdio onde Katharine trabalhava com fotografia. Era um dos cômodos favoritos da casa que ela amava — faces de celebridades extremamente resolutas olhavam para ela lá de cima das paredes em brilhantes molduras. Sentar-se ali, numa manhã aquecida de inverno, era como estar sentada à beira de um mar equatorial.

Katharine era excelente fotojornalista; a princípio ela trabalhara como fotógrafa e tinha coluna em revista, pois era fabulosamente bem relacionada. Mas isso fora anos atrás, e ali diante dela estavam dois volumes de composições fotográficas que provavam que não havia sido - uma diletante. Tinha um excelente conhecimento de arte moderna; possuía duas galerias, uma em Madison e outra em Hamptons, que lhe rendiam dinheiro; era sócia de uma companhia de filmes documentários e havia publicado duas pequenas histórias que Truman Capote, a "grande dama" das letras americanas, tinha descrito como "encantadoras".

Katharine abandonou o que fazia e iniciou um exercício que parecia martirizante. Sorriu para Gillian.

— Você não fez inscrição para a conferência de Teerã, Gillian? — disse sem pensar, arrependendo-se em seguida. Não era oportuno indagar isso agora.

O sorriso de Katharine transformou-se em algo aborrecido.

— Você está impossível esta manhã.

— Lembro-me de que você disse que ia ser um osso duro de roer.

— Bem, essa não será a dificuldade. O xá estará na Suíça neste fim de semana. Então Duff falará sobre mim com Binnie, e Binnie citará meu nome a Sua Majestade Imperial e entrarei e forçarei o protocolo real. — Moveu-se levemente e qualquer coisa estalou, causando-lhe um estremecimento de surpresa. — Você já sente o clima de Natal? Não estou muito sensível às festas natalinas este ano.

O nariz de Gillian estava escorrendo, então ela o encostou discretamente na manga do roupão, que de qualquer modo ia ser mandado para a lavanderia.

— Você não está bem? — perguntou Katharine.

— Estou bem.

— Seu olhar está realmente alterado esta manhã.

— Obrigada por me dizer isso.

Era uma coisa que Gillian odiava em sua pessoa: o olho esquerdo ligeiramente desviado para dentro, que as pessoas achavam charmoso e não um defeito num belo rosto. Desde os doze anos que a mãe lhe dava essas indiretas, que a ofendiam, como aconteceu naquele momento. Por que tinha de ser sempre assim, ela não sabia. Elas certamente gostavam uma da outra. Provavelmente se amavam. Mas viviam mal juntas. Realmente não havia nada a fazer em relação a isso. Gillian tinha a língua rápida, e o obsessivo sentimento de competição da mãe estava aumentando. Talvez devido a uma coisa simples, como o medo de Katharine de que Gillian soubesse mais do que era conveniente a respeito de sua vida amorosa.

— Quer participar do exercício? Respiração ritmada é a chave para...

Gillian comprimiu novamente o nariz contra a manga.

— Não estou vestida.

— Quem vai ficar olhando?

Na verdade, quem? Mas Gillian estava tomando corpo e formando o seu tipo, e tinha uma natural sensibilidade em relação ao corpo e às últimas gordurinhas da infância e aos seios em botão, com mamilos que os dominavam completamente como o nariz na face de um bebê. Pediu desculpas e voltou para o próprio quarto.

Larue estava acordando com pequenos suspiros de prazer. Gillian ajeitou um espaço em sua própria cama ao lado de Mr. Rudolph e Sulky Sue, os gatos da casa, e apalpou as glândulas sob o maxilar. Doíam sob pressão. Estava ansiosa por saber se ia ter alguma coisa.

— Você fala enquanto dorme — disse Larue

— Falo?

— Bastante alto para acordar-me. Deve ter sido às três ou quatro horas. Ainda estava escuro lá fora, mas não estava chovendo. Podia ver pela iluminação da rua. Você estava sentada na cama com os olhos inteiramente abertos. Pensei que estivesse falando comigo, mas quando lhe disse alguma

coisa você ficou como se não tivesse ouvido. Continuou a falar com alguma outra pessoa. Um rapaz, eu imagino.

— Que foi que eu disse?

— Não pude entender uma porção de coisas. Você perguntou se ele era feliz. Queria saber se estavam tratando bem dele. Então não disse mais nada por muito tempo. Não se movia, apenas olhava fixamente. Então começou a chorar.

— Deus, como é estranho! E depois?

— Você tentou sair da cama, mas tinha tanta coordenação de movimentos quanto um bebê. Você disse: "Não, não deixe que eles façam isso!" Então, suponho que o sonho tenha terminado. Você apenas escorregou na cama, virou-se e puxou as cobertas até a cabeça. Tive que ir ao banheiro e quando voltei você estava completamente adormecida. Lembra com quem estava sonhando?

— Nunca me lembro dos meus sonhos.

— Também eu, principalmente os maus. — Larue bocejou. — Que vai fazer hoje?

— Bem, tenho aula de flauta à uma hora, depois disso poderíamos ir patinar no gelo.

— Combinado — disse Larue.

Dois

O ônibus que saiu de Newark deixou Peter Sandza em Atlantic City às seis e quinze da manhã. Teria que esperar uma hora para pegar o ônibus que o levaria a Royal Beach. A lanchonete do terminal de ônibus ainda não estava aberta, então ele foi andando a pé por três quadras, avançando contra o vento salgado vindo do Atlântico, e tomou café e torradas com manteiga no bar de um hotel que tinha a aparência, como a maior parte da cidade vista à claridade do inverno, de lugar há muito abandonado, arqueológico.

Inúmeros velhos enrugados estavam fazendo alarde sobre o seu mergulho matinal nas ondas geladas. Tanya Tucker no rádio. "Acredito que o sul nunca mais vai ressurgir." Peter pagou quarenta *cents* pela refeição, assim estava reduzido a pouco mais de três dólares. Já tinha sua passagem de volta. O café deu-lhe dor no estômago, um sinal de alarma que tinha procurado ignorar por algum tempo.

Royal Beach estava travando uma batalha contra a erosão do mar. Uma arrasadora tempestade em novembro tinha mudado a linha da maré assustadoramente para perto da calçada da praia, na cidade, a uns seiscentos metros de distância. Casas abandonadas foram destruídas. Havia uma empresa de engenharia no porto. Peter percorreu toda a extensão da calçada. Lojas fechadas e barracas. Panquecas. Pequenas lembranças. Plataforma de tiro. Então um sinal desbotado sobre uma porta que tinha o aspecto de ter sido trancada há muito tempo. "Lê-se a sua sorte. ♦ Consultor e revelador da psique de renome mundial. ♦ Tarot — o intérprete — de quiromancia."

Havia também um painel para colocação de cartazes com o vidro quebrado pela tempestade ou por vândalos. "Você já leu sobre seus poderes fantásticos! Agora permita que Raym lhe diga o que irá acontecer!!"

Oito e trinta e sete. Peter tomou leite numa praça na loja principal, onde as garçonetes estavam morrendo de tédio. A moça que o atendeu tinha cabelos de tom avermelhado e sardas que escureciam como fuligem em seu rosto envelhecido.

— Mas que lugar quieto.

— Escute, é pavorosamente morto no inverno! E estará morto também no verão se os engenheiros militares não puderem fazer alguma coisa pela baía. Pior que isto aqui só os arredores de Cape May. Mais um vento forte que sopra e o estrago será completo. Alguma coisa para comer? As rosquinhas com geléia estão frescas, feitas esta manhã.

— Não, obrigado.

— É a primeira vez que vem a Royal Beach?

— Vim na esperança de encontrar alguém. Suponho que já se foi há bastante tempo.

— Se tinha bom senso, deve ter ido. Tinha-se que andar quase cem metros para chegar até a água. Não estou mentindo! A praia era limpa quando eu era menina, não estava toda lambuzada de piche dos navios-tanques. Quando os mares se forem, que será da humanidade? Essa a pergunta que devíamos nos fazer. Amigo pessoal?

— Desculpe-me, não entendi.

— A pessoa que estava procurando.

— É alguém de quem ouvi falar. Seu nome é Raymond Dunwoodie.

A garçonete olhou-o com um pouco mais de atenção.

— Oh! Sim. Algumas pessoas ainda fazem isso, vêm aqui à procura de Raymond. Especialista em milagres psíquicos. Não podia imaginar que você fosse do tipo de gente que acredita nessa velha piada.

— Apenas curiosidade. Pensei que pudesse encontrar nisso um tema. Sou escritor, *free-lancer*.

Ela parecia olhar longamente para a gola esfiapada de sua camisa.

— Tem tido sucesso?

Peter sorriu procurando ser simpático.

— Ultimamente não.

— Bem, acho que não há muito a perder com Raymond. Ciganos que lêem a sorte há às dúzias nos lugares de diversão. Raymond estava ultimamente vendendo aquele velho óleo de cobra. Teve um pouco mais de sucesso. Mas aqueles investigadores desmascararam sua falcatrua. . .

— Que investigadores?

— Oh, você sabe. . . esse tipo de gente que está sempre bisbilhotando sessões espíritas e apresentações de médiuns. . . ficaram. . . interessados em Raymond quando os jornais começaram a escrever sobre ele. Há quatro, talvez cinco anos. Então Raymond foi para Nova York ou Boston ou qualquer outro lugar e submetem-no a provas com todas as espécies de engenhocas. Ficou bem claro que ele era mesmo um grande embusteiro. Uma burla. Veio à força de volta para a cidade poucos meses depois. Deu para beber. A mãe tentou recuperá-lo, pô-lo na linha, mas o delegado de polícia prendeu-o uma noite depois que o encontraram numa pastagem falando alto sobre planos de golpes e conspirações contra o governo e não sei que mais. Tiveram que enviá-lo para o Ancora para tratamento.

— Ancora?

— Um hospital estadual. A "Fazenda Alegre".

— Ele ainda está lá?

— Oh! não. Ele ficou calmo e deixaram-no ir embora. Acho que dois verões atrás ele voltou e andou lendo mãos na praia, mas deu-se mal de novo. Desde então aparece e desaparece. Pelo que sei, no momento está afastado da mãe. . . Ei, Hannah, quando foi que você viu Ray Dunwoodie pela última vez?

— Ora, quem é que vai se preocupar com aquele maluco?

— Onde mora a mãe dele? — perguntou Peter.

— Fora da cidade, na estrada de Bellbrook. O andar térreo é uma loja de artigos para noivas.

— Pode-se ir a pé?

— A distância talvez seja de três quilômetros ou três e meio. Você parece possuir pernas resistentes.

Peter deixou no balcão seu penúltimo dólar.

— Feliz Natal.

— Boas festas — disse a garçonete, sorrindo de olho no dólar.

A maior parte da estrada de Bellbrook seguia paralela ao braço de mar e era ladeada de chalés bem-construídos, abrigos de barcos, mercearias e pequenas lanchonetes com moscas mortas nas janelas vazias, um ou dois ancoradouros para barcos. Tudo isso tinha a aparência de um acampamento temporário, cheio de areia, descuidado e tedioso na ocasião. A civilização tinha saído de lá e procurado alguma coisa melhor. Gaivotas sobrevoavam um terreno baldio que queimava levemente e empestava o ar.

Quando viu o carro da polícia aproximar-se, Peter sentiu uma dor mortal de desespero, como uma faca gelada em sua frente. Mas continuou andando vivamente para diante. Quando o carro estava bastante próximo, ele sorriu e curvou-se. O oficial não o cumprimentou nem olhou para ele mais atentamente.

Já no fim da estrada, perto das dunas, encontrou a casa, grande, estilo vitoriano e curtida pelo sol, os quatro pavimentos atingindo uma elevação suficiente para resistir a um repentino movimento para leste do mar, cintilante, azul como a bandeira norte-americana. Atrás da casa um braço de mar formava um estreito todo serpeante, com salgueiros que eram sacudidos em conjunto pelos fortes ventos, emaranhados como velhos laços. Peter subiu um caminho de conchas. Alguém estava usando uma curiosa roupa branca fora de moda; estava de pé na janela da sala, vigiando-o, ou assim ele pensou, mas quando chegou mais próximo da entrada, viu que era um manequim em traje de noiva com acabamentos de cetim. A Sra. Dunwoodie não tinha outra maneira de anunciar sua profissão.

Uma mulher com um nariz inchado e alfinetes na boca atendeu à campainha.

— Estivemos cosendo dia e noite, mas não estará pronto um minuto antes das quatro e trinta. Pensei que tivesse entendido. Quatro e trinta é o máximo que podemos fazer.

— Sra. Dunwoodie?

— Não. Não é o cunhado de Carolyn Oberdeck?

— Não.

— Que quer então?

— Sobre Raymond.

Ela o olhou espantada, a boca franzida em torno dos alfinetes; então abriu a porta de vidro que servia de proteção contra ventos e chuvas.

— Bom Deus. Não que estivéssemos esperando alguma coisa, mas teria que acontecer um dia destes.

Ela pegou uma caixa de papelão do bolso do avental de algodão e começou a transferir os alfinetes da boca para a caixa, não tentando falar até que terminasse. A casa estava superaquecida. No saguão central havia duas plantas de plástico. Peter ouviu o barulho de uma máquina de costura em algum lugar mais distante no fundo da escada.

— Espero que não faça uma idéia errada sobre quem eu...

— Se é coisa ruim, é melhor dizer logo. Sou a forte da família. Um pouquinho mais de tensão e Essie teria um ataque.

A mulher tinha dois ou três pares de óculos no outro bolso. Experimentou um par, que não o focalizava de modo algum, e substituiu-o pelas lentes apropriadas. Franziu a cara desanimada.

— Que é isso? — disse agudamente. — Incendiou-se na cama, hein? Ou foi um daqueles embrulhos de crianças judias que lhe provocou a morte num beco?

— Sra. . .

— Edge. Roberta P Edge.

— Sra. Edge. Não trago novidades sobre Raymond, boas ou más. Eu nem o conheço. Estou apenas tentando encontrá-lo.

— Bom Deus. Por que não disse isso antes? Estamos muito ocupadas aqui. Não temos tempo para...

— Se ao menos pudesse dizer-me onde encontrá-lo.

— Por quê? — ela perguntou, mãos nos quadris.

— Sra. Edge, se eu pudesse falar com a mãe de Raymond...

— Bem, não pode. Ela não deve ser incomodada. Não precisa de ajuda para suas mágoas, senhor.

— Sra. Edge, sei um pouco do que tem acontecido a Raymond, sei por que bebe e sei que aquelas histórias que ele contava, e que o arrastaram a um manicômio, são provavelmente verdadeiras. Acredito nos poderes de Raymond. Tenho que achá-lo, falar com ele. Preciso da ajuda dele.

Ela abanou a cabeça, mas no fundo não era bastante valente para mostrar-lhe a porta da rua.

— O longo passado de Raymond não teve utilidade para ninguém, incluindo ele próprio. E essa é a verdade.

— Mas não merece censura.

— Sei que não. — Ela prestava grande atenção à costura e inquietava-se. — O senhor não deu seu nome

— Peter.

— Peter? De quê?

— Isso não tem importância.

— De qualquer modo o senhor tem o jeito deles. Oh! Não estou falando da sua maneira de vestir-se. Não quer dizer nada, mas são os *olhos* e o estilo. Vocês continuam insistindo tranqüilamente, como é de seu gosto, até que encontrem o que estão procurando. Tivemos muitos do seu tipo aqui, perseguindo Raymond, quando ainda estavam interessados nele, sempre vigiando. E você poderia ser um deles, e talvez alguma espécie de cilada para Raymond, alguma espécie de dificuldade em que ele esteja e que nós ignoramos. O que estou lhe dizendo é para sair agora mesmo daqui e nunca mais vir nos perturbar.

— Irei tranqüilamente, Sra. Edge. Não quero causar problemas. Não posso provocar isso.

— Pode ser — ela disse. — Pode ser. O senhor estaria nos ajudando enquanto ajeitava as coisas para si mesmo. — Ela virou a cabeça violentamente para trás. — Vamos para a sala de visitas. Fale baixo e assim Essie não nos ouvirá quando parar de coser e sair dos fundos. Temos de terminar o vestido de noiva da Srta. Oberdeck ainda hoje. Precisamos de dinheiro, senhor.

Havia dois outros manequins com trajes de noiva no salão sextavado. Havia também uma placa empoeirada na escrivaninha com a legenda: "Serviço completo para casamento". Inúmeros catálogos marcados com dobras. Peter tirou a capa impermeável, notando que qualquer dia seus cotovelos sairiam para fora das mangas. A Sra. Edge pediu licença e saiu por cinco minutos, tempo bastante para preocupá-lo. Ele estava de olho na estrada por causa daquele carro da polícia que vira antes. A máquina de costura trabalhava, dando seus pontos descompassadamente.

Quando ela voltou, trazia chá e um prato com bolinhos e uma fotografia tipo instantâneo Polaroid.

— Esta foi tirada em 4 de julho na festa de Netuno da Comunidade Barbecue. Aqui está Eddie, e este é Raymond. Você pode ver como ele estava bêbado, mas logo se recuperou.

Peter olhou com atenção aquele homem jovem mas gordo. Raymond tinha exatamente vinte e seis anos, mas a aparência era a de um homem de meia-idade. Testa alta arredondada, longos cabelos até as orelhas, um riso de esquilo. Mas havia angústia na expressão, e as mãos estavam contraídas do modo que as pessoas acostumadas a rápidos controles de ansiedade as apresentam.

— Sra. Edge, sei que isso não melhora as coisas, pois havia vários aspectos de Raymond.

— O senhor entende bastante sobre isso, não é?

— Sei bastante, realmente.

Ela tirou suas próprias conclusões sobre o ar reticente dele e levemente tocou-lhe nas costas das mãos.

— Talvez seu estômago não esteja fazendo apelos agora, mas aqui estão bolinhos de tâmaras e nozes e melado. Leve uma mão-cheia deles quando sair, são nutritivos.

— Onde posso vê-lo?

— Ele está em Nova York, ou estava. Foi a última coisa que soubemos dele.

Ela mostrou a Peter um cartão-postal com a Estátua da Liberdade. O cartão estava datado do Dia do Trabalho. Não conseguiu ler uma palavra sequer da breve mensagem. Só a assinatura era legível.

— Essie e eu tentamos decifrar o cartão juntas e finalmente conseguimos — disse a Sra. Edge. — Ele estava num hotel chamado San Marino. Mas isso foi em setembro. Provavelmente já se mudou.

— Para o sul?

— Não. Ele nunca emigra com os outros errantes. Por razões que só ele sabe, gosta de ficar só naquele lugar em que o deixaram quase morto. Penso que lhe pagam, por quê, não sei. Ele está esperando que aconteça um milagre que o trará de volta. O máximo de seus poderes.

— Ele era bom mesmo?

— Se se desse a ele qualquer espécie de objeto. . . caneta-tinteiro, um lenço. . . e ainda que nunca tivesse posto os olhos na pessoa possuidora do objeto, ele poderia desfiar toda a história de sua vida. Estou lhe dizendo, em seus bons tempos ele foi realmente um mistério. Ele podia fazer com que toda a raça humana se sentisse obsoleta. Mas isso foi apenas uma parte natural de sua vida. Ele queria ser estimado, ser útil e ajudar o povo. Mas

Raymond não era uma estátua de santo. Tinha seus maus hábitos e fraquezas, e derrubaram-no como sabemos. Haveria um outro lugar onde poderia localizá-lo.

— Onde?

— Central Park. Especialmente no inverno, em dias ensolarados. Ele gostava de sentar-se ao sol e olhar os patinadores.

— Farei o possível para encontrá-lo. E se conseguir...

Seus olhos avermelhados de costureira encheram-se de lágrimas.

— Diga-lhe que não é a bebida que nos preocupa. Passa-se uma esponja sobre isso. É não saber onde ele está ou o que está acontecendo com ele. Isso é que nos mata.

A máquina de costura estava silenciosa.

— Roberta! — A Sra. Dunwoodie chamou: — Preciso de ajuda, se não estiver muito ocupada.

A Sra. Edge levantou-se, embrulhando rapidamente num guardanapo os bolinhos para Peter.

— Ih! Acho que é melhor ir andando. Não quero dar esperanças a Essie. É cruel demais.

Peter saiu da casa silenciosamente enquanto a Sra. Edge voltava para o quarto de costura. Enquanto voltava pela estrada, teve que manter os olhos semicerrados para impedir que o sol o cegasse. Estava belo o tempo ali, e assim seria em Nova York: doze graus e meio, quase sem vento, um dia que faria saírem todos os pálidos moradores da cidade, talvez mesmo aqueles que pensavam já não ter muito mais tempo de vida.

Com alguma sorte nas conexões, poderia estar no Central Park às três horas da tarde.

Três

Gillian não pretendia mimar-se e não queria prejudicar Larue, e então, a maior parte do dia, procurou disfarçar a piora dos sintomas que incluíam a garganta intumescida, dores nas articulações e uma febre que ia subindo lentamente e que entorpecia suas percepções, transformando numa catástrofe sua sessão com Tynan Wells. Se você levasse flauta a sério e pretendesse suportar seu mau humor, então poderia ter aulas de flauta com Tynan Wells. Mas ele já havia despachado para sempre alunos com desempenho melhor do que o que Gillian poderia apresentar naquela ocasião.

Depois de um quarto de hora ele expressou seu desagrado, levantando-se do banco do piano, arrancando a música da estante em frente a ela (era sua própria *Sonatina para flauta e piano*, baseada num poema de Emily Dickinson), rasgando a música em numerosos pedaços e espalhando-os pelo tapete persa. Depois ficou de pé perto da janela durante cinco minutos, olhando-a furiosamente, lábio inferior pendurado, enquanto Gillian suspirava inaudivelmente e roía as unhas.

— Se quiser ser uma boa executante, tem que aprender coisas que não estão impressas na partitura. Você tem uma técnica soberba para uma pessoa da sua idade, mas não estou cuidando de parecer polido no momento. Eu poderia ser menos interessado se você fosse afobada, lesse mal as notas ou respirasse abominavelmente; mas você nunca deve ser tímida. A peça é um "*allegro ostinato*". Revele-se, Gillian. Não me aborreça com repetição mecânica.

Gillian sorriu bravamente, mas a superpoderosa doçura da rosa desabrochando que ela era, como uma mocinha de elite, chegou a seus limites. Pediu licença, correu para o toucador e ficou prostrada, enjoada.

Quando voltou à sala, Tynan estava esperando por ela. Pousou a mão fresca em sua testa.

— Não imaginava que estivesse doente. É melhor ir para casa.

— Ficarei bem — Gillian disse, mas não sentiu qualquer melhora depois de ter vomitado, apenas mais vazio.

Larue estava na biblioteca ouvindo Alicia de Larrocha. Deram sua escapada, e na esquina da 86th Street pegaram um ônibus para a Fifth Avenue, no centro da cidade.

Larue disse:

— Toda essa escuridão, fúria chocante; atração. Ele é um bom músico?

— Provavelmente o melhor flautista americano e um dos três melhores do mundo.

— Ele gosta de você.

— Você acha?

— Você não pode confessar?

— Não.

— Qualquer destes dias ele ficará em pedaços, espere. Ele cairá de joelhos na sua frente, agarrando sua blusa e implorando seu amor.

— Mais cedo ou mais tarde todos eles fazem isso — disse Gillian dando risadinhas.

— Aceitaria se ele lhe pedisse?

— Não sei, você acha que ele é inteirinho cabeludo?

Larue fez galhofa e curvou-se para mais perto.

— Falando em admiradores, aquele vagabundo não tira os olhos de você. Está lá atrás.

Depois de alguns momentos Gillian casualmente lançou um olhar para trás no ônibus. O vagabundo estava só no banco, sentado justamente no meio. O cabelo que crescera em volta das orelhas e que se colava no crânio caía à altura dos ombros e era lustroso como cobra. No momento sua cabeça descoberta estava balançando, enquanto o ônibus sacolejava sobre uma superfície de calçamento irregular. . . Seus joelhos estavam estirados e as mãos apertavam a alça da sacola esfarrapada da loja Bergdorf que teria

encontrado num depósito de coisas usadas em qualquer parte. As calças estavam levantadas até a barriga da perna e a pele branca como de defunto tornava um pequeno ferimento na canela ainda mais desagradável. Toda a roupa parecia grande demais para ele, como se tivesse sofrido uma drástica perda de peso recentemente.

"Patético", Gillian pensou rotineiramente, e enquanto isso ele olhou para cima rapidamente, pegando-a de surpresa.

Ele tinha um olhar nebuloso de ébrio e uns fascinantes olhos azuis que a perturbaram, prenderam sua atenção. Sorriu estranhamente para Gillian, um sorriso bajulador e de admiração, embora não fosse sensual. Curvou-se para a frente vagarosamente no seu assento, como se quisesse avançar e aproximar-se dela. E ela não tinha conseguido ainda desviar o olhar. Foi apanhada desprevenida novamente, mas agora, sem qualquer causa, ela mais sentiu do que viu; era como estar sendo arrastada por uma onda forte e fria na praia.

Gillian sacudiu a cabeça e tremeu tão fortemente que Larue percebeu. Larue olhou para ela confusa.

— Que aconteceu?

— Esse maldito ônibus tem um cheiro desagradável — Gillian explicou. — Já estamos chegando perto da 86th Street. Vamos descer e andar a pé o resto do caminho?

— Certamente — disse Larue.

O vagabundo levantou-se também, apressando-se atrás delas. O ônibus fechou a porta antes que ele pudesse saltar e ele gritou, ofendido. A porta tornou a abrir e o ônibus desembarcou-se dele com um som ruidoso.

— Não olhe agora, senão... — Larue disse, segurando Gillian pelo braço.

— Arranjamos um companheiro.

— Você vai dar-lhe algum dinheiro?

— Não.

— Bem, provavelmente ele não quer nos aborrecer; Gillian, você está tremendo. Não está com medo dele, está?

Teria mais sentido dizer que tinha medo por ele, estava perturbada, apreensiva, mas não podia explicar isso a Larue ou a si mesma. Sabia somente que queria estar longe, longe desse coitado que arrastava os pés

meia quadra atrás delas Ou ele pensava que a conhecia ou ele queria urgentemente alguma coisa dela.

Contudo ele não tentou alcançá-las enquanto percorreram o curto caminho até a Fifth Avenue e atravessaram os terrenos do zoo. Larue esqueceu-se dele. Gillian não o conseguia, mas conversaram sobre outras coisas até que chegaram à área de gelo compacto do Ringuê Woolman.

Como Gillian era uma patinadora muito mais treinada do que Larue, exercitou com a amiga até que ela fosse capaz de executar voltas suaves e parecesse ter uma maneira natural de patinar. Apesar do intenso sol no céu azul forte, Gillian sentia frio até nos ossos e tinha que trincar os dentes para evitar batê-los. Deus, agora ela sentia arrepios de fazer estalar a cabeça. Mas num instantinho tomaria um táxi para casa e meter-se-ia na cama. No dia seguinte estaria bem. . .

De vez em quando Gillian dava uma olhadela e via o vagabundo, que circulava por perto, mas a uma razoável distância. Era capaz de olhar calmamente para ele. Obviamente ele ainda estava interessado nela. Em vez de ficar contrariada, ela sentia empatia.

"Como a maioria das mulheres da família dele, que estavam querendo perdoar Raymond por um quase nada."

"Quem?", pensou Gillian, assustada.

— Meus tornozelos estão ficando fracos — Larue queixou-se.

Raymond.

Gillian nunca o tinha visto em sua vida. Estava certa disso. Não obstante ele era Raymond. Ray. . .mond Dun. . . Dunwoodie! Isso era tão claro como se ele tivesse se aproximado e se apresentado, em vez de estar andando em volta, furtivamente.

Gillian olhou outra vez para o vagabundo, mas o sol bateu em seus olhos. E os caminhos e bancos em volta do ringue de patinação estavam ficando cheios de gente.

Dessa vez ela não pôde localizar Raymond. Podia ser que tivesse ido embora finalmente.

— Gil, você está totalmente sem cor — Larue disse.

Gillian sorriu gentilmente. O rosto de sua amiga e dos patinadores em volta delas foram saindo de foco. Ela fechou os olhos e quase perdeu o equilíbrio, mas quando os abriu novamente sua visão tinha melhorado.

— Por que não vamos para minha casa e tomamos qualquer coisa quente?

Larue morava perto, ao sul do Central Park.

Gillian não aceitou.

— Eu ia justamente dar mais umas duas voltas no gelo e então ir embora.

Levantou-se, olhou com atenção para o rink, a fim de evitar um bando de meninos pequenos movendo-se barulhentos aos pares, e encontrou-se olhando para o corpo de Raymond Dunwoodie espichado no gelo uns poucos passos adiante. O conteúdo de seu saco de compras tinha se espalhado — ela viu um vaso para decantar perfume com umas poucas gotas de âmbar líquido. Algumas flores murchas. Revistas velhas. Havia bugigangas e roupas, inclusive um sutiã; alguns pregos. O sorriso petrificado de Raymond era de terror e ia de orelha a orelha; seu último olhar brilhante, implorando uma oportunidade, rivalizava com o céu de um mesmo azul. Havia um buraco viscoso em sua testa, uma polegada acima da sobrancelha esquerda, e uma explosão de uma mistura de sangue e miolos no gelo em volta de sua cabeça. Esquiadores em grupos passavam distraidamente perto dele. Estava morto, mas ninguém parecia notar ou preocupar-se com isso.

O que restara de racional na mente de Gillian levava-a a pensar que aquilo não podia ser real, que, sendo ela a única pessoa que o vira, então Raymond não poderia estar lá, caído no chão; mas o gosto de bílico era amargo por trás de seus dentes cerrados. Sentiu que ia desmaiar quando fazia pesadamente uma volta nos patins e exibia para Larue a face espectral.

No momento exato em que os olhos de Gillian giraram e ela caiu no gelo em frente a Larue, murmurando uma desculpa, Raymond Dunwoodie estava num telefone a uns duzentos e cinquenta metros de distância, à procura de uma moeda de dez *cents*. Atrás dele um urso polar vagueava numa jaula iluminada pelo sol.

Raymond não dispunha nem de dez *cents*. Em seus bolsos havia apenas poucas moedas de um *cent* e três passagens de metrô.

Raymond quase soluçava. Bateu a cabeça contra a fria caixa metálica do aparelho e sacudiu-a com raiva. Mas, apesar de sua habitual falta de controle, sua mão dirigiu-se instintivamente para o depósito de moedas devolvidas e encontrou uma moeda de dez *cents* que alguém havia

esquecido de pegar! Ou que tinha sido devolvida tardiamente por alguma falha mecânica. Não sabia ao certo quantos dias inteiros tinha perdido procurando moedas nos depósitos de retorno dos telefones públicos sem encontrar um *cent*, mas justamente agora quando ele mais desesperadamente precisava de uma chance. Não havia dúvida. Nesse dia Raymond tinha esquecido todas as suas desditas.

Por alguns momentos, depois de ter colocado sua preciosa moeda ele teve medo que sua memória falhasse e não se lembrasse do número, que não constava da lista. Sentia a boca seca. Então lembrou-se. Repetiu o número duas vezes antes de discar, para certificar-se de que não se enganara.

A moça atendeu ao chamado e Raymond sentiu que seu coração dava pancadas surdas enquanto ele tentava falar autoritariamente.

— Aqui é Raymond Dunwoodie. Por favor, não desligue! Dessa vez encontrei uma, não há engano. Estou absolutamente certo!

— Ray. . . mond — ela disse —, não podemos mais contar com você para coisa alguma.

— Não, não, espere! Ela é quase uma criança, catorze ou quinze anos, a idade certa. Ela tem muita sensibilidade, estou lhe dizendo; ela ainda não ultrapassou, mas está no limite. . . assim, deixe-me falar com ele, Kristen.

— Oh! Raymond, sinto muito por você, se isso for mais uma de suas besteiras.

— Não! Deus, essa é surpreendente! Apesar de abatido como estou, ela estava lendo meus pensamentos como se fosse um jornal. Mas ainda não tomou consciência disso. Bloqueia o que não quer saber ou interpreta a leitura como um pressentimento, a reação usual.

Kristen hesitava. Raymond prendeu a respiração quando se lembrou de que estava ofegando junto ao aparelho.

— Está bem, Raymond, ele está muito ocupado mas vou tentar. Você vai ter que esperar.

— Está bem, mas não por muito tempo — disse Raymond, com uma expressão de amor-próprio que lhe agradava. Então lembrou-se. — Ei! — disse freneticamente — estou falando de um telefone público e não tenho outra. . .

— De que número você está falando, Raymond?

Ele se afastou e procurou ler os números impressos no disco. Repetiu-os para Kristen.

— Muito bem, Raymond. Espero chamá-lo dentro de cinco minutos.

Raymond colocou o fone no lugar e olhou em volta para ver se alguém mais estava esperando. Estava preparado para matá-los, para mantê-los afastados do seu telefone. Procurou dentro da sacola a última garrafa de Annie Greensprings e alimentou-se com uns goles de vinho.

Estava gelado na sombra onde esperava e o frio penetrava as camadas de suéteres que estava usando. Esperava com a mão no fone. Ouvia a música alegre do carrossel do parque. Então ouviu uma sirena. Pareceu-lhe que estava esperando há mais de cinco minutos.

Por fim o telefone tocou e ele levantou o fone.

— Sim, é Raymond. — Ele ouvia e seu êxtase crescia. — Está bem, certo, prometo não o desapontar. — Ele ouviu mais tempo e ficou alerta. — Para que você quer saber? Posso apontá-la quando você estiver aqui. Está bem, não é? Certo. Estarei na cobertura em frente ao ringue. Mas é bom você vir logo.

Raymond pôs o fone no lugar. Tremia de felicidade. Juntou seus pertences e encaminhou-se para o ringue de patinação, percorrendo o longo caminho e passando depressa pelas jaulas de ursos.

Uma ambulância estava estacionada junto à grade a sudeste do ringue e havia um ajuntamento de curiosos. A equipe da ambulância estava transportando alguém e suspendendo a maçã para fazê-la passar pelas portas abertas. Era ela. Estava inconsciente.

Raymond gelou de pânico. Então correu com dificuldade para a ambulância. Empurrava as pessoas à sua frente. A outra menina, chorando, subiu na ambulância com a amiga. As portas foram fechadas exatamente quando Raymond chegou perto.

— Esperem — ele gritou. — Para onde a estão levando?

Um dos homens de branco lançou-lhe um olhar pouco amigável.

— Ela é... — Raymond disse, e percebeu que não poderia dizer mais nada, pois soaria ridículo. Entrou em pânico novamente e agarrou uma camisa branca, sujando-a. — Eu perguntei para onde a estão levando. — Ele viu pelo canto do olho que um guarda se aproximava. O motorista da ambulância empurrou-o e ele caiu perto da roda traseira; tentou seguir mas o guarda cortou-lhe o caminho.

— Está bem, companheiro. Não arranje encrenca.

Raymond chorou.

— Você não pode compreender! Tenho de saber quem ela é.

A sirena da ambulância soou ruidosamente. Ia se afastando, afastando-se dele.

— Eu disse para sair daqui.

Raymond recebeu um leve empurrão do guarda, nada mais que um empurrão, mas o suficiente para fazê-lo voltar à realidade. Enquanto ia a pé, imaginava que não havia mais esperança. A ambulância tinha se dirigido para a saída mais próxima do parque. Era tudo o que sabia. Ele a tinha perdido. O que diria desta vez? Ele já os tinha decepcionado antes, quando estava desesperado; nunca mais lhe dariam uma oportunidade. O guarda ainda o estava vigiando; então Raymond foi afastando-se devagar, meditando. Bem acima do ringue ele se sentou numa rocha coberta de inscrições. Aí acabou de beber a garrafa de Annie Greensprings.

— Sr. Dunwoodie?

Raymond virou-se, arreganhando os dentes, como sempre fazia quando assustado ou desmoralizado.

Um homem de altura mediana, com uma roupa ordinária e uma capa impermeável, estava subindo o outeiro em direção a ele. Devia andar pelos trinta e muitos anos. Tinha um rosto irregular que parecia uma bigorna, a pele esticada, cabelos prematuramente prateados e olhos fundos da cor de níquel embaçado. Raymond nunca o tinha visto.

Mas os olhos do homem mostravam-lhe tudo o que desejava saber a respeito dele. Abaixou-se, apontou para oeste e começou a murmurar.

— Eles a levaram há poucos minutos! Em uma ambulância! Teve um acidente ou qualquer coisa assim! É verdade. Procure nos hospitais, você a encontrará.

O homem caminhava mais lentamente à medida que se aproximava, mas Raymond continuou a afastar-se dele. Ele tinha joelhos artríticos, e qualquer espécie de movimento, a não ser um cuidadoso passo adiante arrastando os pés, era conseguido duramente, com muitas dores.

— Você é Raymond Dunwoodie, não é?

— Certamente, certamente que sou. Não fiz nada, juro. Ela estava patinando no ringue dez minutos atrás. . .

Uma centelha de perplexidade nos olhos apagados.

— Quem era?

— A menina... a menina de quem falei a... aquela que tem muita sensibilidade. . . — Raymond sentou-se num banco e parou. O homem ficou de pé a pouca distância, mãos nos bolsos, apenas olhando para ele.

— Oh! sim — ele disse lentamente.

Raymond respirava fortemente e sua respiração soava como suspiro de alívio. Tinha se sentado involuntariamente. Achava que precisava ir ao banheiro. Esperava que aquilo não demorasse muito, que o homem lhe desse uns vinte dólares e fosse embora. Mas começava a ter dúvidas.

— Por que não veio o próprio Doe? Ele disse que viria.

O homem encolheu os ombros.

— Você sabe como é.

— Bem, eu. . . — Raymond lambia umas bolhas provocadas por febre. . .

— Ele vai me pagar, não é? Quando você encontrar a menina.

— A verdade, Raymond, é que. . . — Ele se sentou ao lado de Raymond — havia uma outra sensível em que estávamos interessados. Precisamos localizar esta outra rapidamente.

— Você sabe o que é melhor. Você percebe que não posso trabalhar por muito mais tempo. Por que você não usa Bruckner ou Helen Tavaglioni?

Raymond viu que os olhos cor de níquel eram indecifráveis. Mas nos últimos dezesseis segundos de sua vida os poderes de Raymond focalizaram acuradamente a realidade da situação em que se encontrava. Sua mente ficou vazia com o choque.

— Não tenho acesso a eles, Raymond — o homem admitiu. — Você era a única esperança. Isso valeria pelo menos cem dólares para mim, mais do que podia imaginar. Diga-me de quanto precisa.

— Não. Não trabalharei mais. A menina era uma exceção, era tão reservada e poderosa. . .

Raymond levantou-se e o homem fez o mesmo, pressionando fortemente seu braço direito alguns centímetros acima do pulso. Raymond ainda pesava quase noventa quilos, mas seus ossos estavam fracos e os

músculos imprestáveis. Ele sentiu o demônio naquele homem e sabia que ele não hesitaria em deslocar-lhe o braço do ombro se o contrariasse.

— Não o conheço! — Raymond gritou. — Só converso com Doe! Mais ninguém!

Tentou escapar do homem, mas sentiu um doloroso puxão no braço cativo. Então se moveu em outra direção, jogando todo o seu peso contra o homem. Meio curvado, perdendo o equilíbrio, viu-se olhando para um sedã cinza parado ao lado da ponte de pedra, a uma distância de cinquenta metros.

Identificou mentalmente a forma da morte no estranho sedã, e gritou automaticamente, um segundo antes de o revólver silencioso fazer fogo.

A pesada bala que atingiu o osso do crânio de Raymond, acima da sobrancelha esquerda, teve o impacto de um pedaço de tora atirado por um homem forte de uma distância de dois metros. Peter viu um pedaço úmido de osso macerado quando a parte de trás da cabeça de Raymond estourou e o corpo caiu pesadamente para a esquerda, soltando a alça da sacola de compras.

Instintivamente, Peter se afastou, virou-se e desceu o outeiro, tratando de sair daquela rocha exposta à vista tão rápido quanto pudesse, procurando no bolso esquerdo do casaco um lenço de papel para limpar o rosto sujo de sangue. Dirigiu-se para o maior ajuntamento que pôde encontrar numa rápida inspeção.

Duas vezes ele mudou de direção abruptamente, até que se viu num caminho onde um par de castanheiros e alguns vendedores de biscoitos o separavam da estrada e de Raymond. Não olhou para trás enquanto não chegou junto de um grupo maior em frente ao ringue de patinação.

Então viu de relance o corpo caído de costas na rocha e duas crianças de pé a uma respeitável distância, espantadas e fascinadas com o pé direito de Raymond que, balançando, parecia dançar.

Ele viu também o carro cinzento.

O carro deveria estar a uns quarenta metros do lugar de onde tinham atirado e onde Raymond caíra, sem dúvida porque tinha cometido a estupidez de seguir o caminho errado justamente no momento em que atenderia aos objetivos de Peter. O motorista, depois de ter voltado por

alguma via de acesso, devia estar se aproximando de uma das duas áreas de estacionamento de veículos.

Questão urgente: quantos carros havia, quantas pessoas estavam a pé e quais seriam suas chances de sair vivo do parque?

De qualquer modo, parecia-lhe precipitado e impróprio um tiro de um carro em movimento. Má estratégia. Estava ciente do fato de que poderiam ter ido adiante e atirado nele, se tivessem tido oportunidade. O método indicava logística defeituosa. Assim, tinham Raymond Dunwoodie sob vigilância por alguma razão, mas seu aparecimento foi inesperado. Um carro então. Possivelmente dois homens.

Peter pôs a mão no bolso sem fundo do lado direito do casaco e segurou a Beretta 38 automática no bolso do paletó do terno, procurando não esbarrar no caminho com mães distraídas, perambulantes rapazolas com rádios agarrados às orelhas, gente velha e pacífica, felizes com o tempo ensolarado. O carro vinha atrás dele, naturalmente, mas devagar por causa do povo. A distância era agora de quase dois metros, distancia em que não se leva em conta a perícia do atirador, e o tiro deveria partir de um revólver silencioso. Para escapar do carro, Peter, arrastando-se, venceu rapidamente uma longa distância, e atravessou uma passagem subterrânea, reaparecendo perto do bar do zôo. Deviam saber que, se deixassem o carro e tentassem encurralá-lo a pé, correriam o perigo de levar um tiro. Já deviam também ter pedido reforço, mas isso levaria alguns minutos. A polícia de Nova York não seria um fator adverso.

Peter avaliava rapidamente suas opções. Tinha que cair fora do zôo — muitos espaços vazios e pouca gente. Lembrou-se da nova estação de metrô da 63rd Street, mas preferiu encaminhar-se para a mais distante, na 60th Street. Atravessou a Fifth Avenue correndo; um motorista de táxi estava ainda gritando para ele quando alcançou a entrada do metrô. Em menos de sessenta segundos estava num carro em direção a Queens.

Quando o táxi que levava o Dr. Irvin Roth passava pelo parque, foi ultrapassado por dois carros de polícia que rumavam em direção norte para o Rick Woolman, com as sirenas ligadas no volume máximo.

Adiante, mais dois carros estavam parados fora da estrada com os faróis faiscando. Parecia haver um tremendo ajuntamento de uniformes azuis movendo-se sobre o alto de uma rocha que dominava o ringue. E ainda mais. Roth tinha dado apenas uma olhadela no homem maltrapilho que jazia de costas, balançando, mas um olhar era o suficiente. Alguma coisa muito séria tinha acontecido a Raymond Dunwoodie.

Sentou-se num canto do banco e procurou um lenço; havia gotas de suor na cabeça descoberta. O motorista diminuiu a velocidade do velho carro.

— Não posso levá-lo mais adiante; não posso chegar mais perto por causa de todos esses policiais, senhor. Senhor? Ei! Isso é o que o senhor queria, não é? O ringue de patinação'.

— Siga — disse Roth.

No metrô, Peter trocou de carro duas vezes, para estar certo de que não estava sendo seguido, e então desceu na segunda parada depois de atravessar o rio.

Somente então se sentiu a salvo para ir ao banheiro, onde ficou por uma meia hora, tão enjoado que mal podia manter a cabeça erguida, duplamente abalado pela maneira criminosa com que tinham posto um fim em suas esperanças. Sua resistência às adversidades estava a zero. Parte das perturbações era devida à fadiga; tinha corrido e se arrastado demais. Mas havia essa fraqueza. Sabia que haviam sido as duas coisas: fraqueza e uma estúpida esperança de um milagre de uma outra vítima; um fracassado como o outrora mundialmente conhecido Raymond Dunwoodie.

"Estúpido", pensou, alimentando sua raiva, a única centelha de vida que ainda lhe restava. Fora estúpido ir diretamente a ele sem antes examinar a área do parque. Numa chance de um encontro casual, os malditos estavam por perto. Childermass estaria alerta agora; depois de inúteis semanas de espera, sentira-se encorajado e impaciente. Quanto tinham gasto na perseguição de um homem? Um milhão? Childermass poderia gastar um outro milhão, se o tivesse. Com seu dinheiro e sua energia ele poderia levar vantagem sobre a obsessão de Peter, e finalmente venceria. Era só questão de tempo.

Peter deixou o mictório e subiu para o andar superior, onde o ar era mais puro. Esperou na plataforma superior um trem de linha circular na cidade. Comeu o último biscoito de nozes e tâmaras que a Sra. Roberta P. Edge lhe tinha oferecido. Os biscoitos tinham mantido seu estômago sossegado o dia todo. Ela o acusaria quando ouvisse as notícias sobre Raymond? Certamente. E isso poderia pôr a polícia em seu encalço, se Childermass não agisse rápido e a silenciasse com uma visita e uns dois mil dólares sobre a mesa.

Apesar do tiro, era possível que aqueles momentos com Raymond Dunwoodie não tivessem sido em vão. Raymond havia falado de alguém. De uma menina, talvez da mesma idade de seu filho.

Se ela era tão bem dotada como Raymond parecia pensar, então ele teria de encontrá-la. Mas ele estava mal, perigosamente mal, e para achar a mocinha que tinha sido levada para um dos hospitais da cidade ele necessitaria de ajuda.

O sol já estava baixando, mas sabia que tinha bastante tempo para alcançar a parte baixa de Manhattan, apesar de ser a hora do *rush*. Precisamente às sete horas um telefone público da estação IRT na Canal Street iria tocar. Por três dias consecutivos ele não tinha aparecido lá; tinha pensado seriamente em nunca mais entrar em contato com ela, mas naquela noite ele sabia que tinha de dar a resposta.

E muito provavelmente, levantando o fone, ele poderia condenar alguém mais à morte.

Quatro

Larue telefonou para a casa dos Bellaver da portaria do Hospital Roosevelt. A governanta, Sra. Busk, a pôs em comunicação com a secretária de Katharine Bellaver. A Srta. Chowenhill atendeu e fez rápidas perguntas. Onde e quando acontecera? Como Gillian agira antes do desmaio? Ferira a cabeça quando caiu? Qual era o nome do interno de serviço? Procurá-lo, por favor, e mandar que ligasse para ela.

Em seguida a Srta. Chowenhill fez diversas chamadas, a primeira para o pediatra de Gillian, para obter um rápido resumo de sua ficha médica. Não, ela não era alérgica a qualquer antibiótico comum. A segunda chamada foi para o sócio mais velho de uma antiga firma de advocacia que votava setenta por cento de seu tempo aos negócios da família Bellaver. Era padrinho de Gillian. Ele interrompeu uma reunião de sócios e saiu imediatamente de carro para o hospital. Chamou o diretor do Hospital Roosevelt e deixou um recado. E convocou meia dúzia dos melhores neurocirurgiões do mundo.

Logo depois o médico-chefe residente do Hospital Roosevelt telefonava. A Srta. Chowenhill gentilmente fê-lo saber do fato de que tinha uma importante paciente em suas mãos e que Gillian dentro de instantes deveria ser submetida a um exame minucioso por um grupo de especialistas.

O médico residente era compreensivo e ingênuo. Ele não sabia que inferno o esperava. No caso, não poderia excluir qualquer doença, incluindo meningite. A febre chegara a quase quarenta e um graus e a

menina estava tendo dificuldade em respirar. Tinha tido uma pequena convulsão. Tinham-na envolvido em gelo e colocado-a em tenda de oxigênio. Estava recebendo soro, Tilenol e fenobarbitúrico, para impedir posteriores convulsões, e fora recomendada imediatamente a aplicação de um milhão e duzentas mil unidades de penicilina, se houvesse tolerância. A Srta. Chowenhill aprovou a penicilina.

Depois de ter falado com o médico residente, ela consultou a agenda de Katharine para aquele dia. Com dificuldade leu as entrelinhas e localizou Katharine em Greenwich Village, no apartamento de um escritor com quem tinha sido vista uma porção de vezes ultimamente.

Era mais difícil descobrir Avery Bellaver. Não tinha secretária e não era rotineiro. Algumas vezes embarcava para lugares como Honduras ou Kaoko Vel sem dizer a ninguém, e ficava um mês. A Srta. Chowenhill tentou a fundação da família. Tentou sociedades, clubes e amigos. Levou hora e meia para desentocá-lo de uma escondida sala subterrânea do Museu de História Natural no Central Park West.

Na Bank Street, Katharine pensou em tentar levar Howard Wrightnour para a cama, para uma espécie de rápido final de que ela desesperadamente necessitava. Mas um olhar para ele, de ombros caídos e fumando um cigarro aos pés dela, desencorajou-a completamente.

Howard era um homem espadaúdo, com mordazes olhos negros e bigode grisalho; as mulheres geralmente olhavam para ele e julgavam-no um "arreatador", mas na realidade era um amante gentil e sensível, talvez prejudicado pela sensibilidade demasiada, porque qualquer espécie de perturbação era fatal à sua concentração. Se a sua conquista arfava no momento errado, era o fim. Howard pensava enquanto Katharine atendia ao telefonema e Katharine pensava em Howard. Ele estava amuado agora, um pouco envergonhado.

Quando ela já estava vestida, enlaçou-o nos braços e lambeu-o como uma gata, alterando-lhe a boa disposição.

— Realmente tenho que me apressar.

— Espero que Gillian esteja bem.

— Ela parecia não estar se sentindo bem pela manhã. Mas uma febre tão alta. . .

— De qualquer modo, não é tão sério em sua idade. Quero dizer, não é necessariamente. . .

— Telefonarei. Não acha que a reação de Brent no segundo ato poderia ser de fúria impotente?

Howard ponderou a sugestão e acenou com a cabeça

— Tentarei desse modo.

Katharine sorriu um pouco tensa e deixou-o.

Houve homens em sua vida que a excitaram muito mais do que Howard Wrightnour, mas nenhum precisara tanto dela. Graças a ela poderia terminar a peça, a grande peça que lhe daria mais que o sucesso de crítica da Broadway, a peça que poderia elevá-lo à altura de O'Neill. Se seu próprio trabalho era prejudicado enquanto estimulava Howard, bem, havia porém a satisfação de participar de um acontecimento artístico importante. Ela aplicaria bastante dinheiro na produção, naturalmente, não tudo, mas o bastante para assegurar que a peça fosse montada em grande estilo.

Katharine dirigia seu carro, um Porsche azul-escuro com chapa DPL, em direção à 59th Street. Chowenhill aguardava ao telefone. Certamente Gillian estava muito mal, e a ferocidade com que fora fulminada alarmara Katharine. Largou o carro no primeiro lugar que encontrou, em alguma área estritamente proibida nos terrenos do hospital, e entrou.

Cinco minutos depois estava na cabeceira da cama de Gillian, que estava semiconsciente e que pareceu não a reconhecer.

— Bom Deus — disse fervorosamente. — O que é, Wally?

O advogado, cujo nome era Wallace Morckreed, pôs a mão em seu ombro.

— Não posso dizer-lhe. É um vírus; encontrá-lo-ão em seu sangue. Será preciso fazer uma punção espinhal.

— O mais breve possível — disse o residente neurofisiologista. — A febre baixou agora, mas pode ser temporariamente.

Katharine olhou para ele com um sorriso inteiramente vago.

— Puncionar líquido da espinha? Preferiria que o Dr. McKinstry fizesse isso. É um especialista. Não quero que ninguém mais toque nela. Ele já está vindo, não é, Wally?

— Já está a caminho. Não se preocupe.

— E onde está Avery?

— Chegando.

Katharine olhou novamente para Gillian, de olhos semi-abertos, destituídos de compreensão, avermelhados pela febre de origem desconhecida. Pela primeira vez ela sentiu o completo impacto do que poderia ser uma tragédia. Sentiu então um desfalecimento, mas demorava-se em detalhes que não tinham importância: uma mancha desmaiada nas pálpebras de Gillian, a fina argola de ouro em um lóbulo da orelha, o traço branco na parte central da cabeleira, as mãos artísticas com aqueles longos e finos dedos e unhas roídas. Quantas vezes ela censurava seu relaxamento? "O hábito retrata o caráter. Maus hábitos atraem más opiniões." Gillian começava a roer as unhas. Uma porção de coisas passou pelo pensamento de Katharine numa questão de momentos. Lembrou-se de uma noite pouco antes do dia em que Gillian completaria treze anos, em que a filha surgiu no seu quarto com um *short* estragado na mão, com uma mancha de um vermelho enferrujado do tamanho de uma moeda de meio dólar. "O que é isso?", ela havia perguntado, ao mesmo tempo aflita e cheia de esperança. Katharine pensou nas muitas complicações que teve para vestir Gillian, e em como sempre havia alguma coisa errada até mesmo com as roupas mais requintadas: uma sujeira, um risco ou uma inexplicável ruga, botões arrancados ou bambos, de tal modo que sempre parecia mal vestida.

— Gostaria de fumar — disse em voz baixa.

No corredor do departamento médico, ela segurou Larue pelo braço.

— Você ajudou tanto, não sei como agradecer-lhe.

— Foi tudo tão rápido. Sei que Gillian não estava se sentindo bem todo o tempo, mas ela não se queixou. Espero que ela...

— Gillian vai ficar boa. Larue, você parece cansada. Por que não vai para casa? Wally, poderia arranjar um táxi para Larue? Diga a seu pai que só temos ouvido coisas favoráveis sobre ele. Telefonarei logo que tenha novidades sobre Gillian.

Custou a haver novidades. Especialistas entravam e saíam conferenciavam. Desceu um relatório do laboratório: não era meningite. Sem interrupção a temperatura de Gillian se mantinha entre 39,7 e 40,5 graus. Ela estava colocada num colchão térmico. Cochilou, acordou, falou delirando com várias pessoas, ninguém que estivesse com ela no quarto. A respiração era superficial; as glândulas do pescoço permaneciam intumescidas, o que sugeria uma infecção por vírus, apesar da aparência

normal da garganta. O hematócrito estava dentro dos limites normais. A contagem de plaquetas estava normal mas a de leucócitos, ou células brancas do sangue, estava um pouco baixa, o que não era raro em várias doenças, inclusive influenza.

Avery Bellaver apanhou a esposa para jantar num lugar perto do Lincoln Center, uma área cheia de restaurantes de nomes estranhos que serviam uma comida miserável. Um homenageava aviadores dos velhos tempos. Capitães das nuvens. Cães demoníacos do ar. Uma réplica de um avião Fokker estava pendurada no teto. Murais de sépia apresentavam aeronaves explodindo. Os garçons usavam botas do feitio de chaminés, capacetes trabalhados habilmente em couro que lembravam toucas de banho, óculos protetores e cachecol longo e branco que ocasionalmente esbarrava na refeição que serviam.

Os Bellaver tiveram sua atenção despertada por uma carta de vinhos realmente bons, e comeram pouco.

Nos últimos três anos Katharine tinha passado menos horas com o marido do que com seu dentista. Surpreenderia aos amigos mais íntimos que ela sentisse qualquer afeição por Avery; segundo a opinião deles, ela teria se decidido por todos os motivos justos, o último dos quais foi o dinheiro. Obteve seu lugar na família, tolerada pelas mulheres e respeitada pelos homens Bellaver, que realmente não a cobiçavam. Avery Bellaver era a exceção — estranho, obscuro e inabordável. Era admirável que ela o tivesse prendido; usara a prosa inteligente, tivera de fazer o gênero boneca todos aqueles anos, sem nada em troca, enquanto apelava para seu lado intelectual e depois para suas glândulas, tentando, tentando habilmente, encontrar uma resposta humana; depois disso, não há dúvida, atendera aos seus fracos anseios.

Katharine sabia de todos esses mexericos e isso a divertia. Nunca fez o menor esforço para dar explicações a alguém sobre o marido. As necessidades sexuais dele tinham sido e ainda eram absolutamente normais, graças a Deus; os mexeriqueiros devem ter esquecido os dois extravios conjugais dela num determinado ano. Então nasceu Gillian e simultaneamente ocorreu uma tragédia que as pessoas ignoravam e que a decidiu a evitar uma outra gravidez. Ela ainda se lembrava como ia para a cama com Avery naquelas ocasiões em que disposição e oportunidade coincidiam. Como suas curtas passagens em sociedade, ele era menos

brilhante que preocupado. Ele não se dava bem com a vaidade e agressividade de exemplares de sua espécie, fosse motorista de táxi, *maître* de hotel, parasita social ou alguma figura real. Não era um homem agradável. Alternadamente tolerava ou se assustava com política. As obsessões de Avery eram enormemente mais compensadoras e de algum valor para a humanidade. Queria, por exemplo, saber tudo que pudesse sobre a vida diária de uma remota vila de índios mexicanos; durante vinte e cinco anos ele visitou essa vila. Uma vez, antes do casamento, Katharine acompanhou-o a Mtecla, visitou toda a vila e mudou de idéia a seu respeito. Cumprimentou Avery Bellaver. Ele falava o dialeto dos índios, conhecia todos eles pelos nomes. Naquela terra quente e seca desaparecia o hesitante homem tristonho; ele ficava à vontade, sem qualquer obrigação de comportar-se como um Bellaver. Não era um povo pacífico. Temerosos de estrangeiros, já haviam apedrejado missionários até a morte, mas seu respeito por aquela gente inspirava confiança e mesmo amor.

Katharine tinha sentimentos similares por seu marido, embora a vida dele não fosse a sua e necessitasse da atenção de muitos homens. Ela era decente em relação a seus apetites, arranjando entrevistas que não seriam uma fonte de embaraços para ele. Avery nunca a tinha ofendido e ela não desejaria magoá-lo nunca; essa era a mais pura definição de amor que Katharine poderia oferecer.

Avery examinou o retrato de um velho tenente na parede. Tinha o tamanho de um mural.

— Eu tinha quatro anos quando meu irmão foi comissionado. Ele se parecia com esse velho tenente. Tinha admiração por ele.

— Ele morreu durante a guerra?

— Sim, mas não em combate. Ele adormeceu em alguma escadaria gelada em Amiens, caiu e quebrou o pescoço

— Repetir o seu nome? Oh! Mamãe Min queria que déssemos o nome de Charles ao nosso primeiro filho — Katharine terminou de beber o terceiro copo de um *bordeaux*, ano 64. Estava sentindo o efeito do vinho e dos aperitivos de vodca que havia tomado antes. Que pensa sobre isso?

— Sobre meu irmão?

— Não. Sobre nosso filho. Sobre o que não viveu. O gêmeo de Gillian.

Ele balançou a cabeça.

— Você pensa nele?

— Sim. Algumas vezes. Imagino como ele seria se tivesse vivido. E Gillian pensa nele, ou pensava. Fez uma porca de perguntas. Expliquei, o melhor que pude, sobre a medula. Disse que não havia nada a fazer. Se tivesse sobrevivido teria sido um vegetal. — Katharine fez uma careta. — A febre. Se continuar alta muito tempo poderá prejudicar o cérebro de Gillian. Prejudicar as ligações nervosas ou qualquer coisa assim. Como seria cruel para ela prolongar isso, então... Ela poderá...

— Katharine...

— Sei, sei,. . . Não ajuda eu me sentir insegura. Consideradas as coisas, tivemos sorte. Se perdemos um ao nascer, restou um bebê como prêmio. A maldição de Deus sobre o destino dos Bellaver. Nunca tivemos todo aquele encanto e nunca fomos a loucura nacional, mas de modo diferente dos pobres e torturados Kennedy. . . deixe-me ver a nota, por favor.

Ela tirou a conta de Avery, enquanto ele pagava, e fez um cálculo rápido.

— O senhor cobrou um dólar e meio a mais — disse Katharine para o garçom, que aparentou estar muito ofendido. Mais tarde ela disse afetuosamente para o marido: — Eles tentarão fazer isso com você todas as vezes. — Avery apenas sorriu, confuso.

No seu regresso ao hospital foram encaminhados para o Dr. Hubert Tofany da divisão de doenças tropicais da Universidade de Colúmbia.

— Estou ciente de que ambos viajam freqüentemente. Poderiam dar-me uma relação rápida dos lugares em que estiveram nestes últimos seis ou oito meses? Não precisam enumerar paradas temporárias em aeroportos.

— Acredita que podemos ter trazido alguma espécie de micróbio? — Katharine perguntou. — Nós mesmos deveríamos ter estado doentes.

— Não necessariamente. No laboratório de Yale há uma enorme lista de aproximadamente quatrocentos vírus, a maioria dos quais ainda mal conhecida, todos potencialmente perigosos, cada um com suas próprias peculiaridades. Eles incubam por processos misteriosos. Há vírus que dificilmente atacam pessoas adultas, mas devastam as crianças. E o inverso é verdadeiro. Vamos tirar amostras de sangue dos dois. O melhor

a fazer agora é remover Gillian para um quarto no isolamento do Washington Heights. Estamos mais bem equipados lá para esse tipo de análise sorológica necessária para descobrir o . . . culpado. Um soro pode ser de grande utilidade.

Katharine olhou para o marido, que disse:

— Nós. . . minha mulher recebe freqüentemente. Temos convidados de toda parte do mundo. Poderia ser mais facilmente alguém que tivéssemos recebido para jantar.

O Dr. Tofany riu pacientemente.

— Gostaria de uma lista tão completa quanto possível. Todos os recentes convidados da casa.

Katharine disse:

— Localizar todos eles tomaria um bocado de tempo.

— Sim.

— Entretanto, se não descobrir o que é, se for alguma coisa que nunca tenha visto antes. . .

— Continuaremos o tratamento indicado. Combinações de antibióticos. Algumas vezes, mesmo com uma nova espécie de vírus, o paciente é capaz de produzir anticorpos e destruí-los. Tente não se afligir, Sra. Bellaver.

Visitaram Gillian rapidamente, enquanto eram feitos os preparativos para transferi-la para o hospital da 167th Street com a Broadway.

— Ela esteve falando outra vez — informou-os a auxiliar de enfermagem.

— Alô, querida — disse Katharine. — Pobre criança.

Gillian abriu os olhos e olhou para ela através da tenda de oxigênio.

— Ruh — ela murmurou.

— O que foi que ela disse? — Avery perguntou. — Poderia dizer isso de novo, Gillian?

— O que ela diz não é muito claro — a enfermeira informou com um sorriso.

Gillian começou a gritar.

Foram necessárias três pessoas, Katharine, Avery e o Dr Tofany, para impedir que ela arrancasse as agulhas e retirasse a ligação da tenda de oxigênio. O acesso e os gritos duraram quase meio minuto. Sua força era igual à de um louco furioso ou de um desesperado.

— Larue! — ela gritava; depois acalmou-se, e estava tão molhada como se tivesse saído de baixo do chuveiro

— Devo amarrá-la, doutor? — disse a enfermeira.

Tofany estava ajustando as agulhas.

— Não, passe uma esponja nela

Katharine tornou a abotoar a roupa do hospital que Gillian usava, que por pouco ela não despira durante o esforço que fez. O sangue pulsava nas têmporas de Katharine e seus dedos não se moviam agilmente. Havia uma pequena cruz de ouro e de ônix preto numa corrente em volta do pescoço de Gillian. Ela não a tinha visto antes

— O fenobarbitúrico não a poria mais tranqüila? — Katharine perguntou.

— Sim. O que ela estava dizendo refere-se também à senhora...

— Ela estava chamando Larue. É a amiga, a menina com quem estava patinando hoje. Avery, de quem ela recebeu esta cruz?

— Eu nunca a tinha visto antes.

— Enfermeira! — o Dr. Tofany disse asperamente.

— Sim, doutor?

— Não toque nela.

— Mas o senhor. . .

— Você tocou nela desde que entrou?

— Não, senhor, foi só por uns poucos minutos. . .

— Vá cuidar de sua mão. Não podia raciocinar melhor e evitar vir a um quarto de doente com um ferimento descoberto?

A enfermeira olhou espantada para ele. Ele acenou rapidamente para a mão direita. Ela olhou para o Band-Aid encharcado de sangue na parte de cima da mão e suspirou.

— Meu Deus!

— Estamos lidando aqui com um vírus do qual não sabemos nada a respeito. Esta espécie de descuido é imperdoável.

— Doutor, eu não entendo. Era apenas um arranhão. De fato, mal sangrou dois dias atrás. . .

— Está sangrando agora. Copiosamente. Saia daqui.

A enfermeira saiu apressada. Katharine lançou um outro olhar para Gillian, pálida e calma, e acompanhou a enfermeira para fora do quarto. Foi a um telefone, procurou na bolsa um número que Larue tinha deixado

escrito e discou agitadoamente. O fone tocou seis vezes antes que uma voz sonolenta respondesse.

— Larue? — Ela podia ouvir o som de uma televisão.

— Hein?

— É Katharine Bellaver.

— Oh! Olá, Sra. Bellaver. Que horas são?

— Um pouco mais de nove.

— Adormeci. Todo aquele exercício. Gil está melhor?

— Ela vai ser removida para o Hospital Washington Heights. É possível que você tenha ficado exposta a alguma coisa muito contagiosa. Não sabemos ainda o que é.

— Sinto-me bem.

— Você está sozinha? — Katharine perguntou.

— Não. Papai está com alguns amigos.

Pela primeira vez depois que Gillian havia gritado, Katharine foi capaz de relaxar.

— Então você está bem.

Ela ouviu um bocejo abafado, seguido de uma confusa resposta.

— Sim, senhora. Quando posso ver Gillian?

— Não por alguns dias. Vai ficar isolada até que se saiba o que ela tem. Se você por acaso sentir quaisquer sintomas, mesmo que ache que é apenas um resfriado, chame-nos.

— Farei isso.

— Larue? Você sabe alguma coisa a respeito de uma cruz de ouro e ônix que Gillian está usando?

— Oh! É minha. Sei que ela não liga para religião, mas eu estava tão aflita quando ela perdeu os sentidos. . . enquanto esperávamos a ambulância eu pus a cruz no pescoço dela. A cruz foi abençoada por um jesuíta que minha mãe considera um santo. Pensei que isso não faria nenhum mal. Espero que a senhora não se aborreça.

— Certamente que não. Foi muito atenciosa. Manter-me-ei em contato com você.

Durante alguns minutos, depois que desligou o telefone, Katharine ficou encostada à parede, sentindo-se entorpecida e esgotada; uma dor de cabeça estava começando. Os gritos frenéticos de Gillian foram demais para ela. Foi o desespero de sua filha por Larue que encaminhou

Katharine inconscientemente para o telefone. Parecia quase que tinha sido mandada por Gillian, dirigida por ela para fazer a chamada. Mas estava tudo bem, nenhum acontecimento inesperado. Larue estava em casa, a salvo.

Katharine sabia que precisava tomar um pouco mais de cuidado consigo mesma, pois o estado de Gillian podia se prolongar assim por dias. Ela insistiria no novo hospital por um quarto, o mais próximo possível do de sua filha. Nem pensar em feriados em Acapulco, e Howard Wrightnour teria que prosseguir sem sua ajuda. Só Gillian importava agora

Cinco

Lambeth,
Virgínia Junho de 1972

Robin percebeu o fraco impulso da jogada em direção à linha da primeira base, um pouco à direita, e sentou-se pesadamente, prendendo bola e pulso contra o peito; enquanto mandava o primeiro jogador da base afastar-se, ele por um momento tirou os olhos da bola e calculou mal. Mas levantou-se imediatamente, pronto para lançar para a base desprotegida, quando Shanley, que saía da terceira base, decidiu voltar. Shanley blefou, mas retornou à base. Robin moveu-se para trás com a bola, como se tivesse sido ensinado a fazer isso na Clínica Johnny Bench; somente então, com a base protegida, fez o arremesso da bola de volta para seu lançador. Levantou o dedo.

— Mais uma! — ele berrou. — Qualquer base.

O batedor era um rapazola magro com longos braços, chamado Giffin, que tinha realmente pegado um no quinto.

O treinador estava fora do banco fazendo sinal com a mão para a posição mais próxima da terceira base. Robin ajustou o protetor do peito e pegou a máscara que havia retirado para defender a bola alta.

— Prestem atenção! — ele repreendeu os cansados jogadores das bases. — Pouca conversa agora! Continuem atentos que nós os venceremos.

O sol estava se pondo atrás das arquibancadas descobertas, próximas da terceira base, espalhando um brilho alaranjado sobre o campo. Robin lançou o olhar para Shanley, o rapaz mais alto do time adversário.

Shanley jogava na primeira base e na temporada anterior Robin tinha tido uma alteração com ele enquanto tentava rebater uma bola baixa. Um mau lance tinha feito Shanley avançar um passo adiante da bola e, na tentativa de pegar Robin, ele o tinha ferido na boca com o ombro; resultado: um canino quebrado e três outros dentes tão abalados que tiveram de ser afixados com um fio metálico. Poderia ter sido um acidente, mas Robin não estava tão certo disso. Red Shanley era o tipo de jogador que está sempre tentando uma jogada maliciosa quando o juiz não está olhando. Tinha uma aparência pesada, quase a de um gordo, ali agachado na terceira base, mas Robin confiava na sua força descomunal.

— É você de novo! — Robin zombava enquanto Giffin dava passos para dentro de sua área. — Ei! homem, seu bastão está cheio de buracos. Pode ir se despedindo, Giffin.

— Você não cala mesmo essa boca? — Giffin resmungou.

Quando o time se reuniu logo após o jogo, o treinador lançou um longo olhar para Robin, mas ele o ignorou. Era o líder do time, cabia-lhe tomar as decisões importantes no campo; aceitaria todas as censuras e encolheria os ombros. Johnny Bench nunca pediu desculpas também. Quando Johnny perdia uma bola, o que não era freqüente, talvez umas duas vezes numa temporada, ele olhava para a pessoa direto nos olhos e assumia o erro. Não lembrava aos outros as vezes que tivessem jogado mal, quando ele sozinho havia ganho as partidas, e Robin tinha o mesmo feitio.

Ele ficava indiferente aos cumprimentos, elogiava os jogadores de seu "time" em todos os bons jogos de que podia se lembrar, batia algumas palmas, distribuía algumas pancadinhas amigáveis e voltava só para casa, carregando todo o seu material, sentindo os efeitos do jogo violento, cansado, mas satisfeito.

Robin tinha dez anos e desde a idade de três morava com uma tia e um homem a quem tratava por senhor, mas que recusava chamar de tio, numa velha casa quadrada, agradavelmente sombreada que se inclinava decididamente para um lado, como a Torre de Pisa, mas que por qualquer razão nunca comprimiu a porta do vizinho, apesar de muitos rangidos e

estalos dos esteios durante as ventanias. A casa tinha sido pintada pela última vez logo depois da Segunda Guerra Mundial e muito provavelmente nunca seria pintada outra vez. Era propriedade da Igreja Internacional do Décimo Terceiro Apóstolo, uma igreja missionária que legislava contra quase tudo na vida com que não deveria se envolver para causar dificuldades até mesmo físicas. Foi necessário a Robin andar para lá e para cá três ou quatro vezes a fim de que relutantemente o Conselho Apostólico lhe permitisse jogar beisebol com os batistas. Seu pai também tinha ameaçado retirá-lo da família Tidrow e colocá-lo na escola militar, uma perda certa de uma alma para o Diabo.

A tia de Robin, Fay, estava na cozinha fritando frango quando ele chegou.

Frango frito, espiga de milho com manteiga servida no jarro, abóbora em conserva e tomates da primeira colheita, biscoitos tão grandes quanto um punho de homem — os décimos terceiros apostolados pelo menos acreditavam na boa alimentação para garantir energia para as reuniões de orações, e tia Fay era a melhor cozinheira no Santuário Lambeth.

Em geral aquela religião severa era menos pesada para as mulheres, que trabalhavam como pioneiras mas viam a beleza da vida refletida em seus filhos; os homens, que como trabalhadores assalariados estavam mais expostos às fraquezas e falsidades do mundo, freqüentemente eram mais reservados e menos alegres, mesmo entre eles.

— Você ganhou? — Fay perguntou-lhe.

— Hum, hum. — Ele lançou um olhar para a mesa da cozinha, coberta com um forro de oleado, que estava posta para o jantar. Pôr a mesa era sua obrigação, mas o jogo o tinha atrasado. — Sinto ter demorado tanto tempo.

— Está bem, Robin. Ellis ligou de Washington; ele não estará aqui antes das oito. Assim, você terá tempo para lavar-se e ler as Escrituras.

— Sim, senhora. — Robin olhou para o lado direito da geladeira. A correspondência costumava ficar ali em cima, se houvesse alguma, especificamente os envelopes azuis e brancos de correspondência aérea transoceânica. Já há quase dois meses que não chegava nada.

— Não, nada hoje — Fay Tidrow disse com um sorriso simpático.

— Isso pode significar que ele esteja voltando para casa — Robin disse, sentindo repentinamente que estava nervoso por antecipação; dessa

vez era mais do que apenas um pressentimento ou um pensamento ansioso. Tinha ganho experiência em adivinhar o significado da não-comunicação por parte do pai.

Algumas vezes o "Comandante" tinha tanto serviço que ficava ocupado e não podia escrever e, quando tinha tempo, estava em alguma parte do mundo em que uma carta levava semanas para chegar. O pai de Robin havia sido oficial naval. Agora trabalhava como hidrologista para o governo, que o enviava a lugares que Robin tinha dificuldade de situar, mesmo em mapas detalhados do seu Atlas Internacional Ran McNally. Água era vida, e aparentemente havia uma imensidão de água fresca no mundo. Um suprimento para sete mil anos a menos de uma milha abaixo da superfície dos Estados Unidos; um -lago pré-histórico, do tamanho da Inglaterra e do País de Gales juntos, estava oculto sob o deserto do Saara.

Tornar toda essa água útil era o trabalho de seu pai, e era um serviço importante e necessário. Infelizmente ele só podia passar quatro ou cinco semanas por ano em casa. Robin tinha aprendido como fazer passar o tempo enquanto aguardava o retorno do Comandante, atravessando aqueles austeros meses em reuniões da igreja, estudo da Bíblia e nada de cinema ou televisão.

E o pai sempre teve necessidade de aproximação e alegria, coisas de que Robin não era capaz; muitas vezes ele regressava magro pela má alimentação ou doente.

No último ano Robin tinha sofrido com o mais longo silêncio, cinco meses sem uma palavra. Quando finalmente o Comandante chegou, Robin ficou abalado ao vê-lo. O pai só tinha trinta e sete anos, mas o cabelo já estava grisalho. Tinha havido um acidente no emprego, seguido de semanas num hospital muito modesto. Machucara-se, e um grupo de costelas e a parte mais sensível das costas foram atingidos, formando-se uma ferida de mau aspecto, como se fosse o ferimento de uma lâmina denteada.

Então não fizeram qualquer coisa que fosse fatigante durante as férias que se seguiram no Caribe. Em Tortola eles fretaram uma chalupa. O tempo estava perfeito, céu azul. Exploraram São João, Virgem Gorda e as Ferraduras de Cavalo. Dois mergulhadores, abastecidos de oxigênio, desajeitados como cavaleiros desmontados antes do mergulho, descendo abruptamente nos silenciosos espaços azuis sob aquele confuso pedaço de

céu sem ar. Salgadas cogitações de cérebros de coral. Regimentos de pequenos peixes axadrezados e rápidos. Escunas com carcaças destroçadas e enferrujadas. *Dropsico octopus* (molusco carnívoro) como folha de couro movendo-se no fundo de areia. O Comandante fez soberba sopa de mariscos e hambúrguer com queijo. Robin era ativo, cortês, bem-humorado e ávido por agradar. Esforçava-se para tornar fácil a paternidade. Mesmo assim foi preciso mais de uma semana para que a energia e o senso de humor do pai voltassem; gradualmente as noites se tornaram mais suaves e cessaram os pesadelos tormentosos.

— Robin — Fay chamou amigavelmente pela terceira vez, conseguindo finalmente ser ouvida.

Robin sacudiu a cabeça e olhou para ela.

— Não quer terminar esse banho?

— Estava pensando nisso.

— Sei. Não seria maravilhoso se ele decidisse deixar de viajar e arranjasse um trabalho menos penoso? Mas todos nós temos nossa missão na vida, Robin. Pense nas vidas que têm sido salvas. Fome. Penúria. Peste. Sede. Estas têm sido as inimigas de seu pai. Devemos ficar orgulhosos.

Robin matara o tempo no banheiro e só começou a ensaboar-se e esfregar-se quando ouviu a batida da porta do carro de Ellis Tidrow, que estava chegando atrasado para o jantar; umas gotas d'água ainda escorriam-lhe pelo queixo quando desdobrou o guardanapo e curvou a cabeça. Ellis Tidrow olhou para ele com seriedade, mas, paciente, recitou um trecho das Escrituras e terminou com suas próprias orações.

Tidrow era um homem muito desconfiado e nervoso, que falava de olhos baixos, freqüentemente enrubescendo na testa distraidamente se a conversação se prolongasse por muito tempo. Ele tomava mesmo as ocorrências comuns da vida diária como uma série de calamidades.

"Fomos desfavorecidos com este dia chuvoso", ele diria olhando para fora. Ou: "Estamos tendo novamente aborrecimentos com este cão", quando os vizinhos Collie vinham saber o que estava acontecendo com Robin. Ele se encarregava da parte financeira das missões da Igreja do Décimo Terceiro Apóstolo, trabalhando fora do escritório internacional da

Igreja, que estava localizado numa extremidade de um bairro modesto de Washington. Mas ele ansiava por estar no campo, pregando aos idólatras.

O jantar ainda não tinha terminado quando Fran Marshall apareceu na cerca dos fundos, remexendo-se excitadamente como uma mariposa gigante. Fay convidou-a a entrar.

Fran estava tensa e pálida; seus olhos dirigiram-se para Robin e fixaram-se nele.

— Detesto incomodar todo mundo como agora, mas tivemos exatamente há pouco uma grande dificuldade com Brian e pode ser que se Robin pudesse falar com ele, o que já fez outras vezes...

— Nós temos vigília esta noite — Ellis Tidrow disse firmemente.

— Não é estritamente necessário que as crianças estejam presentes — Fay lembrou-lhe. — E se Robin pode dar uma ajuda à pobre criança...

— Certamente — Robin disse ansiosamente.

— Oração é a única resposta para uma criança como aquela — Tidrow explicou, enquanto Fran se firmava ora num pé, ora noutro, embaraçada.

Ela era uma menina alta da montanha Blue Ridge, com cabelos louros tão lisos e longos que pareciam prestes a voar. Com apenas dezoito anos, já tinha tido dois filhos, o mais velho dos quais era o autista Brian, e já estava grávida de novo, de pelo menos cinco meses, o que ficava mais evidente na roupa caseira de verão que estava usando. Ela pelo menos deveria ter o cuidado de vestir um casaco antes de sair correndo para a casa dele, pensou Tidrow.

Ele olhou para Robin, tentando outra vez avaliar a misteriosa qualidade que atraía as pessoas para ele. Jeová tinha condenado Ellis Tidrow a não ter seus próprios filhos; frustrava-o ter de cuidar de um menino descuidado, difícil e cabeçudo. Tidrow tinha boas razões para acreditar que, mesmo que ainda não fosse totalmente ateu, Robin era um florescente herético Talvez fosse uma bênção que Robin pudesse ter alguma influência sobre Brian Marshall, mas Tidrow estava consumido de dúvidas. Ele se aterrorizava com qualquer espécie de doença mental. Havia as Legiões Negras a serviço dos atormentados; nossos hospitais estaduais estavam entupidos com as vítimas dos caprichos de Satã. "Você, que pode curar, leia sua Bíblia e saia a verdade. Se Robin tão facilmente se

comunicar com o menino Brian, inabordável por outras maneiras, isso poderia ser trabalho do Diabo. E Robin de fato tinha cabelo vermelho, o mais lamentável dos sinais.

Tidrow algumas vezes tinha sonhos apreensivos sobre o garoto de cabelo vermelho sob sua responsabilidade; uma vez ele acordou com uma tensa ereção e suando, embora ele nunca tivesse sido capaz de sustentar uma ereção o tempo suficiente para engravidar sua mulher. Astúcia do Diabo... e riso do Diabo nos expostos espaços ordenados de seu cérebro. Rezar era a sua salvação. Oração intensa e profunda.

Ele se rendeu ao silencioso apelo da mulher e fez um rápido sinal para Robin. Robin, feliz por escapar da cacete repetição da vigília da noite de quarta-feira, pulou do lugar e saiu pela porta afora atrás de Franny.

Para uma mulher com o centro de gravidade deslocado, Fran estava ágil. Robin alcançou-a somente depois que atravessaram a estrada. Andaram o resto do caminho lado a lado; Fran, respirando fortemente, esforçava-se por não cair numa choradeira escandalosa.

Robin não sabia o que dizer, então pegou na mão dela. Ela segurou-o com força.

Os Marshall possuíam seis acres de terra com matas e parte pantanosa na campina. Moravam num trecho de terra batida sob árvores frondosas, cujas copas pareciam altas como nuvens no céu noturno. A casa, do lado de fora, era uma irmã gêmea da casa em que viviam os Tidrow, mas sem a inclinação italiana. Dentro havia tesouros. Tanto Fran quanto seu marido eram descendentes de gente da montanha que tinha negociado suas heranças por cinquenta *cents* o acre para fornecimento de madeira e carvão, mas tinham transmitido a seus descendentes o amor à arte.

Robin já tinha ouvido falar de Brian muito antes de ir à casa dele. À noite era o peculiar grito salmodiante que usualmente acompanhava as suas voltas. Ele podia andar formando um círculo quase perfeito, exatamente dois metros e sessenta de diâmetro (Whit já tinha medido), apressando a marcha a intervalos numa espécie de seqüência: passo lento, passo normal, salto. Era capaz de manter esse ritmo por horas, até que se sentisse muito suado e pálido de cansaço, tão cansado como se tivesse sido surrado.

Ele estava na comprida varanda dos fundos que Whit tinha erguido com escoras e envidraçado para aproveitar os dias ensolarados de inverno. Whit e Fran guardavam as ferramentas nessa varanda, misturadas a uma variedade de velharias quebradas, excedentes e restos de junco e barris de roupas não mais usadas, que eles transformavam em encantadores artefatos. Insignificâncias transformavam-se em mesas, cadeiras, ampulhetas e vários tipos de banjo. Fran fazia suéteres de pêlos de cão *collie* tecidos no seu antigo tear em forma de roda, colchas estrela de Belém que valiam trezentos dólares cada uma nas cidades e um mundo de coisas tradicionais, como flores artificiais feitas de tiras finas de madeira cortadas a navalha, cestas do material de uma árvore acerácea coloridas com tintas preparadas com noz e uma raiz.

Robin ficava feliz quando parava na varanda. Ele mesmo aprendera a fazer umas poucas coisas, tais como ninhos feitos de cuias e porquinhos de espiga de milho. Whit tinha prometido mostrar-lhe como construir um brinquedo extravagante. Mas isso era complicado, porque tendo de ensinar em um colégio na outra margem em Maryland e procurar recursos médicos para Brian, Whit não tinha mais um tempinho disponível.

O bebê, Bernice, estava chorando no berço em outro quarto; Fran olhou sem esperança para Brian e foi apanhar Bernice. Whit puxava sua vasta barba e se agitava nervosamente e olhou espantado para Robin com seus olhos azuis úmidos. Andava bebendo umas cervejas para ajudar a suportar suas mágoas.

— Brian estava fazendo alguns progressos — Whit murmurou. Estava realmente.

Robin não disse nada. Sentou-se de pernas cruzadas perto de Brian. Naturalmente Brian tinha sujado as calças de novo. Por um certo tempo ele deixara de ter crises e atendia a ordens verbais simples. Agora voltara ao antigo comportamento, gritava continuamente sem que se pudesse ajudá-lo.

Robin ficou triste porque Brian era sadio, alegre e bonito e porque sabia que ele tinha consciência de que estava condenado. E essa era a razão das frenéticas voltas, das batidas sem parar na mesma porta e dos gestos sempre repetidos de apertar e soltar as mãos enquanto ficava sentado com as costas junto à parede, ignorando todas as tentativas para distraí-lo. Esses eram os métodos de Brian tentar resolver o mistério

enorme de seu próprio íntimo e as dificuldades do mundo exterior — suas tentativas de empurrar as teclas certas enquanto Whit apertava as teclas da máquina de escrever, o que poderia resultar numa colaboração física e mental. Mas Brian nunca, nunca seria capaz de fazer isso.

Durante suas visitas, Robin conseguia fazê-lo executar tarefas simples. Quando Robin cuidava dele, Brian vestia-se e despia-se habilmente, tomava banho e alimentava-se sozinho. Mas depois que a visita terminava e Robin se retirava, Brian voltava à sua perplexidade de sempre. Ele podia imitar por uns instantes o modo de Robin, mas sempre alguma coisa não dava certo. Como se as células do corpo eventualmente perdessem a capacidade de reproduzir-se corretamente, o cérebro de Brian logo produzia apenas os mais estranhos exemplos de rotina. Ele não conseguia alimentar-se facilmente por conta própria, ou lembrar-se de tirar as calças a tempo no banheiro, mas podia andar, andar monotonamente fazendo círculos exatos.

Robin não poderia explicar a ninguém como ele se conduzia numa "visita". Naturalmente, o isolamento era mais fácil em sua própria cama, ao fim de um dia fatigante, exatamente como se estivesse se "apagando" para dormir. Nesse estado ele poderia "visitar" praticamente qualquer pessoa. Inteiramente acordado ele nunca seria capaz de fazer isso completamente, a não ser com Brian, que não dispunha de defesas de qualquer espécie e absorvia muito mais estímulos sem que pudesse evitá-los com sucesso. A técnica de Robin era transformar o pensamento em pensamento-força e então impeli-lo; quando realmente queria, ele podia mesmo impressionar o mais rígido cérebro, exatamente como se jogasse uma bola de borracha numa pintura impressa contra uma parede de concreto. Com pessoas mais receptivas, era como lançar seu pensamento numa cerca de estacas, entre as quais ocasionalmente o pensamento-bola voava. Quando acontecia isso, Robin freqüentemente lançava olhares espantados que lhe davam um aspecto doentio.

Por alguns minutos Brian não tomou conhecimento dele, enquanto dava suas voltas, mas Robin pacientemente ficou preparando a bola para o seu trajeto e, depois de muitos retornos, conseguiu alcançar-lhe a mente de modo adequado.

Como sempre, estava quase alagado pela violenta onda de energia; o menino, sufocado pelo suor, queria livrar-se disso, mas Robin preferiu

continuar tentando dominar Brian até que tivesse oportunidade de harmonizar todas as dissonâncias e desembaraçá-lo desse impulso envolvente. Mas isso levava tempo e exigia esforço. Enquanto isso o corpo continuava a dar pulos e sacudir-se e a voz emitia sons roucos.

Robin olhou para si mesmo algumas vezes, sentado fora do círculo à moda indiana, com a cabeça baixa e os olhos fechados, lábios desmaiados e cerrados, respiração entrecortada e faces manchadas, mas estava ocupado demais para dar muita atenção ao seu físico. Não era mais uma novidade olhar para si mesmo de uma certa distância. Começou a ajustar-se mentalmente e a regular o ritmo intensamente desorganizado das ondas cerebrais, impondo ritmos mais tranqüilos e leves ao tálamo sobrecarregado.

Já há algum tempo Brian diminuía a marcha. A cantilena cessou e foi substituída por um choro manso.

— Pa — Brian repetia, repetia, querendo dizer "papai". Robin encaminhou Brian para perto do pai. O menino se curvou para os joelhos de Whit, que também estava muito tenso, quase paralisado. Mas isso era melhor do que dar voltas.

Robin pesarosamente se retirou quando Franny voltava com o bebê no colo.

Olhou para Brian e abaixou-se para beijar a testa molhada de Robin. Ele olhou para ela, confuso.

— Não sei como você consegue acalmá-lo — disse.

Whit levou Brian, novamente dócil, para tomar banho e mudar a roupa para ir para a cama, apesar de estar tão bêbado a ponto de precisar de ajuda.

Fran bocejou, apagou as luzes, escurecendo a varanda; sorriu doce e vagamente para Robin. Robin pediu licença e saiu.

Mas ele parou um pouco perto da mata por alguns minutos, ouvindo Fran cantar baixinho para Bernice enquanto balançava o bebê nos braços. Ele a percebeu como se refletida à luz da ardente devoção do menino, movendo-se lentamente, cabelo caído às costas e pálida como a medula de uma árvore decepada por um relâmpago.

Robin ficou atônito ao pensar que os Tidrow já tivessem regressado da vigília, o que significava que ele tinha ficado aproximadamente duas horas com Brian. Não era de admirar que mal pudesse manter os olhos

abertos. A tia estava esfregando o chão da cozinha, satisfeita apesar da fumaça. Tinha guardado dois biscoitos do jantar e Robin devorou-os com um generoso acréscimo de compota de ameixa. Ele explicou que Brian estava melhor agora. Fay acenou e sorriu para ele. Suas mãos estavam mais vermelhas do que o nariz dele, queimado pelo sol. Robin desejou que ela não tivesse que se abaixar de joelhos para limpar o chão, que não deveria estar, de qualquer modo, tão maltratado, e sentiu remorso.

Fay percebeu esse lampejo de emoção e retribuiu-o.

— Eu acabo isso para a senhora amanhã cedo — ele se ofereceu, mas Fay disse que não, aquele trabalho era dela.

— Obrigada, Robin.

Ele se admirava de como ela conseguia viver trabalhando como uma moura para um homem que tão pouco oferecia em troca. Robin, que sabia uma porção de coisas sem que lhe tivessem contado, tinha conhecimento da razão por que não tiveram filhos. O que sempre acontecia a ele quando brincava com seu pênis na banheira ou na cama quase nunca acontecia a Ellis Tidrow. Ele não sabia qual era o problema, mas era uma grande vergonha para um homem. Fay generosamente aceitava esse fracasso, e fazia-o sem lamentar a falta da prole, tentando afogar Robin em todo o amor que ela teria para esbanjar numa casa cheia de crianças. A religião realmente significava alguma coisa para ela e a enobrecia. O marido, por seu lado, metido com sua Bíblia como se escondido numa caverna, afastava-se da vida real, que odiava. Só desejava uma coisa da vida: era a recompensa celestial por ter tido uma vida tão sofrida.

Robin uma vez tentou ter uma conversa amigável com Tidrow sobre um assunto que achava complicado e fascinante. Ele respondeu com uma metáfora que não seria má para gente de sua idade. — Visto meu uniforme — ele disse —, vou para o parque da Pequena Liga e tomo parte num jogo; por sete turnos não pensarei senão no jogo e como terminará. Isso é toda a minha vida, levo isso realmente a sério. Então ganhamos ou perdemos, e costumo cometer uns erros estúpidos. Fico com ódio de mim por isso e preciso de tempo para pensar sobre o assunto, mas o jogo terminou e tudo que posso fazer é tirar o uniforme e esperar. Haverá um outro jogo qualquer dia, e nele devo sair-me melhor.

Então Robin disse que, já que estavam sentados ali para conversarem e dizerem o que pensavam da vida, achava que não é justo só cuidar de si. O

mais justo seria preparar esses corpos, porque eram parte do equipamento de que precisávamos para jogar. Todos deviam aperfeiçoar-se. Mas alguns dias depois de terminado o jogo, enquanto se dava descanso aos corpos e repousava-se, talvez fosse bom ter uma conversa com os amigos que haviam tomado parte nele. Então, depois que tivéssemos tido igualmente uma noite bem dormida, como se tivessem se passado cem anos, encontraríamos um outro corpo e poderíamos jogar de novo. Não desejaria lembrar-se de qualquer coisa do último jogo em que tomamos parte, ou de um outro antes desse, e não queria pensar sobre todos os jogos que ficaram para trás.

Quase foi espancado por Tidrow, que comumente não era violento. Em vez disso, ele começou a ler um texto sobre a natureza do relacionamento humano com um Deus colérico e as eternas torturas do inferno que aguardavam os ateus, e por mais de duas semanas pensou seriamente em pôr Robin para fora de sua casa. Mas isso poderia ser a perda de uma alma que podia ser salva e também significava o prejuízo de quatrocentos dólares por mês que o pai de Robin pagava pela sua manutenção, uma soma que permitia a Ellis pagar dívidas generosas e satisfazer sua vaidade de posição no santuário de Lambeth. Então reconsiderou sua decisão e Robin continuou lá, forçado a contrabandear para dentro de casa os livros que Franny retirava para ele na seção de adultos da biblioteca pública.

O quarto de dormir de Robin, no terceiro andar da velha casa, estava mobiliado com uma cama meio inclinada, um guarda roupa que só fechava se amarrado com corda, uma escrivaninha para estudo e uma cadeira de madeira, mas foi-lhe permitido decorá-lo de acordo com suas preferências. Uma flâmula do Cincinnati Red estava pregada sobre a cama. Ao lado da foto emoldurada de um de seus heróis, autografada pessoalmente por Johnny, havia inúmeras fotografias do pai — dia de graduação em Anápolis, em ação como membro de um time de elite. Havia uma recente fotografia de Robin, tipo Polaroid, na ponta dos pés, suspendendo uma grande barracuda (peixe que tinha arrastado quase sozinho nos bancos de areia em Montezuma). Seu pai tinha escrito em cima da fotografia: "Um grande mestre de pesca — Bequia, Natal de 1971". Robin possuía também uma pequena fotografia do pai e da mãe tirada antes do seu nascimento. A mãe morreu quando ele tinha dois anos

e Robin guardava somente vagas impressões dela. O Comandante raramente *falava* sobre ela. Tinha sido um modelo de modas. Morreu em consequência de complicações de uma infecção num dente, enquanto o Comandante estava ocupado no mar. Parecia uma maneira estranha de morrer.

Os livros proibidos de Robin eram guardados bem escondidos, porque ele sabia que Ellis Tidrow tinha por hábito fazer buscas no quarto dele, procurando evidências conclusivas de que Robin estava se comunicando com Satã.

Havia uma saboneteira de louça na parede de azulejo acima do pé curvo da banheira. A argamassa do azulejo tinha arrebentado, e com habilidade Robin conseguia tirar a saboneteira e os azulejos aos quais estava presa. Os azulejos tinham sido cimentados sobre uma estrutura de madeira e entre as traves havia espaço para armazenagem de três ou quatro livros. Robin leu muitas vezes na banheira, certo de que nunca seria interrompido trancado no banheiro.

Nos livros ele tinha encontrado pela primeira vez a teoria da reencarnação, que confirmava seus pressentimentos sobre a imortalidade da alma e que conduziu-o à sua imprudente decisão de transmitir a idéia a Tidrow. Ele aprendeu que o que ele chamava de visita era uma forma de projeção astral, também conhecida como experiência extracorporal ou OOB. Havia poucos casos relatados, mas Robin já sabia que todas as almas escapavam ou visitavam, de tempos em tempos, principalmente à noite, enquanto o corpo repousava. Não era comum recordar-se das visitas tão nitidamente como sempre acontecia com Robin; para benefício da entidade (era chamada assim freqüentemente), as visitas eram deturpadas e transformadas em sonhos.

Era mais raro ainda visitar como ele visitava Brian Marshal. E Robin descobriu que quase nada tinha sido escrito sobre algumas das outras aptidões que ele possuía e apresentava intermitentemente, algumas vezes de modo involuntário. Uma vez, esperando no parque da Pequena Liga por seu arremessador Harkaday, ele tinha passado, à toa, dois dedos pela corrente presa com argolas ao batente da porta, provocando uma brecha de mais de um metro, o que deixou as pessoas intrigadas por vários dias. Robin ia tentar de novo, mas não quis causar mais falatórios.

Nunca soube de ninguém que pudesse fazer seus truques com a bola de tênis. Ele podia segurar uma bola com as duas mãos e prendê-la fortemente ao plexo solar, curvando-se enquanto fazia isso. Isso levaria a bola a deformar-se, mas ainda assim ele podia facilmente restaurar o lado felpudo sem que ela perdesse a elasticidade. Exibiu a mágica para Bob Brownell, que estava no sétimo grau e fazia mágicas para crianças pequenas em festas de aniversário. Bob importunou-o durante semanas para que lhe contasse como conseguia fazer ilusionismo. Robin aborreceu-se e pregou-lhe uma mentira, explicando-lhe que ele usava duas bolas ao mesmo tempo. Bob ainda assim achou que era um bom truque, infernal, e que praticando provavelmente conseguiria executá-lo rapidamente.

Que mais? Naqueles dias Robin se sentiu na obrigação de fazer algo diferente. Conseguiu que seu despertador desse alarma quando o olhava fixamente, e no dia 4 de julho, às duas horas e dez minutos, fez o relógio da Corte de Justiça de Lambeth tocar vinte e seis vezes, um acontecimento que exigiu tanta energia que quase o esgotou e o deixou sentindo náuseas durante muitos dias. De novo num dos livros ele encontrou a palavra para descrever esse fenômeno — "psicotrônico". Seu cérebro tinha afinidade com máquinas.

Fran agia bem não fazendo perguntas; ela e Whit não saíram espalhando o quanto ele era estranho justamente porque podia influenciar Brian. Mas Fran era mais do que uma grande amiga. Ele realmente a amava e ela devia ter também profundos sentimentos em relação a ele. Uma tarde, no fim do inverno, ela estava ninando Bernice no berço na varanda que recebia sol; quando Robin ficou cansado de esculpir, subiu no colo dela para ser embalado também, e depois de um certo tempo morno e sonolento, com os três quase dormindo ele levantou a cabeça e perguntou se podia provar do leite dela. Fran rapidamente apresentou o outro seio a ele.

O leite da moça era quente, pegajoso e doce, e ele tomou uma boa quantidade por longo tempo, até ficar exausto de excitação sugando o seio, sentindo o vago movimento de excitação dela acariciando sua cabeça. Em alguns anos então ele cresceria bastante e cuidaria de Fran. . . uma vez que a coisa que estava para acontecer a Whit na ponte ocorreria por causa de suas bebedeiras.

O brinquedo favorito de Robin no momento era uma boneca-dançarina que Whit fizera para ele. A boneca sem forma tinha uns trinta centímetros de altura, os ombros, quadris e joelhos presos conjuntamente por pequenos pregos. Uma volta da vara de madeira presa no meio das costas da boneca fazia-a pular e dançar, os pés grandes e desajeitados dando pancadinhas secas na superfície da escrivaninha de Robin. À noite, no entanto, ele ficava mais deprimido do que alegre — a boneca fazia-o lembrar-se demais de Brian.

Largou o brinquedo e foi para a cama, bocejando, pela primeira vez em muitos meses, para visitar suas próprias qualidades, pensar sobre a corrente que se partiu inteiramente sem ser derretida ou cortada, sobre o toque de sino de 4 de julho e sobre os novos talentos que vagarosamente ia desenvolvendo: a capacidade de ver, apenas tocando alguém, pedaços e trechos do passado e do futuro terrestre dessa pessoa.

Robin sabia que havia centenas e talvez milhares como ele, não por contato real, mas através de ondas cerebrais, um sismógrafo mental, que não chegavam a ser uma visita. Mas não podia apenas descobrir coisas e continuar visitando sem saber quem pretendia ver, sem saber exatamente onde encontrá-lo. Havia uma regra difícil e fixa: uma vez fora do corpo não poderia ficar vagando sem rumo. Era muito mais perigoso do que pedir carona numa estrada deserta no meio da noite e podia levar a terríveis perturbações. Ellis Tidrow julgava que podia imaginar os horrores de todos os demônios do inferno, mas um só olhar para as criaturas que enxameavam no éter (que era ao mesmo tempo espaço e fonte da própria vida), bem adiante do alcance dos limites normais dos sentidos, levaria Tidrow a um estado de permanente e aguda insanidade.

Elas afugentavam Robin e o assustavam. Durante suas primeiras tentativas de visitas de curta extensão, ele aprendeu a ignorar as criaturas. Era fatal ser intimidado pelos seus gritos e ataques ou por seus sedutores protestos de amizade. Instintivamente compreendeu que elas não poderiam causar-lhe dano físico ou romper o fio de cintilante luz azul que ligava sua alma a seu corpo, mas podiam enfraquecê-lo pelo medo ou seduzi-lo com bajulações, ocupando o corpo adormecido. Uma vez instaladas nele, nunca o deixariam voluntariamente. E tais hóspedes o aterrorizariam.

Apesar de ter ficado desapontado em muitas visitas anteriores, ele sabia aonde queria ir aquela noite. E então subiu, maravilhado, como que flutuando; preparou-se, oscilando acima dos raios da lua dentro de casa; equilibrou-se, mãos flutuando, sentindo o peso só nos calcanhares pelo pensamento na carne, não propriamente carne, mas um pé torto com desejo de pairar acima do fatigante mundo. Deu impulso com as pernas mais uma vez e passou por cima dos que dormiam na casa, uma respirando quieta e levemente e o outro se sacudindo com suas febres noturnas e Pentecostes; atravessou o telhado, os ramos das árvores e folhas esvoaçantes, e seguiu na direção leste; passou pelo corvo barulhento da noite anterior e pela coruja escondida, transportado pelo ar como uma chama de estática sobre a corrente de um rio pedregoso, a última queda azul da montanha. Atravessou planícies de fantasmas dançantes e lugares com muita coisa estranha, onde criaturas semelhantes a lobos se atiravam para a lua e caíam num banho de sangue de frustração.

Os cães feiticeiros examinavam-no com os caninos à mostra e a língua de fora. Mágicos negros com asas com raios de sangue e lentas patas falavam em sussurros tão finos como línguas de víboras. Ele viu incubos e súcubos. Viu um gnomo disforme como um rim frito.

Robin encontrou paz em infinitas profundidades de luz; sentiu a palpitante sensação de sua alma gêmea como a pesada pulsação de uma veia na parte externa do corpo do verão não surgido. Quando estava preso ao corpo, ia direto para ela, dormia na cama dela, perto da ponte.

Ela jazia de costas, respirando com um sussuro entre os lábios, a mão descoberta agarrando a roupa estراçalhada. A parte superior do pijama estava meio desabotoada e enrascada. Nenhum atrevimento naquele corpo de dez anos, somente a suave situação crítica da adolescência, mamilos chatos e marcas comuns de vacinação. Ele se alegrava vendo sua atenção para ouvi-lo e seu olhar desprotegido. Mas ela não o conhecia, embora o gato na saliência da janela tivesse levantado a cabeça, olhos como ouro polido à luz que vinha do corredor. Robin formou pensamentos insistentes para comprovar o esquecimento dela.

"Gillian!"

Ela se moveu, apertou a roupa mais fortemente e murmurou qualquer coisa irritadamente, mas não conseguia abrir os olhos e tomar

conhecimento dele. Robin circunvagou o olhar pelo quarto familiar, onde ele brincava freqüentemente poucos anos atrás — antes que de forma inexplicável crescessem isoladamente. Ela possuía uma porção de coisas que ele admirava, particularmente uma sólida caixa de metal de correio, salva de uma demolição de uma velha estação de estrada de ferro da Pensilvânia. Gostava do teatro de marionetes e da confortável cadeira de balanço de madeira. As poucas bonecas dispostas em caixas não lhe interessavam, naturalmente. Por contraste, seu próprio quarto tinha sido sempre tão sem interesse. Quando Gillian o visitava, preferiam brincar fora de casa, nos floridos pequenos vales e nos declives em volta de Lambeth, Virgínia.

"Gillian, pare de fingir! Você sabe que sou Robin. Quero apenas conversar, é tudo. Há uma porção de coisas que preciso contar a você."

Ele estava atravessando uma passagem muito estreita. Mas ela se curvou sobre o estômago, ainda dormindo, apertando a roupa. Robin estava bastante zangado para desejar que estivesse dentro de seu corpo. Ele poderia bater tão fortemente em seu peito que ela pularia imediatamente da cama.

"Por que você não me visita mais? Ou não me deixa visitá-la? Ande, Gillian, isso é tolo. O que eu faço você também pode fazer. Você é minha irmã..."

Mas a menina não atendia, quieta, e talvez esse fosse o problema. Ele se casara com ela, fora seu pai e a amara de outras maneiras durante muitas outras vidas anteriores, e o projeto dessa vez era serem irmão e irmã, somente com batidas do coração separadas na hora do nascimento, uma unidade refletida num espelho. Mas alguma coisa saiu errada com o feto no ventre comprimido. O cordão umbilical ficou apertado de maneira sufocante em volta do pescoço e Robin foi forçado, justamente uma hora antes do nascimento, a localizar um outro corpo, para que ele e Gillian pudessem nascer enquanto as conjunções astrais e o eclipse solar estivessem em plena força.

Apesar de serem mais gêmeos psíquicos do que sangüíneos, houve contudo pouca diferença durante os três primeiros anos de suas vidas. Através de constantes visitas eles permaneceram praticamente inseparáveis. Então Gillian começou a rejeitar os poderes com que tinha nascido e a rejeitá-lo também.

"Não é direito agir assim, nem é bom para você", ele pensava atrevidamente. "Tenho necessidade de você. Não há ninguém mais a quem eu possa dizer... coisas." Chegou finalmente a um estado de ódio. "Dane-se, Gillian! Não vou ficar a noite toda flutuando. Vou-me embora."

Ela não demonstrou se havia ouvido ou se estava fingindo. Robin pensou ao partir: "Você vai precisar de mim algum dia; espere e verá". E então foi embora aborrecido, olhando duas vezes em direção à sua cama fria e de colchão grosseiro.

Gillian suspirou, mexeu-se e mudou de lado na cama, atirando o panda de pelúcia no chão, agitando as mãos e os pés magros e bronzeados no lençol amarrotado, sonhando agora superficialmente, nova demais para se dar conta de que poderia ferir o coração de alguém.

Seis

Às quatro e dez de uma sombria tarde de Natal, os últimos trabalhadores entraram no vagão e afastaram-se da cidade de Bradbury, Maryland.

Ondas de cristas espumosas eram visíveis a milhas de distância na baía de Chesapeake e o vento de sudeste espalhava partículas de neve, embora o observatório não tivesse predito um Natal branco para Bradbury! As árvores artificiais de Natal, exageradamente verdes, estremeciam com cada uma das rajadas do vento. Um dos ornamentos de metal voou e foi se afastando quarteirão abaixo, parando em frente da estação da estrada de ferro, onde três novos carros para viajantes mensalistas aguardavam a partida às quatro e trinta e sete.

O iridescente ornamento do tamanho de uma laranja atraiu a atenção de uma velha e grande águia implume que pairava alto acima da estação. Eram raras nesses lugares; essa era velha e esquecida. Um reconhecimento errado a tinha trazido de volta para o que fora um vasto pinheiral que abrigava as aves e bom terreno para caça. A águia fazia círculos mais baixos, iluminada pela cúpula da estação. Uma inspeção de mais perto foi suficiente para mostrar-lhe que não havia nada de bom para comer. As ruas tinham um aspecto notoriamente limpo, livre de entulhos, de sobras de comida que atraíam os pequenos pássaros e roedores com que a águia se alimentava quando os patos pretos eram escassos no estuário ao norte.

Abriu as asas novamente e voou sobre um táxi azul, atirando-lhe, quando passava por cima, umas gotas calcárias. Voou baixo, passando pela loja de departamentos, farmácia, banco e cinema, não vendo outra coisa senão seu próprio vulto elegante refletido nos vidros das janelas. Mas estava escurecendo e era difícil ver mais coisas, porque ainda não havia iluminação em qualquer parte da cidade. A águia sobrevoou o silencioso município, o quartel de bombeiros e a escola, onde o ônibus escolar esperava de portas abertas. Então já estava fora de Bradbury, distante dos trilhos da estrada de ferro e da cerca de quase quatro metros de altura de arame farpado.

A águia pressentiu, antes que tivesse visto, a frota de helicópteros voando baixo, vindos do oeste, e ganhou altura imediatamente, dirigindo-se para recantos inabitados, onde construía seu ninho. Muitos homens viveram durante anos em Chesapeake sem ter conhecimento dessa espécie. Poucas dessas águias implumes haviam nascido ali ultimamente; as toneladas de pesticidas e outros fosfatos inorgânicos despejados a oeste da baía por Agnes em 72 tinham tornado a situação dos seus ninhos a mais crítica possível. Muitos ovos inutilizados foram abandonados. Nasceram pequenas águias deformadas, incapazes de sobreviver mais do que uns poucos dias.

O helicóptero de comando voava sobre o arame farpado a uma altitude de uns quarenta metros. Tinha acomodações para uma dúzia de passageiros, mas somente cinco homens estavam a bordo além da tripulação.

Dois dos homens tinham sido responsáveis pelo planejamento e construção de Bradbury, Maryland, um trabalho que fora executado quase no tempo previsto, exatamente um ano.

Dois outros eram guarda-costas do quinto passageiro, um homem com um só braço, chamado Childermass, que se levantou da cadeira de couro quando quatro helicópteros, grandes e barulhentos, faziam uma curva lenta sobre a cidade. Havia contornos de montanha-russa na sua testa. Um olho cinza era maior do que o outro e sua boca tinha o tamanho de uma casa de botão. O cabelo louro escorrido nas costas parecia tão duro quanto a crista de um furioso pássaro alcedinídio. O conjunto disso

tudo formava uma face estranha e desordenada, redonda e desolada como a lua.

Ele estava sendo observado atentamente pelo arquiteto e pelo construtor. Quando o helicóptero terminou de fazer a volta, Childermass sentou-se de novo em seu lugar e apalpou o toco do seu braço esquerdo. Há oito meses que não cicatrizava convenientemente e estava exigindo outra vez uma pequena intervenção cirúrgica. O braço tinha sido quebrado numa noite chuvosa em Washington, depois que um plano cuidadosamente concebido tinha falhado. A ausência do braço freqüentemente lhe causava aborrecimento, mas não tanto quanto a lembrança da humilhação que havia sofrido.

— Bem — ele disse erguendo a mão —, vamos ver o quanto vocês são inteligentes, rapazes

Uma máquina igual a uma calculadora digitai portátil foi entregue a Childermass; colocou-a no colo, pegou um código com dois dedos e olhou outra vez para fora da janela. Agora estava quase que completamente escuro. Durante dez segundos não aconteceu nada, mas num depósito de concreto subterrâneo em Bradbury um computador que estava parado começou a funcionar e a emitir ordens. As rodas giravam lentamente na estação geradora e de repente foram aceleradas até provocar confusão.

Em toda Bradbury as luzes se acenderam. A árvore de Natal na praça subitamente ficou deslumbrante; podia ser vista a quilômetros de distância através das planícies dos terrenos de prova de Aberdeen. Quatro sinais de trânsito mudaram do vermelho para o verde e voltaram de novo para o vermelho. Telas de televisão na vitrine de uma loja projetaram imagens enviadas por cabograma. No cinema, um projetor de dezesseis milímetros começou a mostrar Marlon Brando em *O chefeão*. O trem das quatro e trinta e sete deixou a estação em tempo e começou seu circuito de dois quilômetros e meio do lado de dentro do arame farpado, com duas outras paradas planejadas antes que voltasse à estação da praça. O ônibus escolar fechou as portas e tomou rumo leste, até alcançar a encruzilhada com passagem de nível, parando ali enquanto passava um trem a mais de trinta quilômetros por hora. O táxi azul dirigiu-se para o banco para a lavanderia automática e, então, para o quartel de bombeiros, ultrapassando o carro de polícia e um caminhão de entregas, que faziam, também sem

motorista, planejados circuitos em Bradbury, Maryland. Músicas natalinas enchiam o ar, mas qualquer um que estivesse nas ruas teria dificuldade em ouvi-las por causa da repercussão das hélices dos quatro helicópteros circulando no alto.

No helicóptero de comando os dois homens que tinham se recuperado de um esgotamento no ano anterior abriam champanha e gritavam. Childermass sorria com a boca apertada e formando uma elipse.

— Este é o maior conjunto elétrico que se conseguiu realizar — ele disse.

Como não estavam entusiasmados, foram polidos, mas um tanto constrangidos. Childermass não se deu ao trabalho de explicar.

Depois de alguns dias, enquanto melhorava da febre alta e dormia constantemente, Gillian ficou ciente, nos momentos em que acordava, de que todos os que se aproximavam dela usavam roupas protetoras hospitalares, toucas e máscaras, e os que a tocavam só o faziam com mãos enluvadas. Mesmo seu pai e sua mãe apareciam de máscara, embora não estivesse certa de que realmente os tinha visto; seus olhos não podiam fixar-se por muito tempo e parecia estar pasmada com todos aqueles rostos através de uma perturbadora turvação causada pelo visor de polietileno da tenda de oxigênio. Era difícil também ouvir; as vozes eram abafadas pela leve aspiração de oxigênio dentro da enorme tenda e por um persistente e vibrante som de campainha nos ouvidos, igual ao som de um violino montanhês quando a corda é tocada de um certo modo; era agudo mas musical.

A encenação e a óbvia seriedade de todo o serviço médico e de enfermagem deveriam perturbá-la; estava num hospital e havia sofrimentos a suportar, instrumentos, agulhas, termômetros retais e o resto, mas Gillian estava apática. Tentar imaginar o que lhe tinha acontecido era cansativo. Era melhor dormir.

Sem qualquer transição, ela se viu consciente. Gillian encontrava-se fraca, mas tinha completa noção de um outro quarto, em semi-escuridão abrandada por um feixe de luz da lâmpada num canto do teto. Sua visão estava perfeitamente clara e a tenda de oxigênio tinha sido substituída por uma cânula nasal. Sentia uma dor latejante na mão direita e virou a cabeça

nos travesseiros empilhados. Seu braço estava preso na beira da cama com fita adesiva e as costas da mão estavam inchadas no lugar em que lhe tinham inserido agulhas na veia. Havia bonitos ramos de flores no parapeito da janela. Entre as janelas havia uma pequena árvore de Natal disposta numa mesa, cercada de presentes enfeitados com fitas.

Gillian recuperou a voz.

— Fe... Natal — murmurou, sem se dirigir a alguém particularmente.

Uma enfermeira espadaúda e de olhar severo por trás dos óculos aproximou-se da cama. Uma pequena placa azul e branca com o nome estava presa no peito: Sra. D. Ombres. Exatamente atrás dela estava a avó de Gillian — Vovó Min, que passava a maior parte de seu tempo em Palm Springs. Estava queimada de sol, curtida e bem lustrada como uma peça de mobiliário fino numa galeria.

Gillian ficou satisfeita e admirada de ver Vovó Min.

— Ei — ela disse, mostrando um ar alegre. — Esse resmungo enferrujado, essa coisa é a voz dela? — Falar era uma estranha habilidade que teria de aprender de novo.

A enfermeira tomou o seu pulso. Vovô Min deu a volta pelo lado direito da cama.

— Alô, Gil. Como se sente?

— Uma espécie de. . . letargia, e. . . cheia de sonhos, eu acho.

Gillian estava com os lábios secos. Min apanhou o jarro de água e então Gillian pôde beber. . . através de um canudo. Depois que bebeu bastante água, perguntou as horas.

Min olhou para um minúsculo mostrador afundado numa caverna de diamantes.

— Nove horas e vinte minutos.

— Não, quero dizer. . . — Gillian olhou para a pequena árvore de Natal muito reta e para uma bandeja com cartões de boas festas que estava embaixo.

— Ah! Estamos a 27 de dezembro, Gillian. O ano está quase terminando.

— É? Quando eu. . . quanto tempo estive. . .

— Trouxeram você para o hospital no dia 21. Está fazendo uma semana.

A enfermeira Ombres sorriu e soltou o pulso de Gillian.

— Sem febre — disse.

— Transportaram-me?

— Lembra-se de alguma coisa? — Min perguntou, derrubando o volume de sua pequena enciclopédia e sentando-se na beira da cama. Gillian fez uma careta.

— Perdão. Foi a mão do soro?

— Hum.. . Bem. . . Larue passou a noite comigo. Lembro-me de que fomos fazer compras. Fomos ao cinema. Não me lembro da fita. Então eu me recordo de. . . doutores. Enfermeiras. Iodo mundo usando máscaras iguais a. . . estavam todos com medo de respirar perto de mim? Minha cabeça. . . queimando. Estou muito doente?

— Você esteve muito doente, que susto, uma espécie de perigoso micróbio tropical, assim pensaram, então, como precaução, puseram você isolada por alguns dias, quatro apenas. Concluíram que era gripe. Uma das novas cenas terríveis. Não muito comum nos Estados Unidos, graças a Deus. Apenas um caso em mil ataques é tão sério como foi o seu.

— Quanto tempo esteve aqui, vovó?

— Quando Katharine me chamou, vim em vôo direto. Todos nós temos feito turnos para ficar ao seu lado, desde que você foi posta em isolamento. E naturalmente você teve enfermeiras as vinte e quatro horas de cada dia. A Sra. Ombres foi uma de grande resistência. Suponho que ela saiu depois de tirar a temperatura, é essa a hora, mas sua temperatura esteve quase normal nestas últimas vinte e quatro horas.

— É. . . um real engano sobre o carro dela.

— Como é isso? Estou ficando um pouco surda, mais surda deste ouvido.

— Seu carro. . . todo arrebitado. Não foi acidente. Que tipo de criança. . . poderia usar um martelo num carro novo saído da fábrica? Por que ele a odeia tanto?

— Suponho que você deve ter ouvido nós falarmos a esse respeito. O jovem é alguém que ela andou tentando ajudar, por sua extrema bondade. Que façanha ele realizou! Ela está inteiramente abalada com tudo isso.

Gillian já sabia disso, embora não estivesse muito certa de como tinha conseguido saber do caso do carro novo da Sra. Ombres ou do complicado e rancoroso menino que ela havia abrigado em seu lar. Mas,

enquanto silenciosamente contava as pulsações de Gillian, a enfermeira havia comunicado a ela sua infelicidade, a traição de uma amizade que feria mais do que os estragos do carro. . . Gillian repentinamente se viu pensando em outras coisas.

— Quem morreu? — ela perguntou.

— Podia falar um pouco mais alto, Gillian?

— Você. . . foi a um enterro. Um pouco antes de ter deixado sua casa.

Min balançou a cabeça.

— Uma velha e querida amiga. Mas como você soube da morte de Lucille?

— Eu ouvi. . . a música neste momento. Cheirava a flores. E. . . posso vê-la. Vestido de seda. Não é? Seda cor de pêssego.

Min afastou a mão do rosto de Gillian, sorrindo tanto que as gengivas ficaram à mostra.

— Sim. Ela... Não me lembro de ter falado a alguém sobre o...

— Não precisa me dizer — Gillian falou um pouco irritada. — Posso ver. Câncer?

— Sim. Quem diria que um grande tumor canceroso acabaria com Lucille? Deus, ela era robusta! E tão cheia de vida; jogava tênis aos setenta anos. Costumávamos pilheriar o tempo todo, enquanto amigas iam se acabando como moscas em volta de nós.. . "Eu não", Lucille dizia. . . . "um câncer não se atreveria."

Gillian sorriu levemente e fechou os olhos. A Sra. Ombres voltou com uma injeção. Min levantou-se da beira da cama.

— Vou telefonar para Avery e Katharine e dizer-lhes que você está indo muito bem.

A Sra. Ombres puxou as cortinas que protegiam a doente enquanto era atendida. Min olhou para o telefone, mas todo aquele canto do quarto ficou de repente sombrio. Em vez de telefonar logo, entrou no banheiro para refrescar-se. Olhando-se no espelho, teve um choque. Seu olho esquerdo estava se enchendo de sangue, vermelho como tomate. Já tinha se submetido duas vezes a cirurgia com raio *laser* para corrigir essa fraqueza dos diminutos vasos sangüíneos da esclerótica, a última há quatro meses.

Alguém poderia fazer alguma melhor uma outra vez? Min não se lembrava de ter tido uma hemorragia tão forte. Não havia um perigo imediato, mas o olho estava disforme e ela odiava usar tapa-olho fora de casa. Abaixou a cabeça, evitando olhar mais uma vez para o espelho. As mãos tremiam enquanto as lavava.

A leste da vila de Long Island, em Beach Meadows, Hester Moore entrou na estrada da enseada. Eram quatro horas da manhã; à luz dos faróis do Maverick alugado, a neve úmida caía como pequenos pára-quedas. Nenhum carro tinha vindo dela, desde que deixara a estrada 27-A, há mais de dez minutos; não obstante, quando alcançou a entrada cercada de cedro da casa de Nally, por via das dúvidas, fez uma curva rápida para a estrada da enseada, diminuiu as luzes, encaminhou-se cuidadosamente para a casa de verão fechada, deu uma volta, e só então apagou os faroletes, desligou o motor e instalou-se para esperar o terceiro dos intervalos de dez minutos de vigilância combinados.

A espera para encontrar Peter era extremamente decepcionante; Hester teve dor de cabeça de tanta tensão durante todo o tempo em que dirigiu, e o medo, não de ser seguida mas do que precisava fazer quando chegasse ao esconderijo de Peter, tinha-a levado às lágrimas. Sabia que estava ficando uma louca histérica e estúpida. Por que não podia continuar guiando e acabar com isso?

A casa de Nally ficava acima da estrada. De onde Hester esperou, podiam ser vistas as poucas luzes espalhadas na baía de Meadows e uma boa parte da estrada da enseada. Se alguém tivesse vindo atrás dela, ela veria os faróis logo que o carro deixasse a vila. Mas estava absolutamente certa de que não fora seguida, pelo menos desde o aeroporto. Perdeu horas executando ordens de Peter, talvez instruções fanáticas. Sair do avião no último instante possível, enquanto seus esquis seguiam para Denver, deve ter sido suficiente para confundir mesmo o mais diligente dos perseguidores.

Hester passou os lentos minutos batendo vivamente na parte inferior do queixo com as costas dos dedos, um exercício próprio para remover dali alguma papadinha. Era praticamente a sua única falha física, exceto

um pouco de leve acne facilmente removível. Seus cabelos eram negros como piche e podia usá-los de uma dúzia de maneiras encantadoras; tinha olhos escuros, parecendo botões, de expressão confiante, e notáveis lábios vermelhos, que podiam ser divertidos ou impudicos, dependendo de seu humor.

No momento os lábios estavam frios e comprimidos. Fazia muito frio no pequeno carro com o motor desligado, mas Peter disse que deviam manter-se atentos ao máximo para perceber, parados a dois quilômetros de distância, o som de um motor de automóvel; mesmo que o carro estivesse escondido, poderiam detectar o calor do motor a uma distância de várias centenas de metros com um dispositivo para imagem térmica. Ele conhecia essas coisas; mas algumas vezes deliberadamente procurava assustá-la exatamente para que tivesse mais cuidado.

Hester olhou para o mostrador do relógio de pulso; já se tinham passado nove minutos e ela julgou que era suficiente. Pôs em movimento o Maverick que tinha sido reservado e posto à sua disposição uns poucos minutos depois que deixou o avião para Denver. Não haveria tempo para o locador do carro avisar um caroneiro, e ela dirigiu para cá e para lá na via expressa de Long Island inúmeras vezes, a fim de desbaratar hipotéticas equipes. Essa parte tinha sido excitante. Adorava dirigir em alta velocidade, apesar de ter preferido seu pequeno MG para súbitas arrancadas das filas externas do tráfego. Houve algumas "fehadas" na estrada LIE à noite mas o divertimento tinha terminado. Parecia tão fútil, desesperado e paranóico, agora. E que iria dizer a Peter?

Quase cinco quilômetros adiante, na estrada da enseada, os faróis do Maverick iluminaram a linha de dunas ondulantes e ela apagou as luzes antes de entrar na estrada cheia de sulcos que ia ter à casa. A neve caía espessa e rudemente, vinda da direção norte, quando desceu do carro; apertou a bolsa a tiracolo contra as costelas e saiu correndo para o alpendre.

A casa que havia tomado emprestada de Connie Sepoy era resistente como as dos velhos tempos e tinha uma aparência comum externamente; por dentro, o marido de Connie, que era arquiteto, esvaziou-a e simplificou-a até que se tornou basicamente um espaçoso cômodo guarnecido com vigas, imponente como uma igreja, com janelas impressionantes como uma galeria superior de igreja ogival, balcões para

dormir, arenas para divertimentos e palestras e um enorme espaço circular para refeições em volta de uma cozinha ilhada. Apenas umas poucas peças de mobília maciça. A casa estava bem protegida contra as tempestades, o alpendre da entrada funcionando como uma câmara de vácuo ou compressão. Hester estava muito tranqüila ao entrar. A luz de um lampião de gás iluminava fracamente o andar térreo. Parou para acostumar-se à escuridão. Vendo que Peter estava dormindo desajeitadamente de braços em um dos balcões, foi cautelosamente para um espaço livre de cadeiras. Já estava semidespida antes de alcançar a cama. Só então seus olhos se adaptaram às sombras noturnas da casa. A cabeça de Peter parecia surpreendentemente escura contra o travesseiro. A fórmula grega que comprara para ele devia ter produzido seus efeitos. Hester tirou o pijama e, num excitação freqüente nela, apertou os seios, levantando os bicos. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Moveu-se mais para perto e curvou-se para tocar a cabeça adormecida.

Para seu horror, sentiu o couro cabeludo estranhamente mole entre seus dedos, sentiu o frio mortal por baixo da cabeça, ornando consciência no mesmo instante de que não o tinha to visto respirar sequer uma vez debaixo das cobertas.

Com um grito mais rouco do que alto, ela pulou da cama e pisou num ossudo pé descalço atrás dela.

— Hester!

Ela se virou com os braços levantados para se proteger e viu os profundos sulcos e ângulos da face dele, iluminada pela distante luz azul do lampião de gás; olhou para a cama, para o objeto preparado com uma pedra redonda da praia, cabeleira postiça e membros de boneco. Por um rápido momento, enquanto se encostava nela para tranqüilizá-la, Hester quase o empurrou. Então bufou, depois calou-se e explodiu em lágrimas, e caiu pesadamente como morta nos braços dele.

— Hester, desculpe-me. Não posso arriscar-me.

— Você pode confiar em mim! Não sabe disso agora? Eu apenas queria. . . encontrar-me com você, fazer tudo isso bem, de qualquer modo! Oh! Deus. . .

— Estava vigiando você — Peter sussurrou. — Está tudo bem.

Peter tirou um monte de coisas da cama e tranqüilizou-a, deitando-se com ela, mas Hester tinha perdido toda a sensação do seu corpo.

— Sei o que isso deve ter sido para você, Hester.

— Você não sabe. . . coisa alguma! — Mas tudo que Hester fizesse naquele momento seria desapaixionado, de coração cortado. Então, devagar, ela foi se acostumando e gostando do toque dos dedos dele bem no fundo, e no cantinho morno entre suas pernas, lugarzinho em que ela se derretia, derretia como um naco de manteiga em dia de calor. . .

Havia luz do lado de fora. Pode ser que tivesse cochilado. Hester virou-se e viu Peter deitado de costas. Tinha os olhos fechados e respirava profundamente. Ela olhou fixamente para ele, fascinada. Fazia pouco mais de dois meses que eles se haviam encontrado num restaurante cheio de gente, no leste. Peter pediu-lhe para sentar-se à sua mesa. Hester estava no meio da refeição. Olhou-o de modo hostil, mas ele era apresentável; apenas um pouco mal-arrumado, como um intelectual desempregado. Ela gostou dos olhos dele. Tinha que ir a uma aula de contabilidade na escola noturna e realmente não estava com bom humor para conversar. Mas havia uma coisa engraçada em relação a Peter; uma vez começada uma prosa com ele, mesmo que se tivesse uma objeção em mente, não se conseguia parar de falar. Seus olhos provocavam confidências, parecia mais acessível e simpático do que qualquer psiquiatra. Seria capaz de transformar uma estátua em uma tagarela disposta a um monólogo. Mesmo antes de terminada a refeição, Hester já havia decidido não ir à aula. E antes que a tarde se findasse I estaria confessando a si própria que fora tomada por uma paixão súbita por ele. Uma paixão que era agora uma coisa real, mortalmente real. . . Hester não percebeu que estava chorando até que suas lágrimas pingassem na face dele, adormecido.

— O que há de errado? — disse Peter abrindo os olhos.

— Peter, eu tentei. . . falar a você sobre o computador. Estou segura da facilidade do código... e. . .

Ele olhou para ela demoradamente, de um modo solene, não mudando de expressão.

— Peter. O computador diz. . . que Robin está morto.

Ela não suportava continuar de olhos fixos nele nem podia afastar seu olhar. A única alteração imediata foi um leve endurecimento, uma tranqüila mudança de direção de seus olhos, afastando-se da face dela, como se repentinamente não tomasse conhecimento da sua presença. "Nos dias passados", ela pensou com uma sensação de arrepio, "os portadores

de más notícias eram mortos." Houve uma mudança do ritmo de sua respiração, com uma irritação na garganta. Ele passou as pernas para o lado e saiu da cama. Vestiu velhas roupas para o frio com gestos rígidos, desceu e saiu de casa. Hester acompanhou-o pela casa, indo até o alpendre com o cobertor vermelho-ferrugem em volta dela. Lá ficou tremendo de frio e olhando enquanto Peter, desesperadamente desiludido, caminhava através das dunas que pareciam findar-se contra um céu cinzento salpicado de neve. Ela continuou olhando até que ele desaparecesse, procurando adivinhar, agora que uma parte dele tão necessária havia morrido, se algum dia voltaria

Sete

Depois que o jovem Dr. Newbold Jr. trocou o curativo de sua perna, Irene Cameron McCurdy preparou-se para fazer visitas.

Seu cabeleireiro fez uma viagem até o Washington Heights na véspera para pôr Irene em forma para o Ano Novo; Irene dormiu sentada na cama do hospital para preservar o penteado. Na luz da manhã que inundava seu quarto no oitavo andar do hospital, Irene estudou, refletida no espelho, aquela obra colorida, e achou a cor extravagante mas aceitável. Hedy tinha sido forçado a trabalhar com limitadas facilidades. Irene usou uma porção de base para encobrir aquele aspecto manchado pós-operatório, considerando o esplendor dos pijamas lápis-lazúli, despropositados, e que pareciam competir com os olhos. Uma enfermeira auxiliar ajudou-a a sair da cama para a cadeira de rodas. A perna estava doendo mas Irene tentava sorrir. Já havia passado por uma operação similar de extirpação de varizes na perna esquerda há dois anos e sabia como manejar uma cadeira de rodas, mesmo com a perna convenientemente suspensa bem em frente dela.

Irene escolheu, em uma de suas muitas caixas esmaltadas, braceletes e anéis com escudos que ela usava do cotovelo para baixo, ostensiva e agressivamente. De uma outra caixa ela tirou várias coisas e, enrolando-as, guardou-as todas juntas de novo. O grande álbum de recortes ela mantinha entre a perna sadia e a armação da cadeira. Então seguiu pelo corredor, com uma palavra carinhosa para cada um de seus amigos no andar. Estava diante da porta que ela discretamente ficara olhando na

noite anterior. A porta estava aberta uns poucos centímetros. Irene curvou-se um pouco na cadeira e bateu na porta. Não houve resposta. Excepcionalmente a menina estava dormindo, porque ninguém conseguia dormir ali depois das oito, com as rondas médicas, café da manhã e o vozerio da equipe de trabalhadores porto-riquenhos que falavam sempre muito alto. Irene julgava que o meio de se tornar conhecida no meio de tão grande família seria chamar atenção. . . Ela empurrou a porta e sorriu alegremente para Gillian, que estava sentada na cama ouvindo música com os fones nos ouvidos e desenhando notas num cartão.

— Posso entrar? — Irene perguntou, fazendo uma ridícula e diligente reverência. Ela não esperou por uma resposta de Gillian e encaminhou-se diretamente para perto da cama. "Mas que linda menina!", ela pensou com algum sentimento de patente inveja. A doença a tinha deixado com olheiras e naturalmente a febre a tinha feito perder alguns quilos, que seriam recuperados rapidamente na sua idade.

— Alô! Você é Gillian, não é? Sou Irene Cameron McCurdy, do fim do corredor. . .

Gillian sorriu esportivamente àquela intrusão e tirou os fones, desligando a música.

— Do fim do corredor. Sozinha esta manhã? Tive um bate-papo tão agradável com sua avó ontem à tarde. . . Espero vê-la de novo.

— Min teve que regressar a Palm Springs. Houve um certo atraso nos serviços de assistência social em que trabalha há um ano.

— Ela me falou tanto de você; queria vê-la na primeira oportunidade. Penso que temos muita coisa em comum.

— Oh!

— Não que eu possa propagar que seja dotada, apesar de que sempre estive certa de que tenho um pouco mais PES do que uma pessoa comum.

Irene observava Gillian profundamente. Era uma menina que agia muito prudentemente e que aprendera cedo nunca re-velar suas sensações a estranhos. Por isso sua reação era a de alguém que estava na expectativa de ser atirada logo aos caninos de uma cascavel. Irene cortou o assunto e calou-se sabiamente.

— Eu sei, eu sei, querida. Neste momento você prefere não falar porque sente que já falou demais, mas juro que não disse uma palavra a ninguém.

— Sra. McCurdy, não penso que. . .

— Irene. . . quero que confie em mim. Nesta ocasião. . . em que você virtualmente nasceu outra vez... você precisa de alguém que realmente acredite e se interesse por você. É por isso que estou aqui. Sou uma autoridade em. . . — Irene olhou duramente para alguém que passava pelo corredor e girou a cadeira para bem perto da cama, ficando face a face com Gillian. — Fenômenos psíquicos — ela disse. Abriu um pacote, tirou um livro com capa suja pelo uso e entregou-o a Gillian.

— Aqui está minha biografia de Peter Hurkos.

Gillian olhou para uma fotografia na parte de trás da capa do livro, em que se via uma Irene Cameron McCurdy muito mais jovem.

— Quem é Peter Hurkos?

— Um homem que teve um sério acidente anos atrás. Caiu de uma escada quando pintava uma casa e quase morreu. Quando acordou no hospital, descobriu para seu pasmo que tinha se tornado clarividente. Ele podia literalmente ver incidentes do passado e do futuro referentes a pessoas completamente estranhas!

Irene sorriu tentando encorajar a carrancuda Gillian:

— Era como se Hurkos. . . preste atenção a isso agora... pudesse sintonizar um enorme aparelho cósmico de televisão. Ele viu seu próprio filho em perigo num quarto pegando fogo, ele viu. . . mas tudo isso está no meu livro. Recomendo com insistência que o leia. Sua clarividência foi um resultado direto do choque que ele sofreu; em seu caso houve uma febre alta fora do comum.

— Que foi que minha avó disse para a senhora?

— Gillian, Gillian, você não deve perturbar-se. Ela me contou como você descreveu o enterro da amiga com tão extraordinários detalhes e houve também o caso da enfermeira cujo carro foi estragado propositalmente, e a outra enfermeira, aquela encantadora menina da Jamaica, que esteve dias com você. Ela não sabia que estava grávida até que você lhe disse. Oh! Somente uma verdadeira clarividente poderia revelar tantos pequenos incidentes, e aposto que há mais uma porção que você não mencionou! — Gillian olhou de modo imperturbável para fora da janela. — Penso que você deve ser uma pessoa muito especial de "nova gente". Mais e mais estão aparecendo a cada hora.

— Sra. McCurdy. . .

— Eyerene.^{1}

— Sim, senhora. Eu. . . estava possivelmente sonhando e não... quero falar a respeito com ninguém.

Irene disse de modo simpático: —

— Não ajudaria então saber que você não esta sozinha no mundo? Naturalmente tudo isso é novo e confuso; pobre Peter Hurkos, estava convencido de que estava perdendo o juízo. . . — Irene percebeu que tinha escolhido mal as palavras. Abriu o álbum de recortes:

— Acho certo que você não diga nada mais até que tenha entendido tudo isso como uma coisa realmente maravilhosa que lhe aconteceu. Oh! Penso assim! E você tem tantos companheiros, jovens exatamente da sua idade. E a encantadora meninazinha sul-africana que vê águas subterrâneas como uma nuvem embaçada e todas essas crianças que estão vergando pratarias e movendo pêndulos a um simples olhar, realizando de fato coisas fenomenais sem explicação. Por favor, não podia passar os olhos nesta história, Gillian?

Irene fez referência a um longo artigo de jornal sobre crianças japonesas, de cinco a quinze anos de idade, que estavam conseguindo resultados espetaculares de telecinesia sob condições controladas cientificamente. . .

— Deve haver efetivamente centenas desses casos, todos pertencentes a uma segunda geração do pós-bomba. E não é só isso que nos dá o que pensar; bem, o inexplicável é interessante, mas a capacidade mais significativa é a psicomетria. Se você quisesse, poderíamos trabalhar juntas. . . em experiências.

— Não — Gillian disse. — Não — e chegou quase a chorar. — Não importa o que seja. . . provavelmente passará. Não quero mesmo pensar nisso. E nesse momento tenho de aprender uma música — fechou o álbum de recortes e colocou-o bem como o livro, ao alcance de Irene. Pegou novamente os fones. Irene, sem se perturbar, deixou os livros onde estavam.

— Por que não fica com eles por enquanto? E esse álbum é o que há de mais recente. Tenho toneladas de material de pesquisa. Vou agora para o 819, Gillian, sempre que queira uma resposta ou duas...

Gillian ajeitou-se na cama sem comentários, ligando a música.

Irene sorria e afastou-se da cama. Deixou a porta de Gillian parcialmente fechada, como a encontrara, e continuou pelo corredor a caminho de seu quarto, cheia de energia e excitação esquecida das dores da perna. Acontecera exatamente como esperava; obviamente Gillian iria resistir ao fato de ser parte de um milagre. . . um estágio transitório sem precedentes no desenvolvimento da humanidade! Irene gostava dessa expressão e usava-a o mais freqüentemente que podia. Ficou então sentada, olhando fixamente pelas janelas as torres da Ponte George Washington, umas poucas quadras adiante.

Mais como uma naturalista do que como uma ocultista Irene esperou e observou aproximadamente vinte anos os primeiros sinais enigmáticos e atormentadores da "nova gente" se manifestarem. E agora finalmente estavam surgindo como flores silvestres depois de uma chuva de primavera. Mas que sorte tivera nessa triste permanência no hospital! Havia tantas questões fascinantes para serem respondidas, mas Irene sabia muito bem que teria de tomar cuidado com Gillian, que não devia ficar no hospital muitos dias mais. Tinha que ganhar a confiança da menina, estabelecer-se como um valioso guia para o médium em formação. Em relação ao passado, Gillian parecia assustada — talvez tivesse tido uma experiência má. Não era exatamente o tipo da pessoa ativa ou agitada, recebendo espíritos barulhentos ou uma ameaça em potencial; era uma visionária cósmica com acesso à fluência eterna da própria vida, os segredos indo e voltando. Devidamente encaminhada e motivada, poderia comunicar-se com o universo.

Irene fez uma anotação, e quando levantou os olhos ficou espantada com seu próprio rosto no vidro da janela. Mas não estava desanimada, como costumava ficar pela evidência dos anos, nem se lembrou da mal-humorada metáfora de Cocteau: "Olhe-se num espelho durante toda a vida e você verá a morte trabalhando como abelhas numa colméia envidraçada". Nesse dia Irene Cameron McCurdy tinha ouvido, contudo fracamente, a música das esferas e estava encantada.

Gillian sempre teve um real dom para imitar sons e imagens: com a idade de seis anos podia fazer os gestos das mãos de sua mãe à perfeição,

e atualmente, mesmo que ficasse por uns tempos sem ver e ouvir Streisand, podia representá-la com endiabrada exatidão, quase por necessidade. "Não acha que sou bonita? Bem, não precisa responder-me agora; por que não pensa nisso três ou quatro vezes?" Enquanto ouvia nos fones peças executadas por flauta, piano e violoncelo, a suave pressão das palavras que se formavam em sua mente não era muita, uma distração a princípio; era um pouco parecido com rádio ouvido tarde da noite, um som vacilante abafado por uma transmissão mais forte. Automaticamente começou a prestar atenção à voz, embora estivesse tão afastada no tempo que não podia reconhecer de quem era.

"Não estou bastante perto, Gillian. Preciso de ajuda."

— Não.

Mais parecia — Gil-yan.

Sentiu um formigamento de satisfação, percebendo claramente uma voz de menino; ainda não podia visualizá-lo. Poderia surgir a qualquer momento. Mas de um certo modo, percebendo a voz, tinha prestado atenção nas fracas palavras — o formigamento transformando-se perceptivelmente em uma sensação de frio —, que se aproximavam com muito mais poder, acompanhadas pela realidade de um *cérebro* que podia até afastar a música e tornar difícil qualquer esforço mental a não ser o conhecimento dele.

Sim, ele era real e agora se movia para perto como o começo de uma tempestade.

Gillian tentou afastá-lo aumentando o volume de *Vox Balaenae* e concentrando-se na partitura à sua frente.

Uma dolorosa e impetuosa insistência:

"Não, não, Gillian! Quero visitar. Esforce-se. Tente ver-me".

Ela se sentia especialmente mal, enquanto tranquilamente imitava a voz, os músculos da garganta se esforçando duramente por causa da abrupta mudança para uma vigorosa voz de barítono. Como era doce — a voz dele estava mudando. Gillian sentiu que a dominava perfeitamente, mas estava com medo de como adaptar-se à sua voz depois disso. Ela não queria visualizar como ele desejava porque isso poderia significar um colapso da mente, as aterradoras imagens sombrias da infância saindo publicamente do subconsciente. Gillian tentou comunicar-se com qualquer outra pessoa. A voz de contralto de Irene Cameron McCurdy era recente e com facilidade

ela faria uma excelente imitação dela — mas o menino realmente não queria largá-la.

— Necessito de ajuda para chegar até você. Novos divertimentos, Gil-yan. Quero ensinar a você... todos os novos divertimentos.

Gillian retirou os fones e pulou da cama rapidamente, o que resultou em tonturas e perda de equilíbrio. Caiu aos pés da cama e mordeu o lábio inferior com um afiado canino até que a dor lhe trouxesse lágrimas aos olhos, mas seu pânico serenou.

Podia suportar as vagas e rápidas imagens de vida e de morte nos sonhos e mistérios porque surgiam sem esforço e não a envolviam completamente; mas agora era diferente. Gillian sentiu que estava próxima do ponto da invisibilidade e do perigo de despojamento. Isso lhe provocou tremores. Subiam dos joelhos gelados, atravessavam os ossos e faziam pulsar o seu sangue na garganta e nas têmporas. Se ela ao menos pudesse sair desse maldito hospital. . . o telefone estava tocando.

— Gillian? Você está chorando?

— Oh! Larue! Não, estou apenas. . . Estou tão aborrecida, quero ir para casa. Estou contente por você ter telefonado.

Foi uma felicidade então agitar-se na cadeira e falar sobre escola, música e amigos e fazer planos para a ida a um baile e a um concerto; o riso, o único imperativo na vida de Gillian, surgiu facilmente enquanto conversava com Larue. Nunca tinha sido tão ardente sobre as coisas familiares e comuns de cada dia, mas mesmo durante a conversa sentiu angústia uma ou duas vezes, uma perturbadora sensação de imperfeição ou prejuízo, como as passageiras conseqüências de alguns namoros fracassados que tivera em sua vida.

Oito

Os convidados, já no complexo subterrâneo de Bradbury, Maryland, reunidos num quarto forrado de couro com desenhos Regência, prosseguiram em sua visita de verificação da facilidade de operações. Depois de terem sido servidos de charutos e conhaque, um homem barbado, muito magro, típico homem de publicidade, chamado Braintree, assumiu a direção da instrução.

Ele mostrou um corte da Sociedade Nacional de Geografia de um documentário televisado do corpo humano, exibido pela primeira vez a 28 de outubro de 1975 pelo Public Broadcasting System. Num laboratório experimental de treinamento sobre regeneração biológica, um jovem com eletrodos fixados na fronte controlava o movimento de um trem elétrico com suas ondas alfa — a velocidade do trem dependia do tamanho das ondas que a pessoa emitia.

— Uma experiência comum — disse Braintree. — Com um pouco de prática qualquer um de nós poderia aprender a fazer isso. Não são exigidos poderes mentais especiais. — A tela ficou branca. Um assistente trouxe uma mesinha com rodas revestida com um pano e colocou-a em frente a Braintree. Ele removeu o pano, deixando à vista um conjunto de esculturas feitas de ligas de metal. A maior era um cubo de vinte centímetros, com um profundo sulco numa superfície; uma outra parecia uma rosquinha manchada e a terceira poderia ter sido uma roda dentada mal-acabada.

— Estes mecanismos psicotrônicos simples foram feitos segundo modelos criados por Robert Pavlita, um desenhista têxtil tchecoslovaco

que afirma que sua inspiração teve origem nos diários de um alquimista do século XV.

Os convidados estavam ficando inquietos. Um professor de aparência agradável e que se chamava Byron Todfield fez a careta de esguelha e soprou anéis de fumaça para o teto. Um velho combatente, um estadista, um representante eclesiástico de muita importância pareciam aborrecidos. O quarto convidado, Boyd Huckle, que era mais valioso para o chefe executivo do que seus próprios frontais, devia estar cochilando enquanto o charuto despencava cinzas ainda flamejantes em uma das suas botas, cujo par teria custado trezentos dólares.

— Poderíamos suspeitar — Braintree continuou — que o Sr. Pavlita estivesse fazendo uma pequena brincadeira, mas não há que negar a eficiência de seus engenhos. Cada um tem a propriedade de acumular energia dos seres humanos, a tal ponto que pode funcionar como gerador, permitindo que a energia realize várias tarefas. Este aqui — e ele indicou o cubo — pode movimentar um pequeno motor elétrico por vários minutos. A roda dentada aumenta espetacularmente o crescimento das plantas. A rosquinha mata insetos colocados dentro de seu círculo.

— Não, meu senhor, porque eletricidade estática não age sob a água, mas este gerador consegue. A água sempre aumenta o efeito. Não é sua energia magnética ou mudança de temperatura ou qualquer coisa que não entendemos até agora. A forma de cada engenho parece dizer o trabalho que pode fazer. Por exemplo. . . filme, por favor.

O salão escureceu fracamente e viram um filme de trinta e cinco milímetros, realizado por um profissional, colorido, sob excelentes condições de iluminação.

— Foi realizado há um ano e meio no Departamento de Física na Universidade Estadual de Kazah, na URSS — Braintree explicou. — A pessoa que se vê é Petr K. Woronov, um conhecido especialista em física teórica que julga não possuir habilidades psíquicas.

O filme mostrava um pequeno cômodo sem janelas, vazio, tendo apenas uma mesa feita de acrílico claro. Numa das pontas da mesa havia um ventilador elétrico sem fio. Woronov, um gordo e espadaúdo homem idoso, que usava terno e camisa fechada no pescoço, aproximou-se da mesa, segurando o aparelho psicotrônico exatamente igual ao cubo que Braintree

tinha exibido para o grupo de Washington. Woronov colocou o aparelho do outro lado da mesa transparente. Dentro de poucos segundos as pás do ventilador começaram a girar; tornaram-se uma mancha avermelhada enquanto o ventilador oscilava suavemente. Algarismos brancos apareceram na tela — $1,2 \times 10^6$ unidades de força. A força requerida para fazer girar as pás do ventilador. A câmera zumbiu. O filme terminara.

— Esse era Woronov, está certo — disse Todfield, que trabalhava em informações. — E a câmera sempre mente.

— Só depois de comprovada sua validade a demonstração pôde ser exibida — Braintree replicou. — Nós a repetimos muitas vezes na faculdade para vários fins. As paredes da sala são de concreto com um metro e sessenta de espessura. As aberturas da câmera são de vidro resistente ao calor, de seis centímetros e meio de espessura. O dispositivo de óxido de magnésio e da mistura de alumínio e óxido metálico é um cartucho de tipo comum que gera uma temperatura entre mil seiscentos e cinqüenta e dois mil duzentos e cinco graus centígrados em oito segundos. A mesa é uma chapa de três quartos de polegada de aço puro. O gerador nesta prova, os senhores podem ver, parece uma grosseira figura pré-colombiana em bronze. Reparem o tipo de onda dos sulcos da cabeça do gerador. Este é o chamado tipo proeminente; a pessoa segura a figura com as mãos e volta os olhos para os sulcos, carregando então o gerador com sua energia vital, que místicos e investigadores conhecem sob vários nomes. Os antigos hindus chamavam-no "*prana*", para Paracelso era "*munis*", e Mesmer em seu trabalho referiu-se a um magnetismo animal. Correntemente pensamos na energia como uma energia bioplásmica ou psicotrônica. Incidentalmente, depois que uma pessoa carregou seu gerador, pode ser perigosa para qualquer outra que se encoste nela... pode resultar uma paralisia temporária. É realmente uma força muito poderosa. Oh! Senhores, nosso objetivo chama-se em código "capitão".

Mesmo Boyd Huckle, de sua posição confortável na poltrona de braços, estava prestando atenção agora, piscando fascinado e esquecido da ponta acesa do seu enorme charuto. Boyd tinha necessidade de óculos, mas recusava-se a usá-los.

— Por que sua respiração diminuía daquele modo? Onde é que ele está?

— No que chamamos, por razões óbvias, de "laboratório frio". O capitão não é afetado pelo frio. É benéfico para as transmissões e por motivos que só os nossos teóricos podem explicar.

O velho combatente limpou a garganta e disse asperamente:

— A que distância ele está do alvo?

— Um pouco mais de quatrocentos metros, senhor.

O filme levou-os novamente à sala de concreto. A câmera movia-se do gerador psicotrônico para o cartucho explosivo que estava na mesa de aço. Era evidente que não havia qual quer ligação física entre os dois.

O estadista disse hesitantemente:

— Então o que ele vai tentar fazer, a uma distância de quatrocentos metros, é descarregar energia do gerador, que por sua vez irá deslocar. . .

No momento em que estava falando, a tela brilhou com uma luz actínica, com total branqueamento da imagem. Somente o velho combatente viu, porque estava usando óculos escuros que o protegiam, quando a luz intensa clareou toda a sala e iluminava ainda por mais oito segundos e algumas frações, quando cessou o terrível fogo. Mais da metade da mesa foi consumida, deixando um resíduo esfumaçado; pingos de aço derretido em forma de aranha caíam no chão de concreto. Um frio pelo corpo. O estadista emitiu um som triste e enrolado como um radiador avariado. As luzes da sala se acenderam novamente.

— Ondas sonoras — o velho combatente murmurou. — Ultra-som faria isso. — Ninguém disse mais nada até que Boyd Huckle pediu mais conhaque.

— Lá em cima deve estar frio — ele disse. — É o melhor para nos fortalecer.

Ele ainda estava bebendo num cálice de cristal quando tomaram o elevador para a sala de espera da agência do correio de Bradbury e andaram do lado de fora sob um céu vazio de estrelas, do mais puro azul. O táxi sem motorista de Bradbury seguiu rua abaixo, atendeu a um sinal vermelho, e passou então pela estação, atravessando a quadra da agência do correio. O trem vazio chegou e parou com uma rajada de ar quente em todo o seu aço, um barulho de freios a ar. As câmeras de televisão controlavam o grupo de Washington, mas as pessoas que faziam parte dele não tinham consciência dessa vigilância.

O estadista olhou em volta como se alguma coisa estivesse afligindo seu pensamento.

— Conheço esta cidade — ele disse. — Quero dizer que a vi antes; enviei uma carta nesta mesma agência. Diabo, é apenas um lugar pequeno, não muito distante de Camp David, se não estou enganado. . .

Braintree sorriu.

— Está certo, senhor secretário. Lambeth, Virgínia. Nossos desenhistas cênicos, os melhores que Hollywood pode oferecer, duplicaram uma grande parte de Lambeth, tijolo por tijolo. Como também, tomamos emprestados alguns desses artefatos... O ônibus escolar, por exemplo, é o mesmo "capitão" usado para as viagens diárias para a escola.

— Qual a razão de gastar vinte e dois milhões de dólares numa réplica? — Boyd Huckle perguntou.

— Verossimilhança; um complemento planejado, o senhor poderia dizer. Seria mais fácil para o "capitão" enquanto desenvolvia o tipo de imaginação eidética, essencial para trabalhos com maquinismos mais complexos, que ter potencial psicotrônico... os computadores que controlam Bradbury, por exemplo.

— Estou desnorteado, Sr. Braintree. Que diabo é imaginação eidética?

— Imaginação. A capacidade de olhar um quadro ou objeto e reter uma impressão exata por minutos, horas ou mesmo semanas depois. Muitas crianças a possuem num grau surpreendente, mas infelizmente os métodos contemporâneos de educação impedem o livre desenvolvimento da imaginação; tão valioso instrumento para a expansão da percepção está embotado. . . Oh! Chegamos, senhores.

Um caminhão-reboque de carga, dirigido por um motorista, virou na esquina.

Era da marca Dodge, de cor azul e vermelha, com algarismos brancos pintados dos lados e no alto. Havia vários decalques de anúncio de velas de ignição e de aditivos para óleo. O carro tinha a aparência de ter circulado umas mil vezes no tráfego e ter batido nos muros..

Mas a coisa mais estranha no carro era a malha de cobre que o envolvia inteiramente, exceto os pneus.

— Que é isso? — o estadista perguntou com uma expressão apreensiva. Tinham-lhes prometido uma surpresa.

— Uma gaiola circulante Faraday — Braintree replicou. Os senhores estão familiarizados com esta noção, não é? Bem, em poucas palavras, a malha de cobre elimina a possibilidade de que o carro possa ser submetido a algum controle remoto, como aquele táxi lá adiante, ou o trem. A gaiola bloqueia toda transmissão elétrica. O carro foi adaptado para funcionar somente com máquina psicotrônica. Para concluir nossas demonstrações de hoje, nós pensamos que seria mais convincente a realidade do trabalho que está sendo feito na Faculdade Psi se déssemos um pequeno giro pela cidade.

— Continue — disse Boyd Hukle.

— Agora, esperem — protestou o estadista. — Não penso. . .

O velho combatente disse:

— Você quer dizer que pretende que entremos no carro sem motorista e. . .

Todfield bocejou, cansado, e desembulhou um pacotinho de pastilhas de hortelã para o estômago; então parou, pés afastados, mãos atrás das costas, odiando cada minuto que era obrigado a gastar sob o controle de uma empresa rival. O caminhão era parte de alguma coisa diabólica imaginada por Childermass, não havia dúvida, e Todfield estava certo de que ele iria parecer um maldito louco, não importava a escolha que fizesse naquele momento.

Braintree estava tentando valentemente tranquilizar todos eles. Trabalhadores tinham desengatado o reboque e estavam controlando com medidores possíveis campos magnéticos ou elétricos. A despeito de sua preocupação, Todfield estava intrigado. Ele se adiantou e examinou mais de perto o carro.

— Como se entra? — perguntou a um mecânico.

— Nenhum problema, senhor. Nós apenas tiramos a malha para abrir a porta, então a recolocamos. Estupidamente fácil lidar com ela.

— E como anda?

— Para os infernos se eu pudesse explicar como isso anda. Nós temos duas caixas de metal, seladas, onde os sistemas de ignição e gerador devem ter sido colocados. Há mais duas caixas de cada lado da

caixa de engrenagem que foi modificada. Não poderia dizer exatamente como é dirigido, mas estão envolvidas quatro notas da escala musical que ativam um dispositivo do tamanho dos meus dois punhos. É uma caixa de compressão computada, o senhor entende, como uma sanfona.

— Espero que você saiba tocar a minha música.

O mecânico riu, polidamente.

— Sou vivo, vi a tal engenhoca competidora, é uma espécie de bomba que está debaixo da tampa do motor. Mas os cientistas disseram que não, queriam o mínimo possível de modificações. O "capitão" esconde em si uma espécie de arma de fogo, todo aquele poder.

— Tem bastante idade para dirigir? — Todfield perguntou sardonicamente — Possivelmente não liga para isso.

— Ph! Sim, senhor, é um bom motorista. Quer dizer, se considerar que não dirige o veículo além de quinhentos quilômetros. — Todfield e o mecânico entreolharam-se, e o mecânico sorriu forçadamente. — Suponho que não deveria falar tanto, eu nem mesmo sei que tipo de autorização você tem.

— Não me reconhece?

— Não, senhor.

— Eu sou aquela "outra irmã". Em conseqüência disso, vou atrás do engenho

— Muito bem. Suponho que não há qualquer duvida em relação à segurança. Gostaria de subir?

Todfield acenou com a cabeça, pôs dois dedos entre os dentes e assoviou agudamente. Os outros pararam de falar e olharam para ele.

— Vocês, seus merdas de galinha, venham — disse Todfield.

Todfield e o velho combatente tinham recebido rádios portáteis; uma voz distante testou cada um para assegurar que estavam funcionando bem. O estadista carregava um rádio FM portátil que recebia com grande nitidez as transmissões das estações da área Washington-Baltimore.

Todos se espremeram dentro do Dodge e amarraram os cintos de segurança. Três deles se juntaram no assento de um banco traseiro, que tinha sido instalado num espaço vazio do carro especialmente para aquela ocasião; não havia assento atrás da roda dentada. Os dois rádios portáteis

estavam sendo testados ao mesmo tempo a intervalos de dez segundos, na mesma frequência. O rádio do estadista captava uma música de Bach.

— Senhores, espero que o desconforto não seja grande demais — Braintree disse, olhando para todos dentro do carro.

— Eu teria preferido sentar-me numa cadeira elétrica — disse Boyd Huckle.

— Distraiam-se com o passeio. — Braintree fechou a única porta que funcionava; a outra tinha sido soldada. A malha de cobre que os rodeava foi rapidamente baixada, pondo fim à comunicação pelo rádio. Tanto Todfield como o velho combatente experimentaram e tornaram a experimentar seus aparelhos. Nem um pio. O rádio FM estava silencioso como um túmulo. O estadista que estava sentado no meio do assento de trás abismou-se completamente.

— Fico pensando se tudo isso é necessário — disse o estadista.

Todfield olhou para trás; estava ficando levemente escuro e a rede de cobre dificultava a visão para fora do carro. Um outro carro apareceu na quadra, um Oldsmobile ou um Buick e Braintree entrou nele. O trem tinha deixado a estação e estava ganhando velocidade. O relógio do edifício do tribunal badalou cinco horas. O Dodge parou perto dele, disparou uma chispa atrás, mais fraca na frente, num silêncio que aumentava a aflição. O interior do carro cheirava a graxa, óleo e muito suor envelhecido. Mas ainda estava equipado com a cabina e deviam dar graças a Deus por isso, pensou Todfield. Particularmente porque não havia pedal para freio nem alavanca de câmbio. — Suponho que já tenham tocado a música para o acumulador e aquecido o motor, então tudo que tem a fazer é usar sua energia "eyedética"^{2} — e sua imaginação psicotrônica. Espero que esteja dizendo tudo corretamente, o que tem a fazer é tocar esse motor engordurado para a frente e andar movido pela roda dentada, fazer todas as curvas nos lugares certos e acertar nas freadas para não nos atirar num muro de tijolos ou em uma cerca eletrificada. . .

— Provavelmente só uma roda dentada para usar — Todfield murmurou. — De qualquer modo é muito complicado.

— Senhores, com o cavalo-vapor que está sob essa tampa, regulada em baixa rotação, a roda dentada está a bem mais de sessenta.

— Não é possível — disse o estadista — esse carro ser dirigido pela cidade a qualquer velocidade sem. . .

— Deve ter alguma espécie de ajuda visual — Todfield concluiu. — Provavelmente uma TV com minicâmara. Mesmo assim, de onde emite, é uma façanha para computador.

Estavam todos em expectativa, mas ainda ouviam pasmados o ruído surdo fracamente produzido pelo motor e sentiam a luz fraca da força através do fundilho das calças.

— Ajude-me, Jesus — disse Boyd Huckle com um tímido sorriso.

Os faróis se acenderam e os freios funcionaram suavemente; o carro foi chiando pelo quarteirão, passou pela obsoleta árvore de Natal. Os homens no carro foram atirados para trás nos seus assentos pela força da aceleração. Todfield sentiu o sangue circulando da cabeça para a garganta. O carro deu uma rabanada no primeiro cruzamento, como se não tivesse certeza de aonde queria ir. Diminuiu a marcha momentaneamente, então lançou-se em direção a uma farmácia no cruzamento. Todfield suspendeu os braços cruzados, mas o carro desviou-se do meio-fio, encostou-se solidamente nele com um dos pneus traseiros, moveu-se aos arrancos e inclinou-se em direção a um carro de polícia sem motorista, que entrava no quarteirão na conscienciosa repetição de seus circuitos diários.

— Está sem controle! — Boyd Huckle gritou. — O maníaco filho da puta não sabe que pode nos matar?

O carro voltou a andar direito, deixando o caminho do outro carro, e continuou rua acima até um sinal vermelho. Parou no sinal e ficou trepidando, abusivamente, cheio de força.

Com tal gasto de energia, Todfield só queria ver por quanto tempo o gerador resistiria. Seguramente nem mais cinco minutos; então o carro pararia na rua, o motor enguiçado, até que fosse rebocado e preparado para uma nova tentativa. Nesse momento.. .

Todfield pôde quase sentir o cérebro que os controlava, deixando o tempo passar, preparando alguma coisa realmente espetacular para impressioná-los antes que terminasse a volta. Ele viu, uns oitocentos metros adiante, o trem fazendo vagarosamente uma curva sobre os trilhos. A velocidade máxima do trem circular era de quase cinqüenta quilômetros por hora. Para o velho combatente no fundo do carro, já havia sido bastante, ele estava arranhando o cinto de segurança. Mas não podia ser retirado sem a ferramenta especial para abri-lo e fechá-lo; estavam praticamente todos eles desamparados.

O carro seguiu adiante quando o sinal mudou e foi aumentando de velocidade em direção ao trem.

Não", Todfield pensou, "não, não façam isso, pelo amor e Jesus Cristo, vocês ainda não estão suficientemente seguros quanto a isso!"

Deixaram a parte comercial para trás e atravessaram uma ponte metálica sobre uma lagoa margeada de plantas, e aí tornou-se devastadoramente óbvio que o carro estava apostando com o trem quem faria primeiro a travessia.

Trezentos e sessenta metros, duzentos e setenta metros. Esperavam o choque para aquele momento. Todfield vigiava os pequenos ajustamentos da roda dentada que mantinha o carro centrado na estrada. "E o que acontece agora se um gerador ou mais falham?" Não é possível tão repentinamente anular a lei de massa e momento. O carro ia fazer um feio e profundo rombo na parede do primeiro vagão. . . e então virar naquela pequena curva entre aquelas rodas triturantes.

Todfield quis agarrar a roda dentada, mas mal podia tocá-la com as pontas dos dedos. Ele compreendeu perfeitamente como fora feita a escolha dos lugares; dos quatro ele era o mais baixo e tinha a menor chance de alcançá-la. Sentou-se, sentindo-se completamente horrorizado enquanto o carro vencía os últimos cinqüenta metros para a travessia. E agora parecia que o carro estava um pouco mais vagaroso, perdendo sua insignificante vantagem sobre o trem.

— Vamos de encontro a ele — disse o estadista, não muito alto.

Como uma resposta, o som do motor mudou brutalmente, havia um novo aumento de força segundos antes de que qualquer coisa vital dominasse e parasse a transmissão, e então pularam os trilhos e ficaram uns poucos metros adiante do trem.

Ao mesmo tempo que o trem tinha corrido para uma parada, o carro ficara ao lado.

Trabalhadores rapidamente levantaram a malha e desamarraram os cintos. Bombas aéreas, chamadas castanhas, estavam sendo lançadas ao alto, seguidas de fogos de artifício ornamentais de várias formas que enchiam o céu com ramos de crisântemos. Alguém estava celebrando ou se exibindo com eles. O rádio FM emitia novamente os sons de uma música. O estadista deu dois passos, cambaleando, e atirou-se contra uma rocha. Então desmaiou e caiu de joelhos na estrada empoeirada. O velho

combatente estava chocado e de mau humor. O rosto de Boyd Huckle passava da cor de âmbar ao vermelho com as bonitas explosões no céu. Procurando com a mão trêmula um cigarro, olhava pensativamente para as luzes traseiras do trem que regressava à cidade.

Todfield movia-se com muito cuidado, entrando e saindo do carro, mas não deu atenção bastante ao seu crônico estômago doente. Vomitou nas calças e sapatos. Tapou então a boca com as costas da mão desajeitadamente e olhou para Childermass, que estava alguns passos atrás dele, numa alegria agitada.

A expressão naqueles olhos mal coordenados confirmou a suspeição íntima de Todfield de que aquele homem era um perigoso psicopata e ele blasfemou contra o desconhecido atirador que tinha arrancado um só braço de Childermass. . . Todfield teve uma gana assassina de acabar aquele negócio e levou tempo para descontraí-lo. Naturalmente não passava de um pensamento. Havia muito o que ver agora sobre a MORG; estiveram por toda parte, verificando as bases daquela administração com inseto de velório. E era de se esperar que Childermass chegasse mesmo a enforcar-se, com tal loucura, se bem que tivesse resistido momentos antes.

— Toddie, não acha que é muito inteligente? — Childermass exultava, vibrando com o espetáculo espalhafatoso, sua voz soando tremendamente estridente para ouvidos humanos.

Todfield, com arrepios, olhava em volta. Boyd Huckle aproximou-se dele. Boyd também não tinha boa impressão de Childermass. Tinham sido tratados como cobaias estúpidas e desprotegidas de uma inauguração, mas tinham que levar o negócio esportivamente.

— Você treinou muito antes de nos meter nesse passeio de carro? — Boyd perguntou. Fogos de artifício continuavam a brilhar e estourar acima deles e o magnésio queimado pusera-os a todos com cara caiada de palhaço.

— Certamente, Boyd. Planejamos isso até o último detalhe.

— Altamente tranqüilizante.

— Mas tínhamos de convencer. Que adianta uma demonstração se não é absolutamente convincente?

Havia uma mensagem pirotécnica cobrindo todo o céu, desenhada em rodas fulgurantes:

FELIZ
ANO NOVO

— Oh! Estou convencido — Boyd disse tranqüilamente. — Estou convencido de que você acaba matando aquele carinha de merda antes que ele provoque algum mal maior.

Nove

Eram três horas da tarde do dia de Ano Novo quando Hester Moore acabou de tirar o casaco preto e as calças pretas com fundilho gasto e ligou o ferro elétrico. Havia música na casa perto da enseada — música fúnebre de Nova Orleans, com pomposa música sincopada norte-americana repentina e paradas súbitas. Hester experimentou o ferro com a ponta do dedo mas não ouviu o estalido que indica que está quente. Ela abriu uma sombrinha preta e entrou no banheiro, onde Peter estava nu em frente ao espelho fazendo a barba.

— Dá azar sombrinha aberta dentro de casa — ele disse.

— Não sou supersticiosa. — Mas fechou a sombrinha e sentou-se na beirada da banheira de estilo romano para vê-lo barbear-se. O cabelo dele tinha as pontas bem viradas para fora e era de um tom marrom que combinava com a cor da pele, normalmente rosada; permaneciam apenas umas poucas listras brancas em volta das orelhas. Hester tinha aparado grande parte da cabeleira. Com pesados óculos e cachimbo e um calculado ar displicente, ele estava transformado. Um insignificante professor de economia da Universidade de Nova York. Ou um dos inteligentes jovens jesuítas na missa de um cardeal.

— Você sempre deu para gatunagem? — ela perguntou com admiração.

— Não, fui preparado cuidadosamente.

— Suponhamos que a porteira entre enquanto você estiver no andar superior pronto para saquear o santuário da boa velha Imaculada

Conceição.

— É um prédio muito velho e vai cair qualquer dia destes. Eu poderia começar a falar sobre suportes para as paredes, vigas e esteios. Eu desenharia diagramas até que ela se aborresse e se lembrasse de alguma outra coisa que teria de fazer. As pessoas preferem acreditar no que você lhes diz. Simplifica suas vidas.

— Acreditei em você quando me falou de Robin. Mas foi difícil de acreditar, quer dizer, de repente o lugar onde eu trabalhava me pareceu tão sinistro. Quanto tempo você me observou antes de decidir-se a arriscar-se? —

— Seis semanas.

— E desde quando confia em mim?

— Armei minhas ratoeiras. Eu era um grande pedaço de queijo cheiroso. Ninguém tentou tirar um pedaço.

— Não sei como teve nervos para fazer isso, depois de tudo por que passou.

O ferro já devia estar quente agora e Hester tinha trabalho para fazer, mas gostava de ficar sentada olhando para ele. Dentro de poucas horas ele iria embora e então poderia ficar muito tempo sem vê-lo outra vez... se ele pretendesse realmente voltar para ela.

Há três dias que ela estava certa de que o sucinto obituário do computador anunciara o seguinte:

"Paragon est 21hl5

ID — já visto

Para exposição visual

Ref — Sandza — fichado

.....

? Situação atual?

.....

Falecido; seguem detalhes

A 18 de junho de 1975, aproximadamente às 02-00

Robin Sandza caiu ou jogou-se no

rio leste perto do sítio Carl Schurz,

Park Vicinity East 86 Th St/ Quatro

testemunhas interrogadas pela polícia confirmaram razões semelhantes do acidente/O corpo não foi encontrado/ Em 19 de junho. Comunicação oficial do juiz investigador".

Peter estava ausente há horas enquanto ela tentava ler, tentava coser, cochilando intermitentemente. Quando finalmente ele voltou, semigelado, chuva frio escorrendo pelas faces, ela pôde ver, de um relance, que nenhuma prova da morte do filho seria suficientemente boa, tendo sobrevivido por sorte, bons nervos e obstinação em viver, ele provavelmente não teria acreditado se não tivessem mostrado a ele num caixão um defunto desenterrado.

Quatro pessoas tinham visto Robin mergulhar no rio em maré alta. Isso não era bastante? Hester decidiu que para ela era suficiente, mas não diria tal coisa. Peter era muito danado... mais do que ela supunha; uma verdade que não era bem recebida. Mas ele precisava dela junto a ele, não para falar não de um modo normal, apenas para tocar se ele quisesse. Ele precisava, numa tarde triste, da segurança de saber que não estava completamente só.

Sopa quente de legumes feita com carne e tutano; cerveja preta importada, à temperatura ambiente. Fogo de verdade não o doméstico aquecedor a gás, mas pesados toros com cinzas no chão, a fumaça ardida de madeira dura, as chamas fascinantes, sempre mudando. Sua cabeça estava no colo dele, as pontas dos dedos dele desciam em sua nuca.

— Você sempre soube que Robin tinha poderes mentais superiores?

— Não. Escondeu isso de mim por longo tempo. Não foi difícil. Eu o vi muito pouco enquanto crescia. Penso que ele queria dizer-me, muito antes que tivesse sido dominado. Mas estava atormentado com a doença, ele faria tudo mal e destruiria o relacionamento. Sabia que eu ficaria infernalmente perturbado.

— Você ficou?

Peter sorriu.

— Nós estávamos em San Tomaz, em abril de 74. Ele estava muito crescido. . . cada vez que eu o via estava mais velho seis meses ou um ano, e eu começava a pensar que era uma terrível perda para nós dois. Nessa época eu quis me afastar da MORG. Não era questão de idade,

nervos ou reflexos. Ainda me saía bem nos testes. . . tempo de reação simples, catorze ou vinte e seis segundos numa situação de seis escolhas. Tenho velocidade de percepção e acuidade visual dinâmica. Tinha quando era menino. Ainda posso dar tiros a grande distância, acima de mil e trezentos metros, dispondo apenas de trinta centímetros para disparar. Mas tudo isso não foi nada, de qualquer modo. Perdi meu brio. Senti-me como se tivesse parado na adolescência por quinze anos mais.

"De qualquer modo, tínhamos muita coisa em que pensar durante a fuga, havia uma espécie de embaraço entre nós. Então me disse que tinha idéia exata de quem eu era e o que era, sabia os nomes de quem eu matara. Mesmo assim ele gostava de mim. Era o meu amor que temia perder, pois se sentia um monstro diabólico. ___

— Pobre Robin. ___

— Fretamos um barco, pescamos vários tipos de peixe, demos alguns mergulhos. Era a nossa rotina. Quando finalmente conseguiu livrar-se de seus bloqueios emocionais, confessou: "você não devia acreditar na décima parte do que lhe contei". Então ele atirou para o ar cinqüenta vezes uma moeda de meio dólar. Quarenta e sete vezes caiu cara. Robin disse que podia continuar assim a tarde toda, mas era cacete. Então desembainhou a faca de mergulhador e pediu-me para ficar atrás dele. Ele não estava usando qualquer coisa, apenas calção de banho e creme contra queimadura nos ombros e nariz. Permaneceu ao sol na popa com o braço direito estirado, palma para cima. Pôs a faca na palma da mão e concentrou-se por alguns minutos. Sua mão estava imóvel. A faca de repente voou e prendeu-se com extrema violência no mastro, a uma distância de quase cinco metros. Robin pegou de volta a faca e levantou-a e lembro-me de como o sol brilhava na lâmina. Ele passou a outra mão sobre a lâmina e ela estava embaçada como chão que não foi lavado. Então ajeitou a faca, não como se fosse quase nova; ela estava fora de prumo um oitavo de polegada.

— Bom Deus! Que foi que você fez?

— Sorri; perguntei-lhe como conseguia fazer aquilo. Ele disse: "Querendo, é tudo que sei". Robin parecia cansado. Desci para trazer-lhe limonada e um aperitivo para mim. Derramei uma dose exagerada de gim sobre o gelo e bebi antes de ter gelado. A marca deixada no alto do mastro

pela lâmina de uma faca de aço temperado não ia se apagar facilmente do meu pensamento.

— Decerto que não.

— Quando tentava raciocinar sobre o que tinha visto, minha mente empacava. Nada parecia estar certo para mim e não ia acusar o gim por isso. Não podia dizer se olhava para a água ou um manhosamente urdido concreto azul. Tinha a fantástica idéia de que podia andar sobre ela, todo o caminho para Buenos Aires. Eu me espantaria se tábuas de calcular ainda funcionassem, se o sol ainda sumisse no ocaso como de costume ou se parasse em determinado ponto do céu sempre.

— Em outras palavras, você estava confuso.

— Finalmente concluí que uma coisa estava me afetando... unicamente terror. Já tinha lidado com o terror outrora "Você tem que se movimentar, fazer alguma coisa, qualquer coisa, mas não fique aí parado, paralisado." Então trouxe a limonada para Robin. Ele estava angustiado e descontente. Não sei como olhei para ele. Imagino que sorria sem graça. Mas quando lhe entreguei o copo e toquei em sua mão, achei que podia respirar de novo. Depois disso tornei a ficar bem. Diferente, mas bem.

— Quando decidir deixar a MORG?

— Dificuldades. Era óbvio que Robin ia precisar de mim, infelizmente. Tinha uma obrigação, obrigação moral, de completar um contrato pelo qual eu deveria trabalhar por um ano. Então poderia voltar para casa definitivamente. Ellis Tidrow queria voltar para o serviço missionário por algum tempo. Bornéu, Nova Guiné, um desses lugares onde o diabo perdeu as botas. Disse a Robin que estava pronto para ser um pai de tempo integral. A princípio ele receou que eu tivesse tomado a decisão por ter julgado que precisava ser vigiado. Quando o convenci de que não era por isso, ele ficou supercontente. Deus, tivemos belos momentos no resto daquela semana, descontando alguns longos anos perdidos.

— Está indo fumaça em seus olhos?

— Não, estou chorando.

— Oh! — ela exclamou.

— Não se aborreça, não quero atormentá-la com isso.

— Não é atormentar saber que você chora por amor a alguém.

Peter empurrou-a ternamente e pôs-se a andar para por fim às emoções. Colocou mais um toro de madeira no fogo. Voltou para perto dela. Estava irritado agora, mas consigo mesmo. Hester fechou os olhos e tocou-o eroticamente, por causa das lágrimas que tinha visto.

— Acho que Childermass planejou tirar Robin de mim na noite em que os apresentei — disse Peter. — Robin tinha preparado algumas demonstrações razoavelmente difíceis. Apresentação de bolas no alto de uma mesa de fórmica. Ele mantinha várias delas em constante movimentação sem deixar escapar uma para fora da mesa, coisa que eu não faria nem usando as duas mãos. Childermass escreveu longas séries de números, lacrou o papel numa caixa de metal, guardou uma lista de confronto. Robin segurou a caixa com as mãos. A uma distância de três metros, Robin transmitiu os números a uma máquina digital de calcular, numa velocidade que não podia ser acompanhada pelo movimento de um olho. Era óbvio, mesmo naquela época, que o talento de Robin... não tinha praticamente limitações.

— Não compreendo por que você contou a Childermass que Robin era um médium.

— Você se lembra para que existe a MORG?

— Multifásica, operações e hum. . . pesquisa, uma coisa ou outra.

— Grupo de pesquisa.

— MORG ... É. . . realmente grotesco quando você pensa nisso.

— Justamente uma maldita agenciuzinha que nunca fez nada com DOD. Se não fosse Childermass, poderia ter sido desmantelada no período anterior à guerra na Coreia. Mas Childermass é um dos grandes burocratas e demagogos, igual ao próprio Hoover.

"Ele pegou uma agência que ninguém conhecia e criou uma esfera de influência no clima da guerra fria dos anos 50. Tudo de que precisava para tornar-se realmente poderoso era um pouco mais de cem milhões de dólares. Conseguiu dinheiro roubado assustando o povo. Ele usou de subterfúgios, mentiu e fez chantagens, levando as pessoas a se convencerem de que a CIA e o FBI não eram suficientes. Necessitava-se da MORG. E assim todos nos metemos nisso."

— Não acho que tenha respondido à minha pergunta sobre Robin e...

— Estava tão cansado no serviço de gangster, de extorsão para proteger a vizinhança. É tudo que importa, a despeito de retórica e

chauvinismo. Não há dúvida de que protegíamos nossos interesses vitais em lugares como Camboja, Peru e os Estados de Oman, comprometidos pelas tréguas. E os velhos processos sempre funcionaram da melhor maneira. . . uma tragédia aqui, um assassinato ali. Eu estava infernalmente cansado e também um pouco necessitado de carinho, bem antes que reconhecesse tudo. Tive de ser bastante frio, mas Childermass argumentava. Aceitei salário duplo e uma posição numa área onde minha experiência e meu julgamento podiam ser valiosos. Um posto frágil demais, porque Robin tinha acesso a tudo ao que estava dentro de minha cabeça. Mais tarde ou mais cedo isso teria causado complicações. Então falei com Childermass. Diabo, não fiz mais que convidá-lo a roubar meu filho.

— Você não sabia que Childermass estava interessado em fenômenos psíquicos.

— Não. Os russos e os tchecos vêm se ocupando com isso há anos, razão bastante para Childermass meter alguns milhões no Instituto Paragon. Nada resultou desses investimentos. Mas estava tudo lá apenas esperando Robin.

Peter levantou-se para abrir uma garrafa de cerveja irlandesa, e atçou o fogo. Hester estava afundada na velha cadeira olhando para ele como um animal cismando em sua toca de inverno.

— Essa é a razão por que não acredito que meu filho esteja morto. — Peter disse tranquilizando-se. — O Dr. Irving Roth é um mentiroso. Seu computador também mente e quatro "testemunhas" mentirão até em suas sepulturas porque foram pagas generosamente. Childermass não dá uma oportunidade. Robin é valioso demais para que o deixassem escapar de Paragon, particularmente às duas horas da madrugada.

— Não seria possível que ele... por alguma razão, tenha fugido?

— E se atirado no rio com quatro pessoas vigiando? Isso é tolo demais, Hester.

— Acho que sim.

— Childermass viu-se possuidor de um recurso natural único. Os russos não tinham. Os chineses também não. Ele queria Robin trancado... o eufemismo é seqüestro involuntário... onde seus pesquisadores poderiam devotar tempo integral a ele. Ele quis evitar para sempre

perguntas sobre o menino. A morte de Robin era fácil de encenar, mas havia um problema maior.

— Você?

Peter concordou.

— Childermass sabia que enquanto eu vivesse ele não poderia ficar tranqüilo. Estavam programados cinco dias de testes para Robin no Instituto Paragon. Nessa ocasião Childermass teve uma chamada urgente. Um dos nossos russos tinha morrido na prisão de Vladimir depois de oito longos anos. Logo que ele foi enterrado o NTS ucraniano soltou a mulher dele. Ela se recusara a deixar a Rússia enquanto Serguei estivesse vivo. Havia alguma chance de que ela tivesse alguma informação, uma das muitas peças de um quebra-cabeça com que estivemos lidando por longo tempo. Porque eu tinha conhecido ambos, podia ser que Katya desejasse colaborar comigo. Ela estava velha e doente e lutávamos contra o tempo; então voei para a Finlândia imediatamente. Cheguei um pouco tarde. Katya tinha entrado em coma e enfraquecia-se tão rapidamente que não havia condições para recuperar-se. Vi-a ligeiramente. Pode ser que fosse Katya. Ou talvez fosse uma outra mulher velha que tivessem drogado para aquela ocasião. _

— A quem se refere quando diz eles?

— Ao nosso grupo báltico. O diretor é, ou era, um homem chamado McGourty. Acho que o matei, mas naquele dia não estava certo disso. Não sei ao certo. Bom velho McGourty. Ele surgiu para jantar em Kalastaturppa e levou-me para o aeroporto de Helsinki em cima da hora para pegar o vôo das dezenove e trinta da companhia finlandesa que seguia para Copenhague. De lá fiz conexão com um vôo direto para Nova York no SAS. Disse adeus a McGourty no portão. O avião era um DC-9, penso, e o vôo estava no último trecho. Éramos vinte e cinco passageiros ao todo.

"Estávamos avançando sob uma chuva fina, atravessando uma pista com o asfalto úmido, quando a bomba explodiu antes do tempo, quase acabando com a seção da cauda do avião. A explosão estourou dois enormes volumes de carga. A maioria dos passageiros de bordo ficou ferida; por sorte havia um grande carro de suprimento entre nós e a carga de dinamite. Não sei o que antecipou a explosão, que ocorreu no aeroporto e não sobre o golfo da Finlândia. Possivelmente um dos

encarregados da bagagem tornou a mexer nela e alterou a posição da bomba. Fui trazido de volta numa ambulância estacionada na rampa. Lembrava-me vagamente do jantar com McGourty e ali estava ele de novo, curvado sobre mim na maça, falando comigo parecendo muito preocupado. Não podia ouvir uma em palavra do que dizia. Ele suspendeu minha manga. Vi a agulha em sua mão. Não posso lhe explicar como reagi daquele modo. Devo ter visto, num rápido momento, alguma coisa em seus olhos. Julgo agora que McGourty deve ter ouvido a explosão quando dirigia o carro voltando do aeroporto; voltou para, caso necessário, acabar com o serviço malfeito. Mas isso foi uma pilhéria de mau gosto, pois eu passei os braços em volta seu pescoço antes que pudesse me picar e, se não estava morto quando o larguei na maca e fugi da ambulância, foi somente porque na hora eu não dispunha de toda a minha força."

— Toda aquela gente morta porque...

— Childermass queria estar certo de que eu não voltaria da Finlândia. Ele poderia ter dado cabo de mim de maneira mais fácil. Imagino que haveria uma meia dúzia de profissionais que considerariam o dinheiro acima dos riscos. Childermass tem sido um grande esbanjador quando se trata de seus mirabolantes projetos, mas minha vida não valeria duzentos e cinquenta mil dólares, quando poderia fazer o serviço por cinco mil, e que as demais pessoas daquele avião fossem para o inferno. Nessa ocasião ele contratou um assassino de confiança Tomei meus cuidados com minha pessoa. Esperei seis semanas para voltar para casa. Procurava raciocinar por que ele tinha feito aquilo; por que queria aquilo. Fiquei de sobreaviso. Ele disse que sabia ter cometido um enorme erro e queria falar comigo. Apenas os dois.

— Você confiou nele?

— Agimos de tal modo que não houvesse possibilidade de uma cilada. Mas ele estava tão aflito para livrar-se de mim que andou querendo fazer o trabalho por conta própria. Childermass não é covarde, mas nunca usou uma arma, como sei que nunca matou ninguém. Devia ser duro fazer isso pela primeira vez. Estava contando com um pouco de negligência de minha parte. Hardware incumbiu-se de armá-lo com uma espingarda ultramoderna e potentíssima, uma das armas mais diabólicas já imaginadas. Guardava a arma sob a capa impermeável. Encontramo-nos à

meia-noite, no meio de um terreno de estacionamento no estádio RKF. Seu carro era um VW e eu dirigia um carro roubado. Dei voltas até que estivesse certo de que ele estava só no carro. Estacionei três metros adiante, paralelamente. Ele desceu. Estava chovendo. Tinha a mão direita dentro do casaco. Eu ainda não estava na expectativa de qualquer coisa. Mas o motor já estava funcionando. Tinha um pé pisando forte no freio e outro no acelerador.

"Ele devia ter trazido aquela espingarda para atirar pelo vidro das janelas do lado. . . diabo, ele podia ter estourado o lado direito do carro. Mas não podia ver bem por causa da chuva e pode ser que não confiasse tanto no poder de sua arma. Se tivesse feito a coisa certa, não restaria nada de mim em cima daquele carro. Mas não era um profissional, queria a porta aberta. Eu poderia me esquivar um pouquinho, o bastante para fazê-lo retroceder, tornando-o nervoso. Um farol de três mil unidades de intensidade-luz projetado logo que a porta foi aberta atingiu-o em cheio no rosto, cegando-o. Perdeu a calma e tentou usar a arma por baixo da capa. Ficou indeciso mas segurava ainda a porta com a outra mão. Engatei a marcha e safei-me. Childermass perdeu o equilíbrio e caiu pesadamente de nádegas, com o braço esquerdo ainda estendido e o tiro saiu num mau ângulo. O solavanco tinha engatilhado a arma e aquela grande e pesada carga arrancou-lhe o braço do ombro.

— Oh, Deus, isso é terrível. Que fez você?

— Andei de carro uns vinte metros e parei. Olhei para trás. Fiz a volta. Imaginei, pelo tempo em que corri em direção a ele e voltei, para a frente e para trás, três ou quatro vezes, que ele não poderia usar a arma de maneira alguma.

A face de Hester tinha perdido inteiramente a cor.

— Não acredito. . . que você tivesse feito isso.

Peter reagiu com uma violência que a espantou. A pressão das pontas de seus dedos fez-se sentir duramente nos ossos do pescoço de Hester. Ela aspirou o ar penosamente através dos dentes cerrados. Tentou olhar para ele e não conseguiu.

— Hester — ele disse baixinho—, de que estávamos falando? Nunca possuí um cavalo branco, nunca estive numa luta limpa em minha vida. Nunca dei a outro cara uma chance de atirar primeiro. É uma coisa odiosa

morrer com um tiro. É provavelmente pior do que ser estourado por uma bomba a quatro mil metros de profundidade na água azul. Eu podia ter ido vê-lo, Hester. Poderia tê-lo mutilado. Mas podiam estar controlando a operação pelo rádio ou vigiando a área de algum lugar e encheriam todo o lugar de carros com uma rapidez dos diabos. Estou vivo porque tinha revestido o carro com mil coisas que meti dentro dele e porque tinha menos a perder do que o homem que dirigia o carro perseguidor; velocidade e desespero deram-me a vantagem necessária.

O estômago de Hester estava se agitando. Sua face direita doía onde uma das unhas dele tinha se cravado.

— Por favor...

Peter soltou-a. Virou a cabeça como se sentisse desprezo por ela, por sua imperdoável fraqueza. Seu desprezo feriu mais do que a pancada.

Ela tinha dito:

— Essa pode ser a razão por que ele não desiste ainda está atrás de você.

E Peter havia respondido:

— Vingança não é motivo para Childermass. Não, ele está me caçando por medo. Ele tem medo de que eu tire Robin dele. E Robin tornou-se mais importante para ele do que a própria MORG.

Hester observava Peter roçar a parte inferior do queixo com o barbeador de modelo antigo mas seguro que ele manjava numa posição difícil.

Estava com as mãos firmes aquele dia. Tinha dormido profundamente duas noites seguidas e não estava doente do estômago, como ocorria metade do tempo, por causa da fadiga nervosa e de tantas correrias. Podia digerir o alimento e engordara quase dois quilos desde que ela estava cozinhando para ele. Já não parecia mais tão esquelético. Dentro de mais uma semana. . . Os olhos de Hester encheram-se de lágrimas repentinamente. Ela desejava agora que tivesse mentido a respeito da menina que o pobre Raymond Dunwoodie, o médium, tinha mencionado. "Procurei em todos os hospitais, Peter. Não encontrei vestígios da menina. Talvez não tivesse recebido tratamento. . . você sabe, poderia estar se sentindo bem e ter sido enviada para casa." Mas não era tão fácil mentir para ele. Não quando estava sentado muito perto e quieto,

os olhos sem expressão como uma espécie de um frio ressuscitado, com cintilações metálicas enevoadas, que faziam qualquer um sentir seu cérebro com um potencial de selvageria dos gatos-do-mato, aqueles que mesmo os melhores guardadores e treinadores não tentavam utilizar na exibição.

Então ela lhe contou tudo sobre Gillian Bellaver. Aqueles Bellaver. Ele elogiou seu trabalho de detetive. Havia um tremor de excitação nele, uma renovada sensação de objetivos. Hester não podia afastar a sensação de que tinha cometido um desastroso erro.

Peter acabou de barbear-se e ensaboou-se. Hester levantou-se, voltou para a tábua de passar roupa e alisou o conjunto de roupas de padre que ele roubara um dia antes, junto com um colarinho clerical, um chapéu de feltro negro e uma valise preta igual àquelas que os médicos usavam em priscas eras, quando atendiam a chamados domiciliares. Ninguém parecia tanto um padre num hospital, não importando a hora do dia o da noite em que fosse visto lá. Ninguém lhe pediu identidade.

Peter já estava pronto, Hester olhou-o criticamente através do quarto.

— Se eu entrasse por aquela porta agora não o teria reconhecido — ela admitiu.

Sinto-me autêntico quanto uma peruca de dois dólares —ele resmungou. — Nunca fui bom em disfarces.

— Você será grande, padre, um. . .

— Van Bergen.

— E o tempo?

— Não podia ser melhor. Noite de Ano Novo, o hospital semivazio O grupo de servidores estará reduzido e pelas dez horas haverá pelo menos uma discreta reunião com dança para as enfermeiras de plantão. Terei bastante tempo para conversar com a menina Bellaver. E se ela for tudo o que Raymond proclamava...

— Então alguém mais deveria estar interessado — Hester disse — na menina antes que você encontrasse Raymond no parque. Ele devia ter ligado para a MORG, Peter. Não havia chamada de Raymond Dunwoodie anotada para o instituto naquele dia. Verifiquei.

Peter observava-a.

— Pode ser que tivesse tomado as providências tardiamente.

— Oh! Peter, ninguém vai querer verificar um caderno de anotações de telefonemas!

— Aquele lugar é seriamente controlado, Hester! E tentei explicar a você como funciona o avaliador de influências psicológicas . . . devem ter métodos para controlar cada funcionário. É muito diferente do aparelho que avalia tremores fisiológicos sob fadiga, você não deve se deixar enganar.

— Está bem, está bem.

— Então você gastou alguns minutos assustada com seus computadores e desistiu, mas pode ser que você tenha feito alguma coisa mais do que ameaçar a segurança do Paragon, como uma pequena curiosa, e não é preciso muita coisa para ser logo colocada sob suspeita. Uma falha e você será mais uma na longa fila de gente que passou, através do Instituto Paragon, por um caminho para um nebuloso canto do limbo.

— Você quer me assustar, não é? Sou esperta. Não havia ninguém atrás de mim. Você é o único que está desaparecido e, Deus, eu não vejo você dias e dias, semanas; tudo que posso fazer é chamar, chamar para aquele número daquele metrô vulgar, e pode ser que uma vez, por um instante, algum beerrão atenda.

Isso perturbou de tal modo Hester, que facilmente cairia em lágrimas, perversamente lhe mostrando mais fraqueza. Tinha planejado ser tão estóica quanto a maneira de vida de Peter, quanto ele próprio. Mas já que ela estava tão aflita a centelha de preocupação nos olhos de Peter poderia desencadear verdadeira histeria se ele não a segurasse bem junto a ele, de maneira tranqüilizadora.

— Não se arrisque — ela implorou. — E desta vez não fique longe por tanto tempo.

— Hester, eu não poderia continuar sem você — Peter assegurou, e embora Hester fosse basicamente sensível demais para acreditar inteiramente nele, não havia mais nada que quisesse ouvir.

Dez

Como a esposa estava em Minneapolis para o nascimento de o Dr Irving Roth, diretor do Instituto Paragon, não encontrou nada melhor para fazer na noite do Ano Novo senão aceitar o convite da Associação Médica do Vale do Hudson por causa de uns convidados russos. Era um grande e formal acontecimento em Riverdale, o tipo de festa em que o traje a rigor devia ser o cartão de visitas. O bufê não era mau. Roth comeu demasiadamente, como costumava fazer nos feriados. Quilos e quilos de que ele não necessitava. Já era corpulento como um lutador romano, mas tinha braços curtos e nenhum ar agressivo — seu sorriso era bastante suave e atraente. Além do mais, um bocado encantador. O cabelo estava desaparecendo gradualmente do alto da cabeça como o verde duramente aparado de um gramado.

Roth falou com homens que não via há muito, desde que deixara a Escola de Medicina, e conversou com um número desconcertante de colegas que pensavam que já se tivesse aposentado e se mudado para alguma parte do mundo onde houvesse mais lazer.

— Estou fazendo uma importante pesquisa — disse ele, quando inevitavelmente surgiram perguntas. Ninguém exigiu detalhes, mas alguns, com seus próprios projetos de pesquisas, ficaram interessados nos resultados.

— Bem fundamentada, espero — disse um fisiologista com cavanhaque que estava olhando para um patrocinador. Roth deu aquele sorriso largo, típico de um homem que se julga superior. Disse ao

fisiologista que necessitava dar um telefonema, serviu-se de um terceiro martíni, tomando apenas a metade, e foi andando; era uma casa de aspecto triste, com chão de ardósia e lambris até a altura da cabeça de um homem.

— Irv? Irving Roth?

Roth virou-se, sorrindo automaticamente.

— Oh, alô, doutor. . . ?

— Tofany — disse o homem. Tinha uma aparência e especial de pessoa alegre, antiquada, do final do século passado, óculos à moda de Teddy Roosevelt, corado, quase vermelho, vestido de roupa feita imaculadamente branca e cabelos revoltos. — Hubert Tofany.

— Deixe-me ver, medicina tropical, não é? E está em Colúmbia.

Tofany confirmou.

— Vi você chegar. Estava esperando uma oportunidade para conversar com você esta noite. Pensei em procurá-lo. Dispõe de um minuto, Irv?

— Estava procurando um telefone, mas não é nada urgente. Deve nascer um neto meu em Minnesota.

— Tenho seis netos. O mais velho em pouco tempo estará freqüentando a Escola de Medicina.

Roth curvou-se, apertou-lhe a mão como se dissesse: "O tempo certamente está passando por você", e então decidiu terminar o terceiro martíni de uma vez. Até a última gota.

— O que me despertou o interesse, Irv, é que ouvi dizer que está fortemente interessado em fenômenos psíquicos atualmente.

— Como um complemento ao estudo da inteligência e da parapsicologia, sim. Suponho que tenha ouvido dizer que estou interessado em psicologia.

— Menciono isso por causa de uma paciente, um caso raro. Fui chamado como um consultor quando parecia haver possibilidades de ter se infectado com um desses vírus realmente perigosos que surgem no país de tempos em tempos. Tivemo-la em isolamento em Colúmbia até que houvesse certeza de que não era nada semelhante ao vírus da epidemia que foi tão devastadora em Recife, no último verão.

— Hum! hum!

— A paciente é uma mocinha de catorze anos. Foi atacada repentinamente e teve um febrão. Chegou a 41,2° C.

— Puxa!

— Aparentemente sem ter causado nenhum dano; os jovens são muito resistentes. Ela teve convulsões pelo menos um vez antes que eu fosse vê-la, mas um EEG dois dias depois mostrou ondas de padrões normais. Agora ela está quase completamente restabelecida; de fato, poderemos deixá-la ir para casa amanhã. Não pôde receber alta antes. Ela tem apresentado muitos fenômenos paranormais interessantes nesses últimos dias?

— Paranormais?

— Não estou certo de como você poderia chamá-los. Visões, talvez.

— Ela se viu em pé diante dos portões do céu, é essa espécie de coisa?

— Nada tão ligado ao misticismo. Ela foi capaz de descrever-me em íntimos detalhes um caso de tratamento inadequado ligado à minha família, pois estava envolvido o meu enteado. Isso aconteceu há dois anos.

— Ela se recordou disso lendo os jornais.

— O caso se passou no Texas e mesmo então só houve uma publicação de uns dois ou três parágrafos.

— Tagarelice de hospital, então.

— Tagarelice sobre um caso acontecido há dois anos no Centro Médico de Houston? Não sou da mesma opinião. Gillian conhecia-o bem demais para ter casualmente apreendido todo o caso de conversas rápidas. Por exemplo, ela pôde descrever minuciosamente o ajudante-de-campo do General Robert E. Lee, como meu enteado era conhecido. Há um retrato do Capitão Brakestone pendurado num pequeno gabinete lá em Houston, foto que Gillian possivelmente nunca viu. Acho tudo, pelo contrário, extraordinário.

— Que mais ela fez?

— Antes que começasse a perturbar-se com isso e parasse de falar completamente, manteve as enfermeiras do andar interessadas... e penso que também um pouco apreensivas. Parecia um ímã mental captando casos e informações inteiramente pessoais. Com isso quero dizer que tomava conhecimento de coisas que nem mesmo se discutem com o mais

íntimo amigo. Todo mundo falava de Gillian no andar e suponho que toda aquela atenção mais uma certa porção de notoriedade tornaram-na cautelosa.

— Mas isso pode ter sido um fenômeno passageiro. Não é raro. Ainda temos um longo caminho para compreender como a mente humana funciona. A febre alta, bem, poderia ter se tornado, em vista da condição essencialmente passiva da paciente em recuperação, uma espécie de biocomunicação, talvez uma verdadeira alucinação ou...

— Sim, entendo.

— Seria mais significativo se a menina tivesse sido informada das definitivas experiências de psicologia, antes de ter ficado doente.

— Bem, um dos motivos por que desmaiou no ringue de patinação. .

Roth disse, apressadamente:

— Ringue de patinação? Está se referindo ao Ringue Wollman, no Central Park?

— Sim.

— Ela desmaiou ali e foi levada para o hospital?

— Roosevelt. Então naquela tarde eu a removi para fora da cidade, para o Washington Heights.

— Lembra em que dia foi isso?

— Antes do Natal. Numa quarta-feira, penso, no dia 21 porque deveríamos ter ido a Amerdeens.às oito, e eu. . .

— Doutor, desculpe-me, mas disse, não foi?, que aquela menina teve alguma manifestação paranormal no ringue?

— Foi o que Gillian me contou, dois dias depois que a febre baixou e foi capaz de recapitular tudo que lhe tinha acontecido antes de perder os sentidos. Gillian e a amiga tinham se acautelado por causa de um vagabundo, dessas pessoas largadas de que os parques estão cheios, como você sabe; pode ser que ele tenha se tornado importuno pedindo comida. Por qualquer razão, Gillian sentiu como se o conhecesse. Pelo menos ela ficou sabendo seu nome e seus antecedentes; ele era de uma pequena localidade de Nova Jersey. Tudo isso, ela disse, surgiu de repente em sua cabeça.

— Qual era o nome dele?

— Raymond. Qualquer coisa parecida com Dun. Dunkirk, talvez.

— Por favor, continue.

— As sensações de Gillian foram semelhantes às de uma pessoa alcoolizada, no ringue. Já tinha tido uma ponta de febre e pretendia dormir quando voltasse para casa. Foi quando estava dando uma volta no gelo que se sentiu fortemente chocada pela visão do vagabundo, Raymond, caído de costas, com um ferimento de bala na cabeça.

— Tiro de espingarda.

— E isso foi terrível e chocante, o que precipitou o desfalecimento.

— Mas ele não estava lá, era apenas, digamos, uma alucinação.

— Naturalmente.

— Ferimentos por um tiro de espingarda; foi bastante precisa ao dizer isso.

— Oh, sim — disse o Dr. Tofany.

Roth terminou seu terceiro martíni sem sentir o gosto e estava se sentindo mal no fundo da sala, um pouco de calor no vaso sanguíneo que latejava na têmpora esquerda, comumente uma ordem infalível: "Devia abandonar esta incômoda estufa, tomar um pouco de ar num cômodo bem ventilado, respirando profundamente e tendo pensamentos benignos sobre a condição humana".

Ele disse:

— Com sua permissão, doutor, eu gostaria de conversar com a menina Gillian.

— Bellaver.

— Oh! Aqueles Bellaver?

— O pai dela é Avery Bellaver.

— A família amalucada?

— Eu os achei cultos e sensíveis, embora não muito acessíveis, talvez devido à sua reputação. A esposa é extraordinariamente bela.

Roth consultou o relógio.

— Vejamos, nove e quarenta e seis, o hospital fica justamente a uns poucos minutos daqui. . .

— Gostaria de vê-la hoje à noite?

— Clarividência, ou conhecimento prévio, não é rara nem um sinal de anormalidade, mas Gillian não deve ter maneiras de saber isso. Pode tornar-se confusa. Assustada. Acredito que vá confiar em mim, contudo. E

seria bem mais fácil agora, à noite, do que depois de ter sido levada para casa, já com a família.

— Sim, compreendo.

— Minha mulher passa o Ano Novo em Minneapolis. — Roth esfregou as mãos e sorriu de modo estranho. — Estou aqui rodeado de duzentos doutores falando de atividades. Seria bem melhor trabalhar. Pelo menos não despertarei amanhã com ressaca.

O Dr Tofany também sorriu.

— Ela está em Herlands North, 809, e fico agradecido por ter se interessado. Por que não me chama pelo telefone em um ou dois dias?

A única linha telefônica da casa que não estava ocupada por outros doutores era um telefone público que tinha sido instalado por conveniência do pessoal a serviço da casa. Estava colocado num cômodo entre a cozinha, em grande atividade, e a copa. Roth fez uma chamada para Minneapolis, usando um cartão de crédito, e foi tão brusco com a mulher que ela lhe perguntou se estava se sentindo bem. O bebê ainda não tinha chegado. Roth avisou à mulher que estaria em casa em Pelham em hora e meia, onde poderia encontrá-la depois do bem-sucedido acontecimento. Controlou a voz para soar mais agradavelmente quando dissesse adeus a ela, mas a mulher já estava fora de seu pensamento antes mesmo que desligasse o telefone.

Roth estava pensando no maravilhoso dia antes do Natal em que Raymond Dunwoodie o chamou do Central Park e teve novamente um sério ataque de remorsos; sentir-se-ia eternamente culpado em relação a Raymond. Nunca deveria tê-lo deixado tentar enviar correntes saindo do campo elétrico interior de alta frequência, uma experiência que por razões desconhecidas sempre provocava terrível efeito no organismo. Um jovem médium promissor tinha sido reduzido a uma criatura hesitante, sem valor, por causa de uma ordem que Roth deveria ter sido suficientemente cauteloso para não dar. Era o motivo por que sempre tentava ser paciente quando Raymond estava desesperado, enganando e inventando histórias na esperança de obter alguns dólares. (Deviam ter cuidado dele, pelo amor de Deus, tê-lo colocado em algum tipo de pensão. A falta de ética de seu patrão, a completa falta de respeito pela vida humana, envergonhavam Roth.) A história da menina no ringue de patinação era boa demais para ser verdadeira, naturalmente, mas a voz de Raymond soou de modo

diferente naquela tarde. Ele não estava se lamuriando. Estava excitado, mas não exagerado. Dava uma impressão de energia que surpreendeu Roth; então perdeu tempo num dia movimentado indo de táxi para o parque, esperando tudo menos o espetáculo de Raymond morto, pateticamente caído na alta rocha que dominava o ringue.

Procurou recordar-se daquele dia e mais tarde lhe surgiu a surpreendente explicação. Raymond tinha sido visto com Pete Sandza. A direção da MORG tinha tomado a decisão de afastar Sandza, porque as oportunidades estavam ficando raras e Childermass estava tendo cortes. Infelizmente a tentativa de assassinato saiu errada, um absurdo clímax para a vida decadente de Raymond Dunwoodie.

Roth teve oportunidade de interpretar o caso da menina médium de Raymond, mas quanto mais ele pensava sobre isso, mais lhe parecia uma fantasia final. Se ela existia, como localizá-la depois da morte de Raymond? Então Roth fez segredo do caso.

Agora, puramente por acaso, ficara sabendo que Raymond lhe tinha contado a verdade. Tinha que fazer rapidamente alguma coisa com relação à menina. Era tempo de fazer uma outra chamada; deixara passar algum tempo propositalmente, pensando no caso. Poderia ter problemas.

A veia em sua têmpora começou a se agitar novamente. Estava de pé e a perna direita estava ficando dormente com a pressão das ligas que usava com a roupa a rigor. Ele ignorou a criada negra que estava rondando à espreita para apossar-se do telefone, limpou as mãos com um guardanapo de papel, ficou de costas, curvou-se sobre o aparelho e fez uma segunda chamada.

Como sempre acontece, uma vez discado o primeiro número, o aparelho deu sinal de ocupado. Estava impaciente, pensando na menina no hospital, preocupando-se com a possibilidade de por alguma razão ela já ter saído, sumindo de novo; mas dessa vez ele sabia o nome dela. Gillian. Exatamente catorze anos. A idade de Robin Sandza. . .

O telefone tocou e Roth segurou o receptor.

— Alô, doutor — Childermass disse amavelmente. — Como vão as mágicas?

Em sua última noite no Hospital Washington Heights, Gillian, por inteira falta do que fazer, ficou de mau humor.

Estava num ridículo estado de frustração; vazia mas não zangada; desanimada mas não o bastante para justificar uma boa choradeira para lavar a alma. Tinha apanhado o travesseiro mas permanecia de olhos arregalados, acordada. A televisão estava desprezível, toda música a irritava ou entediava e não havia nada para ver pelas janelas a não ser uma outra parte do imenso hospital. Estava com uma erupção na nádega que a impedia de ficar sentada por muito tempo. Tinha roído rapidamente as unhas até sangrar. Não sentia nenhuma vontade de ir para a cama e tentar algum prazer no seu corpo; ela não conseguia excitar-se mesmo quando concentrava o pensamento na imagem de Robert Redford no clube de tênis, o coração suspenso em direção aos olhos brilhantes no rosto superaquecido quando devolvia um poderoso saque. Era difícil ter fantasias eróticas quando o cabelo precisava ser lavado. Sabia que se Bob a pudesse ver agora, ele não daria aquele grande e impertinente encantador sorriso que era especialmente dela; em vez disso, ele provavelmente iria torcer o nariz.

O velho ano, minuto a minuto, caíria no esquecimento. O andar do hospital estava lugubrememente quieto às dez horas. A maioria dos quartos próximos do de Gillian estavam desocupados; ninguém gostaria de estar num hospital àquela época do ano se já estivesse em condições de sair.

Mesmo uma visita de Irene Cameron McCurdy teria sido preferível a suportar a solidão, mas a Sra. McCurdy tinha se distraído até as oito horas, com um desfile de senhoras enfeitadas como para uma festa, e sem dúvida devia estar agora quase adormecida. Gillian pensou em dar uma volta pelo corredor mas não havia ninguém para conversar; viu apenas duas enfermeiras, que pouco conhecia, nos seus postos no bem-iluminado saguão de recepção do oitavo andar. Nem podia bater um papo pelo telefone; seus amigos estariam passando a noite fora ou se divertindo em algum lugar de clima mais quente; sua mãe, só Deus sabia onde estava, e o pai tinha partido para Boston, onde devia fazer uma conferência em qualquer tipo de reunião.

Havia alguns livros empilhados perto da janela e Gillian encaminhou-se para lá, parando quando encontrou a brochura da biografia de Peter Hurkos que a Sra. McCurdy tinha escrito. Gillian franziu as sobrancelhas; pensava que o tinha devolvido junto com o álbum que

ficara toda a tarde em seu quarto sem ser tocado. Decidiu ir ao fim do corredor e devolver o livro sobre Hurkos. Era alguma coisa para fazer. Poderia não haver tempo na manhã seguinte; não desejaria ter nada em mente senão o pensamento de que estava indo para casa.

Gillian pegou os chinelos e escolheu um de seus mais novos casacos no armário. A única enfermeira visível no saguão oposto aos elevadores estava de costas quando Gillian deixou o quarto. Foi para o outro lado, passou por um quarto meio iluminado pela luz de um aparelho silencioso de TV; o homem na cama tinha adormecido. Não havia movimento no andar. Estava tão quieto que ela se sentiu um pouco assombrada.

Nunca mais iria ser internada num hospital, Gillian pensou seriamente. Se tivesse filhos, ela os teria em casa.

A porta do quarto de Irene Cameron McCurdy tinha uma parte aberta e Gillian olhou para dentro. Havia uma luz acesa para a noite perto do chão no canto oposto ao da cama. Irene dormia profundamente de costas, com ambas as pernas elevadas ligeiramente para facilitar os problemas contínuos de circulação. Ela dava roncões um pouco mais altos do que o ruído na goela de um gato brigando. Um vaporizador espalhava um ar enevoado. Irene antes de se recolher, havia aspergido alguma essência de flor no ar. Gillian achou o ar úmido, exageradamente doce, de todo irrespirável, enquanto colocava o livro no alto do guarda-roupa.

— Quem é? — Irene disse calmamente da cama. Gillian virou-se. — Oh! É você, querida?

— Pensei que estivesse dormindo, Sra. McCurdy. Estava justamente devolvendo um livro que eu tinha esquecido no quarto.

— É muito atenciosa — Irene murmurou. Gillian voltou para a porta. — Mas não precisa ir ainda.

— Bem. . .

— Dormirei logo. Tomei um remédio extra para a dor à noite, é muito. . . relaxante. Gostaria de sentar-se aqui por alguns momentos? Desde pequenina eu detestava ir dormir sozinha. Tolice, não é?

Gillian aproximou-se.

— Sinto a mesma coisa algumas vezes — ela disse.

Irene sorriu e bateu de leve na cama.

— Sente-se aqui. Que dia exaustivo. Então. . . você vai para casa amanhã. Não quero perder o contato com você, apesar disso. Oh! não.

Precisamos conversar sobre tantas coisas...

Irene segurou a mão livre de Gillian. A mão de Irene estava com a palma voltada para cima e a pele era fina como papel, mas não era desagradável ao contato. Gillian estava certa de que aquela mulher iria dormir logo.

— Precisamos pensar em... como cuidar de toda a nova gente — Irene murmurou. — Sei que há muitos em altos postos que já estão utilizando seus consideráveis poderes psíquicos para combater as forças da escuridão; mas o poder deles, comparado ao da nova gente, é uma gota de chuva comparada ao oceano. E assim atravessamos o limiar de uma nova era de consciência. Mas não se deve confiar em qualquer um. Lembre-se disso. A história ensina que o demônio no seu máximo de exaltação é meramente um desprezível excesso da bondade. A bondade torna-se virtuosa; a virtude torna-se maldade. Estamos na aurora de um grande despertar ou no último momento do crepúsculo, um pouco antes de um mergulho num abismo de ignorância e terror? Não sei a resposta para essa questão. Há aqueles que preferirão uma outra Idade Média ao triunfo da nova gente, à ofuscante pureza do esclarecimento psíquico. Continuo a divagar, não é? Você está aí, querida?

Não ouvindo resposta, Irene aumentou levemente a pressão de sua mão na de Gillian. Sentiu-se sonolentemente desorientada, entrando e saindo de nuvens fracamente ligadas como se por hastes de luz de uma fonte celestial. Foi quase um esforço enorme para ela voltar a cabeça no travesseiro e olhar para o perfil da menina alta sentada perto dela.

Quando procurou olhar, Irene viu encantamento, uma expressão de concentração traumática.

— Papai, não faça, não faça isso! — Gillian gritou numa voz de menina que de um certo modo Irene reconheceu, embora tivessem se passado, muitos anos.

— Largue-a, papai! — Gillian agora pedia, tornando-se rígida, e Irene estava horrorizada, sentindo a onda de calor da raiva irradiada pela pele da menina. Instintivamente tentou retirar a mão, mas agora Gillian não poderia deixá-la escapar. O esforço era grande demais para os fracos recursos de Irene. Sentia-se de novo sendo poderosamente arrastada, próxima da sonolência. Podia ter perdido a consciência em paz, mas por

um impulsivo alarma o organismo preveniu-se contra um repentino sangramento maciço, próximo de um choque fatal.

Aquela sensação de paz não era devida às pílulas que tinha tomado há uma meia hora. Irene compreendeu instintivamente que estava morrendo enquanto sua vida passava diante dos olhos de Gillian.

— Vou matar vocês dois! — Gillian resmungou. Ela tinha começado a tremer e a sacudir-se na cama, enquanto mantinha Irene segura pela mão. Gillian batia imperiosamente um pé no chão enquanto imprecava contra o pai de Irene Cameron McCurdy. Ela também xingava a roliça amante do pai, que gemendo se atirou de barriga para baixo num tronco musgoso de uma árvore caída, cabeleira loura espalhada e toda a tentação nos olhos, a gordura das faces tremendo enquanto ele a empurrava e resmungava atrás dela, ainda impecavelmente vestido, exceto pela braguilha aberta.

— *Bata, gata!*

— Ah! Deus! — Gillian gritou, louca com a dor da infelicidade paterna. — Como pôde, papai?

Mas, felizmente, a imagem que a tinha levado ao transe estava começando a desmaiar! o pé de Gillian dava leves batidas na cerâmica lustrosa do chão do hospital. A mão flácida que ela segurava tinha se tornado tão gelada quanto um sapo num banco de gelo.

O primeiro pensamento consciente de Gillian que se seguiu à visão mediúnica foi que ela estava horrivelmente suada, sentada ali, agasalhada, deixando que a velha senhora conversasse com ela até dormir.

Então, a despeito do ainda nauseante cheiro de flores no quarto quente e úmido, ela sentiu o cheiro do que estava acontecendo.

Roth deixou o carro no segundo pavimento do estacionamento do hospital, uma garagem no número 168 da West Street, e entrou no hospital por uma passagem que ligava a garagem com o Herland North. Havia poucos carros na garagem e não encontrou um sequer em seu caminho.

O relógio na parede ao lado da portaria na entrada do hospital, do lado de dentro das portas de aço e vidro, marcava a hora: dez e vinte e sete. Roth não tinha visitado o hospital desde que a nova forma em Y de tijolos cor de caramelo tinha sido construída. Achou o hospital

deprimente, igual a uma entrada de prisão. O teto era um plano de fluorescência branca que criava um ambiente sem sombras. O vigia estava sentado numa parte mais elevada atrás de um vidro grosso e sua voz era transmitida por um alto-falante. Roth declarou a profissão e lhe foi preparado um passe para trânsito fora da hora regulamentar que ele prendeu na lapela do *smoking*.

Algumas enfermeiras usando casacos encapuzados e botas estavam de saída. Uma delas sorriu para ele e disse:

— Oh! onde é a festa?

Roth cumprimentou-a e fez-lhe um sinal, baixando os polegares. Encaminhou-se para os elevadores. Depois de uma considerável espera, desceu um, que abrindo as portas revelou um interno curvado, todo suado, contra uma parede. Estava sem um sapato e tinha posto as resumidas peças íntimas floridas da amiguinha sobre suas calças.

— Companheiro, vai descer aqui? — Roth perguntou, segurando as portas para ele. O interno moveu os lábios e olhou em volta sem ver coisa alguma.

— Jardim Botânico?

— Tente a linha da Lenox Avenue — Roth sugeriu. O interno saiu do elevador e ficou olhando em volta com expressão de profunda melancolia. Roth julgou que ele encontraria uma sala de conferência para nela se meter e pôr-se a dormir. Apertou o botão à direita e o elevador levou-os até o oitavo andar.

As luzes de cima tinham sido trocadas ali pela repousante claridade amarelada de um globo. Diversos pequenos pontos brilhantes estavam focalizados no saguão das enfermeiras, que estava desocupado.

De fato, não havia ninguém à vista no andar.

Eles vieram de carro de diferentes partes da cidade, chegaram todos por volta das dez horas e trinta e cinco. Trinta agentes da MORG tinham sido postos de alerta. Alguns deles estavam bêbados. Uma sirena passou pela Fort Washington Avenue; o vento soprava tristemente no desprotegido telhado da garagem enquanto esperavam pelo microônibus com as comunicações de roda dentada, que veio do centro da cidade às dez e trinta e oito.

O diretor desceu um minuto antes do ônibus. Ele fazia parte de uma tribo indígena, chamava-se Don Darkfeather, era um homem muito alto, com uma magreza sinistra e a crua energia de um chicote. Tinha olhos iguais a duas tachas negras num pedaço de cortiça cor de fumo. Tinha uma atitude de comando desumano. Estava dirigindo as operações P e C da MORG na área metropolitana de Nova York desde o assassinato de Raymond Dunwoodie no Central Park. Seu antecessor tinha sido contratado para uma unidade antiterrorista recentemente formada, com base na baía de Prudhoe, no Alasca.

Os agentes de Darkfeather estavam equipados com aparelhos transmissores e receptores, microfones de pulso e aparelhos de ouvido, bem como poderosos aparelhos portáteis, transmissores e receptores. O grupo era composto de especialistas de penetração, experimentados motoristas e atiradores. Os atiradores carregavam armas de longo alcance — espingardas para tumultos e revólveres carregados com balas Superbell, que fazem terríveis rombos nos lugares que atingem. Sob o uniforme cinza-escuro — um casaco de combate — cada homem usava uma veste de malha multitecida, tipo Kevlar, que poderia impedir a passagem de uma bala 45 atirada de curta distância. Nenhum deles precisou ser alertado de que o homem que estavam perseguindo era um dos três ou quatro melhores atiradores que tinham trabalhado para a MORG.

As instruções de Darkfeather foram breves.

— Não deixem passar ninguém — ele disse. — Sandza poderia estar fazendo parte da cena até mesmo neste momento.

— Senhor, que faremos se ele estiver com uma pequena? — Era o código da MORG para "civis".

— Se tiver que esburacar uma pequena para agarrar Sandza, está bem. Nós daremos um jeito na situação mais tarde.

— Doutores, enfermeiras?

— Ninguém é sagrado — disse Darkfeather.

— E quanto à polícia de Nova York?

O índio puxou com força uma de suas longas costeletas e reconsiderou.

— Não atirem em policiais — ele disse. — Isso traz muita complicação.

Roth andou pelo corredor até o 809. Era o quarto de Gillian. A porta estava meio aberta. Havia uma luz ligada perto da cama. Ele bateu levemente na porta.

— Srta. Bellaver?

Quando ela respondeu, o médico entrou. Pôde ver com um olhar que o quarto estava vazio.

Ele estava em pé de costas para o banheiro. Quando ouviu um barulho de porta rangendo, virou-se, preparando um sorriso

— Não imaginava que. . .

Roth mordeu a língua de assombro. Ali de pé na passagem da porta do banheiro estava um padre apontando uma espingarda para sua cabeça. Era evidente que ele estava acostumado a manejar armas. Havia autoridade em sua atitude.

— O que fez com ela, doutor?

A voz era familiar e Roth sentiu a ameaça do choque que poderia derrubá-lo.

— Arre — ele disse, demonstrando medo no seu modo de falar. O corpo encolheu-se defensivamente, pois se lembrava da pancada que o tinha paralisado por mais de uma semana, antes. Tinham ficado poucas marcas no corpo, mas as dores foram insuportáveis mesmo com o uso de medicamentos à base de ópio. Sabia que não sobreviveria a uma surra igual àquela, mas desta vez ele viu naqueles olhos diabólicos que Peter Sandza não pretendia criar confusões, ele simplesmente puxaria o gatilho quando estivesse pronto.

O Dr. Roth não conseguia falar, mas podia vividamente formar a imagem da trajetória do tiro, e havia uma pesada marca que crescia logo abaixo do diafragma.

— Não tenho tempo — Peter disse numa voz abafada — Saia sozinho depressa e traga-me Gillian Bellaver. Ou estourarei seus miolos.

— Eu. . . — Roth disse, e surpreendeu-se de que sua língua estivesse solta, sua garganta não inteiramente paralisada — não sei onde ela está. Eu cheguei aqui justamente agora, meu... meu...

— O que vou fazer, doutor, é torcer-lhe o pescoço. Arrebutar sua terceira vértebra cervical. Você sabe o que acontece. Você se transforma

numa cabeça viva por alguns anos; pode ser que sejam capazes de fixá-lo numa daquelas cadeiras de roda que você manobrará empurrando o botão com a língua.

— Espere! Sei que você não tem nenhum motivo para acreditar em mim, mas pelo amor de Deus, homem, tem que me ouvir! Ela é uma paciente aqui, mas eu só soube disso hoje à noite. Talvez a tenham mudado para outro quarto, eu não sei, mas posso, se você me conceder um momento, procurar uma das enfermeiras deste pavimento.

Um sorriso brilhou.

— Estão amarradas, barriga contra barriga, num quarto vazio perto do saguão. Eu contava com uma longa sessão com a menina, não queria interrupções. Pois bem, por estranho que possa parecer, eu acredito em você. Acreditaria mesmo se me dissesse que veio sozinho.

— Vim só.

Ficaram muito atentos a um intenso e louco gemido no corredor. O barulho arrepiou os cabelos do pescoço de Roth como farpas de pinheiro. E, ao mesmo tempo, alguém estava usando um esfregão. Os olhos de Peter dilataram-se numa fração de segundo, e pareceu momentaneamente incapaz de agir calmamente frente a esses sinais da vida de um hospital — uma pobre alma placidamente limpando o chão enquanto a outra caminhava, audivelmente insana. Então com a mão livre e empurrou Roth para fora do quarto.

Roth correu pelo corredor, olhando para o lado errado, mas percebeu de relance alguma coisa terrificante à sua direita, justamente quando Peter chegou atrás dele e empurrou-o brutalmente. Roth deu dois passos, perdendo o equilíbrio em direção à parede oposta, e ficou gelado. Ele olhava por cima do ombro para uma espécie de aparição, calçada de chinelos empapados de sangue, que passou por ele dando pequenos passos arrastados à moda oriental.

A pele de Gillian estava de uma brancura mortal, de leite aguado. Seus olhos reviravam como os de um cavalo assustado e ela estava enrolando a língua. Não havia trejeitos de gente louca; era apenas o ruído de um roupão inacreditavelmente ensangüentado e preso a um tornozelo que se arrastava. Gillian tinha arrancado a própria roupa, estava seminua; sua camisola estava em tiras, a maior parte dela envolvida em suas pernas bem-feitas. Roth viu que seu corpo estava manchado de sangue e ela

continuava a produzir sons insuportáveis. Mas não viu cortes nem profundos ferimentos que provocassem hemorragia e supôs que não poderia estar tão machucada como parecia. Fez um movimento meio desajeitado para interceptar Gillian, mas Peter alcançou-a primeiro. Ele deu-lhe uns tapas no rosto, provocando sangue na língua mordida. Gillian fez uma parada súbita, as mãos caídas, mas os olhos, ainda parecendo enormes fungos, continuaram fixos até que ele lhe deu uns tapas uma segunda vez; agora havia marcas de dedos nas duas faces. Pela pequena quantidade de sangue na boca e no queixo, Peter concluiu que não havia ferimentos sérios na língua. Verificou isso aproximando-se dela, por mais horror que ela pateticamente estivesse causando; ele se moveu agilmente, retirou o resto da camisola estraçalhada e atirou-a contra a parede mais distante.

Havia uma terrível quantidade de sangue que não era dela. De quem, então? Teria assassinado alguém? Idéias fantásticas surgiam em sua mente. Arrancou a menina fedorenta e escorregadia do roupão que rastejava e segurou-a fortemente contra ele. Ela estava em seus braços, rígida, e com a respiração suspensa.

— Procure descobrir onde ela esteve! — Peter disse asperamente para Roth. O doutor começou a correr pelo corredor, seguindo o rastro de sangue no assoalho.

Peter suspendeu Gillian, carregou-a para dentro do quarto, empurrou a porta com o pé para fechá-la e colocou a menina de encontro à parede ao lado da porta do banheiro. Molhou uma toalha e começou a limpá-la. Ela estava gelada e ainda encolhida de medo, os olhos fechados. Ele a esfregava brutalmente; ela sujou a toalha. Peter suspirou, atirou-a para longe, pegou uma outra e continuou a esfregar com mais força. Isso doeu e Gillian resmungou, mas agora o som era mais normal, um protesto; Peter ficou encorajado. Teve que proteger-se de um punhado dos longos cabelos dela e bateu com a cabeça dela levemente na parede.

— Olhe para mim — ele ordenou. — Não importa o que tenha acontecido, já passou. Você está a salvo e pode enfrentar a situação. Não deixe que isso perturbe o que há de melhor em você. Eu disse para abrir os olhos e olhar para mim, menina!

Gillian tremeu mas olhou para ele. Numa olhadela, ele notou a boa constituição dela; provavelmente uma beleza quando não tivesse mais a

aparência de alguma coisa retirada do esgoto. Usou mais delicadamente uma ponta da toalha para esfregar os lábios manchados.

— Todo o sangue saiu — Peter insistiu. — Retirei-o todo de você. . . não, pare com isso.

Um impulso de histeria dava seus sinais. Ele bateu-lhe com a toalha úmida torcida e ela gritou.

— Não desmaie de novo. Fale comigo. Qual o seu nome? Diga-me seu nome, maldita!

— G-Gillyun. . .

— Mais alto, Gillian de quê?

— Bellaver! Não me bata mais.

Foi mais uma advertência do que um rogo. Ela ainda não podia controlar seus terríveis tremores, mas havia sinais de calor, havia um sadio fluxo no triângulo de vasos e veias do pescoço e grandes áreas do corpo onde ele esfregara com força estavam vermelhas.

— Estou com frio — Gillian disse, a voz prejudicada pelos ferimentos da língua. — Você está puxando os meus cabelos! e não aa. . . acho que seja um bom. . .

Então as lágrimas começaram a cair copiosamente. Peter deu um passo para trás, respirando um pouco mais pesadamente, mas satisfeito com o resultado da operação. Ele se espantava de como ela estivera perto de ter de ficar o resto da vida num sanatório caro, mantendo uma expressão fixa e plácida como um pesado manequim de cera.

Ele deixou Gillian o tempo suficiente para pegar um roupão de veludo no armário. Ajudou-a a vestir-se e sentou-a numa cadeira. Ela soluçou e tossiu até ficar roxa e então tentou se enroscar como uma bola para mostrar até onde podia recuar na infância. Um outro sintoma familiar — queria dormir, dormir com uma boneca na cama da mamãe numa tarde de chuva.

Peter sabia que dispunha de pouco tempo. Por isso puxou Gillian da cadeira, embora ela resmungasse e se queixasse, e obrigou-a a andar pelo quarto.

— Ande! Pare de se fazer de bebê. Pelo menos aja como se estivesse crescendo.

Sujeito odioso! Seu pedaço de asno! Gillian avançou para ele, mas recuou quando ele puxou mão para trás. Beijou-a ternamente e sua

excitação cresceu quando imaginou que ela poderia ter familiaridade com ele naquela idade. Gillian ficou confusa com essa diferente aproximação, chocada e sem defesa, e, enquanto se sentia mais relaxada em seus braços, o beijo se tornou aos poucos um conforto. Com os próprios olhos fechados, Peter prontamente perdeu a noção da pouca idade dela; a agradável pressão do púbis descoberto contra o corpo dele tornou-o altamente excitado, o membro até mesmo já se insinuando.

Então os lábios dela se abriram e Peter provou um sangue amargo. Pegou Gillian pelo braço, desta vez não atendendo a reclamações, e levou-a para lavar a boca na pia.

A água gelada estancou o sangue da língua ferida e ela gemeu de dor. Engoliu um pouco da água e quase teve náuseas, mas a coisa ficou no estômago.

Peter pôs a mão calmamente por trás do pescoço dela.

Sentia-se grotescamente ambivalente em relação a essa estranha menina, como se ele a tivesse dado à luz, como se já fossem amantes. Ele corria o maior perigo possível, ou ele a levaria com ele... Peter sabia que Gillian o acompanharia sem questionar. Ele a salvara da fúria e do terror, num certo sentido ele a possuía agora.

Gillian olhava de olhos arregalados para o estranho padre que lhe batera e depois quase a seduzira. Aí é que lhe ocorreu a verdade. Peter pôde ler isso nos olhos dela.

— Não, eu não sou um padre, é apenas um disfarce. Olhe, tenho de ir agora, Gillian. Se eu ficar mais tempo poderei ser morto. Sei que não faz muito sentido o que lhe estou dizendo; tente recordar-se do que lhe vou contar e pense nisso mais tarde. Tenho um filho como você, Gillian . . . semelhante a você. Ele me foi roubado. Tenho de encontrá-lo. Creio que você é a única pessoa que pode ajudar-me; assim, voltarei para vê-la. No momento há um homem chamado Roth; cuidado com ele. Ele se mostrará simpático, encantador e prestativo. Você não deve acreditar em nada do que ele disser. Não permita, em qualquer circunstância, que ele a convença a demonstrar-lhe seus poderes de clarividência. E afaste-se de um lugar chamado Instituto Paragon. Uma vez lá dentro, não serei capaz de tirá-la de lá.

O corredor, fora da porta do quarto de Gillian, estava se tornando barulhento e Peter demonstrou desagrado. Agarrou a maleta preta que

tinha trazido para o hospital.

— Quero que vá ao telefone antes que isso aqui se transforme num inferno. Chame seu pai ou alguém em quem possa confiar, um advogado será ideal, e diga-lhe para vir buscá-la ainda esta noite. Diga-lhe que você está esperando no quarto 909, que é diretamente acima deste. Já o revistei e sei que está desocupado. A escada é no meio do corredor. Vista-se, suba para o 909, tranque a porta e espere até que chegue a pessoa que você chamou. Entendeu tudo, Gillian?

Gillian cuspiu água ensangüentada na pia e acenou cansadamente.

— Como é. . . seu nome? — ela lhe perguntou.

— Peter.

— Peter. — Gillian acenou outra vez e tentou sorrir. Peter. Gostava desse nome. Sem nenhum motivo começaram a correr lágrimas pelo seu rosto. Procurou uma toalha para enxugar as faces. — Peter — ela murmurou —, a Sra. McCurdy está morta. — Falava com dificuldade, pois a dor na língua aumentava. — Ah!... — Gillian prendeu a respiração e fez uma outra tentativa. Tinha que contar-lhe urgentemente enquanto ainda conseguia deixar que as palavras saíssem. — Exatamente sangrando e sangrando. Inteiramente. Encharcou-me.. Deus! Penso que provoqueei isso, Peter. Fiz isso acontecer.

Abaixou a toalha e ficou olhando desesperadamente para ele, à espera de sua compreensão.

Peter tinha ido embora.

Gillian experimentou uma sensação aguda de medo. Não, ela precisava dele! Mas de maneira alguma iria começar a gritar. E ele havia feito uma sugestão importante. Sabia que tinha de deixar o hospital e ir para casa. Poderia salvar-se até que Peter voltasse.

Rápido. Tinha que ser rápido.

De um só golpe, chorando, Gillian correu para o telefone e sentou-se ao lado dele, o cérebro momentaneamente vazio como uma folha de papel em branco. Vozes lá fora despertaram-na; tinha medo de que alguém entrasse. Não havia um homem para chamar, como Peter esperava. Mas em toda a sua vida, sempre que precisou de auxílio, teve que depender da Sra. Busk, a governanta dos Bellaver. Era noite de Ano Novo, mas a Sra. Busk deveria estar em casa com rolos no cabelo, esperando Guy Lombardo aparecer na TV. Uma vez alertada e estimulada, ela teria

energia para dirigir o carro diretamente para o hospital, usando sua força para chegar até ela e levá-la, a sua Gilly, para casa.

Mesmo passando sobre os mortos, isso aconteceria.

Onze

No corredor perto da porta de Gillian, Peter encontrou uma porção de doentes de meia-idade e alguns ainda mais velhos parados em grupos cacarejando sobre o sangue no chão ou queixando-se do repouso interrompido. Mais adiante, no fundo do corredor, no fim da ala onde parecia ter havido o transtorno, duas mulheres seguravam uma outra mulher imensamente gorda e que estava palpitando de terror e ameaçando desmaiar.

— Padre, aonde foram as enfermeiras deste pavimento?

— Padre, há uma mulher naquele quarto logo ali... é horrível. . .

— Sei, sei — disse Peter. — Seria melhor que todos voltassem para seus respectivos quartos e permanecessem lá. Parece que temos um maníaco à solta.

Sua recomendação esvaziou os corredores mais depressa do que teria imaginado. Apenas um homem com uma atadura cirúrgica no pescoço continuava se movendo obstinadamente com a ajuda de um acompanhante em direção ao saguão das enfermeiras. Tinha o aspecto de um velho soldado.

Peter disse:

— Coronel?

— Brigadeiro.

— Para onde está indo, senhor?

— Tentando encontrar alguém para mostrar a sangueira no meu quarto. Azar. Na noite de Ano Novo a enfermagem toda saiu para a farra.

Tentarei telefonar na mesa de serviço.

— Aquelas linhas telefônicas foram cortadas, senhor.

— Foram? Como sabe disso?

— Brigadeiro, preciso de sua ajuda. Ainda poderíamos fazer qualquer coisa pela mulher. Poderia seguir-me, por favor?

Peter não esperou por ele; algumas portas se fecharam rapidamente no corredor enquanto ele corria para o quarto 819. Olhou para a chapa com o nome na porta: "McCurdy, Irene C."

Ela era uma coisa flácida na cama, diminuída do considerável peso do sangue em aproximadamente dois quilos e meio. Havia uma aparência brilhante, esvoaçante, artificial no arranjo do cabelo que não combinava com a face de um cinza de pedra e enrugada. Os dentes estavam à mostra numa expressão de total desagrado. O quarto estava como uma estufa. O cheiro forte de sangue ainda escorrendo da cama para o chão tinha-o feito prender a respiração. Até onde ele podia imaginar, o sangue tinha se esvaído inteiramente de Irene McCurdy de algum lugar abaixo do tronco, provavelmente sob mais pressão do que o bombeamento normal do coração podia suportar. Área de recente cirurgia? Peter não conseguiu ir adiante e espiar.

Como era de se esperar, não havia sinal do Dr. Irving Roth. O médico tinha deixado uma impressão parcial do pé do lado mais estreito da viscosa poça por onde passou em direção à cama. Gillian tinha deixado longas marcas escorregadias. Tinha escorregado, depois se moveu desajeitadamente e finalmente conseguiu sair do quarto apoiando-se nas mãos e nos joelhos.

Peter ouviu o chiado do acompanhante e a respiração áspera do velho soldado atrás dele.

— Extraordinário. É como nas trincheiras, veja. Horrível nas trincheiras. Todos aqueles maravilhosos rapazinhos.

— Sim, senhor. Estou saindo para dar ajuda. Não deixe ninguém remexer neste quarto.

— Não tinha um cerimonial a realizar, capelão?

— Eu o farei.

Peter fez algumas conjeturas vitais enquanto seguia pelo corredor. Hora da chegada de Roth ao oitavo andar: aproximadamente dez e trinta. No relógio de parede do saguão das enfermeiras agora eram dez horas e

quarenta e sete. Peter sentiu-se um pouco surpreendido. A porta de passagem para a escada estava fechada atrás dele. Seguiu adiante em enormes passadas, carregando a maleta preta.

Então tinha gasto aproximadamente um quarto de hora com Gillian Bellaver. Durante esse tempo Roth tinha investigado as condições de Irene McCurdy. Teria levado ao todo trinta segundos para decidir que não havia nada a fazer. Então, se agisse medicamente, teria gasto um ou dois minutos mais para verificar a causa provável, antes que o alarma animal despertasse nele e mostrasse que seria melhor tratar de salvar a própria pele. Ele precisava daquela espécie de fibra de que dispunha Peter Sandza, armado no momento e conhecido como extremamente perigoso. Olharia para o telefone, hesitando, e correria o mais rápido que pudesse.

Para os elevadores? Não. Somente dois elevadores serviam Herlands North; um andara falhando. Difícil ter sido consertado durante os feriados. Hester, que tinha ido ao hospital enquanto delineava o plano de Peter, tinha cronometrado o trajeto do único elevador em funcionamento. O tempo médio de espera era de três minutos e vinte segundos. Se na sua chegada ao hospital Roth tivesse ficado parado, apertando botões por longo tempo, ele deveria lembrar-se disso e evitaria o elevador como um meio de fuga.

Isso o levaria à escada. Para cima ou para baixo? Considerando que o gordo Roth tinha um problema de peso, ele acharia muito mais fácil descer. Sétimo andar? Não, o bom doutor devia estar ansioso por colocar o máximo de distância entre sua pessoa e Peter, tanto quanto pudesse.

Então disparar para o sexto ou mesmo quinto andar, correr até o saguão das enfermeiras. Chegar, tomar fôlego e identificar-se e contar-lhes que havia problemas no oitavo pavimento, pedir socorro rápido. Discar para a segurança do andar principal. Um homem de serviço na portaria perto das portas o impediria de sair. Pôr em ação o cortador de página de bolso, localizar o vigia. Polícia aposentado, naturalmente. Podia ser, exatamente podia ser que o guarda pedisse auxílio imediatamente. "Entrar em comunicação com o Dr. Roth no saguão do sexto, senhor guarda." "Segurança; alguém chamou?"

Expirado o mínimo de tempo, digamos cinco minutos. Oito no máximo. Hora no relógio: dez e trinta e oito.

Mas eram pelo menos dez e quarenta e cinco quando deixou o quarto de Gillian. Mas a essa hora o guarda devia estar presente, auxiliado por um contingente de homens da segurança de outras seções do hospital, talvez mesmo da polícia de Nova York, se uma unidade estivesse bem perto. Todos eles armados com espingardas esperando que ele surgisse à porta. Peter podia conceber Irving Roth espreitando em algum lugar na obscuridade, um doentio e malévolo sorriso de expectativa no rosto.

Roth não tinha de modo algum notificado o serviço de segurança do hospital.

Possivelmente estava tão assustado que saiu correndo retamente para a saída mais próxima, pediu o carro e agora estava a meio caminho de casa, o suor escorrendo espinha abaixo como água degelando.

Peter rejeitou a idéia. Não estava concordando com a corrida, a maneira paranóica do Dr. Roth de aproveitar-se de situações que lhe seriam convenientes.

E se houvesse alguém mais que Roth pudesse chamar numa emergência. Não lentos policiais aposentados ou nervosos jovens ainda em treinamento no serviço de segurança, ocupados com os indesejáveis acidentes da noite de Ano Novo, mas uma força de elite, homens que pudessem cercar um edifício e toda a sua vizinhança por meio de uma barreira de bem-coordenado entrosamento, garantindo que ninguém escapasse.

Oh! sim, Peter pensou. Isso fazia sentido.

Se era verdade, como Roth tinha proclamado (e devia haver um pouco de verdade no que ele disse), que só tinha sabido do paradeiro de Gillian naquela noite, então estava claro que Childermass tinha encorajado o doutor a passar por lá e vê-la. E Childermass teria feito facilmente uma importante conexão. Gillian no ringue de patinação do Central Park, Peter lá na mesma tarde. Contudo não era despropositado acreditar que Peter sabia tudo a respeito de Gillian e estivesse procurando a menina pelos hospitais. Convenientes indicações de homens para o Hospital Washington Heights, no caso.

Roth deveria ter localizado o chefe da MORG e confirmado a presença de Peter.

Deviam estar de serviço exatamente agora, quieta e meticulosamente fechando todas as saídas, mas não de tal modo que pudesse comunicar a

mais sufocante excitação da atividade de Peter. Teriam de ficar humildes e esperar, depois agiriam com grande violência, se necessário, e descansariam na hora do lazer.

Peter tinha momentâneos receios quanto ao futuro de Gillian. Mas se tivesse prestado atenção e feito exatamente o que ele tinha dito, provavelmente não corria perigo imediato por parte de Roth ou da própria MORG. O nome Bellaver e o poder de sua fortuna podiam mesmo tornar Childermass cauteloso ao aproximar-se de Gillian.

Poderia facilitar a saída de Gillian do hospital se ele próprio realizasse a sua saída de uma maneira excepcionalmente barulhenta, ao mesmo tempo retirando muito da força dos grupos da MORG disponíveis.

Fácil afastá-los; igualmente impossível escapar deles uma vez que tosse apanhado.

"Arranje um pouco de tempo para pensar nesse problema no longo caminho para baixo."

Ele tinha alcançado o décimo e último andar do Pavilhão Herlands. Havia um aviso na porta, em letras vermelhas- "Sem acesso. Construções ainda em andamento neste andar" Porta metálica pintada de cinza com impressionante fechadura. Era bom de olhar como se você soubesse exatamente as ferramentas necessárias. Abriu a maleta preta. Lanterna, pinças para fechaduras. Vinte segundos silenciosamente lidando com as tranquetas da fechadura e ele estava do outro lado da porta de passagem da escada. Fechou-a cuidadosamente.

Ali era mais frio. O andar de cirurgia estava noventa por cento completo, mesmo as lâmpadas de saída estavam no lugar. A luz vermelha dava claridade bastante para Peter ter o caminho facilitado entre as pilhas remanescentes de material de construção. Tinha a Beretta automática na mão. Eles ainda não tinham começado a movimentar a complicada maquinaria e só metade da cerâmica estava colocada no chão em frente dele.

Estava começando a passar mal do estômago de novo. Não de medo, exatamente, mas de uma sufocante sensação do já visto. Ainda outra vez o pesadelo de escaladas para escapar, cada momento se tornando mais perigoso escorregar, podendo cair de cabeça na sombria eternidade.

"Se você está com medo do abismo, a coisa a fazer é ir direto a ele para mostrar o seu desprezo. O abismo e o terror da hora de apuros

excitam."

De qualquer modo, o telhado não era tão longo que afastasse uma possibilidade. A mais simples saída de todas a tentar, uma vez que estavam de alerta.

Peter tinha uma pequena alavanca com ele, mas alguém tinha deixado uma maior num pacote parcialmente desmantelado perto dos elevadores. Usou as duas ferramentas para abrir as portas de um elevador. Fez algum barulho inevitável para apartá-las, mas o barulho do outro elevador descendo era bastante para abafar o tinido dos dentes dos pés de cabra e o deslizar das portas no décimo andar.

Com a ajuda da lanterna, conseguiu ver os cabos no centro do poço. Por causa do tamanho acima do comum dos elevadores do hospital, eram um pouco mais afastados do que ele julgava, e além disso pareciam ter relativamente pouco uso, não estavam perigosamente besuntados de graxa e nem com desgastes. Não olhou para baixo. No dia anterior o elevador estava no poço, montes de fios pendurados no painel de controle. Seria melhor que ainda estivessem lá.

Peter guardou a lanterna e pegou um par de luvas pretas para dirigir que estavam na valise. Tinha gasto mais de uma hora com as luvas depois que Hester as comprara numa liquidação, passando cola e areia com cuidado na parte externa. Descer agarrado a uma corda mais de quarenta metros não era grande feito se você conhecesse a técnica e tivesse resistência; subir o mesmo número de metros num cabo de aço trançado de um elevador tornar-se-ia um suicídio. No cabo esticado ele não teria muita ajuda dos pés para controlar a descida. Quase todo o seu peso teria de ser sustentado pelas mãos enluvadas. E não podia predizer quanto tempo a lixa preparada na luva resistiria ao atrito. Se as luvas ficassem lisas no meio do caminho do cabo, então ele escorregaria fumegando do teto até embaixo, alcançando o fundo do poço com um impacto tal que enterraria fragmentos do osso pélvico em uma porção de tecidos moles insubstituíveis.

Fez uma alça para sua valise, que ficou bem presa sob o braço esquerdo. Esperou até que os olhos se acomodassem à fraca luz disponível. O pouco brilho dos cabos mal era visível no poço. Não podia contar com a percepção de profundidade. O outro elevador estava agora subindo no poço ao lado, sua máquina zunindo à velocidade C.

Peter pisou na orla da abertura do poço. Os sapatos pretos de jogador de boliche deram-lhe uma leve noção de contato com a chapa de aço, mas teria preferido fazer isso de pés descalços. Enganchou os dedos da mão esquerda na fenda horizontal do elevador e curvou-a para fora, alcançando-a com a mão direita. Pegou um dos cabos e agarrou-se nele; depois, rosnando, soltou a mão esquerda e tomou impulso como um acrobata de circo ao dar início a uma cambalhota tríplice. Aproximou os pés até que estivesse quase paralelamente ao alçapão; simultaneamente a mão esquerda cruzou o corpo para pegar a grade. Teve um segundo de satisfação enquanto pegava as ferramentas depois de brutal ansiedade por tê-las amarrado apertadas demais; a superfície arenosa das luvas funcionou bem.

Enquanto se balançava em volta do cabo com grande movimentação, ele tinha a destreza de manter os pés juntos, conseguindo uma precária estabilidade aérea. Procurava manter o cabo bem ajustado para compensar a curvatura do corpo e o centro de gravidade; escorregou, cavalgando uns três metros abaixo pelo cabo. Então encostou as solas finas dos sapatos na corda para uma tração extra, veio parando meio inclinado e ficou de costas para equilibrar-se. Respirou através dos dentes cerrados. Um ato circense. Nenhum aplauso, mas chegou a salvo no final.

O outro elevador tinha parado no oitavo andar. As portas abriram-se, mas Peter não ouvia vozes. Estrita disciplina A MORG tinha chegado para prosseguir na busca. Ouviu muito distante a voz do velho brigadeiro pedindo socorro.

"Onde está você, Gillian?", Peter pensou. Estava sujo como uma chaminé o lugar em que estava pendurado, e o suor de suas axilas cheirava como mercúrio congelado, caindo em lentas gotinhas.

Começou a descer. Uma mão depois da outra, um pé de cada vez.

No número 612 da ala oeste do Pavilhão Herlands, o Padre Karl Krásno estava sentado, a cabeça curvada sobre o livro de orações, esquecendo-se, no seu cansaço, de alguma coisa da língua nativa. Esperava, recitando salmos em tcheco, poder se aproximar do homem na cama, mas já haviam passado mais de quarenta e oito horas desde que

Jonas Krásno começara a prestar atenção aos sons da voz de seu irmão ou a qualquer outra voz. O irmão herói tinha ido longe demais, apesar do largo peito, não diminuído pela podridão interior que se percebia, que continuava a arfar como sob o peso de uma tonelada; cada última respiração durava incrivelmente um minuto ou mais enquanto ele reunia forças para lutar por mais uma outra. O Padre Karl achou difícil manter sua mente nas orações enquanto a luta prosseguia; mesmo a enfermeira particular, ocupada no momento com Jonas ao lado da cama, olhava espantada, apertando os braços da cadeira como se a intensidade do desejo dele de sobreviver estivesse consumindo as forças dela.

O Padre Karl tirou os óculos, espalhou um pouco de água fria numa toalha e comprimiu-a contra a cabeça dolorida. Ele sorriu. "Ah! devia tê-lo visto em seu período áureo", pensou. Há trinta e oito, no máximo trinta e nove anos. Ainda podia tremer ao recordar-se do inverno carpatiano e do sofrimento deles quando Jonas os espicaçava através dos estreitos e altos montes de neve. Patrulhas nazistas de esquiadores por toda parte. Jonas tinha dezesseis anos, mas era amadurecido, um homem completo. Eram filhos de Max Krásno e tão marcados pela morte como todos os outros. O mundo recorda-se de Lídice mas não de Drbal. Havia quase mil e seiscentos quilômetros da sua vila condenada na Morávia até as ruínas do castelo eslovaco perto de Strecono, em Malá Fatra, onde esperavam encontrar um grupo de guerrilheiros dispostos a aceitá-los. Mil e seiscentos quilômetros de enregelamento pelo frio e de fome, sem nenhum alimento a não ser chá de ervas e uns poucos morcegos que Jonas havia encontrado numa caverna e assado como pombos.

Yolanda morreu nos braços de Jonas a apenas alguns poucos quilômetros do castelo, uma patética massa informe envolvida na lã que ele arrancara das costas de seu próprio casaco numa última e inútil tentativa de mantê-la aquecida. Apesar do chá medicinal, ela tossia, expelindo pedaços de tecidos ensangüentados. Jonas tinha acidentalmente facilitado as coisas para ela, pondo a mão sobre seu rosto para abafar os sons naquela noite, enquanto os holofotes varriam as árvores. Por quase um dia inteiro depois que alcançaram um abrigo, ele se recusou a deixar que tirassem Yolanda dele. Karl dormia, dormia exausto. Quando despertou atacou o irmão mais velho num furor parcialmente provocado pela febre. "Vergonha! Vergonha! Por que não a salvou? "

Nunca poderia esquecer o olhar de confusão e angústia no rosto de Jonas, as lágrimas que quase não corriam. "Pouca sorte, Karl." Foi tudo que Jonas disse. No dia seguinte ele foi embora para reunir-se à Resistência em Brno. Matou uma porção de nazistas na guerra, talvez alguns SS que tinham sido responsáveis pelos horrores de Drbal.

"Deixe-me agora compensar", Karl pensou. Retirou a toalha fria e pegou os óculos e o rosário de prata pesada trabalhada, um luxo que às vezes o embaraçava. O presente de Jonas quando recebera ordens. "Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo..."

Mas havia passado mais de um minuto desde a última respiração, quase dois minutos. A enfermeira estava em pé ao lado da cama, uma das mãos no peito de Jonas. Karl levantou-se vagorosamente, incapaz de acreditar que estava tudo acabado. A enfermeira levantou o fone do gancho. Karl hesitou uns momentos mais, os olhos pousados no peito sem movimento. Então se persignou e caiu de joelhos.

"Senhor, aceita a alma de Teu servo arrependido, Jonas..."

Jonas tinha rezado o ato de contrição muitos dias antes e tinha recebido a extrema-unção, os últimos ritos da Igreja. Agora haveria uma vigília para os poucos que desejassem comparecer e uma missa para o morto. Em dois ou três dias no máximo, o Padre Karl poderia retornar às suas ocupações paroquianas na Inglaterra.

A jovem médica residente em três minutos estava ao lado da cama. Confirmou a morte de Jonas. Karl embrulhou o relicário e a imagem do século XVIII de São Floriano, santo patrono de uma família notável em outros tempos, agora quase extinta, e saiu pelo corredor.

Cosima estava lá, lágrimas escorrendo pelas faces. Tinha estado lá desde as duas horas no sofá para visitantes, do lado oposto do balcão das enfermeiras. Apesar das lágrimas, tinha uma aparência espantosamente fresca e jovial mantida sem dúvida pela vitalidade de dançarina. . .

— Sei que não queria que ninguém o visse, mas. . .

Karl balançou a cabeça.

— Ele era seu pai. Vá.

Esperou por Cosima no sofá. Uma das enfermeiras do pavimento ofereceu-lhe uma xícara de café. Quando Cosima voltou, estava mais pálida que antes, mas de olhos enxutos. Filou um cigarro de Karl. Encaminharam-se para os elevadores.

— Você deve estar com fome — ela disse.

— Estou bem. — A voz estava rouca com tantas horas de leitura em voz alta. — Com um pouco de sono.

— Então uma bebida.

— Seria bom.

— Gostaria de passar a noite em casa? Jessica foi para casa, para uma curta visita. Há quartos vazios.

— Não, obrigado, Cosima. Estou bem instalado na residência paroquial. Amanhã é um dia santo; vou celebrar a missa das seis e trinta para o Padre Pannell.

Ela brincava com os quadrados botões de chifre do casaco de pêlo de cordeiro.

— Poderia chamar Charles e John. Não, pode esperar até amanhã. Se for agora, a briga começa cedo demais. Volta toda a raiva.

— Mas você não vai tomar parte nisso.

— Não faço questão de um centavo do dinheiro de meu pai. Tenho uma boa vida. Perdoe-me por mencionar nossas... incompatibilidades fraternas. Sei que foi uma terrível experiência para você, tio Karl! Agora não resta ninguém.

O padre sorriu de modo cansado. Jonas fora um estranho para ele por mais de vinte anos. Pensava no Jonas Krásno que tinha morrido, um homem rico suspeitamente abandonado, desprezado pelos sócios e todos os filhos, exceto um. Como Jonas chegara a essa situação? Como mudara tanto? Naturalmente se tornou amargo com a guerra; gradualmente seu ódio pelos alemães transformou-se numa tremenda intolerância por todas as fraquezas da humanidade. Sofreu longamente, talvez, tornando-se um homem duro, interessado somente em acumular riquezas e poder. Uma história familiar trágica. O Padre Karl preferia lembrar-se do menino que tinha sem medo lançado detergente na cara do chefe da Gestapo, sobrevivido a uma bala nas costas, salvado duas crianças perdidas numa tempestade de neve.. .

Quando ele e Cosima deixaram o elevador no primeiro andar da ala leste do Pavilhão Herlands, estava pensando ainda na ocupação de Drbal, nos homens de casaco de couro negro, de combate, que chegaram em poderosos carros e mataram seu pai. Cosima estava ocupada com suas

próprias recordações. Ambos não prestaram atenção imediatamente a dois homens que passavam pelas portas de vidro corrediço na entrada. —

Parem exatamente aí.

O Padre Karl olhou com surpresa e viu espingardas apontadas para eles. Os casacos de combate cinzento-escuros que esses homens usavam provocaram um só pensamento a refletir uma imagem em sua mente — Gestapo.

A teoria clássica do condicionamento argumenta que todo comportamento é uma resposta condicionada por estímulos que ocorrem no ambiente externo. Se ele não estivesse tão profundamente cansado, se sua longa vigília não lhe tivesse trazido total recordação do ataque a Drbal, que começou com uns tiros e terminou horas mais tarde com horrível bombardeio, o Padre Karl poderia ter ficado em pé parado e sem resistir. Mas a impressão do estímulo do pensamento-forma Gestapo teve o duplo efeito de dissociá-lo do aqui e agora e ao mesmo tempo desarmar o ativo sistema reticular do cérebro quase que com cirúrgica precisão, tornando então imperativa a primitiva e mais natural resposta ao perigo que o ameaçava. A Gestapo os tinha encontrado finalmente e o irmão herói estava morto.

O Padre Karl assustou-se, puxando a espantada Cosima pela mão.

— Corra! Corra! Corra!

Estando tão claro em toda parte, ele tinha que subir ao seu quarto agora e rapidamente puxar as cortinas nas janelas batidas pela claridade do meio-dia, de modo que eles não pudessem ver nada no interior. Ele poderia estar a salvo no andar que dava para a esquina, quente e sem ar devido à inclinação do telhado, onde guardava os modelos de navios. Yolanda ficaria quieta, segurar-se-iam bem estreitamente enquanto as botas exibicionistas passassem e depois se afastassem para longe; só então desceriam. As botas não poderiam entrar nunca, porque o arcanjo Miguel tinha uma vez lhe feito uma visita quando estava doente e o abençoara, sorrindo. Além disso, seu quarto era um lugar sagrado e protegido do Demônio pelos poderes de um anjo da guarda. Se ele pudesse. . .

O Padre Karl estava com a porta da entrada aberta pela metade quando mais dois homens vieram do canto em direção a ele. Um dos agentes da MORG puxou a porta da mão do padre e, quando ele alcançou a parte interior do casaco procurando o rosário, um outro agente atirou nele

duas vezes no estômago, de uma distância de pouco mais de dois metros, com um revólver carregado com balas de cartucho. Os tiros fizeram-lhe dois rombos mortais. Karl sentou-se com a violência dos tiros, já sem ar.

Cosima caiu gritando por cima dele, mas o tio já não sentiu mais o peso dela; perdera repentinamente toda a sensibilidade do peito para baixo. Eles arrancaram quase que imediatamente Cosima de perto dele, mas seu casaco de pele de cordeiro estava manchado como um pêlo no matadouro. Karl ficou com pena dela — estava sempre tão limpa, enfeitada e gentil em seus movimentos e agora era forçada a lutar como um bichinho selvagem, como louca, e gritar para chegar perto dele. "Oh! querida menina, não se preocupe comigo." Tinha perdido a capacidade de ouvir; as vozes se afastavam. Era o fim da função auditiva. Homens, mais homens, homens arrastando Cosima, homens comentando. "Atiraram nele." Em mim?", Karl pensou. "Absurdo. Sou muito sem importância para todo esse espalhafato." Homens de branco atravessaram as filas e ajoelharam-se ao lado dele; abriram o paletó e o rosário rolou. Outros estavam conduzindo Cosima; seus olhos voltaram-se para ele na última hora e não parava de gritar.

Karl abriu a boca para falar-lhe, mas não pôde dizer coisa e o queixo cedeu. Lamentou não poder de modo algum ter condições para vê-la dançar em Londres na próxima primavera. Um dos internos pôs o precioso rosário em sua mão fechada e ergueu-a para que pudesse vê-lo. O Padre Karl sentiu-se grato, morreu com a gratidão gelando eternamente nos olhos.

No elevador, no porão da ala norte do Pavilhão Herlands, Peter tirou o colarinho e a batina preta, embrulhou a roupa e pôs a trouxa no teto. Saiu do elevador, fechou a cobertura do alçapão e pulou numa mesa de marceneiro. Agora ele usava uma camisa de algodão de mangas curtas, resistentes calças brancas e sapatos brancos. Da sua valiosa valise negra ele tirou um par diferente de óculos, lentes meio fora de moda, que vinham até metade do nariz. Desarrumou o cabelo e encheu o bolso da camisa com canetas-tinteiros e um pacote de lâmpadas para instantâneos. Pendurou um estetoscópio no pescoço. Não dava boa impressão

carregando a valise, mas ela era a sua caixa de segurança. Nela estavam a Bereta automática 38 e dois rifles adicionais completos.

Passou pelo elevador central, comum às três alas do Pavilhão Herlands, e continuou em direção do porão da ala sul, em que estava instalada uma grande lavanderia. Como esperava, a lavanderia estava deserta. Ele achou uma pilha de aventais passados à mão, separados para a poderosa elite do hospital numa prateleira. Escolheu um avental com a etiqueta do Dr. Chen.

Parou quando ouviu vozes, mas ouviu muitas agora, seguindo uma batida com estrondo na porta de metal igual à de uma prisão.

A MORG ou a segurança do hospital, ele não sabia o que era. Peter pegou a valise e entrou sem pressa dentro do cômodo com fechadura reservado para as lavadeiras e depois entrou no banheiro ao lado, onde quatro bocais gotejavam lentamente. Usando as torneiras como apoio para os pés, ele subiu numa das janelas revestidas de pastilhas perto do teto e abriu-a, mantendo-a aberta com uma vareta de aço. Serpenteou através da janela e saltou lenta e rigidamente para dentro de uma passagem curta e úmida que estava assinalada com um aviso: "Perigo. Alta temperatura". Ele percebeu a porta com a marca de giz verde no canto superior à direita, abriu a valise à procura de ferramentas e puxou o fecho. Do outro lado da parede ele se viu no velho hospital, especificamente na área que incluía o necrotério, o crematório e a sala de autópsia. A pintura aqui era de um verde que lembrava uma paisagem de Corot. As grades de metal do sombrio elevador preparado para o transporte dos mortos estavam abertas — havia um ocupante. Peter empurrou o corpo para fora do elevador, largou-o no corredor, voltou para o elevador e foi ao terceiro andar. Saiu dali, atravessou o corredor e entrou num laboratório.

Lá dentro estava um preto jovem com uma garrafa de cerveja na mão; estava examinando uma fita retirada de um terminal do computador. Havia ali um centrifugador. O patologista olhou para Peter, mas não disse nada.

Peter cumprimentou-o com a cabeça, sorriu e encaminhou-se para ele. Pôs a valise em cima do balcão. Tirou a Beretta automática e colocou a boca da arma contra a cabeça do preto. O patologista largou a cerveja e tentou ficar atento, mas a barriga estava imprensada fortemente contra o

móvel do computador. Ficava cada vez mais e mais tenso, mas não dizia uma palavra.

— Não fala? — Peter perguntou-lhe.

— Sobre o quê, malandro? Se está aqui para roubar, arrume-se sozinho.

— Desligue o centrifugador.

— Estraga o lote, sabe? Eu ouço bem.

— Eu poderia pôr fim a alguma coisa que está acontecendo no corredor.

O patologista examinou-o com um olhar de soslaio, afastou-se e desligou a máquina.

— Posso sair daqui?

— Você vai sair. Descemos a escada para a sala de emergência e atravessamos o estacionamento de ambulâncias. Você fala. Você fala qualquer coisa que lhe agrade. Fale-me de sua vida fascinante. Mas se parar de falar mesmo por um segundo, perderá meu interesse, e se perco o interesse por você, doutor...

— Paradies. Sydney Paradies.

— Vou prestar-lhe as devidas homenagens, meu homem. Não há alternativas. Não tente procurar uma. . .

— Você quer sair, certo?

— Certo, Dr. Paradise. Então vejamos como é a sala de emergência à noite.

O chefe de segurança do Hospital Washington Heights fora antes um capitão da 5.^a Divisão chamado Adam Hazell, que morava com mulher e dois filhos num apartamento de cinco cômodos em Inwood, seção de Manhattan. Os Hazell estavam tendo uma noite alegre com uns poucos amigos, todo mundo ficando tocado mas não turbulento demais. Era seu chefe que estaria na mudança de turno à meia-noite, Tony Megna. Tony lhe falara pelo telefone como se alguém estivesse ao lado dele ditando-lhe exatamente todas as palavras. Havia uma porção de complicações no vestíbulo da ala oeste, mas Megna não podia dizer isso alto, ele apenas repetia numa voz estranha que Hazell deveria vir imediatamente.

Adam Hazell dirigia através da Broadway, vindo da Dyckman Street, a cabeça ligeiramente encolhida pelo gelado ar poluído. Encontrou a Fort Washington, onde ficava a entrada para a ala oeste, bloqueada por três

sedãs conhecidos como SGI, modelo padrão do governo, e uma porção de homens de idênticos casacos de combate cinza-escuros. Tinham estacionado os sedãs numa praça diretamente em frente à passagem para pedestres.

Todos os guardas da cidade estavam em serviço externo nas ruas molhadas. Três carros azuis e brancos munidos de rádio e um carro Sergeant 34 da polícia, todos de faróis ligados. Os policiais estavam justamente em pé, formando círculos de nuvens de ar expirado, e olhavam para os atléticos homens de cinzento.

O lado de fora do vestíbulo do hospital estava fervilhando de gente. Hazell viu pelo menos mais seis de casacos cinzentos e mais dois homens que usavam uniformes iguais ao dele. Hazell aproximou-se do sargento, o único superior em cena, que estava encostado ao lado do seu carro, com os braços cruzados.

— Adam.

— Cass, que diabo é isso?

— Não sei, Adam. Um tiroteio. Não querem nos deixar entrar.

— Quem não quer deixar?

— Esses sujeitos. Devem ser federais.

— São informantes da polícia?

— Diabo, não sei, mas há dúzias deles; é como se assumissem a responsabilidade deste maldito hospital.

— Se houve tiroteio, isto aqui é uma propriedade da cidade e você tem...

— Adam, eu tentei. Eles me leram uma espécie de regulamento, pelo amor de Deus.

— O quê?

O Sargento Casden olhou para o homem da patrulha que estava ao lado dele. Mantinha aberto um caderno de anotações e ditou para ele numa voz irritante: — O memorando número M18 de decisão da National Security dá-lhes precedência sobre todas as autoridades locais, estaduais e federais em acontecimentos considerados vitais para a segurança dos Estados Unidos

— Acontecimentos? Considerados? Por quem?

Um dos homens de cinzento aproximou-se deles

— Sr. Hazell?

— Sim.

— Poderia vir comigo, por favor?

— Apenas um minuto — Hazell disse rudemente e virou-se para o Sargento Casden. — Logo a mim, Joe, eu teria que tirar da cama os chefões. Enfrente essas coisas pela divisão e agora.

— Numa noite de Ano Novo?

Hazell respondeu-lhe de cara fechada:

— É como se diz, disfarce o asno, sargento. — E se foi com o homem de cinzento, que não era de muita prosa.

Era óbvio onde alguém tinha levado tiros nas tripas, através da porta do vestíbulo. No corredor foi improvisado um quarto de emergência e tinham trazido a vítima dos tiros numa carreta. Um grupo de médicos e enfermeiras estavam agindo num controlado frenesi. Tinham-lhe tirado as roupas de baixo. A roupa negra tinha sido arrancada ou cortada; havia pedaços dela espalhados pelo chão. Hazell, enquanto passava pelo quarto, guardou o colarinho clerical e o rosário que estavam pendurados no punho fechado.

— "Mãe de Deus", pensou horrorizado. "Atiraram num padre!"

Os federais tinham instalado seu comando central na sala de conferências do primeiro andar. Dois estavam olhando a valise do padre e o passaporte. O chefe, um tipo de cabeça raspada, estava usando um radiotelefone contido numa caixa. Um outro agente gritava num pequeno transmissor-receptor, não conseguindo nada além de um ruído de estática. Todo o hospital se tornara uma área paralisada, com o máximo de pessoas da polícia, mas Hazell não disse uma palavra, ele não prestaria favores a essa gente.

— Está bem — o índio disse calmamente. — Parece que cometemos um erro. — Ele interrompeu a ligação. — Você é Hazell?

— Sim.

— Sou Darkfeather.

Ele apresentou uma carteira plastificada de identidade com retrato. Continha as impressões digitais da mão direita, não apenas o polegar. Uma espécie de código chamava a atenção abaixo dos dizeres e do traço de assinatura.

— O que significa tudo isso, Darkfeather? Os guardas do lado de fora.. .

— Ficaremos do lado de fora. Não deve haver complicação com a polícia de Nova York, prejudicando nosso sistema.

Como um ex-policia, Hazell estava familiarizado com a maioria das organizações clandestinas de informações nos Estados Unidos, tais como USAINTC e DCDPO, que agressivamente estavam acumulando dossiês contra cidadãos que ficavam realmente surpresos de que tais agências existissem. Mas a MORG era nova. A MORG fez com que Hazell ficasse um pouco assustado.

— O que são? Alguma merda de seção do Tesouro? Nunca ouvi falar nessa agência!

— Não invente uma porção de disparates em relações públicas, Hazell.

Hazell ajeitou as pesadas dobras nas costas e desesperado disse:

— Bem, chefe, pode me dizer o que estão fazendo aqui?

— Estamos procurando um homem muito perigoso. Ele entrou no hospital à noite vestido de padre. O diabo se parecia muito com o bom e fiel Padre Krásno, que jaz ali. Houve um erro muito natural e humano. Mas nosso homem ainda está armado, escondido por aí. Ele não pode sair. Ninguém sai sem que eu saiba. Vamos vasculhar cada cantinho do hospital e descobri-lo. Desejo que você fique, caso necessitemos de uma verificação rápida do pessoal ou do preparo de um esquema. Isso é tudo.

— Isso é tudo? Você atirou em outro homem? Você matou um padre no vestibulo do hospital e é tudo o que tem para dizer? Sabe o que isso parece?

Darkfeather apenas olhou firme para ele. Talvez ele assustasse as mulheres com seu olhar de falcão e o aspecto dos dentes, mas Hazell não ficou impressionado.

— Nós temos um grupo inteiro de pessoas preparadas para ver como andam as coisas. Agora vão trabalhar. Espero que aqueles guardas na rua ouçam de seus comandantes das respectivas circunscrições alguma coisa a qualquer hora.

Um agente, que parecia ter corrido muitos quarteirões chegou ao salão de conferências.

— Senhor, penso que nós... À vista... Sandza... Emergência, Old Heights. Broadway e 165* Street. Porcaria de rádio, então eu...

— Identificação positiva desta vez? — Darkfeather perguntou sem virar a cabeça.

— Lou de Masio. Diz que foi há quatro anos, apenas Sandza não é pessoa como você. Esqueça, uma vez você o viu, Machão.

— Ele está tão certo — disse Darkfeather. — Mostremos um pouco de atividade, agora.

Adam Hazell de repente se viu sozinho de pé no salão vazio. Deu uma olhadela e seguiu os agentes da MORG até a portaria. A falta de movimento em volta do padre chamou sua atenção. Uma única linha reta aparecia no osciloscópio; uma enfermeira negra passou de mau humor e afastou-se da mesa.

Portas de carros eram batidas lá fora e o primeiro dos três carros de perseguição, todos eles equipados com 307 de quatro canos, dispararam na praça e atingiram a rua com estridentes paradas súbitas — estava cheia de homens; então se desviaram e sumiram com tal velocidade que os pneus guinchavam, mesquinhos e sujos, capazes de tudo por qualquer dinheiro.

"Pobres degenerados", Hazell pensou. "Quem quer que seja não merece isso."

Sydney Paradies estava dizendo:

— Então dei alguns dos meus pensamentos para OBGYN. As horas não são tão más com um grupo. Usar o laboratório junto com outros e depois conversar. Os métodos eram uma desgraça; nada melhores do que os da Idade Média, você entende, mas os bebês nunca paravam de chegar. Sempre pensei que vinham de cabeça. Escola de Medicina, fantástica maçada. Minha mulher chega a casa de seu trabalho na Gimbels, e não pode parar de gritar, os pés tão inchados que não consegue ficar de pé. Sabia que não seria um dos grandes cirurgiões; os queridos rapazes, todos os malditos ricos, tinham de ser os primeiros, mas diabo. Patologia. Sabe o que é patologia? São quatro salas no Park West Village e umas duas semanas em Adirondacks todos os anos. O único problema é que eu adoro isso demais, amo o mistério. Mergulho os olhos profundamente nas nítidas pequeninas células e naquelas que já não são mais nítidas e surgem coisas estranhas do corpo que ainda não são conhecidas. São os guardas,

homem? Não vejo mais guardas neste andar. Estão esperando por você lá fora?

— Pode ser. — Peter sacudiu a cabeça como se ouvisse um impressionante diagnóstico.

Estava andando ao lado do homem preto, uma das mãos no bolso do paletó em que estava a Beretta. Moviam-se sem barulho pelo longo corredor do Departamento de Emergência, inteiramente vazio.

Era como qualquer outra noite, quando as pessoas lá fora estão geralmente empenhadas em coisas fúteis, perdendo um bom tempo e não prestando atenção a seus preciosos corpos. Ossos quebrados, cabeças partidas, músculo do coração com uma grande parte em mau estado, às vezes do tamanho de uma moeda de prata, beberrões delirantes, os restos de uma casa, de um lar em que houve massacre. Um caso de queimadura por propano envolvido em cobertor trazido às pressas através dos portais, uma garrafa de líquido balançando na cabeça enegrecida da mulher. Uma criança queimando de febre, chorando ao lado de um vagabundo. Na sala de tratamento 2 o grupo tinha a seu cargo um paciente em convulsões; as golfadas de seus vômitos projetaram-se até o teto e caíram sobre todos eles. Pessoas moleironas, piolhentas e estranhas, com vagas doenças, superlotavam o corredor.

Peter olhava para cada rosto. Ainda não tinha visto qualquer um que despertasse sua curiosidade. O único representante da lei visível era um guarda alto que estava de pé proseando com uma enfermeira na mesa de admissão, localizada em direção oposta às portas de entrada.

— Dr. Paradise?

— Sempre me chamam assim, em vez de Paradies, o que faz mamãe ficar zangada.

— Podemos ir lá fora fumar. Continue conversando comigo.

— Há um guarda — disse o Dr. Paradies, arrastando os pés.

— Não se preocupe com ele.

— Vê alguém mais?

O médico estava rapidamente formando uma idéia da mentalidade de um fugitivo. Peter não respondeu; acabava de perceber agora duas coisas que diminuía sua expectativa de uma escapada sem tropeços.

Alguém tinha deixado descuidadamente um casaco de combate cinza-escuro numa cadeira na sala de tratamento. Isso significava que pelo

menos um MORG em serviço estava sentado ou circulando em mangas de camisa. Podia ser o homem com atadura de gaze no olho e de expressão infeliz ou o homem com o braço enfaixado colocado sobre as três cadeiras de braço.

Peter olhou para uma porta em que estava assinalado "Privado". Tinha uma estreita fresta. A sala além da porta estava escura. Dali um homem podia controlar metade da sala de emergência. Atrás da mesa de admissão havia duas portas com painéis de vidros opacos — uma passagem de vidro com propósitos de segurança geral?

Se fosse assim, naquele momento ele e o Dr. Paradies podiam estar sob a observação de uma porção de elementos da MORG dentro da sala.

Peter duvidava de que alguém pudesse preparar tudo aquilo tão rapidamente, mas abaixou a cabeça, respondendo a alguma coisa que o médico tinha dito. Não estava achando divertido. Seu instinto lhe dizia que tinha que escolher uma saída rápida e inesperada e teria que agir imediatamente.

O guarda alto deixou a mesa de admissão e passou na frente de Peter e do Dr. Paradies em seu caminho para fora. Peter deu uma olhadela para o carro equipado de rádio que estava parado no estacionamento de ambulâncias, com a porta do lado direito aberta. O patrulheiro estava atrás tomando café. Aparentemente tinham trazido alguém para tratamento.

Peter seguiu o médico para fora. Não havia bastante espaço livre; hospital dos dois lados, uma parede de concreto ao lado da pista. Passagem para pedestres que levava ao estacionamento; correntes em volta, no alto, lâmpadas a vapor. Doze ou quinze carros estavam estacionados atrás da cerca, bem de frente para a entrada de emergência. Então o único caminho rápido e certo era ir pela pista. Paradies deixou cair o maço de cigarros e teve que dobrar um joelho para pegar os que se espalharam. Peter encostou-se na parede de tijolo do hospital e parou repentinamente atrás dele, através das portas de vidro duplas. O homem com o curativo no olho estava andando vagorosamente à frente dele. Andava como se estivesse decidindo se perderia o constrangimento e seria o herói da paz. Peter retraiu-se.

— Que faremos agora? — disse Paradies, tremendo e curvando as mãos em volta de um palito de fósforo. O cigarro prendeu-se entre os lábios.

— Aprecie o seu fumo — Peter lhe disse. — Decidi dar o fora.

Paradies olhou assustado para Peter, que atravessou a distância asfaltada até o carro da polícia. Chegou lá exatamente quando o guarda alto estava tomando lugar ao lado de seu companheiro. Peter deslizou em seguida para perto do guarda já preparando a espingarda, fechando a porta do carro atrás dele. Puxou a boca da arma até o sovaco do guarda e disse:

— Você está detido.

— O queeeeê? — Tentou resistir mas então sentiu uma câimbra repentina quando viu a espingarda.

— Você está preso. . . por representação de oficiais da polícia. Estou levando você para lá. Mova esta joça.

O guarda atrás do volante disse:

— Ei, olhe, camarada, que diabo você pensa que é. . .

— Marty, Marty, ele está com uma arma! Está apontada para o meu sovaco, Marty!

Marty levantou ligeiramente as mãos da direção num gesto de desespero. Olhava de lado para Peter, que o olhava calmamente pelo espelho.

— Está bem, está bem, que quer que eu faça?

— Siga para a Broadway. Lado residencial.

— Para quê?

Peter enterrou maldosamente a Beretta na axila do guarda e em seguida no outro; o guarda aspirou ar através dos dentes cerrados e disse:

— Apenas siga, conversaremos enquanto está dirigindo.

Marty deu partida no carro e foi dirigindo aos trancos em direção à Broadway. Havia um pisca-pisca amarelo de atenção ao lado do edifício do hospital, mas o tráfego era pouco. Marty fez uma curva rápida em torno da Mitchell Square. Peter viu com um ligeiro movimento de cabeça que havia dois sedãs da MORG circulando no local de estacionamento, exatamente quando um par de carros de caça desceu a Washington e a First Street e derrapou na curva da 16th Street. Peter viu de relance agentes da MORG equipados com rádios transmissores-receptores correndo do Departamento de Emergência e um deles era o de curativo no olho. Tinham se preparado para pegá-lo. Mas alguma coisa, provavelmente uma falha nas comunicações, tinha impedido que se fechasse o círculo a tempo.

— Quer ir particularmente a algum lugar? — Marty disse num tom grosseiro de voz.

— Para o GW — disse Peter.

— O GW? Você quer ir para o danado Jersey?

— Isso mesmo.

— Um pouco fora de nosso setor — disse o guarda que Peter tinha como refém.

— Vocês farão uma excelente e longa viagem. Neste momento são as únicas pessoas do mundo com quem me sinto a salvo. Quero aproveitar a companhia de vocês.

Os dois guardas trocaram olhares. Marty fingiu-se de bem-humorado.

— Certamente, certamente, por que não? Gostaremos de viajar, e pode ser que depois de algum tempo você queira conversar. Por nós, está tudo bem. Qual é o seu nome?

— Peter.

— Eu sou Marty Coranallis e esse é o patrulheiro Dominick.

— Oi, Peter. Por que não me chama de Dom?

— Oi, Dom.

— Poderia mover-me um pouco? O assento da frente está todo inclinado.

— Tenho bastante espaço, Dom. Que tal esta espingarda na sua axila, não o estou machucando, estou?

— Vou dizer-lhe a verdade. Está um pouco desconfortável... aponte-a um pouco mais para baixo. Há alguma coisa o preocupando, Peter?

— Sim, há.

Marty disse:

— Mas você não quer falar sobre isso ainda, não é, Peter?

— Continue com as luzes acesas, Marty — Peter disse para ele.

Os quatro sedãs da MORG permaneciam num quarteirão atrás do carro da polícia de Nova York equipado com rádio que viajava da Broadway para a 178* Street. Mais carros seguiam-nos paralelamente e na fronteira norte de Riverside Drive, na Fort Washington, e na Wadsworth e Amsterdam Avenue.

Na seção 2, o assistente de Darkfeather, um homem chamado Beau Cliff, disse:

— Por que não o tiramos das mãos deles?

— Por dois motivos, Beau. Haverá tremendo tiroteio se atacarmos agora. Aqueles dois guardas serão atingidos. O comissário de polícia de Nova York é muito estimado por Childermass. Depois daquela encrenca na Estação Estadual Ferroviária de Island, há dois anos, Childermass fez ao comissário uma promessa solene. Desse modo não podemos ser envolvidos em qualquer coisa a ser investigada pela Inspeção de Funerais. Peter provavelmente sabe disso; essa é a razão por que agarrou os dois policiais. Daqui para diante não terá mais chance conosco. Deixe-o seguir facilmente por enquanto, até que se descubra o que Peter pretende fazer em seguida.

— O que imagina que ele estará dizendo aos guardas?

— Não importa o que seja — disse o índio. — Eles não acreditarão nele.

Gillian, usando um vestido de malha branca Misty Harbor, que tinha sido um de seus presentes de Natal, estava sentada numa cadeira perto das janelas no quarto 909-da ala norte do Pavilhão Herlands e roía as unhas, lascando-as de maneira lamentável.

Quando ouviu a batida na porta, levantou-se rapidamente, meteu-se numa roupa de dormir e estava já no meio do quarto quando a porta se abriu e dois homens vestidos de cinza-escuro apareceram na faixa de luz que vinha do corredor.

Um deles acendeu a lanterna. Gillian respirava com dificuldade e virou o rosto para o outro lado.

— Então é aqui que você esteve escondida.

O outro, com a mão comprimindo um botão no ouvido direito, disse:

— Chamando a central. Missão cumprida. Nós a pegamos.

— O quê?

— Missão cumprida.

— Está bem. — A lanterna foi apagada. Gillian não levantou os olhos. Sentiu uma mão em seus ombros e tremeu nervosamente.

— Menina, fique aqui neste quarto. Entende? Virão buscá-la.

Quando a porta se fechou, Gillian abriu os olhos. Viu um mundo de faíscas. As batidas do coração dispararam, suas extremidades ainda estavam geladas e sem sangue. Depois de todos aqueles dias na cama, algum tempo de pé fê-la sentir-se cansada e fraca. Desejava cair na cama e fechar os olhos. Mas tinha sido descoberta; naturalmente a censuravam pelo que tinha acontecido à Sra. McCurdy. Alguma coisa de ruim poderia acontecer-lhe se não saísse do hospital. Não podia esperar mais a Sra. Busk. Pegou a mala que tinha largado, suspirou profundamente e foi em direção à porta na ponta dos pés.

— Marty e eu somos parceiros há longo tempo — Dominick disse.
— Seis anos. — Estavam passando pelo rio Hudson, no nível mais baixo da Ponte George Washington, dirigindo-se para a parte elevada com vários edifícios nos cumes de Fort Lee, Nova Jersey.

— Isso é muito tempo — disse Peter, parecendo bastante preocupado.

— Não é um médico, é, Peter?

— Não, eu roubei este avental.

— Em outras palavras, isso é um disfarce?

— Sim.

Dominick cacarejou:

— É um disfarce bem inteligente.

— Obrigado, Dom. Contudo, não funcionou. Estão esperando por mim.

— Há alguém atrás de você? — Dominick perguntou de modo simpático.

— Eu trabalhava antes para uma agência do governo de que talvez nunca tenha ouvido falar. Mesmo assim, é grande e muito poderosa. Entreguei meu filho a essa gente. Poderia dizer por quê, mas é uma história longa demais. De qualquer modo, meu filho desapareceu. Disseram-me que morreu, mas estão mentindo. Precisam dele, então o esconderam. Essa gente tem um poder assustador. Dão sumiço às pessoas quando bem entendem. Sabiam que é um crime, previsto no regulamento, um empregado da MORG, atual ou do passado, revelar informações sobre a agência? Não se pode nem mesmo afirmar que a MORG existe. Leis como

essa foram aprovadas porque um homem chamado Childermass sabe mais sobre as atividades do governo que qualquer outro homem vivo. O governo precisa crescer ou enfraquecer, então ele saqueia o tesouro público a fim de crescer. Quando o dinheiro é muito, e ainda maior o poder de quem o possui, então sempre haverá um Childermass para encorajar os homens bons a seguirem o outro caminho e explorar seus piores temores. Pode ser que se possa pôr fim às atividades de Childermass. Alguém deveria fazer isso. Mas eu sou um homem só, Dom.

O guarda Dominick olhou cautelosamente para Peter.

Havia lágrimas em seus olhos? "Deus nos ajude", pensou Dominick "ele é capaz de ficar furioso exatamente aqui dentro do carro. Não pense ele em dar cabo de todos os seus inimigos imaginários."

— Sim, está bem, esta certo, se não se importa que eu faça uma sugestão, talvez possamos ajudá-lo, Peter.

Marty Coranallis deu o seu palpite:

— Entenda, Peter, eu e Dom ganhamos uma longa experiência lidando, você sabe, com esse tipo de gente que leva suas vantagens enganando o povo, atormentando-o. . .

Dominick disse:

— Meu cunhado mora perto daqui. Em Teaneck. Há um lugar a que ele me levava quase toda noite para jantar, em Leonia, 93rd Road. Que tal pararmos para uma xícara de café?

— Não pare! — Peter gritou, assustando-os. — Mantenha esse carro em movimento.

Dominick teve de conter uma sensação de vômito.

— Está bem, Peter; olhe, homem, estamos do seu lado, estamos apenas querendo ajudar.

— Marty? — disse Peter.

— Hein?

— Você conhece o promontório do rio abaixo de Fort Lee?

— Conheço pouco, Peter.

— O que eu quero fazer, Marty, é deixar Fort Lee e seguir a 505 beirando o rio até que cheguemos à velha 125th Street, em Inglenook, lugar de travessia de balsas. Há uma porção de construções seguindo o pátio da estrada, usado para retornos rápidos. O que devemos fazer

quando alcançarmos a área de retorno é desnortear os carros que estão nos seguindo.

— Seguindo? — Dominick perguntou.

— Mantenha sua cabeça parada, Dom, e ponha as mãos em seu colo! Marty, há quatro, talvez cinco, inferno, não sei o número exato, muitos mais; mas lá eles irão todos de volta; e os dois da frente são carros de caça. Um Camaro vermelho e um Granada preto e prateado. Fizeram bem o serviço. Aqueles dois carros facilmente alcançam cento e vinte nas retas.

Marty ajustou o espelho do lado e disse em voz baixa para o companheiro:

— Ele tem razão a respeito do Camaro e do... Eu os vi antes, no pedágio.

— Vocês terão que fugir daqueles dois carros, se querem alguma chance.

— Eles lhe parecem federais? — Dominick murmurou

— Quem sabe? — Marty disse. — Pode ser que esteja acontecendo alguma coisa por aqui.

— Você já dirigiu alguma vez em alta velocidade tentando despistar outro carro?

— Algumas. Meu irmão, na polícia estadual, foi mandado para a costa, para a escola de Bondurant. É um tipo de treinamento que eles dão lá. Ele me ensinou alguns truques. Guinadas em todos os tipos de superfícies, curvas escorregadias, retrocesso em alta velocidade. . .

— Eu lhe dou a minha palavra quando digo que quero que dirija por sua própria vida, Marty. Porque as pessoas que estão naqueles carros podem fazer desaparecer meu filho e a mim. . . podem também fazer com que você desapareça.

Estavam se aproximando da rampa externa de Fort Lee. Os carros que os perseguiam estavam a quase cem metros atrás deles e diminuíram um pouco a distância.

— Peter — Dominick disse —, estou preocupado com que essa espingarda possa cair, você sabe, por acidente, quando dermos alguns trancos.

— Você tem mesmo com que se preocupar — Peter concordou.

Gillian abriu a porta do quarto 909 e entrou no corredor. Uma enfermeira gorda e corada, com uma verruga que parecia um segundo nariz, estava de pé ao lado do bebedouro perto da porta; certamente estava incumbida de vigiar.

— Alô, querida — disse a enfermeira. — Aonde vai.

Gillian olhou para ela, parada, e por uns momentos não respondeu. Cerrou os lábios esfolados.

— Para casa — murmurou.

— Mas como?

— Estou indo para casa — Gillian repetiu, sem olhar para a enfermeira.

— Você não pode deixar o hospital sem receber alta do médico; assim, suponho que será preciso esperar até amanhã de manhã. Sei que esteve muito doente. Você não se sente completamente bem agora, não é? Coitadinha. Que terrível fim de noite tivemos por aqui. As coisas estão se normalizando. Meu nome é Evelyn. Por que você não vai lá para baixo, para o seu quarto? Está todo limpo, arrumado e tudo. Eu trarei uma pílula que ajudará você a dormir tão depressa que sua fila de carneirinhos não chegará a oito.

— Por favor, saia do meu caminho — Gillian implorou.

— Oh! Venha, não se zangue com Evelyn. As coisas tornar-se-ão muito mais claras no...

Ela parou para segurar Gillian pelo braço. Houve repentinamente um tumulto, de intensidade ciclônica, mais adiante no corredor, perto do balcão das enfermeiras.

Uma mulher estava gritando numa terrível voz rouca:

— Não me diga nada! Não pense que eu não sei! Há um louco solto neste hospital e eu não fico aqui nem um minuto mais!

— Oh! Oh! — disse Evelyn, e correu de volta para a mesa das enfermeiras.

Gillian continuou andando.

Uma mulher enorme, como nunca tinha visto, estava tendo uma discussão com a outra enfermeira de serviço. A mulher devia ter mais de um metro e noventa de altura e as rugas de seu rosto lhe davam uns sessenta anos. Mas estava com um cano de alumínio de mais de um metro,

fácil de manejar, vibrando-o com violência no ar. Vestia uma roupa já gasta, comprida, toda manchada, e usava um chapéu com flores de plástico espetadas nele.

— Não brinque comigo — berrou para a enfermeira que tentava acalmá-la — ou você estará de cabeça quebrada amanhã! Não pretendo ser assassinada neste hospital.

Evelyn tratou de proteger-se atrás do balcão das enfermeiras antes de falar.

— Sra. Toone, o doutor internou-a aqui por causa da sua pressão. Que pensa que está acontecendo com sua pressão arterial neste momento? Se pudesse ver-se, Sra. Toone. Está da cor de suco de amora.

A Sra. Toone apontou o cano para a enfermeira

— Fora do meu caminho!

— Qual é o problema, Sra. Toone? Honestamente, não há perigo. O FBI está aqui. Penso que é o FBI. A senhora vai agir razoavelmente, sabendo-se protegida.

A Sra. Toone empurrou-a para o lado, pôs no chão o cano e encaminhou-se para os elevadores.

— Poderia ir com a senhora? — Gillian perguntou timidamente. Sua voz era sussurrada, difícil de entender.

A Sra. Toone parou e observou-a atentamente.

— O que há, menina?

— Estou com medo... de ficar aqui.

— Decerto que tem de estar. Qualquer um com bom senso estaria. Venha comigo. — Apertou o botão do elevador com a bengala.

— Sra. Toone! É uma menina muito doente. Ela não pode deixar-nos. Vou chamar o serviço de segurança imediatamente para resolver esse caso, Sra. Toone.

A linha das enfermeiras estava cortada. Evelyn não podia comunicar-se com a segurança. O elevador em funcionamento, que estava no andar térreo, atendeu prontamente ao chamado do nono.

— Estou advertindo-a! Está cometendo um grande erro levando a menina com a senhora.

— Adeus, adeus! — a Sra. Toone gritou satisfeita quando o elevador fechou as portas.

Então ela se virou e olhou mais demoradamente para sua companheira. Gillian estava em pé despreocupada, uma das mãos na barra, os olhos muito abertos. Ela estava numa espécie de estado de ausência, a Sra. Toone reconheceu. Todo aquele brutal excitamento, as histórias de violências e terror... ela mesma se sentira quase desesperada e sem segurança. A velha pressão arterial. Era necessário ter calma agora. A Sra. Toone pôs seus braços em volta de Gillian. A criança chorava mansamente. "Oh! querida", pensou a Sra. Toone, "como é encantadora!" As artérias de seu pescoço ficaram como balões cheios de ar e sua cabeça pareceu estranha, com uma sensação desagradável de calor que não era febre nem dor. Um calor de que ela quase podia sentir o gosto e o cheiro; era como velhos pneus de caminhão. Ela apertou os braços em volta de Gillian.

— Oh! Oh! Está ficando tudo tão escuro agora.

A Sra. Toone sentiu um pouquinho de medo de que tivesse se excedido dessa vez.

Rennv Alonzo, o vigia noturno do posto número 4 em Marina Vista dos Irmãos Medina, ouviu um guincho estridente dos moinhos que acompanhavam a rampa das paliçadas em frente ao pátio cercado das ferramentas. Ele os ouviu escapando através das inúmeras estruturas que tinham sido construídas e agora estavam esperando o contínuo preparo que completaria as fundações do complexo de um condomínio. Dois, três, quatro diferentes sons de motores — luzes vermelhas, piscando, refletiam-se contra as paredes sujas do seu reboque.

Benny engoliu o último pedaço de seu sanduíche de rosbife e foi para a porta, enquanto o carro da frente batia no lado externo da ponte provisória, rolando e chocalhando pelas chapas de aço que revestiam um canal cavado recentemente. Era um carro patrulha da cidade de Nova York. Um Camaro vermelho apareceu atrás dele, talvez a uns cinquenta metros de distância. Atrás do Camaro chegou uma procissão inteira de carros chiando os pneus. Luzes para nevoeiro. Sirenas. Holofotes vermelhos ocultos atrás de grades.

Dois dos carros que chegaram por caminhos diferentes ficaram presos na borda da ponte, sem sinalização. Um deles rodou para o lado de uma pilha de coberturas de lona presas a barras, muitas das quais atravessaram o carro e seus ocupantes. O outro carro foi de encontro ao alto escoramento de madeira da ponte provisória e mergulhou no escuro canal. Uma barra de reforço foi lançada no ar a uma distância de quatro metros, atingindo o lado do reboque, a um passo de onde estava Benny, parado estupidamente na passagem da porta.

E ainda continuavam a chegar carros, girando em torno dos já destruídos. Benny nunca tinha visto um espetáculo igual àquele.

Então, tão rapidamente como tinham surgido, a maioria dos carros foi embora, rastejando na escura ladeira na margem do rio, deixando para trás uns poucos estragos no portão do pátio. Atrás, no canil da companhia construtora, os cães de guarda estavam como loucos. Um carro tinha explodido e consumia-se num fogo violento. Os homens machucados gemiam na terra revolvida e desfaleciam. Vítimas gritavam das profundezas do canal, ladeado de chapas de aço.

Benny agarrou um grande extintor de incêndio e saiu para dar algum socorro.

Na direção sul do rio, ele viu o carro de polícia e o Camaro. Houve um estrondo mortal, acompanhado de uma explosão e uma bola de fogo. Benny virou-se e ficou estarelecido. Tinha terminado a perseguição.

— Não há maneira de derrubá-los — Marty anunciou considerando bem calmamente o que estava chiando atrás deles. — O velho carro vem só. A maldita roda não agüenta mais!

Estavam num curto desvio da pista, impedida em toda a largura por um trilho enferrujado de estrada de ferro. A cada pesado solavanco roncões mortais saíam do chassi do carro. Os freios estavam superaquecidos e os pneus começavam a soltar fumaça.

— Marty, veja aquela luz lá na frente.

— Você se refere àquela, lá em cima do morro?

— Não é no morro, é no telhado de uma fábrica de sabão que está se aproximando. Um ramal da estrada de ferro pára bem no meio da fábrica. Bem, seguiremos pelo lado de dentro dos trilhos. Afaste-se da esquerda o

quanto puder, uma vez que estamos dentro da fábrica. Preste atenção aos pilares de sustentação, um apenas é suficientemente pesado para pulverizar-nos.

O Camaro vermelho os estava alcançando. Metade da janela de trás do carro da polícia tinha caído num trecho da pista congelada, salpicando sobre eles vidro e alguns grãos de chumbo de balas perdidas.

— Merda! — Dominick gritou.

— Esqueça isso — Peter disse. — Não querem atirar para matar. Podíamos ir pegando o ramal por aqui; pronto, está aqui. Siga, Marty.

Havia um metal batendo sob a tampa do motor.

— Pistão! — Marty resmungou. Não conseguiremos andar mais de um quilômetro e meio. . .

— Nós precisamos agora de menos de trezentos metros. Avance, Marty! Aqui começa a fábrica.

Bem em frente a eles umas poucas luzes amarelas iluminavam a fachada da fábrica. Marty dirigiu-se loucamente para o buraco alto e escuro em que desapareciam os túneis.

— À esquerda, à esquerda! — gritou Peter.

Um dos faróis não estava funcionando devido ao modo violento com que o carro fora conduzido. Tiveram apenas uma visão rápida da enorme peça de máquina de demolição que tinha sido deixada dentro da velha fábrica em ruínas, a imensa plataforma enferrujada de uma tonelada que parecia suspensa num espaço empoeirado, exatamente em frente a eles.

Marty deu uma guinada. Estavam bem próximos do demolidor de prédios para ver fragmentos de argamassa e tijolo lançando poeira na superfície de entulhos. Então Marty firmou as mãos, fugindo dos pilares e empurrando as sobras espalhadas pelo chão da fábrica.

O motorista do Camaro, que entrou no telheiro a cem quilômetros por hora, dirigia instintivamente, seguindo as luzes traseiras do carro, mas seus reflexos falharam em meio segundo. O impacto fez a enorme máquina de demolir recuar quase dois metros e meio; ela soltou-se dos cabos e moveu-se de novo para a frente no exato momento em que o segundo carro em perseguição entrou no telheiro e saltou sobre o capô do Camaro amassado, que foi de encontro à parte de cima da máquina demolidora. Um espetáculo digno do Dia do Juízo Final.

Simultaneamente, o tanque de gasolina do Camaro explodiu como uma mina subterrânea e espalhou os escombros do Granada prateado e preto para fora da fábrica. Romperam-se cabos no segundo impacto e a plataforma metálica arriou em cima do que restara do Camaro e das tochas de homens incendiados.

— Jesus, Deus Todo-Poderoso! — disse Dominick quando o carro de polícia saía do outro lado da estrutura. — Você conseguiu! Você realmente fez com que tudo desse certo, não foi?

— Tinha que dar tudo certo — Peter respondeu. — Não diminua a marcha, Marty. Nós os ferramos por enquanto, mas eles nunca param de perseguir. Entenda isso. Nunca param. Assim, continue guiando para a frente.

Gillian tinha se esquecido de como podia fazer tanto frio.

Depois de deixar o hospital, atravessou a Broadway, indo contra o vento, tremendo terrivelmente, de cabeça abaixada. Apesar do casaco e do vestido de lã, ela se sentia como se não tivesse corpo. Suas pernas desprotegidas chocavam-se. Pareceu-lhe que tinha percorrido um longo caminho, mas quando parou para tornar fôlego e olhou para trás, lá estava o hospital todo iluminado. Teve então que continuar a andar; era como um daqueles pesadelos. Lentos passos pesando como pedra enquanto as calçadas mudavam, como resultado de uma mágica, e transformavam-se em um corredor; logo estaria de volta, mas desta vez miúda como um bichinho dentro daqueles lugares hostis e brilhantemente iluminados.

Dois meninos porto-riquenhos passaram perto dela devagar, pararam um pouco adiante e olharam espantados para ela. Gillian não prestou atenção. Estava tentando respirar, procurando deixar de ser uma coisinha de nada, não importando o quanto isso valesse a pena. Os meninos discutiram sobre ela, mas o mais velho finalmente balançou a cabeça e continuaram a andar.

Gillian imaginou que teria melhores resultados se abandonasse seu enredo de sonhos e tirasse as botas para continuar. Descalça ela seria mais veloz.

Sentou-se num meio-fio e conseguiu tirar uma bota, mas não teve força para puxar a outra. O ralo da rua cheirava a ranço. Ficou sentada arquejante. Alguém passou diante dela de carro e gritou-lhe coisas obscenas; uma garrafa se espatifou não muito longe dela.

Gillian não levantou os olhos. Estava tentando lembrar-se por que estava ali sozinha, tarde da noite, na rua. Fugindo, sim. Mas por que estava fugindo? Tinha alguma coisa que ver com a mulher alta, que tinha caído fulminada dentro do elevador? Tinha levado tempo para soltar-se do abraço de aço da mulher.

Seus olhos esquisitos, quase saltando do rosto. Nariz sangrando. Afinal, o que aconteceu com ela?

"O que está errado comigo?", Gillian pensou. "Sair daqui. Roupa toda imunda. Mas..."

Um carro parou, os faróis brilhando como tiros de espingarda. Gillian olhou para cima cautelosamente.

Alguém conhecido.

— Oh! Meu Deus, meu Deus. . . Gillian?

— Sra. . . Busk?

— Sim, sim, oh! Deus, como está tremendo!

— Estou? — Naturalmente que estava. Já tinha passado tanto tempo, agora parecia natural uma coisa dessas. Tremer e não se assustar por estar tremendo. — Fugi. Não poderia esperar dentro do hospital. Está péssimo lá.

— Vou ajudá-la, querida. O carro está bem aqui. Passe por aqui uma vez, vi você, não pude acreditar, meu. . . alguma coisa me fez voltar e. . . o que é isso?

— O que... que... o que é, Sra. Busk?

— Tudo escorrido pelo seu bonito casaco. Parece sangue.

— *Tire-o!* — Gillian gritou. Ela já estava puxando-o pelos cotovelos, mãos frenéticas mas eficientes. — Tire, tiire, tiiiire!

A Sra. Busk ajudou-a. Gillian arrancou-lhe o casaco das mãos e atirou-o na sarjeta. Então ela se atirou sobre o assento de couro no suntuoso Porsche de sua mãe, os ouvidos zumbindo pela tensão. A Sra. Busk fez uma volta suave para retornar e rapidamente passou por quase todos os sinais, descendo a Broadway.

Depois de alguns quilômetros, Gillian parou de ofegar. A Sra. Busk olhou para ela com os olhos cheios de lágrimas.

— Oh! Que aconteceu com você?

— Música — Gillian pediu.

A Sra. Busk movimentou o botão do rádio no painel. Parou onde tocavam Brahms — terceiro movimento da *Segunda sinfonia em dó maior*. Os alto-falantes do carro eram excepcionalmente bons. Pouco a pouco a delicadeza do *Allegretto grazioso* produziu efeitos sobre Gillian. Sentou-se em posição mais correta, calma, entretida.

A Sra. Busk dirigia muito bem, deslizando com o carro azul pelas ruas. Gillian passava pela cidade com a impressão de estar vendo um museu de cera. Recordava-se dela, mas não muito bem. Onde tinha estado e por que não podia mais voltar? Não importa, a música era como alimento para ela. Nada precisava existir a não ser o mundo da melodia delicada e arrebatadora.

O carro de polícia parou no ponto de desembarque da velha estrada de ferro, que formava uma saliência de quase três metros no Hudson. As lâmpadas restantes eram fracas demais para iluminar o fim do quebra-mar. O rio, ao passar por ali, tinha o reflexo grandemente prejudicado. A margem do rio Manhattan era fabulosamente habitada; mas suas luzes e curvas tinham sumido sob uma gelada neblina, como se a cidade tivesse sido encantada por um feiticeiro de má técnica. O pneu dianteiro do carro estava esvaziando quando o motor falhou.

Os três homens ficaram sentados silenciosamente, olhando para o rio, abalados demais depois da corrida para poderem falar. O carro cheirava desagradavelmente a suor azedo e gordura de seus corpos.

Peter bateu ruidosamente a porta enguiçada e saiu, ainda apontando a espingarda para eles. Lágrimas corriam livremente por suas faces. Havia um vento úmido do oeste e uma presença quase invisível de neve no ar.

— Que vai fazer agora, Peter? — Dom perguntou.

— Vocês dois, venham aqui. Nesta porta. Mantenham as mãos onde eu possa vê-las.

Os policiais deslizaram pelo assento e saíram exaustos do carro. Ficaram de pé lado a lado. Marty esfregava as duas mãos que tremiam. Parecia que ia desfalecer a qualquer momento. O rio tinha correnteza e arrastava grandes massas.

— Desfaçam-se de seus revólveres — Peter disse a eles. — Joguem-nos na água.

Tiraram os revólveres de serviço dos respectivos coldres e atiraram-nos para longe.

— Aquele era um 80-75 duplo — Dominick disse irritado. — E você sabe que nós mesmos temos que pagar por esses 38, Peter.

— Procure não fazer com que me sinta uma pessoa odiosa, Dom. Agora, ambos de novo para trás.

— Peter, olhe, homem, quanto tempo você vai continuar com isso? Deve ter alguém que possa ajudá-lo.

— Para trás!

Por um momento terrível Dom pensou que Peter certamente pretendia matá-los. Tocou na manga de Marty e os dois policiais começaram a andar, meio de lado, tentando ver pranchas perdidas ou mal ajeitadas.

— Peter, parece que você imagina que não há mais sentimentos humanos porque julga que não há uma saída para você. Mas aceite o conselho de alguém que passou o diabo junto com você e quer tê-lo como um amigo. Somos todos humanos, temos todas nossas limitações e me parece que você chegou às suas. Honestamente, não posso imaginar o que você pretende fazer mais.

Peter esperou até que tivessem se distanciado uns seis metros do carro.

Então deu a volta pelo lado do assento do motorista, entrou e engrenou o carro.

Dominick correu para o carro, esquecendo-se do terreno acidentado.

— Ei! Peter, espere!

A janela estava descida pela metade. Peter olhou para trás, a obsessão no olhar, um estulto sorriso de satisfação no rosto.

— Desta vez terão que me seguir no fundo do rio!

Com o motor estragado quase no fim, Peter tirou o pé do freio. O carro da polícia pulou, deu tremendas rabanadas, soltou uma monstruosa

explosão de fumaça oleosa e afundou no fim do quebra-mar. Dominick correu, tropeçando, caiu sobre as mãos e os joelhos, arrastou-se sobre as palmas das mãos cheias de bolhas e concluiu penosamente o resto do caminho. Ele mal teve uma visão do apagado reflexo do farol na água antes que se desligasse o sistema elétrico do carro. O rio espadanou água algumas vezes e a última bolha de respiração, saída do profundo leito, parecia transmitir indescritivelmente o hálito de destruição e corrupção em que Peter se envolvera.

Dominick voltou até seu companheiro, tremendo, imaginando como estaria o fundo do rio em pleno inverno. Mesmo os escafandristas especializados na retirada de corpos não suportariam permanecer lá mais de meia hora.

Marty estava em pé no quebra-mar, cabeça metida entre os braços.

— Ele fez isso — disse Dom. — Foi direto para o pavoroso rio! Primeiro, pensei que ele era louco. Então achei que não era tão doido, apesar de tudo, quando os federais começaram a nos perseguir. Agora não sei o que pensar.

— Deixe-me sozinho neste inferno — Marty murmurou.

— Vou ver se encontro um lugar de onde telefonar — disse Dom.

Katharine Bellaver estava seguindo para casa no carro de um amigo à uma hora da manhã.

— Vai ser bom ter nossa menina de volta amanhã — disse Patrick ao vigia no portão de Sutton Mews. — E feliz Ano Novo para a senhora, Sra. Bellaver.

Havia uma neblina amarelada ao longo do rio. Em algum lugar um sujeito cantava desafinadamente, numa paródia de comemoração. A Sra. Busk veio ao seu encontro na porta. Katharine pediu café forte. Enquanto tomava o café a Sra. Busk contou-lhe todas as novidades.

Katharine fez só uma pergunta.

— Você está certa de que era sangue o que estava no seu casaco?

A Sra. Busk não estava certa disso.

— Verifique onde está Wally — Katharine disse de modo aborrecido, referindo-se a Wallace Mockreed, o advogado da família. — Diga-lhe que preciso dele aqui, não importa que sejam quatro horas da manhã.

Katharine estava com um vestido longo Halston e não podia andar com facilidade; já tinha desmanchado a bainha dando alguns passos. Pediu à Sra. Busk para abrir o zíper e subiu para o quarto de Gillian usando apenas umas calcinhas transparentes, nada mais.

O quarto estava escuro e quase frio e os dentes de Katharine começaram a bater. Sentia uma dor de cabeça nervosa. Havia música tocando, quase inaudível. Chopin? Katharine viu Gillian quieta na cama e pensou que estivesse dormindo. Procurou no guarda-roupa um penhoar para vestir. Então começou a examinar a roupa que Gillian tinha usado quando veio do hospital para casa para ver se havia manchas nas peças internas.

Gillian sentou-se rigidamente na cama, inclinando-se depois sobre os cotovelos.

— Alô, mamãe.

— Alô, Gillian. Como se sente?

— Não sei. Mas contente por estar em casa. — Sua voz não era clara; ela mal pronunciava as palavras. Sua cabeça estava encostada indolentemente. Se Katharine não estivesse bem informada quanto à atitude de sua filha em relação a drogas, poderia supor que Gillian estivesse ausente da realidade. Katharine sentou-se perto dela. Provavelmente era sua imaginação, mas Gillian parecia manter uma certa reserva, cautelosamente.

Katharine pôs a mão na testa de Gillian, mas ela evitou ser tocada.

— Não.

— Está bem.

— Você está zangada comigo porque voltei para casa?

— Certamente que não. Nós só queremos estar certos de que você não fique doente de novo. Este é o quarto mais ensolarado da casa, mas à noite é o mais frio. Acho que devia por um cobertor na cama.

Gillian, que estava usando pijama, concordou em ser agasalhada. Naturalmente ela estava terrivelmente cansada, nervosa e agitada.

— Fale-me da festa — ela disse. Katharine tinha algumas anedotas na ponta da língua. Gillian ajeitava-se mais para baixo, para um lado e para outro, apreensivamente. Katharine tentou a mão dela. Gillian empurrou-a com uma força surpreendente.

— Eu disse não! — Ela estava palpitando de angústia.

— Gillian, por que não?

— Você podia. . .

Ela não podia forçar a si mesma a completar o pensamento. Seus olhos vagavam.

— Ele ainda está aqui?

— Quem? Não há ninguém neste quarto, só nós duas, não seja tola.

— Quem está sendo tola? — Gillian gritou, indignada e ofendida. — O que é que você acha? Eu escuto a voz dele.

Os olhos de Gillian se encheram de lágrimas. Ela movia a cabeça de um lado a outro. Katharine calou-se com esforço, sentindo-se desamparada e com medo, mas não podia revelar seus temores.

— Você não está mesmo zangada comigo? — Gillian disse por fim numa voz distintamente infantil.

— Gillian, pare com isso! Você não é mais uma criancinha de seis anos. Nós temos, espero, um relacionamento mais amadurecido do que isto.

— Sim, temos. Eu realmente gosto de você, mamãe, mas você está sempre me humilhando. Por que você faz isso? É tão odioso, eu não quero ofendê-la.

Katharine fez uma careta:

— Isso já é outra maneira de permitir aos adultos que tomem conhecimento de que passam dos limites. Não vou deixar de pensar nisso. Desculpe-me, Gillian, eu queria que você me contasse uma coisa. Alguém entrou no seu quarto no hospital? Um homem que não devia estar lá? E ele...

— Não, não.

— Você não quer se lembrar.

— Eu não me lembro. Não aconteceu nada no hospital. Eu estava cansada de ficar sozinha. Queria vir para casa. É tudo. É preciso tanta complicação só por isso?

Gillian saiu da cama e foi ao banheiro. Katharine ouviu-a urinar. Quando voltou, ignorou a mãe. Foi direto para seu teatro de marionetes, uma antiga peça francesa do século XTY mais amplo do que uma porta e com a altura de quase um metro e oitenta e cinco. Os bonecos estavam numa completa confusão no palco. Gillian levantou o Sr. Noodle, entoando uma pequena melodia para ela mesma.

— Era tão doce — ela disse. — Brincavam, dançavam e cantavam para mim quando eu voltava para casa; o Capitão cantava todas as canções que inventamos já há algum tempo

— Quem?— Katharine perguntou, levantando-se.

— O Capitão.

Gillian pegou um outro boneco do fundo do palco. Ela o girou, segurando-o afetuosamente com as mãos. O Capitão tinha uns trinta centímetros de altura ou um pouco mais, com proporções humanas, habilmente articulado. A cabeça era cor de nogueira, o corpo tinha pinos. Diferente dos outros bonecos alguns dos quais tinham sido confeccionados à moda do século passado, o Capitão tinha uma aparência jovem. Não usava roupas tradicionais. Tinha a cara de garoto sardento e cabeleira vermelha. O quarto não estava bem iluminado, mas o Capitão parecia, para Katharine, ter o cabelo natural. Ela estava espantada por ver que o boneco tinha sido provido realisticamente de bolas esculpidas e um pinto de homem, pendurados entre as coxas de madeira.

— Onde você arranjou esse boneco?

— Que está dizendo? Eu sempre tive o Capitão. — Gillian puxou a corda, o que provocou o movimento do maxilar inferior para baixo e para cima numa mímica de fala. Então melancolicamente ela tocou o longo pinto do boneco com a ponta do dedo. — Ele nunca teve um igual a este, contudo. Era muito pequeno, você sabe, gracioso e curvo, e algumas vezes ficava levantado, como a ponta de meu dedinho.

Ela continuou a girar, a girar o Capitão. Seus olhos pestanejavam, ora abertos, ora fechados. Ela beijou o alto da cabeça cor de tijolo, colocou-o no palco junto com os outros e fechou as cortinas.

Katharine sorriu.

— Gillian, você gostaria de passar o resto da noite no meu quarto?

— Oh! Sim, mamãe, eu gostaria.

— Um pouco de leite morno faria você dormir melhor.

— Adoraria um pouco de leite morno.

Gillian também queria a companhia dos gatos da casa, mas algumas vezes, por razões que só eles sabiam, se faziam de rogados. Então Gillian ia para a cama sem eles. Katharine sentou-se com a filha. Distraíram-se com o jogo de varetas, como nos velhos tempos. Katharine então falou sobre mexericos a respeito de alguns pecadilhos menos inconvenientes dos membros daquele saco de gatos com que ambas tinham convivência; ocasionalmente ela parava para enxugar lágrimas de cansaço. Finalmente Gillian caiu em sono profundo, muito quieta.

Katharine serviu-se de mais leite, misturou-o com *brandy* insistiu com os telefonemas para Avery no hotel em Boston; depois decidiu que poderia esperar até de manhã. Ficou por muito tempo olhando para Gillian, inconsciente, que dormia com uma das mãos curvada levemente entre os seios. Alguma coisa estava incomodando Katharine e a lembrança disso fez com que fosse ficando de boca aberta. Virou-se repentinamente, desceu quase correndo o lance da escada e entrou no quarto de Gillian, o coração aos saltos. Foi direto para o teatro de marionetes e abriu as cortinas.

O boneco Capitão não estava lá. Em seu lugar estava uma gata terrivelmente dilacerada que tinha o nome de Sulky Sue.

Katharine, que sentia o sentido de sanidade escapando de sua cabeça como uma pesada fumaça, procurou um caminho para ficar ao ar livre. Pôs a mão sobre a boca. O grito de terror foi sufocado em sua garganta.

Sulky Sue não se movia nem parecia estar morta. Não havia sangue à vista. Parecia ter sido feita em pedaços por uma mente demoniacamente curiosa, que os juntou de novo mas de maneira errada, como se a mente não pudesse lembrar-se do que era um gato, supondo que se assemelhasse àquele amontoado. Oh! sim, naturalmente era igual a alguns desenhos a *crayon* feitos por Gillian quando era pequena. Colorido vivo, a cauda saindo de um lugar errado do corpo. Uma orelha era muito mais longa do que a outra. As patas estavam toscamente apresentadas, não se destacavam os dedos. E os olhos. . .

Katharine não viu qualquer acabamento. Ela foi ao banheiro, pegou uma sacola de um dos vestidos de Gillian trazidos da lavanderia e, usando uma régua em vez da mão, empacotou o estranho gato de cor alaranjada.

E agora? Gillian não podia ver aquilo de modo algum.

A Sra. Busk já se tinha retirado. Katharine carregou a sua carga para baixo e tocou a campainha chamando Patrick. Quando ele chegou à porta ela inventou uma história de ter encontrado o pobre animal morto no degrau da porta da cozinha, possivelmente atropelado por um carro; poderia fazer o favor de dar sumiço ao corpo?

Patrick espiou para dentro, para a massa informe de pêlo, balançou a cabeça enternecido e já ia se afastando quando Katharine disse com um pequeno riso:

— Patrick, quando você. . . quando você tiver feito isso eu gostaria que desse uma busca em toda a casa.

Patrick devia ter ligado o caso do gato à ansiedade dela mas não fez perguntas. Quando voltou, estava acompanhado do outro membro da guarda particular.

Katharine teve medo de voltar para o quarto de Gillian; não deveria sentir medo pois sabia que havia homens armados lá embaixo, na entrada. Acendeu todas as luzes e ela mesma procurou em todo o quarto de dormir. O Capitão não estava mesmo lá.

Ou tinha sido levado e substituído pelo gato ou... estaria seguro e complacente nas mãos de Gillian, grosso como um pênis. De certo que fora feito com aquele propósito. Mas que estaria Gillian fazendo com aquilo? Seria alguma anormalidade por que estavam passando as jovens de Bordendale? Katharine tinha uma alta opinião sobre Gillian quanto às suas preferências e sensibilidade para acreditar nisso. Nunca deveria ter acarinhado uma coisa repugnante.

Bem, onde estaria ele? Esteve tentada a acordar a Sra. Busk, mas seria absurdo fazer isso: pareceria realmente uma idiota acusando sua fiel e velha governanta de sumir com um boneco que tinha a réplica de um pênis capaz de...

Patrick e seu ajudante chegaram até a porta e bateram. Patrick trazia no braço um tranqüilo gato todo retorcido, branco e preto, um macho castrado com uma cabeça real egípcia — Mr. Rudolph.

— Encontrei este pobre bicho escondido no quarto do quadro de ligações elétricas, no andar de baixo.

Mr. Rudolph tinha saltado e corrido. Não quis estar presente no quarto de Gillian àquela noite.

— Sra. Bellaver, a casa está em segurança. Se a senhora quiser, Donny pode ficar aqui mais algum tempo.

— Não acredito que seja necessário, obrigada, Patrick.

Quando eles foram embora, Katharine sentou-se na cama e fez uma urgente reavaliação. Um, o quarto tinha estado quase em completa escuridão. Dois, tinha sido dominada por um medo esmagador de que Gillian tivesse sido violentada naquela noite e esse pavor tinha resultado numa grotesca mas justificada alucinação. Tudo não passava de uma perturbação temporária psíquica. Gillian tinha cortejado algum outro boneco, um que lhe lembrasse o Capitão da sua infância.

Quanto ao gato, está certo, ele tinha sido ferido, possivelmente muito mais cedo naquele dia, e aos poucos foi caminhando para cima para morrer no quarto de Gillian, naquele emaranhado ninho de bonecos atrás das cortinas do teatro de marionetes.

Katharine não podia encontrar outra explicação; e ela não precisava de mais nada para terminar o resto daquela noite.

O helicóptero vindo de Washington sobrevoou o rio Hudson, fazendo curvas vagarosas por cima da margem em frente a Jersey, onde estavam concentradas as luzes dos holofotes num quebra-mar da velha estrada de ferro, numa operação de salvamento.

O piloto circulava sobre uma área delineada por chamas vermelhas. O helicóptero, apinhado de homens sentados, baixou na grama queimada e aparada rente pelo vento do inverno. Childermass desceu atrás de seu corpo de guardas. Carregava uma espingarda bem à vista. Foi recebido por dois executivos do setor doméstico da MORG, chamados comumente de "gente de casa".

— Eu estava vendo a Dietrich no *Dishonored* esta noite — disse Childermass enquanto andavam pelo quebra-mar. — Admiro-me de que nenhum de vocês tenha visto esse filme.

— Não, senhor.

— Não, senhor.

— É uma preciosidade. Dietrich nunca mostrou melhor por que levou vantagem não continuando sob a direção de Von Sternberg. Ela é sensual, atraente, caprichosamente libertina. Há mais energia passional em um de seus estudados olhares do que em quatro horas de *Hamlet*.

— Gostaria de vê-la uma vez.

— Também eu.

— Posso uma das duas coleções completas de suas fotografias. Suponho que a própria Dietrich possua a outra.

Andavam entre carros estacionados, ouvindo o opressivo ronco do guindaste atrás de um grande carro-socorro trazido para retirar do fundo do rio o carro da polícia.

— Quais foram as baixas? — Childermass perguntou

— Muitas, temos sete mortos.

— Dois homens desaparecidos. Devem ter se afogado.

— Nove feridos, três gravemente.

— Três veículos totalmente destruídos. Outros cinco danificados.

Childermass balançou a cabeça, lastimando-se:

— Peter criou-nos problemas esta noite, não é?

— Sim, senhor.

— Sim, senhor.

— O que aconteceu a Darkfeather?

— Foi atirado para fora de um dos carros, que se espatifou e depois se incendiou.

— Ele também se queimou. Era um monte de carvão.

— Pelos olhos, parecia estar vivo, era a única parte dele que não foi queimada.

— Mas quando tentaram retirá-lo ele se partiu em pedaços.

— Oh! Horrível demais — Childermass disse com ar carrancudo.

Continuaram andando até quase o fim do quebra-mar, pararam e ficaram observando a corrente do guindaste envolver devagar o bojo. Havia homens-rãs na água cintilante. O carro ainda não era visível no fim da corrente fortemente esticada.

— Qualquer animal necessita reagir ao perigo se quiser sobreviver — Childermass disse meditando —, mas ele não podia reagir acima de suas forças.

— Sim, senhor.

— Está certo.

— À noite Peter reagiu com exagero. Mas depois de tudo isso. . . Quanto tempo foi, um ano e meio? Poderíamos ter sido bem sucedidos, a um preço dos infernos, levando-o quase a loucura.

— Maldito louco.

— Louco.

Childermass olhou firmemente para eles com o olho maior, censurando-os.

— Nunca haverá um outro como ele. Tinha inteligência e um fantástico senso de equilíbrio. Tinha olhos na pele. Acredito honestamente que havia algo em seu crânio com capacidade termo-sensitiva, como a de uma cascavel.

Childermass fez silêncio como se procurasse em sua memória uma frase que servisse como epitáfio.

— Alguns sujeitos não gostavam do seu estilo, mas eu gostava um bocado — ele concluiu.

A parte traseira do carro da polícia surgiu à superfície do rio. Logo começou a escorrer água por uma dúzia de aberturas do carro suspenso. Os homens-rãs mantiveram aberta uma das portas e conseguiram iluminar dentro com feixes de luz.

— Ele não está lá! — alguém gritou para os guardas no quebra-mar.

Childermass ergueu a cabeça com rapidez, sorriu apreensivamente. Olhou fixamente para seus executivos, como se os estivesse acusando de terem prejudicado uma parte da exibição. O corpo de guarda recolheu as armas. Childermass andou bruscamente, afastando-se do final do quebra-mar, e parou. Voltou atrás e curvou-se para o lado de um dos executivos freneticamente agarrados às suas costas.

— Draguem o rio!

— Vamos dragar o maldito rio!

— Nós o encontraremos, senhor.

— Não, não encontrarão — disse Childermass. — Porque Peter já fez isso uma outra vez.

Então teve um acesso de raiva que durou mais de cinco minutos. Dava repetidos pontapés num lado do carro. Tomou a espingarda de um de seus homens e atirou em dois holofotes. Homens adultos se punham

uns atrás dos outros para se esconderem. Childermass baixou a espingarda e começou a bater no próprio rosto com o punho; afinal foram capazes de dominá-lo e sentá-lo. Deram-lhe uísque.

O uísque acalmou-o mas também lhe provocou risadinhas. Um olho atingido inchou. Seus executivos sentaram-se muito encolhidos ao lado dele, parecendo corujas peladas. Finalmente Childermass se curvou até os pés e abandonou-se para um lado ao carro. O carro tirado do rio já estava ao nível do quebra-mar e balançava.

— Senhor.

— Senhor.

— Não me amolem! Então é uma outra piada, certo? Mas ninguém ri de mim, rapazes. Esta foi a vez de Peter Sandza. Querem saber por quê?

Ele suspendeu um pedaço de madeira e brandiu-o para chamar mais atenção. Então virou-se e apontou em direção ao rio.

— Porque Robin não faz mais questão! Ele não faz questão de que seu pai esteja vivo ou morto!

Ele se balançou na quina do quebra-mar por alguns momentos, e mesmo os homens do corpo de guarda não quiseram ficar perto dele durante a crise emocional. Depois que a raiva passou, jogou fora o pedaço de madeira e veio andando depressa de volta para o pequeno ajuntamento de homens. Parecia estar ansioso para afastar-se das luzes e do quebra-mar tão exposto.

— Que diabo — resmungou, vertendo lágrimas do olho inchado. — Hoje é Ano Novo. Vamos voar sobre a Cidade Estranha e divertir-nos. É o meu convite.

Doze

Faculdade Psi
Junho-julho de 1975

Robin acordou sentindo ainda o gosto do rio oleoso e o estômago terrivelmente alterado. Desceu da cama alta com os pés tão compridos como postes de telefone. Estava de pé mas vacilante. Vestia o velho pijama amarelo de algodão, lavado tantas vezes que se podia ler um jornal através do pano. O paletó do pijama estava desabo toado. Alguém tinha remendado o rasgão debaixo de um braço.

Engoliu em seco várias vezes, achando que a garganta estava um pouco inflamada, e então um espasmo impeliu-o a entrar no banheiro. Vomitou tanto que chegou a preocupar-se com a possibilidade de uma ruptura do umbigo. Não saía mais nada a não ser bÍlis amarela. A cabeça doía com o esforço. Olhou em volta do banheiro com os olhos cheios de lágrimas. Tudo tinha vastas proporções, mesmo para ele que já estava quase com um metro e oitenta. Meio acre de chão de cerâmica, provavelmente um bilhão daquelas pequeninas cerâmicas sextavadas, um vaso quadrado bastante grande para se tomar banho dentro dele, uma curiosa banheira, igual a uma grande concha do mar, acima do chão mais de um metro. Em qualquer lugar que estivesse, o ambiente era melancolicamente velho, mais velho do que a casa de Lambeth.

Pensar em Lambeth e em tia Fay provocava-lhe lágrimas e mais lágrimas, obrigando-o a lavar o rosto na água fria. Quando terminou, os

dedos ainda tremiam, mas os espasmos do estômago tinham cessado. Seu pijama estava respingado e úmido; Então Robin despiu-o antes de voltar ao quarto.

Tinha sido um visitante silencioso. As cortinas grossas tinham sido afastadas e as cortinas transparentes balançavam com a brisa da manhã. O ar, perfumado pela floresta próxima, cheirava agradavelmente e parecia derreter-se em sua língua como massa folheada. Dava-lhe um apetite furioso. A refeição tinha sido antecipada. Numa mesa redonda no centro do quarto ele encontrou uma bandeja com uma garrafa, úmida de tão gelada, com suco de laranja. E havia uma nota datilografada para ele:

"Bom dia, Robin!

Pode tomar a cápsula amarela e verde e o tablete branco com o suco; farão parar a náusea e melhorarão sua cabeça. Os mais cordiais cumprimentos,
Gwyneth".

Gwyneth?

Robin bebeu o generoso copo cheio de suco avidamente, lembrou-se das pílulas e examinou-as, desconfiado. Aceitou o risco e engoliu o tablete, tão pequeno que teve dificuldade em pegá-lo com dois dedos. Uma coisa tão pequenina provavelmente não iria matá-lo. Ainda não tinha visto ninguém naquele lugar, mas não confiava naquela gente de modo algum.

Como o suco estava saboroso, ele acabou com o que restava no copo. Então olhou em volta à procura de roupa para vestir.

Com um pequeno esforço Robin encontrou a maior parte de suas velhas coisas, inclusive uma porção das que não tinha levado para o outro lugar em Nova York, pois lhe disseram que iriam por poucos dias. Assim, lá estavam suas novas calças Levi's, do tipo de que ele gostava, camisas, *shorts* e roupas especiais para esporte, inclusive um *blazer* de malha dupla da Saks da Fifth Avenue. Em outro embrulho, muito bem empacotados, encontrou jogos e livros, retratos e outras preciosas lembranças. Um quatinho de depósito estava cheio de seus equipamentos esportivos.

— Robin?

Ouviu a voz doce e clara justamente quando estava desesperado, procurando afastar as recordações, e quase recomeçando a chorar. Alguém do lado de fora chamava por ele. Quem seria e o que desejava? Agarrou umas calças Levi's e um xadrez vermelho e vestiu-os. Foi então descalço para o que existia do lado de fora das altas janelas que se abriam portas, e lá ele teve sua primeira visão dos novos arredores.

Montanhas azul-esverdeadas e um afastado lago brilhante e, mais perto, edifícios de pedras largas e telhados inclinados de ardósias numa armação de madeira natural. Uma escola? Mais perto ainda ele viu um jardim, cheio de canteiros com moitas de malmequeres, recantos com árvores de cicuta e caminhos com curvas graciosas, ladeados de roseiras. Perto da casa havia uma piscina formando um lago com afloramentos rochosos, circulada por perfeitos exemplares de abetos vermelhos. Uma ponte de madeira arqueada atravessava o vazadouro. Um terraço em vários níveis, num vasto ângulo formado por alas da casa, descia até a borda da água.

Uma menina que nadava na água esverdeada levantou um braço quando o viu.

— Ei! Desça e termine seu café. — Ela mergulhou e ele a viu deslizando sob a água, escorregadia como uma lontra, em direção ao terraço.

Um homem alto que usava jaqueta branca e calças listradas estava esperando por Robin na porta do quarto de dormir. Ele sorriu, formando rugas em volta dos olhos.

— Por aqui, senhor.

Robin seguiu-o. O corredor era uma galeria interior recoberta de madeira preciosa, com um tapete parecendo pintura abstrata em tons queimados, alaranjados, cor de ferrugem e marrom. A galeria era iluminada por janelas altas do outro lado, três das quais do tamanho de um campo de tênis; a luz quente do sol da manhã era regulada por vitrais coloridos, que pareciam apresentar um motivo religioso.

— Vamos tomar o elevador para o terraço — disse o homem. — É mais rápido do que ir descendo por todos esses caminhos. A propósito, eu sou Ken.

— Que lugar é esse?

— Era a casa do reitor do Woodlawn College antes que a escola falisse. Quando a Faculdade Psi ocupou o *campus*, tornou-se o escritório e a residência do diretor.

— Faculdade Psi?

— O Dr. Charles explicará tudo isso a você — disse Ken sorrindo novamente. Mostrou a Robin o local do elevador que ia para o primeiro andar. Passaram por uma capela que havia se transformado em um salão de refeições e de reuniões e entraram no terraço, passando por uma gruta onde havia uma queda d'água. Havia sido removida uma imagem religiosa e em seu lugar tinham colocado uma enorme peça que lembrava uma cruz a Robin, exceto na parte de cima, que era em forma de um círculo.

— Que é isso?

— É chamado *ankh* — Ken explicou. — É um antigo símbolo egípcio da imortalidade, eu penso. O Dr. Charles sabe mais sobre isso do que eu, você poderá perguntar-lhe.

Um outro homem de jaqueta estava servindo o café numa mesa oval de ferro batido, com uma pintura em que predominava a tonalidade amarela. A mesa tinha um tampo de vidro áspero, granulado, e era protegida por um imenso guarda-sol de praia franjado.

— Bart — disse Ken —, este é Robin.

— Alô, Robin. — Bart tinha uma vasta cabeleira encara-colada, vivos olhos azuis e um sorriso igual ao de Ken. — Por que não se senta aqui, de frente para a água? O Dr. Charles estará aqui em um minuto. Deseja mais suco?

— Não. . . obrigado.

— Está bem, há um melão persa gelado para começar ou fatias de mamão fresco, se preferir; é realmente gostoso com uma colherada de creme de Devonshire. Temos torradas feitas com o terrível pão integral comprado na cooperativa ou bolinhos congelados de milho, que são especialmente saborosos com geléia de amoras. Vou pedir os ovos para você agora. . . Não quer ovos? Gostaria de um pequeno filé de truta cozido? Fresquinha, apanhada hoje às cinco horas da manhã, a hora e meia daqui, descendo a estrada.

Quando Bart o deixou, Robin pegou uma colher e meteu-a no melão macio e descorado, mas sua garganta se fechou antes que pudesse engolir um pedaço.

Levantou-se e andou em direção ao lago, pensando na menina que havia visto nadando. Não pudera ficar sabendo muita coisa sobre ela, vista do balcão do terceiro andar. As rochas meio submersas num canto do lago estavam cobertas com serpentinas verde-douradas, alguma espécie de planta aquática. Mas a água tinha um fluxo contínuo, mesmo nesse vão perto da borda, e parecia limpa, tão limpa e clara que se podiam ver as pedras redondas e marrons no fundo do lago, apesar da profundidade de dois a dois metros e meio.

Robin admirava-se do que lhe tinha acontecido depois que havia perdido o equilíbrio no muro que separava o Parque Karl Schurz do rio Leste, quinze metros abaixo. Tudo de que podia lembrar-se era a noite escura; um meio círculo de luzes embutidas e bastante fracas; e a névoa caindo, o que tornava perigoso caminhar até a barra de ferro que se supunha colocada ali para impedir que pessoas se jogassem e se afogassem. Todo mundo que o rio era perigoso ali, que carregava tudo para o mar; então se tinha caído, por que ele não se afogara?

Desejava estar morto, pois não queria ver o pai nunca mais.

O rosto de Robin ficou miseravelmente vermelho antes que começasse a chorar, e as lágrimas rolavam ainda mais quentes, como se dentro dele houvesse uma enorme bolha que ele cruelmente furara, permitindo que escorresse aquele fluxo escaldante e corrosivo. Tentando enxugar as lágrimas, lambuzou todo o rosto como uma criancinha, o que o contrariou e lhe provocou maior frustração e tristeza.

— Ei, caramba, nós vamos ter uma grande piscina de água salgada se isso continua.

A voz era feminina, exageradamente rude; a mão que o tocou pretendia ser amigável. Mas Robin afastou-a, duplamente humilhado, pois sabia que estava sendo observado.

Ela ficou para trás enxugando o cabelo enquanto Robin tentava recompor-se, piscando e procurando algo com que limpar o nariz, que estava ficando sujo. Ela lhe entregou uma toalha.

— Pode ficar com você, não preciso mais dela.

Robin enxugou o rosto e olhou furtivamente para ela. Estava uns três metros adiante, mãos nos quadris, avaliando-o com um forçado sorriso de interesse.

A primeira coisa que ele notou é que era agradável olhar para os cabelos dela ainda úmidos; não estavam de todo colados à cabeça e não deixavam à mostra o couro cabeludo. Ela tirou uma escova do cós das calças verde-menta Lee Riders, deu umas poucas escovadelas nos cabelos, agitando-os como uma juba, crespos como tiras de madeira caindo até os ombros nus. Tinha o corpo pequeno e firme, com suficientes curvas nos quadris para distingui-la de um menino.

Do umbigo para cima ela era francamente mulher. Usava um colete de gola alta de tecido *bouclé*, inteiramente abotoado com belos botões marrons em forma de bolas, de formato tão perfeito que contrastavam com os seios, que pareciam agressivos, picos altamente erguidos sob a fazenda. Toda a penugem dos braços e pernas brilhava como enevoados fios dourados. Uma gota d'água escorreu do tornozelo e caiu em seguida entre os dedos. Os pés eram quase pequenos, e as mãos também. Tinha os olhos de um verde de vegetal, de forma elíptica, e pesados cílios que abrandavam seu olhar nitidamente firme. O nariz era pequeno e ligeiramente arrebitado, como o de uma criança que ainda não tivesse os traços definidos. Tinha cor bronzeada; o nariz estava descascado, mas era bonito. Possuía um par de covinhas e mais detalhes de beleza insuspeitada, traços cativantes, e, quando Robin finalmente largou a toalha e olhou diretamente para ela, exibia, dominando tudo, um deslumbrante sorriso que mostrava todos os dentes, um sorriso que o impressionou seriamente.

— Sou Gwyneth — ela disse —, mas gosto de ser chamada de Gwyn. Posso chamá-lo de Robbie?

— Robin.

— Está bem. Estou morrendo de fome. Por que não se senta aqui e, se não quiser comer, conversaremos enquanto como.

Bart já estava ali com a refeição dela quando se aproximaram da mesa. Chá, dois ovos mexidos e truta; um dos serviços estava diante do lugar de Robin.

— Mesmo que não esteja com fome você não tem que mastigar nem terá problemas, a truta se derrete facilmente na boca. Quem está procurando?

— Disseram-me que eu iria encontrar alguém chamado Dr. Charles quando eu...

Gwyneth balançou a cabeça, tentando ocultar que estava achando graça; as covinhas surgiram-lhe nas faces.

— Está bem, você me venceu. Sou uma boa doutora. Que há, não pareço ter bastante idade? Vamos, adule-me; diga, que idade pensa que tenho?

— . . .Dezenove?

— Vinte e oito. Bem, estou enganada. Completarei vinte e nove no dia 15 de julho. Você estará aqui na ocasião de meu aniversário. Vejamos, você fez treze anos em fevereiro, certo? Menino, você está grande demais para alguém que tem exatamente treze anos. Qual a sua altura?

— Um metro e setenta.

— Você facilmente crescerá mais uns dez centímetros, até mais, você tem ossos longos. Não vai perguntar que tipo de médica eu sou?

— De que tipo?

— Doutora em medicina. Especialidade . . . neurobiologia. Nervos, o cérebro, você sabe. Tenho também pós-graduação em física teórica. Que tenho eu a ver com isso? Não sei, na ocasião pareceu-me uma boa idéia. Ouça, estou lotada de tanto talento! Diplomada aos dezesseis anos, graduada em medicina em Colúmbia três anos e meio mais tarde. A princípio não me queriam aceitar. Era muito jovem. Deu uma trabalhadeira para fazê-los mudarem de idéia. Por um especial favor a mim, Robin, prove uma garfada de truta.

Robin condescendeu, mas mal pode engolir o pedaço de peixe... Olhou para ela tão infeliz. Gwyneth perdeu o próprio apetite.

— Eu sei. Oh! Conheço essa sensação; você tem fome mas não consegue. . meu tio me disse que você levou tudo tremendamente a sério. Que há? Saiba que eu o comeria vivo pela maneira como agiu com você. Que homem sem tato deve ser. Deus, você poderia ter morrido!

No passeio, luzes brilhando; ele corre, corre mas não há para onde ir. Childermass, saindo de um dos carros.

— *Sou amigo de seu pai! Ele gostaria que eu estivesse com você!*

— Seu tio? — Robin disse desanimado.

— Childermass. — Gwyneth encolheu os ombros, não assumindo a responsabilidade por tal parentesco. — Ele é. . . algumas vezes penso que ele é como um tirano saído de um conto de fadas. Um rei de um presente

legendário. Honestamente, ele tem realmente seus pontos altos. Disseram-me que seu pai confiava nele e por ele daria a própria vida.

— Não confie nele — Robin disse, sem olhar para ela — e não acredite que meu pai esteja morto.

— Isso é compreensível. Mas você sabe que ele vivia, escolheu viver perigosamente. Robin, a informação que tenho é ainda incompleta. . . mas você quer entrar nesse assunto agora?

— Quero.

— Ele tinha um compromisso em Lamy, uma daquelas terras do oeste africano seguindo a linha do equador, milhas e milhas de matas pantanosas e selvagens, afastadas da civilização. O país é um grande logro; medicamente está na Idade da Pedra, mas há uma mistura de tribos errantes em disputas territoriais que continuam lá há mais de trezentos anos. Agora porém há uma razão pela qual se luta até a morte... sob o delta existe um potencialmente grande campo de petróleo, exportável aos preços atuais. Assim, as tribos estão obtendo toneladas de armas das procedências costumeiras e lutando no estilo mercenário.

— Meu pai...

— Não posso imaginar o que estaria ele fazendo lá. Sei que estava viajando com dois outros homens, durante o dia, numa área supostamente deserta. O carro foi varrido a bala por armas automáticas e os três foram mortos.

"Até agora, a organização de meu tio tem tentado comunicar-se com sua tia Fay pelo rádio em Inanwantan; mas nestes últimos dias o tempo tem sido péssimo na Nova Guiné. Se não conseguirem uma mensagem através do rádio dos missionários, enviarão um helicóptero até as montanhas logo que o tempo melhore.

— Se. . . ele estiver morto, hão de trazê-lo de volta não é?

— Robin, a área em que seu pai foi morto está completamente isolada agora. Naquela parte do mundo eles costumam incinerar o morto imediatamente. Provavelmente seus objetos pessoais devem ser devolvidos. Todas as providências legais deste lado estão sendo tomadas com cuidado por meu tio, que tem representantes com poderes para isso. Os bens de seu pai, incluindo seguro, chegam a um pouco mais de duzentos mil dólares. Depois de pagos os impostos, o que restar será posto

em uma conta segura em seu nome. Parece que a maior parte de suas coisas, além de outras que você tinha em depósito, já está aqui. Acho realmente que você está tornando esse período de transição muito penoso.

..

— Que tipo de lugar é este? Que estou fazendo aqui?

— Acho que a melhor maneira de explicar o que é a Faculdade Psi é mostrá-la — disse Gwyneth com um sorriso gentil.

Gwyn geralmente ia para o trabalho de motocicleta, mas quando tinha um convidado dirigia um *kart* elétrico. Um carrilhão estava repicando quando cruzaram silenciosamente um curso d'água e caramanchões; eram salpicados de luz quando atravessavam lugares onde penetravam poucos raios de sol.

— Aquelas montanhas são as Adirondacks; o grande lago ao lado, mais adiante, chama-se Celeste. Possuímos quatrocentos e oitenta acres e há um cinturão verde de uma milha de largura rodeando o *campus*. É uma reserva do governo, a mais importante; assim, uma vez ou outra, você verá alguns patrulheiros com um ou dois cães. Não se assuste, é apenas para manter os homens do campo e os caçadores fora das florestas; eles podem às vezes ser um transtorno. Minha avó freqüentou esta escola. Woodlawn tinha uma terrível reputação naqueles dias. Mas a renda era pequena demais, não podiam pagar mais as taxas. Meu tio adquiriu tudo por um nada. Metade das construções estava caindo aos pedaços. Digo isso como força de expressão, é claro, mas pusemos todos os laboratórios em boas condições de uso e fomos construindo mais, à medida de nossas necessidades. Quanto tempo esteve no Instituto Paragon, Robin?

— Seis dias.

— Alguém explicou a você o que quer dizer Paragon?

— Não.

— Significa a melhor coisa que existe; alguma coisa que não pode ser igualada. . . o inacreditável poder da mente humana. O Instituto Paragon é basicamente um lugar para facilitar as provas. Aqui nós temos dinheiro e tempo para estudar o extrato fundamental da existência, que é a evidência através de implicações científicas, filosóficas e sociais da

pesquisa psíquica. Nós mesmos a chamamos Faculdade Psi, que é a vigésima primeira letra do alfabeto grego.

— Não é a vigésima terceira?

— Ah, ah! Queria exatamente ver se você estava alerta! Vigésima terceira letra do alfabeto grego, e o ideograma é válido coletivamente para todas as experiências paranormais. Há aí alguma coisa que poderia lhe dar uma oportunidade.

Desceram para o pátio retangular, cercado por edifícios de quatro andares, em pedra, cobertos de plantas e pela nova torre do carrilhão, que se elevava num cume gótico de trinta metros, bem acima de todas as árvores mais altas das redondezas. Onde convergiam todos os caminhos, num tranqüilo espaço quadrado, havia um grupo de estátuas que, visto de perto, lembrava os *Burgueses* de Calais, com seus bronzes desbotados numa sombra escura entre a brilhante luz solar.

— Uma *Anunciação* banal estava aqui — disse Gwyneth. — Foi posta em pedaços a golpes de martelo no meu segundo dia de trabalho e autorizei a colocação desta peça. Reconhece-a?

Robin balançou a cabeça. Havia duas figuras muito magras; a outra era corpulenta. Duas estavam de pé, mas a gorda estava caída. Parecia estar em pânico. Todos estavam em fuga Precipitada, dificultada pelo peso de algumas correntes que os arrastavam, quase os deformando fisicamente. Uma das figuras tinha um braço levantado em frente aos olhos enquanto puxava com desespero com a outra mão os elos presos a seu peito.

Gwyneth desceu do carro e andou alegremente entre as estátuas, dando tapinhas num cotovelo, roçando ancas no, nomeando cada uma enquanto lia as placas a seus pés:

— Herman von Helmholtz, físico alemão, 1821-1894 "Nem o testemunho de todos os companheiros da Sociedade Real, nem mesmo a evidência de meus próprios sentidos poderiam levar-me a acreditar na transmissão do pensamento. É decididamente impossível." Lorde Kelvin, físico inglês, 1825-1907 "Praticamente tudo em hipnotismo e clarividência é impostura e o resto, observação errada." Thomas H. Huxley, biologista inglês e notável precursor. "Supondo que os fenômenos são genuínos, eles não me interessam." Três das melhores lembranças de

nosso século. O século imediatamente precedente a este o que eu poderia acrescentar.

Robin, olhando para Gwyn, abaixou os olhos e não disse nada.

— Talvez pudéssemos erigir um monumento à vaca também — ela disse voltando para o carro.

— Que vaca?

— Na Europa, em certa época, acreditou-se que os animais podiam ser possuídos pelo Demônio e controlados pelo diabo Satã. Assim, animais, mesmo aves e insetos, eram julgados por cortes eclesiásticas, exatamente como feiticeiros e heréticos. Eram excomungados, torturados e condenados à morte.

— Isso foi na Idade Média.

— Houve um inquérito no ano de 1740, na França, sobre a vaca a que me refiro. A vaca foi julgada, declarada culpada de satânicas influências e executada. Isso não muito longe no tempo, numa época que os historiadores consideram razoavelmente complexa e sofisticada. Então vencemos uma longa caminhada em nosso pensamento, não é verdade? Investigadores responsáveis tiveram a permissão de pesquisar tranqüilamente a noção de que o sistema psíquico tem uma pré-história de milhões de anos; que uma simpatia telemágica existe entre todas as coisas vivas; que há planos de existência e hierarquias de consciência, mal concebíveis no nosso presente nível de conhecimento. Ainda que noventa e nove por cento da população do mundo permaneça até agora num primitivo nível de consciência, muitas luzes estão adormecidas. Eles cruzam pensamentos em êxtase; suas ações são meros movimentos reflexos. Por outro lado, há pessoas sensatas que habitam esta área, que acreditam que as terras da Lua foram uma engenhosa ilusão encenada por um governo o ansioso por prestígio. Vinte anos atrás poderíamos mostrá-las a um visitante do sistema planetário de 61 "Cygni", pela televisão, do Salão Oval da Casa Branca. E fato. Mas não estavam prontos para isso nem estarão preparados daqui a vinte anos. Se tais pessoas se tornassem suficientemente agitadas pelas maravilhas além do seu horizonte atual, poderiam, ao contrário, perceber um novo grupo de eclesiásticos, inquisidores e exorcistas que foram preparados para inocentar todos os monstros quer estejam sob a aparência de um homem, uma vaca ou um clarividente.

Havia bastante suor no lábio superior de Gwyneth. Olhou firmemente para Robin, que mantinha a cabeça abaixada, melancólico. Pôs uma das mãos nele e continuou.

— O que é isso? É que algumas vezes sou tão ofendida que me sinto como um revólver de palhaço, cheio de farinha, sujando todo mundo que está à vista. Não somos propriamente uns heróis aqui; para a maioria dos pesquisadores em psicologia, aqueles que são considerados desviados uma mínima parcela de seus pensamentos são os loucos da comunidade científica. Tenho conseguido uma boa equipe, mas poderia utilizar uma dúzia mais de pessoas de alto nível. Se pudesse encontrá-los, motivá-los..

— O que você disse é verdade. Eu sei. Sou um monstro.

— Ei! Não foi uma referência pessoal...

— E deve haver um lugar especial para conservar os monstros. Um zôo. Não importa o nome que você dê a este lugar, é ainda um zôo.

— Venha, Robin!

— O problema é que eu não estou preparado para este ou qualquer outro tipo de zôo — ele disse, com os olhos semicerrados, o rosto tenso como um punho. Saltou do carro e começou a andar de volta em direção ao lugar de onde tinham vindo.

Já tinha vencido metade do caminho para casa quando pelo canto do olho viu o carro passar por ele entre moitas de bétulas e amoras pretas. Um pardal de peito branco piava agudamente na floresta como um contramestre de barco dando boas-vindas ao almirante a bordo. Gwyneth estava parada num atalho adiante dele, esperando, de cabeça baixa, que ele chegasse.

— Então, para onde estava indo?

— Vou pegar minhas coisas. Não quero ficar aqui.

— Poderia me dar uma chance de explicar-me?

Robin não disse sim nem não, mas parou uns poucos passos adiante. Gwyn puxava os cabelos para trás com as duas mãos, revelando todo o seu gracioso pescoço.

— Está bem. Você é um rapaz. Aprecio grandemente um entendimento rápido. Tudo que sei realmente sobre Robin Sandza é o que li num relatório altamente confidencial do Paragon.

"Transcrições de suas demonstrações e assim por diante Admito que fiquei, que diabo, pasmadíssima com suas aptidões. Sei que eram filmes. Gostaria de vê-las também. O que eu disse sobre monstros. . . todos nós estamos na mesma situação, com evasivas e lutas para alcançar um estado de graça, freqüentemente fazendo uma coisa nojenta e praticando ações imperdoáveis, algumas vezes por desorientação. Mas você conseguiu dar vários importantes saltos para atingir o estado perfeito, você é o jovem do século XXI. Alguém que chegou um pouco mais cedo. Robin, estamos todos caminhando para onde você já está. Você me faz sentir humilde, acredite ou não, e também um pouco ansiosa pelo desejo de agradar-lhe e impressioná-lo. Depois que eles o retiraram do rio, bombearam seus pulmões e lhe deram um sedativo, você foi trazido para cá porque não ocorreu melhor idéia. Aqui é espaçoso e tranqüilo; se você quiser, há inúmeras maneiras de ter uma excelente temporada nesta terra.

"Agora, tecnicamente, sua tia Faye é legalmente a sua tutora, mas não podemos nem mesmo encontrá-la. A lei em Nova York determina que até os dezesseis anos você precisará ter um adulto como responsável por você. Quem será? Seu primo em segundo grau que cumpre pena em Joliet por ter cometido desfalque? Sua tia-avó que vive sem fazer nada e sem rendas? Não acredito que esteja psicologicamente em condições, depois da tragédia que viveu, de ir se atirando mundo afora por conta própria. Assim . . . dê-nos uma oportunidade, por favor. Fique, por enquanto. Faça o que quiser. Nade; passeie longamente; aprenda a andar a cavalo, de bicicleta. Posso garantir, porque conheço o lugar, que não haverá pressão para que você participe de qualquer trabalho. Você será deixado inteiramente só se é isso o que deseja, e, mas. . . oh! diabo com isso!"

Gwyn deu um pulo alto e a grande distancia e fez urna pirueta no ar enquanto segurava os fundilhos das calças. Ela quis pular e dançar passando por Robin e ele viu uma mutuca afastar-se voando. Ela esfregou o lugar picado e havia lágrimas em seus olhos.

— Oh! as malditas moscas que temos por aqui! Robin, podia ver se empolou?

A mutuca a tinha picado muito baixo nas costas, a um dedo da curva cor de marfim da nádega macia. A inchação estava aumentando. Gwyn

curvou-se, descendo as calças cada vez mais baixo. Era mais do que óbvio que não estava usando calcinhas.

— Rob, ponha um pouco de cuspe na picada. Isso ajuda quando não há qualquer outra coisa à mão.

Robin umedeceu bastante as pontas dos dedos e cobriu a picada. Gwyn endireitou-se, ajeitou a roupa e limpou os olhos lacrimosos num punho da blusa.

— Oh! Obrigada. A mosca pica como se estivesse arrancando um pedaço. Espero que não inflame.

Olhou rapidamente para Robin e moveu-se com impaciência.

— Não repare meus maus modos. Às vezes me torno vulgar.

Os dois estavam em pé muito próximos numa clareira onde o sol estava forte; Gwyn continuava a olhar para Robin sem se mover. Uma brisa levantava fios de sua cabeleira. Ele estava completamente ocupado olhando o ondeado dos cabelos dela, e aqueles olhos doces fixados nele. Encontrou outras coisas que o fascinavam. Os lábios raramente fechados durante todo o caminho. A curvatura pronunciada do lábio superior. Tinha dentes unidos, a pulsação era visivelmente forte no pescoço e exalava um cheiro natural que podia, por vezes, tornar-se eletrizantemente erótico.

Gwyneth, na ponta dos pés para diminuir a diferença de altura entre os dois, apoiou uma das mãos no ombro de Robin e alcançou o seu nariz avermelhado e sensível com a polpa do polegar.

— Temos as mesmas preocupações, hein?

Robin engoliu em seco e mordeu o lábio inferior.

Ela acariciou gentilmente o nariz dele e deixou a mão escorregar devagar, de um modo lânguido e ávido, mantendo o leve contato da ponta do dedo até chegar à cintura. Então pôs as duas mãos nos próprios bolsos, polegares do lado de fora.

— Você me dará oportunidade de ser sua amiga?_ — perguntou.

Em resposta ao sorriso pálido e inseguro de Robin Gwyneth baixou os olhos submissamente, disposta a vencê-lo.

Às duas horas, na reunião da equipe, Gwyneth disse-

— Penso que, a despeito das preocupações de Robin, já desenvolvemos um relacionamento que somente poderá melhorar com o tempo. — Ela olhou à volta da mesa e acrescentou— Vai sair comigo à noite para jantar.

Os quatro homens e as duas mulheres na sala de conferência sorriram para ela.

O jantar não foi um sucesso. Robin estava dócil, não dando trabalho a Gwyn para distraí-lo. Algumas vezes sorriu, mas pôde observar que olhava para ela como se não estivesse convencido de que realmente ela existia. Ela nunca encontrara tanta reserva em qualquer macho, não importando a idade. A atitude de Robin punha-a perplexa e a derrotava. Então ele se retraiu completamente e ergueu paredes, isolando-se.

Durante uma semana e meia Robin deliberadamente evitou qualquer contato com ela. Ele dormia muito todos os dias e vagueava à noite. Ele evitava o *campus*, e a equipe, por medida tática, saía de seu caminho. Gwyn descobriu-o cedo numa manhã, antes do romper do dia, encolhido e sem auxílio, em cima de uma rocha no meio do lago. Ela se admirou de como ele tinha chegado lá sem se molhar. Ele passava longas horas da noite na biblioteca da faculdade, virando as páginas de livros raros que faziam parte de uma coleção mística de seis mil volumes. Mais freqüentemente estudava mapas.

Ele se resfriou e teve pouca febre, mas seu apetite não fazia progressos. Uma de suas faces inchou por causa de veneno de carvalho. Tinha má aparência e sentia-se miseravelmente.

Análises dos filmes feitos enquanto Robin dormia mostraram que ele abandonava o corpo por quatro, cinco horas de cada vez.

— Aparentemente tentando um encontro com o pai no astral — disse Newvine, psiquiatra da faculdade e supervisora, um travesti cujo nome de guerra era Granny Sigmund.

— E sem ter sorte — comentou um colaborador.

— Ele está estudando todos aqueles mapas detalhados da África equatorial — Gwyneth disse. — Deve estar procurando o corpo. Ele tem de ser convencido de que a morte do pai aconteceu.

— Duvido que haja um corpo — disse um inglês chamado Saltmarsh, bolsista do Conselho de Investigações Psíquicas da Universidade de Londres. — Mercenários sanguinários poderiam ter

jogado uma porção deles numa vala ao lado da estrada. Agora não deve restar muita coisa, não é? Trapos e mau cheiro.

Gwyn fez uma cara...

— Pelo amor de Deus, eles devem ter queimado o pobre homem. Mas Robin está fazendo buscas, perseguindo o espírito do pai ou os seus restos na terra. Tentei desviá-lo disso; de qualquer modo, está se tornando crítico. Tenho medo que seja levado a uma condição psicopatológica que não possamos dominar sem o recurso das fenotiazinas. E as drogas podem muito bem fechar valiosos canais patêmicos.

— Posso fazer uma sugestão? — disse Granny Sig. O travesti era uma grotesca figura com cabelo à Kerry Blue e pequenos óculos redondos empoleirados nas maçãs das faces. "Ela" ria muito, sacudindo-se e ficando vermelha sem que por fim nem um som saísse; nada além de uma respiração ofegante.

— Gostaria que fizesse, Granny Sig. Eu o tinha nas palmas das mãos, praticamente, mas. . .

— Estudei seu excelente relatório de seu primeiro atendimento ao querido Robin. Você possui um raro defeito, minha querida. Esse defeito é a perfeição. É brilhante em vários campos de estudo, fisicamente viva e competente em todos os tipos de jogos. Você tem essa louca capacidade de obter experiências em áreas que realmente não lhe interessam muito. É capaz de ajustar seu DeSoto 57 como um relógio, explicar reversão de partes entre os coiotes, discutir balística com um excelente atirador, apresentar uma lista de seis maneiras plausíveis de Johnny Bench impedir a queda de preços. Tem atrativos sociais e é divertida. Possui também uma íntima segurança sexual, Gwyneth Charles é uma criatura de tantas facetas que está na desesperadora situação do homem cego da parábola que tentou descrever o elefante.

— Eu adoraria ouvir tudo isso, mas. . .

O travesti se sacudiu e tremeu com seu riso interior, ficando da cor de uma veia trombosada.

— Nós já a vimos, usando talvez metade do seu poder, desmoralizar um sem-número de excelentes homens de nosso conhecimento. Pense agora no impacto que você deve ter causado a esse garoto de treze anos.

Gwyneth mordeu o lábio inferior:

— Ele não é uma pessoa comum. . .

— Estamos falando de capacidade emocional. No momento pensamos nele unicamente como um ser que tem sexo. Genitalmente ele está num esplêndido estado de desenvolvimento. Nós o filmamos masturbando-se, atingindo o clímax. Podemos afirmar, em relação à riqueza de material pornográfico apreciado por todos os meninos que estão crescendo, que ele tem informações suficientemente técnicas. Por sua própria decisão, ainda não teve uma experiência de relações sexuais. Muito mais importante, ele teve pequenos contatos com fêmeas púberes. Sua mais profunda experiência sexual até agora consistiu no seio lactante de uma mulher a quem estava fortemente ligado por empatia.

— Aposto que sei aonde querem chegar com isso.

— Sim. Seu plano a longo curso sobre Robin não está isento da possibilidade de considerável perigo...

— Outra vez, doutor? Não!

— Mas desde que foi admitida a esse programa de ação, tenho dito que é necessário que modifique sua estratégia.

— O que está tentando dizer é que eu o empurrei para o precipício depressa demais. Mas eu não estava mesmo cuidando disso.

— Oh! minha querida, dois manifestos contatos em uma hora. E você revelou áreas de vulnerabilidade que não correspondiam às necessidades dele. Considere seus devaneios de adolescente. . . em que ele pensa quando está segurando o pênis? A menina cobiçada do último mês? A apimentada fada anunciando desodorante na TV? Aquela mulher peituda a que ficou seriamente fixado? Não pode ser assim, tudo isso foi retirado violentamente da realidade do ato enquanto ele o realiza. Estou certo de que ele não pensa em você; talvez faça um esforço consciente para não pensar. Porque você também é muito mais imediata e mais intensa do que toda a vida dele, e uma mulher com a qual poderia competir. Mostrar-lhe uma parte do soberbo traseiro foi mesmo uma intimidação terrível, não um ato provocador. Um choque para a sexualidade que esta brotando. Ele pode desejar você, não seria normal se não o fizesse, mas se sente incapaz para a tarefa, o que poderia ter repercussões. . .

— Você quer dizer que eu deveria orientá-lo para os agarramentos de Ken ou Bart? — Gwyneth disse sarcasticamente, tinha ficado vermelha

até a raiz dos cabelos. Muitas pessoas na sala tiveram dificuldade para conter o riso.

Granny Sig sorriu pacificamente.

— Oh, estou certo de que há tempo suficiente para recuperar a confiança dele. Mas aceita mais um pequeno aviso? Não o persiga. Deixe que ele procure conquistá-la, para variar. — Ah, ah — disse Gwyn, esclarecida.

Robin desconhecia que o *campus* da Faculdade Psi era tão fortemente guardado, e com a mesma facilidade, quanto Lansley ou Fort Meade. Ele não viu policiais com capacetes acompanhados de cães amestrados; não havia postos de vigilância com homens armados. Medidas visíveis de segurança incluíam sinais de atenção, uns poucos holofotes à noite, alguns portões de acesso à estrada não muito pesados. Esses portões eram controlados por barrigudos homens de meia-idade, armados com nada mais letal que um quadro de anotações.

Ocasionalmente ele se encontrava com a única patrulha de segurança em atividade durante o dia, dois homens do Serviço Florestal, uniformizados de verde, que mastigavam palitos e faziam a ronda em volta da floresta numa camioneta com um grande cão alemão que viajava na traseira do carro. O cão avançava, rosnava e arreganhava os dentes quando alguém se aproximava, exatamente como lhe tinham ensinado. Mas ninguém tinha imaginado uma maneira de cortar-lhe a cauda fazendo-o sair ao mesmo tempo do carro. Naturalmente isso o mataria, de um modo inesperado. Robin, via também funcionários do governo fumando cachimbo, conversando sobre amostras de solo e sementes; via turmas de lenhadores, homens de manutenção e meteorologistas de uma estação num terreno íngreme e sem vegetação dominando o lago Celeste. Gostavam de despir camisa e refrescar-se durante a folga para a refeição. A certos intervalos via um helicóptero no céu vazio. Ninguém o seguia ou mostrava um interesse especial por sua presença. Se quisesse usar a motocicleta de Gwn e andar quilômetros, ninguém o impediria.

Tinha absoluta liberdade e era um prisioneiro, totalmente. Mesmo antes da chegada de Robin, parte da reserva da MORG tinha sido usada para experimentar novos tipos de sensores protetores e de alarma. O

sistema de segurança que controlava muitos quilômetros quadrados do *campus* e florestas tinha sede numa estação meteorológica. Permitia vigilância e observação de alterações, as mais modernas câmeras e telescópios com que a NASA abarrotou os satélites-espiões. As florestas foram equipadas com sensores e minadas com mecanismos de controle setorial. Cada grupo de operadores tinha à sua disposição depósitos em que se podia controlar qualquer espécie de intrusão. Apertando botões, podiam iluminar o céu à noite com magnésio em combustão, destruir pontes ou preparar armadilhas nas sinuosas estradas. Poderiam envenenar com gás qualquer coisa viva numa superfície de dois acres, em questão de segundos. Os campos estavam equipados com minas contendo uma quantidade de fragmentos de metal capaz de espatifar um elefante. Mísseis aguardavam *jets* em vôo raso.

Mais cães, primos monstruosos do animal na camioneta, estavam de guarda nas redondezas do *campus*. Velhos de aparência pacífica, que cocavam a barriga e bocejavam freqüentemente, poderiam matar de dez maneiras diferentes alguém que se tornasse suspeito. Ken e Bart, que cuidavam da casa tão bem, pertenciam a um grupo particularmente assassino. Ken gostava de uma lâmina silenciosa ou de uma faca usada repentinamente; Bart, que tinha quase um místico conhecimento de anatomia, matava inventivamente com qualquer coisa que tivesse à mão.

O motor de duzentos e cinqüenta cilindradas da motocicleta podia explodir por controle remoto se Robin excedesse certos limites nas suas explorações. Todos os seus momentos na casa eram fotografados em oito exposições por segundo, com lentes convencionais e filme infravermelho.

Depois de três semanas, os homens decidiram agir de modo que cada um dos movimentos de Robin passasse a manifestar uma forma crescente de dependência; ele estava sendo preparado para o seu novo lar, colocado numa rotina. Não se tornou mais aberto em relação a Gwyn, mas passou a conversar com Ken e Bart.

Próximo ao dia do seu vigésimo nono aniversário, Gwyn planejou passar alguns dias com um velho amigo, um novelista, que estava em férias em Yaddo, a colônia dos artistas da estrada de Sara toga Springs. Antes da partida, ela não comentou a viagem com Robin, mas lhe deixou um bilhete breve e amável.

Ficou imediatamente evidente que Robin se chocou com a ausência de Gwyn. Uma porção de vezes foi ao apartamento dela no terceiro andar, perto do seu quarto, apenas para olhar. Leu e releu o bilhete escrito à mão. Tomou emprestado de Ken uma faca do exército suíço. Ken possuía uma coleção de facas. Robin andou pela floresta procurando peças de tília americana para esculpir figuras. Estava começando a comer todos os sanduíches que Bart preparava para seus longos dias de odisséias, em vez de jogá-los fora depois de uma mordida ou duas. Hora após hora trabalhava febrilmente esculpindo a madeira; quebrou algumas peças, insatisfeito, começando de novo. Cortou os dedos várias vezes, cobrindo os ferimentos com Band-Aids.

Granny Sig chamou Ken e Bart a seu escritório para uma consulta.

— Seu nível de consciência tem estado muito baixo devido ao seu trauma emocional. Agora que está dando sinais de recuperação, precisamos ter muito cuidado com ele. Se Robin conhecesse a extensão de nosso sistema de proteção, ele poderia descontrolar-se e assustar-se. Mais tarde as precauções de segurança não farão diferença para ele; se por qualquer motivo se sentir lisonjeado, isso será bom para ele. No momento não desejaríamos alertá-lo para qualquer verdade sangrenta de suas vidas desregradas, meus queridos.

— Atualmente ele pode ler pensamentos? — Ken perguntou preocupado.

Granny Sig riu, riu, e sua risada soava como um fole quebrado.

— É um sério equívoco. Um de seus talentos notáveis é o fenômeno de psicometria. E isso é tudo . . . bem, algum dia poderemos realmente saber o quanto a mente transcende o tempo e o espaço; realidade é como designamos o fenômeno, por ora, posso dizer que há um universo bioplásmico, e esse universo é um relatório de todo impulso humano, palavra ou ação... de vidas passadas e futuras. Tocando em você ou em alguma coisa sua, Robin faz uma conexão entre o mundo sem tempo e o mundo físico, que os clarividentes chamam de visão. Ele seleciona do seu passado ou futuro, que são, de qualquer modo, uma parte da imensa consciência coletiva.

— É possível que ele leia alguma coisa sobre aquela faca que lhe dei? Era praticamente nova, nunca a usei.

— Não se preocupe, então.

— Não poderá ele arrancar muita coisa errada de Gwyn — Bart perguntou.

— Ponderamos esse problema exaustivamente. Tudo que posso dizer é que Gwyneth não tem conhecimento de uma única informação que possa comprometê-la. Ela não precisará mentir para ele. Brevemente chegaremos a um estágio em que o relacionamento deles será melhor, finalmente, mas Gwyn não deve saber disso antecipadamente; ela terá que improvisar, resolvendo os problemas à medida que forem surgindo. E se ele se tomar de amores por Gwyn, perderá a percepção em relação a ela tanto quanto a ele mesmo. Os clarividentes são notoriamente incapazes de adivinhar seus próprios destinos.

Chovia fracamente e escurecia quando Robin voltou para casa naquela tarde de motocicleta, margeando uma enseada do lago Celeste. Não estava esperando por isso, mas através da vegetação ele não pôde deixar de ver o carro de Gwyn estacionado num promontório plano, um dos lugares onde costumava parar para pensar e de onde podia olhar fixa e ininterruptamente durante horas para o reflexo perfeito das árvores na superfície da água. O carro era vermelho e branco, DeSoto, já com vinte anos mas lindamente conservado; referia-se a ele orgulhosamente como o maior, o mais fino carro de Detroit para luas-de-mel. Voltava de Saratoga Springs um dia mais cedo. Ele se indagava por que motivo.

Robin freou e olhou o carro adiante. Os faróis se acenderam e se apagaram duas vezes na escuridão do crepúsculo.

Ele tomou um caminho estreito que levava à margem e aproximou-se do DeSoto. Gwyneth estava caída atrás da direção. Não olhou para ele, mas levantou a mão num lânguido cumprimento.

Robin desligou o motor da motocicleta, firmou o pedal mas não desceu.

— Eu imaginava que estivesse ouvindo meu velho motorzinho barulhento — disse Gwyn. — Como tem passado?

— Bem.

Ela se levantou, abriu a porta e desceu. Respirou doce e profundamente, olhou para ele e abraçou-o.

— Você disse que não poderia estar de volta antes de...

— Amanhã. Mas, que pena, a reunião terminou hoje. Outra vez não pude fazer o trajeto com o velho e bom Vic.

Gwyn sorriu sombriamente, limpou as gotinhas de chuva da cabeça e desceu até o lago. Estava descalça. Andava mancando como se a perna esquerda estivesse ferida. Permaneceu uns poucos minutos como os pés na água fria. Robin ficou caminhando à toa por ali e subiu numa rocha. Gwyn voltou.

— Vamos ficar molhados.

— Que aconteceu com sua perna?

— O quê? Ah! Eu. . . me machuquei. Ferimentos. Uma espécie de ferimento.

— Sua boca tem um talho.

— Onde? Aqui, você quer dizer? Está cortada, também.

— Como aconteceu?

— Oh! Cale-se, Robin — Gwyn disse mansamente. Então levantou as mãos, as palmas para cima, num gesto de perdão e estremeceu. — Desculpe-me. Tive um acidente com alguns golpes, é tudo. As costelas é que estão pior. Aprendi a não andar à solta por aí. Lágrimas e recriminações seriam o programa de amanhã se eu demorasse no hospital. Vic é uma pessoa forte e encantadora por um dia; mas se bebe mais de um dia torna-se insuportável, compulsivamente destrutivo.

— Por que ele a feriu?

— Não posso explicar isso bem. Não é porque não goste de mim.

— Oh!

— Ponha a motocicleta no carro e seguiremos juntos para casa.

Ele teria gostado de fazer mais perguntas; ficou irritado e zangado só de pensar que a tinham espancado. Mas Gwyn não estava zangada, apenas parecia triste; seus lábios se moveram algumas vezes sem emitir som enquanto dirigia o carro, como se pronunciasse agora todas as palavras que gostaria de ter dito a Vic.

Então, percebendo que Robin olhava para ela, sorriu, curvou-se e bateu amigavelmente com o punho no joelho.

— Ficarei logo bem.

— Não se você continuar com esse. . . não importa o nome — Robin disse um pouco enciumado.

— Está tudo acabado. Acabado. Finalmente.

— Há quanto tempo você. . .

Tinham chegado a um lugar espaçoso, onde três estradas não pavimentadas se cruzavam. Dois sedãs enlameados estavam parados ali. Um homem de chapéu e com um paletó desbotado de uniforme estava saindo de um carro e entrando no outro.

Levantou os olhos, rapidamente, quando os faróis do DeSoto atingiram seu rosto.

Robin estava olhando pelo vidro. Ele saltou como se tocado por um fio elétrico.

— Meu pai!

— O quê? — Gwyneth disse, despertada de sua desalentada fantasia. Olhou para trás mas não parou. Robin pendurou-se na janela, viu somente as luzes traseiras na cortante chuva enquanto os sedãs seguiam por diferentes caminhos

— Gwyn! Pare! Volte! Eu vi papai.

— Oh, não, Robin. . .

— Por favor! — ele lhe implorou, tentando loucamente agarrar o volante. Gwyn pisou no freio na estrada barrenta e escorregadia; o DeSoto rodopiou e deslizou uns trinta metros.

— Robin!

Ela lutava com ele com uma das mãos e tentava controlar a derrapagem; o carro esbarrou numa moita de amieiro cheio de ramos que avançava sobre a estrada e parou.

Robin abriu a porta do carro, saltou e correu para trás na estrada.

Os carros tinham desaparecido. Robin continuava correndo impetuosamente. Gwyn tornou a ligar o motor, conseguiu desatolar o carro e partiu. Alcançou Robin, parado, desolado, perto do lugar onde tinha visto o homem.

Chovia mais forte agora, as gotas batendo surdamente no capo do carro.

O peito de Robin arfava e seu cabelo estava caído na testa.

— Robin, por favor, entre de novo no carro.

Ele balançou a cabeça violentamente.

— Podia ser alguém parecido. Você não poderia ter visto. . .

— Mas eu vi.

— Robin, não, Robin, seu pai está morto. Posso provar isso para você se. . .

Ele se virou; ela notou em seus olhos uma luminosidade chocante como faróis.

— Nunca o mandaram de volta; então não há prova.

Ela teve que ir atrás dele.

— Robin, volte para casa comigo.

— Nós poderíamos segui-los.

— Onde? Qual estrada? Não vi os caminhos que aqueles carros seguiram. Seja compreensivo. Se fosse verdade. . . por algum milagre, ele se comunicaria conosco, não é? Bem, não pensa assim?

Robin abaixou a cabeça. Havia um pouco de sangue em seu lábio inferior; lavou-o rapidamente. Gwyn pegou-o pelo braço. Teve que puxá-lo, em passo arrastado, de volta ao Desoto. Seguiram tremendo e em silêncio durante o curto caminho para casa.

Uma hora mais tarde, quando ele acabava de sair de um banho quente de banheira, ela o procurou em seu quarto.

— Robin, você poderia descer para o estádio por uns poucos minutos?

Gwyneth tinha trocado de roupa e usava um vestido longo, tropical, e os cabelos presos. Estava bebendo *scotch*. Seus olhos mostravam que estava ligeiramente embriagada. Ele se sentou num lugar em frente a uma janela ampla, baixa, que dominava todo o lago. No perímetro do terraço estavam acesas lanternas japonesas. A chuva tinha parado de todo. Nuvens parecendo fumaça de chaminé corriam em direção ao vale do Hudson. Sob os últimos raios de luz do dia, as árvores pingavam gotas como diamantes.

Ela lhe trouxe um envelope tirado do cofre.

— Recebi isso há duas semanas. Não pretendia mostrá-lo. Posso ter cometido um erro, mas... — Gwyn tentou desfazer o nó apertado do barbante, mas seus dedos tremeram. Robin tirou o envelope das mãos dela, abriu-o e retirou várias fotografias lustrosas em preto e branco. Por três ou quatro minutos ele olhou fixamente uma. Uma estrada plana de um país quente. Um baobá. Fraca luz do sol incidia sobre fragmentos gelados

deixados no pára-brisa do Land Rover, que tinha saído da estrada e estava inclinado num ângulo de quase vinte graus. Trinta ou quarenta buracos na lataria, decididamente feitos por balas. Um homem de jaqueta estava caído, a cabeça para fora do veículo. Ao fundo, dois homens pretos vestidos com trajes e guerrilheiros. Botas de pára-quedistas, pesadas japonas, cartucheiras, boinas. Sorrisos com dentes à mostra. A fotografia, sob todos os aspectos, era excelente.

Robin relutantemente largou a primeira fotografia. A seguinte era uma fotografia de corpo inteiro de um soldado nativo, muito bem armado mas descalço. Apontava de modo marcante para o corpo na estrada. Sangue negro; enxame de moscas sobre a cabeça arrebitada.

Robin olhava de boca aberta para Gwyn, que segurava o copo com as duas mãos.

— Continue — ela disse cruelmente. — Continue olhando.

Olhou mais duas fotografias, a cabeça abaixada, e sentouse com a terceira no colo. Mostrava por inteiro um outro corpo dentro do veículo. Soldados suarentos, com sinais tribais partindo da parte de trás da cabeça e atravessando o cabelo, um olhar de frenético excitação. Cinco, possivelmente seis, buracos escuros e redondos de bala, apenas no rosto da vítima. Embora as feições estivessem alteradas pela pressão causada pelos tiros, a vítima era facilmente reconhecível.

— Esse é seu pai? — Gwyn perguntou.

Robin não falou. Juntou essa foto às outras.

— Onde conseguiu isso?

— Childermass.

— Por que alguém as teria tirado?

— Diabólico privilégio.

— O quê? — Robin disse tremendo de raiva. Empalideceu rapidamente. Os lábios ficaram como cera. Ela estava certa de que ele ia desmaiar.

— Sinto muito; é o diabo, negócio sujo, e honestamente eu não queria fazê-lo. . . mas se você ia continuar pensando, o resto de sua vida, que poderia correr atrás dele na rua ou... ou se toda vez que o telefone tocasse você. . .

Robin levantou-se e deixou a sala. Gwyn ouviu-o subir a escada pesadamente, com um choro crescente que cortava o coração. Ela sentou-

se, atormentada por náuseas e apertando o copo gelado contra a cabeça. Lacrimou um pouco, espasmodicamente, enquanto adeganava mais um drinque.

Às dez horas Gwyneth subiu para seu apartamento. Encontrou três esculturas em madeira, as figuras trabalhadas e polidas à mão, na mais alta perfeição. Um tranqüilo conjunto rústico. Mãe e duas atraentes crianças, um menino e uma menina, sentados, um grande cesto de piquenique entre elas. Os detalhes eram lindamente trabalhados — a palma da mão da mãe, as dobras da saia, o traço de um misterioso sorriso da criança. As figuras absorveram-na; estava impressionada pela manifestação de talento do jovem. Agora compreendeu a razão de todos aqueles Band-Aids que percebera nos dedos dele.

Um cartão de cumprimentos pelo seu aniversário acompanhava a escultura: "Eu desejo você". Estava tudo dito, as palavras de que necessitava.

Ouvia Robin no quarto dele. Tinha sono agitado e chorava. Gwyneth finalmente se afogou em lágrimas; chorou tanto que ensopou a manga da blusa branca bordada.

Havia um chuveiro enorme no banheiro de Gwyn, um moderno instrumento de tortura como uma guilhotina de ferro, os jatos caindo sobre ela vindos de dúzia e meia de diferentes direções. Sofria horrivelmente devido aos golpes que Vic lhe tinha infligido em seu amor violento, mas ela suportou a dor. Fez massagem com a palma da mão, para fazer o sangue circular mais fortemente.

Gwyn saiu vermelha como um camarão, respirando fortemente e agradavelmente exausta; enrolou-se quase da cabeça aos pés com uma enorme toalha estampada com orquídeas e permaneceu deitada na cama, latejando, tentando controlar as emoções. Antes que estivesse completamente enxuta, desfez-se da toalha e procurou uma pequena garrafa de óleo concentrado de haxixe que tinha sempre à mão. Derramou uma pequena gota do precioso material diretamente na ponta de um dedo. Sentou-se em posição de lótus, ergueu a gota viscosa e firme e olhou-a fixamente. Então olhou para baixo, para sua barriga levemente arredondada, livre de dobras, e para a macia plumagem feminina ainda gotejante. Sem descruzar as pernas ela se deitou, enfiou o dedo bem fundo

no ânus, retirou-o imediatamente e meteu-o na vulva. Retirou-o de novo e deixou-o deliciosamente pousado no gordo e soberbo clitóris.

Em poucos segundos ela começou a se movimentar para cima e para baixo, à beira do que poderia ser um prolongado e noturno orgasmo, a ser mantido tanto tempo quanto quisesse com subseqüentes e calculadas aplicações de óleo de haxixe. Sua pele tomou cor novamente, e a cabeça era uma pesada bola de víboras se entrelaçando sensualmente, silvando como flamas, enquanto o inacreditavelmente poderoso óleo era absorvido pelo tecido macio e erógeno.

Gwyneth pôs outra gota no bico do seio, onde não poderia ser absorvida tão rapidamente, pelo menos por ela. Estava ávida então para pôr as mãos nela mesma, rasgar-se e sentir a corrente de seu coração pulsando, esfregar-se contra paredes e mobília, cair arquejante e moída sobre o áspero tapete, usando a pele das ancas para satisfazer a seus ímpetos eróticos. Ela se obrigou a manter o autocontrole e foi disfarçadamente de joelhos para o quarto de Robin. Estava terrivelmente confusa, uma sufocante tempestade.

Ele estava dormindo, mas superficialmente; sentou-se, chocado, assim que ela entrou.

— Quem está aqui?

— Gwyn, querido. Você está bem?

— Estava sonhando. Tive uma terrível dor de cabeça — Gwyneth ajoelhou-se na cama ao lado dele e pôs a mão em sua testa. Ainda estava tenso e molhado de suores noturnos.

— Eu estava no banho. Pensei que estivesse acordado então vim diretamente para cá.

— Eu vou. . .

— Posso ficar com você — ela disse rapidamente

— Eu...

— Quero ficar com você. Robin. . . Tenho uma coisa boa para sua dor de cabeça.

Ela se encostou bem junto a ele, joelho contra joelho tornando-o consciente da textura de sua pele e da pressão de seus músculos, da violenta pulsação de seu sangue, da bela conformação de seu busto.

— O que é? — ele disse com toda a inocência.

— Oh! por Deus, Robin, ponha os braços em volta de mim, por favor, por favor, por favor, antes que eu perca minha maldita cabeça!

Mas não pôde esperar que ele ensaiasse um primeiro movimento; segurou-o, encheu seu rosto de beijos. Insinuou carinhos com a língua. As mãos dela apalpavam-no e deslizavam por seu corpo; então, lascivamente alcançou, segurou o desejado. No mesmo momento já estava montada nele, um pungente e acolhedor ninho, o seio comprimido entre os lábios dele.

— Tem um gosto estranho — Robin murmurou, possivelmente seu último pensamento concludente daquela noite.

Cinco e trinta da manhã. As pedras da casa estavam úmidas. As coníferas no gramado bronzeado do jardim estavam claras, cobertas de gotinhas de água. Grandes nuvens espiraladas de neblina, branca como ossos, subiam lentamente da superfície do lago escuro cheio de reflexos. Dois cisnes grasnavam e deslizavam, como pétalas de rosa em movimento, numa maliciosa auto-admiração, em direção a uma elevação onde o alto abeto vermelho, esmaecida sentinela, preta como a noite, começava a fenecer nesse ambiente de ilusão. O canto dos pássaros era desanimado, isolado. Gwyneth, em roupas azuis íntimas e um encantador agasalho, deslizava pelos caminhos, afastada das duras realidades da alma, fortificada pelo espírito que dominava a fraqueza da carne e todas as manifestações em seu próprio corpo.

Ouviu o bater de asas gigantescas um momento antes que aparecesse, exatamente em frente a ela e a uns poucos passos do chão. Gwyn encolheu-se com uma praga, temendo que o corvo a atacasse, mas ele, com um rufar de suas asas negras iridescentes, afastou-se sem um pio para cima do matagal e sumiu na neblina semelhante a flocos de algodão.

Pássaros nojentos, pensou; odiava-os pelo que simbolizavam. Inúmeros corvos freqüentavam o *campus* e muitos deles eram suficientemente grandes para perturbar os alarmas detectores de ondas magnéticas. Um que certa vez quase a tinha atropelado tinha uma envergadura de asas de aproximadamente um metro e meio. Os homens da segurança ocasionalmente atiravam neles, mas sem muita sorte; os corvos

tinham aprendido a se precaver, para sua segurança, e raramente deixavam-se ver.

— É você, Gwyneth? — perguntou Granny Sig Newvine, e de repente "ela" se tornou visível lá embaixo no caminho em que Gwyn ia entrar. Uma claridade tênue vinha surgindo atrás do bosque, e saída das sombras se encaminhava Granny Sig, sonante, extravagante, com ar cândido, graciosa com o seu chapéu marrom e demais bugigangas. Tinha um aspecto feroz.

— Oh! Sim. Você está aí. Viu aquele pássaro? Também vi. Bem, você tem a aparência de muita vitalidade, como sempre. Não me leve a mal, mas o que se poderia esperar depois de tantas horas com sua alma gêmea ... o impudente garoto?

— Você já sabe?

— Conjeturas — disse Granny Sig, fazendo insinuações num riso afetado.

— Desta vez foi para valer. . . fim aos fantasmas. Diria que foi afastado do pai de uma vez por todas. Robin agora é completamente meu.

— Com a ajuda de uma gotinha de óleo de haxixe, para pôr abaixo inibições frente a uma mulher em trajés íntimos?

Gwyn disse sonhadoramente:

— Dizem que fazer amor no astral é o nirvana; a sensação pura eclipsa qualquer coisa que tenha a ver com a função carnal. Mas tivemos resultados excelentes esta noite.

— Robin é alguém ligado ao astral; você, não. Cuidado, querida.

— Tem medo de quê, Granny Sig?

— De uma coisa: sua tendência a usos maliciosos do sexo.

— Você está se tornando uma velha puritana. Usar drogas e ritos sexuais como instrumento de experiências paranormais é norma em práticas místicas. A liberação da energia sexual através de copulação ritual pode ser muito criativa. Isso é magia branca. Não sou bastante louca para meter-me em magia negra.

— Você está focalizando as forças libidinosas desse jovem de mente fantasiosa em você mesma. Ele pode provar ser mesmo extraordinário sexualmente. . .

— Examine os filmes, se quiser. Vai ser assunto de estudo — disse Gwyn com um rápido encolher de ombros.

— Sem fazer pilhéria. Penso que Robin se tornará cada vez mais difícil de ser manejado.

— Ah, ah, ah!

— Mudança de direção da fanfarronice da juventude. Tenho um respeito muito forte pelos poderes cientificamente destrutivos da sexualidade exagerada. Mesmo exausta, você pode satisfazer o corpo físico; é meramente uma questão de mecanismo. Mas e o outro eu, o corpo bioplásmico de que conhecemos tão pouco? O que acontece quando é submetido a condições prolongadas espasmódicas de orgasmos sem emissão? Pode satisfazer Robin no etéreo? O que acontece se não consegue? Você pode estar sendo possuída por uma *tulpa*, um vivo pesadelo fora de seu controle!

A menção das incontrolláveis e freqüentes *tulpas*, parte das tradições do misticismo tibetano, causou momentaneamente arrepios em Gwyneth, mas mesmo assim ela zombou.

— *Tulpas* são formas de pensamento e eu sou uma realista cabeçuda. E Robin é. . . ele é. . . inteiramente um menino. Estou realmente apaixonada por ele, Granny Sig. Vou ter bastante cuidado com ele.

— Muito bem — Granny Sig murmurou. — Só quero preveni-la dos possíveis perigos. Para onde vamos?

— Penso que Robin e eu vamos ter umas pequenas fé-rias. . . ele se distrairia remando no Amersand por uma semana. Atividade física pesada e aquelas boas horas de sono profundo à noite... adorável! Quando o relacionamento estiver realmente firmado, quero iniciá-lo no estudo da cabalística.

— Os cinquenta jardins da sabedoria? . . .

— Mesmo agora, no nível de suas aptidões não cultivadas, deve estar próximo do trigésimo portão, o mais longe que qualquer gênio terrestre conseguiu chegar.

Granny Sig disse reverentemente:

— Salomão ultrapassou o quadragésimo oitavo portão; pela graça de Deus somente, Moisés atingiu o quadragésimo nono portão.

— Robin atravessara o último portão.

— O jardim final, o último mistério?

— A própria criação da vida. E por que não? — disse Gwyn exultante, sentindo-se muito feliz com a boa sorte.

Alcançara a parte mais alta do terreno, onde a neblina já estava desaparecendo. O sol surgia; rompeu o dia azul e brilhante.

Treze

O Instituto Paragon ocupava a quadra entre a 86th Street East e a 87th Street, em Manhattan, de frente para o Carl Schurz Park e o rio. A entrada principal era na esquina da 86th Street com a East End; era um vistoso prédio do governo federal, em tijolos vermelhos antigo. O Instituto possuía também a casa estreita ao lado e duas casas imediatamente atrás dela, cada uma com entrada particular em uma estreita passagem que estava sempre sombria por causa do edifício de apartamentos de vinte andares.

Na tarde de 4 de janeiro nevava há horas. O dia 5 amanheceu claro e muito frio, com céu azul, tons róseos, o vapor úmido encobrindo os passos.

Roth, adormecido no sofá de seu escritório, agitou-se e retraiu-se sob um braço quando foram abertas as cortinas da sala do terceiro andar. Ele resmungou rudemente.

— Dr. Roth?

Como ele não respondesse, Hester Moore aproximou-se e pôs a mão firmemente em seu ombro.

— Doutor, o senhor tem um café às oito na lista de compromissos para hoje.

Por alguns momentos ela pensou que ele ia ignorá-la. Roth olhou em volta do escritório, mexeu em papéis e pastas. Havia dois horóscopos visíveis num porta-cartões na parede. À primeira vista os quadros pareciam idênticos.

Ele sentou-se. A camisa estava desabotoada até a barriga peluda e ele necessitava fazer a barba.

— Que horas são agora?

— Sete e quarenta e dois.

Ele sorriu e bocejou.

— É bom ver você de volta, Hester. Como foram suas férias?

— Oh! Fabulosas.

— Onde esteve?

— Esquiando. No Colorado.

— Não pegou muita cor. Você devia estar queimada como uma moedinha de cobre.

— O tempo esteve encoberto a maior parte dos dias, mas adorei, de qualquer modo. — Hester virou-se para o porta-cartões — Não sabia que o senhor era um astrólogo, doutor.

Por ter saído de um sono profundo e reparador, Roth estava rápido e ágil. Afastou Hester da parede sem pedir desculpas por sua rudeza e pegou os desenhos.

— Sou capaz de desenhar mapas, só isso. A fina arte de interpretação eu deixo para os outros. — Roth escovou a coroa de cabelos de sua cabeça calva, sorrindo de lado. — Diga a meu... diga a ele que estou um pouco atrasado. Trabalhei a noite inteira.

Deslizou a mão pela papada do queixo e começou a abrir gavetas à procura do barbeador elétrico.

— Oh! traga-me um pouco de café.

— Sim, doutor — Hester respondeu. Desceu um andar e atravessou uma porta, surgindo num vestíbulo iluminado de sol, onde estava de pé um guarda uniformizado com os braços cruzados. O vestíbulo estava coberto por um tapete assinado por Léger. Hester lançou apenas um olhar sobre o homem que estava sentado na sala particular de refeições atrás do *Wall Street Journal*. Tudo que ela viu dele, realmente, foi a mão grossa que segurava o jornal e um descuidado penteado para trás. Parecia uma cacatua do tamanho de um homem sentado ali.

— Senhorita?

— Oh! Ah, o Dr. Roth está atrasado uns poucos minutos.

— Obrigado. — O guarda olhou para dentro da sala. — Vou falar com ele.

Hester concordou sem suspeitas, balançou a cabeça e já ia sair quando Childermass baixou o jornal e sorriu, procurando seu olhar. Hester gelou e rapidamente passou de um estado inicial de desembaraço para uma sensação evidente de loucura, enquanto tentava fazer surgir um agradável sorriso que a fizesse sair dali graciosamente.

Ele a chamou e ela teve que entrar.

— Alô — disse Childermass. — Como vai você esta manhã?

Parecia estar ciente da imperfeição de sua boca pequena e Hester não se pôde impedir de pensar: "Um buraco apertado e, justamente por isso, atraente"; mas havia uma inteligente cintilação em seus olhos. Hester o olhava, atraída, pois ele estava usando maquilagem para esconder uma feia mancha roxa em volta do olho.

— Nunca a vi antes, trabalha para Roth?

— Sim. Bem, somos duas, Kristen e eu; sou Hester

— Conheço Kristen. É uma moça muito bonita. Você também é uma garota muito linda, Hester. Está trabalhando aqui há muito tempo?

— Há quase um ano.

— Ora, ora. O grande homem vai me fazer esperar o dia inteiro?

— Oh! Só uns poucos minutos, senhor.

Childermass sorriu para ela uns poucos instantes mais, depois seus olhos se tornaram inexplicavelmente frios, enquanto, sem dizer mais uma palavra, se ocupava com o jornal. Hester saiu agitada da sala, apressou-se depois que passou pelo guarda e desceu mais outro lance da escada para a cozinha.

— Café para o Dr. Roth — disse para o cozinheiro. Entrou num lavatório e trancou a porta. Sentou-se no vaso sanitário com os joelhos unidos, tremendo.

Não houve nada na conduta dele, além de um cumprimento rotineiro, para que se sentisse tão mal como se lhe tivessem oferecido um doce estragado, mas Hester tinha uma espécie de superfaro. Childermass estava a par de sua vida, até mesmo do aparecimento de seu primeiro dente quando bebê. Sabia de tudo que era possível saber sobre sua ligação com Peter.

Sentiu-se melhor depois que passou um pouco de água fria nas faces e em volta do pescoço. Com tempo para analisar seu descontrole irracional, Hester imaginou que simplesmente ouvira demasiadas histórias

horríveis sobre aquele homem, contadas por Peter. Ele teve um mau caso — qual era o termo de Peter? — mentalidade fugitiva. Se Childermass tivesse tido alguma suspeita em relação a ela, não teria ficado sentado lá, conversando. Não. Teriam sumido com ela; tê-la-iam levado para algum horrível esconderijo e . . .

De novo mentalidade fugitiva. Hester sorriu para si mesma no espelho manchado. Odiou-o mais do que aquele sorriso meio estúpido que endereçara a Childermass. Em vez de rir, fez uma careta, finalmente pôs a língua para fora. Agora que voltara para o Instituto Paragon, tinha importantes coisas a fazer, se esperava dar alguma ajuda a Peter, então precisava ter nervos, estar na posição de ataque e não ter o mínimo medo de possíveis conseqüências. . . e seria agora mesmo — o Dr. Roth estava esperando o café.

Seis minutos depois das oito da manhã, Roth estava sentado numa cadeira oposta à de Childermass, de frente para uma luminosidade difusa que vinha do parque cheio de neve do outro lado da rua. De vasos pendurados em frente às vastas janelas caíam folhas vermelhas de *poinsettias*. A *poinsettia* não era das plantas favoritas de Roth. Pensava nela como uma prostituta da horticultura. Preferia plantas do deserto, com flores austeras e delicadas.

— Boas notícias esta manhã? — Roth perguntou dirigindo-se ao *Wall Street Journal*.

— Uma chata lotada com congressistas em excursão foi a pique no Styx. Suspeita-se de sabotagem, mas não foi confirmado.

Roth riu e bebeu seu suco de *grapefruit*. Childermass afastou o jornal para o lado.

— Então, como vão as coisas no hospital?

— Melhorando — Childermass disse indiferentemente.

— Não posso imaginar por que todas as exigências legais não foram cumpridas ainda.

— Eu poderia dizer que demos um salto à frente de qualquer um que tenha uma possível queixa.

— Algum barulho por parte dos Bellaver?

— Gente de classe não faz barulho. Abrem inquéritos. Gastam dinheiro, se for necessário, bastante dinheiro, para apurar todos os fatos. Então, se têm um motivo investem como ondas de um maremoto. Até onde pude descobrir, a família esta disposta a cuidar do caso seriamente. Parecem confusos com todos os acontecimentos.

— Então a menina não falou.

— Não quer dizer que não vá falar. Ela deixou dois mortos atrás dela.

— Gillian pode não ter idéia de que foi responsável pela morte da Sra. McCurdy e da Sra. Toone. Pode não estar lembrada de nada que lhe tenha acontecido no hospital naquela noite.

Childermass franziu a testa.

— Amnésia? Essa velha e cansativa mordança?

— O organismo produz alguns efeitos bizarros para prevenir colapsos mentais e emocionais. Amnésia é areação mais comum para rapidamente impedir um intenso choque. Se tivesse visto Gillian, branca da cabeça aos pés, você se admiraria de como pôde resistir à experiência com a mente intacta.

— Essa é uma circunstância favorável. Ela não deve estar em completa saúde mental. A família está certamente mantendo a menina escondida.

Roth passou manteiga num pedaço de torrada.

— Mas devem ter consultado um bom psiquiatra ou a transportaram para um bom sanatório. Segundo os agentes que a encontraram no 909 e a enfermeira do andar que falou com ela, Gillian parecia um pouco perturbada, mas não se comportava irracionalmente. Penso que já teria feito um bom serviço apagando a Sra. McCurdy. À mulher de nome Toone tinha mau aspecto; meu Deus, tinha pressão muito alta e estava procurando barulho.

Roth comeu a torrada em duas vezes e disse de modo aborrecido:

— Estou inclinado a aceitar o prognóstico, digamos, de uma repressão seletiva que pode durar poucas horas ou alguns dias. Tudo poderia desaparecer de um momento para outro. E, se tal se der, que Deus ajude a infortunada menina.

— Eu diria que quanto mais cedo trouxéssemos Gillian para cá, tanto melhor.

— De acordo. Estou me preparando para isso. Procuo uma maneira de achar pessoas que me recomendem aos Bellaver. Complicado. Como encontrar o caminho através de labirintos . . . enquanto a menina é um perigo para qualquer um à sua volta. Sua capacidade para agir psiquicamente é espontânea. Ela deve criar um campo eletromagnético enormemente poderoso. Naturalmente nem todas as pessoas expostas a ela se esgotam. Mas há muitos que querem ser consumidos, o que fatalmente acontece. Uma pessoa com úlcera no estômago se consumiria em questão de minutos. A menor debilidade vascular no coração, cérebro, rins. . .

— Ela é tão perigosa quanto Robin Sandza?

— Até onde pude saber, ela não tem causado tanta devastação quanto Robin, mas é só uma questão de tempo. Olhe para isso.

Roth tirou do paletó os dois horóscopos que ele não quis que Hester visse. Estavam identificados por números.

— Robin Sandza e Gillian Bellaver. Se você os colocar um sobre o outro, pode ver que, fazendo um ajustamento de alguns segundos devido à diferença de latitude, eles nasceram virtualmente ao mesmo tempo... aos nove minutos e cinquenta minutos do dia 4 de fevereiro de 1962; Gillian no Doctor's Hospital, um pouco acima nesta rua, Robin no Naval Hospital m Bethesda, Maryland. Excluídas pequenas diferenças hereditárias, principalmente cor, parecem ter uma ascendência comum. Era o momento da lua nova no signo de Aquarius. A Lua, o Sol e cinco planetas estavam todos no mesmo signo. Um acontecimento astrológico significativo. O nascimento deles coincidiu também com um aumento de atividade solar. Essas crianças são Aquarius com Escorpião em ascensão, uma poderosa combinação para o bem e para o mal. Médiuns predisseram que uma criança nascida no momento da grande conjunção poderia ser o novo Messias. Mas como? Um milhar de crianças. Até onde sabemos, só duas são extraordinárias.

— Estatisticamente, quantas poderiam ser?

— Vou programar o computador para isso. Algumas certamente não terão sobrevivido.

— Mas realmente temos um fenômeno em nossas mãos — disse Childermass, com tanto entusiasmo que mal podia segurar o garfo. — A gêmea psíquica de Robin Sandza.

— Quando eram crianças — Roth cismou —, poderiam ter se comunicado telepaticamente. São companheiros de brinquedos imaginários.

— Mesmo as mais antigas tribos, as mais primitivas culturas no mundo, devem ter saudado com satisfação o nascimento de seu Robin Sandza. Exatamente agora essas crianças estão no ponto de se tornarem mágicos, profetas, os grandes curandeiros de suas tribos. Mas não há lugar para crianças como essas na nossa grande cultura, porque elas são superiores ao que consideramos sagrado. Então, isso não é uma bomba sobre nossas cabeças?

— E a história ensina que o que a cultura não pode assinar ela destrói — Roth disse melancolicamente.

O resto da refeição da manhã veio da cozinha, mas nem um nem outro tocaram na comida.

— Uma vez que você tenha Gillian aqui — disse Childermass —, vamos dar um jeito de removê-la para a Faculdade Psi.

— Mas como faremos? Um outro suicídio sem corpo seria uma coincidência inaceitável. Os Bellaver darão cabo de nós.

— Preparemos um acidente desta vez. Haverá um corpo decapitado e ninguém terá estômago para vê-lo muito de perto.

Roth sentou-se de novo e respirou fundo. Parecia indisposto.

— Isso é demais. Muito violento.

— Não acredito que você imagine como são sérias minhas responsabilidades. Gillian Bellaver e Robin Sandza precisam ser protegidos e nós devemos proteger-nos deles. Pertença a uma comissão de cinco homens, doutor. Cinco dos mais poderosos políticos do mundo. Dois deles querem ver Robin Sandza destruído e os outros estão hesitantes. O chefe executivo é tido como muito responsável. Eles não faziam idéia do real poder de Robin até que o viram agir. Ultimamente estamos todos ocupados com serviços de proteção. . . interesse próprio é a única constante num assassinato, é preferível à incapacidade. Acho que não vai demorar muito um atentado à vida de Robin, provavelmente pelo grupo Langley. A neve pesada nas redondezas da Faculdade Psi é um problema sério para nossa segurança. A escuridão chega muito mais cedo nestes dias.

— Como espera encontrar uma substituta para Gillian em tão pouco tempo?

— Já temos o corpo. Está vindo num vôo de Copenhague. A menina morreu há dois dias, de uma fratura no pescoço, limpamente. Uma extraordinária semelhança física com Gillian. Felizmente crescem aqueles enormes salgueiros na Escandinávia. A vítima foi rapidamente congelada poucos minutos depois da morte. Pagamos vinte e cinco mil dólares pelo corpo em seu estado natural. Essa foi fácil; levamos uma semana para localizar um substituto para Peter Sandza.

— Oh! Por que precisou de um para ele?

— Estou certo de que isso é uma coisa que você deve ignorar.

— Naturalmente! Quis dizer que estou curioso sobre Sandza. Imagine se você pegasse seu rastro novamente.

Childermass sorriu maliciosamente.

— Doutor, o senhor está se assustando com pouca merda.

Roth ficou vermelho de vergonha.

— Ele é um homem depravado e sem princípios. Usava um disfarce quando tentou matar-me.

— Dê graças a Deus por estar inteiro. Mas, seriamente, não acredito que ele o teria matado. Numa situação de desespero ele poderia ameaçá-lo de novo.

— Por quê?

— Ele o atacou uma vez à procura da verdade, mas, embora o fracasso tenha sido completo, foi uma atitude precipitada, que não combina com sua maneira de agir. Livre, Peter é muito mais perigoso. Ele é um assassino torturador.

Roth não disse uma palavra. Esfregou as palmas das mãos úmidas de suor nas calças.

— Pensei que você me tivesse dito que pretendia aumentar o corpo de segurança por aqui.

— Oh! Estamos cuidando disso. Mas só confinado numa solitária alguém estará garantido quanto à sua segurança.

Childermass engoliu a bebida como se fosse ácida e fria. Então curvou os ombros com um gesto de pesar.

— Nestes dias, doutor, temos que agir de uma maneira muito mais ampla. Precisamos manter vinte e quatro horas de vigilância diária sobre

Sutton Mews no caso de Peter resolver dar uma outra investida em direção à menina. E estamos fazendo todos os esforços para descobrir o aliado dele no Paragon.

Roth ficou atônito.

— Aliado? Alguém que trabalhe aqui?

— Oh! deve ter penetrado no Paragon há meses. Conhecendo Peter, eu diria que deve ser uma mulher. Ele deve ter dominado uma de nossas bonecas. Podia ser como eu. Mas estamos revendo minuciosamente as fichas de todos. Tive que chamar agentes já aposentados de volta ao trabalho. Seu pãozinho de forno está ficando frio. Coma-o.

— Estou tentando perder um pouco de peso — Roth murmurou. Em vez de comer, derramou café na xícara, a despeito do estômago quase vazio. — Quando eu me avistar com os Bellaver... o que acha que eu deveria dizer-lhes sobre Gillian?

— Isso depende das condições deles em aceitarem a situação — disse Childermass. — Por enquanto eles podem estar ansiosos pela chegada de um médico milagroso chamado Irving Roth.

Catorze

Terça-feira, 4 de janeiro
9h28 da manhã

— Sra. Bellaver? É Jake. Estou falando de Bedford.

— Oh. Sim, Jake, como vai?

— Bem, Sra. Bellaver, todos nós queremos agradecer-lhe e a seu marido o maravilhoso abono de Natal. Mas essa não é a razão verdadeira por que chamei a senhora. Sua secretária disse que talvez eu a aborrecesse, mas fiquei pensando e, quanto mais pensava sobre o assunto, mais não fazia sentido...

— Alguma coisa errada aí, Jake? Os cavalos...

— Os cavalos estão em excelentes condições, senhora. Ambrósio e Fan-Fan estão ambas com crias e o potro que compramos em leilão em julho último está se saindo bem.. .

— Você falou sobre alguma coisa que não fazia muito sentido para você, Jake.

— Bem, sim, é isso mesmo, Sra. Bellaver. Sei que Gillian esteve doente e que, de fato, saiu há pouco do hospital.

— Sim, foi isso mesmo.

— Sabendo o quanto ela esteve doente, não pude acreditar quando Jody Pete, o meu menino do meio, contou que ficou todo apavorado quando vinha de volta do estábulo e viu Gillian andando pela cavalaria. Isso aconteceu uns poucos minutos antes das sete horas da manhã de hoje.

— Jody viu? bem, é que. . . Jake, deve ter sido um engano. Gillian está aqui em casa. Ela está se sentindo muito melhor, mas ainda está fraca, mal sai do quarto.

— Sei que a senhora pensa que isso é uma loucura, uma enorme perda de seu tempo, mas Jody é quase da idade de Gillian, e tem uma paixão por ela há mais tempo do que podemos nos lembrar. Ele jurou para mim, seu pai: "Eu sei que era ela, era Gillian". Gillian falou com ele, segundo me contou. Ficou perguntando onde estava Pony. Estava até chorando porque não viu Pony na cavalaria.

— Pony? Você se refere aquele bonito cavalinho Sherland que compramos quando ela fez quatro anos?

— Sim senhora. Teve uma infecção, a senhora se lembra? Acho que Gillian não o teve por mais do que oito ou nove meses. É o que me fez achar tudo tão estranho. Se fosse outra menina parecida com Gillian, tentando enlouquecer Jody, como poderia saber da existência de Pony?

— Você me assustou, Jake, mas Gillian esta em seu quarto neste momento. Uma viagem a Bedford, ida e volta, é de cento e sessenta quilômetros. Que horas são agora? Nove e meia. Mesmo que ela tivesse deixado a casa sem que qualquer um de nós fosse informado disso. . .

— Sim, a senhora tem razão, certamente houve uma espécie de surpreendente coincidência. O que eu pensei, se houvesse uma oportunidade de ela sair daí, mesmo estando tão doente e tudo, é que a senhora gostaria de saber.

— Um momento, por favor, Jake. Jody mencionou que roupa a menina usava?

— Mantenha a ligação e vou indagar. — Katharine baixou o fone momentaneamente e sua mente se fixou nos distantes e misteriosos sons que vinham do quarto de Gillian. A Srta. Chowenhill olhava indagadoramente para Katharine através do grande salão; Katharine sorriu distraidamente e pôs o fone no ouvido quando Jake voltou.

— Sra. Bellaver, ele diz que ela estava de *jeans* azuis com remendos e cadarço, botas comuns, jaqueta de marinheiro e um boné de tricô azul e branco.

— Sei. Bem, posso somente repetir que houve um erro, um caso de engano de identidade, mas agradeço a informação. E, se vir a menina,

tente descobrir alguma coisa mais sobre ela.

— Esteja certa de que o farei.

— Jake, não há possibilidade de que Jody Pete tenha sonhado com isso tudo?

— Por quê? Ele não pensaria em uma tal coisa! Aposto a minha vida.

A Srta. Chowenhill estava numa outra linha. Ela olhou para Katharine outra vez enquanto punha o fone no lugar.

— Da delegação do Zaire, Sua Excelência gostaria que a entrevista se desse antes das cinco horas no apartamento dele no Carlyle em vez de na ONU.

— Está bem — Katharine respondeu absorta.

Katharine acompanhou o som da flauta no quarto do segundo andar, passando por Rosalind, uma das empregadas diaristas.

— Eu gostaria de trocar a roupa de cama aí dentro —. resmungou.

— Dentro de alguns minutos.

A bandeja do café da manhã de Gillian estava no chão do lado de fora. Katharine tentou abrir a porta; fechada a chave. Ela bateu uma porção de vezes. Gillian continuava a tocar flauta, uma melodia perdida, triste e fundamentalmente fantástica, uma música melancólica que realmente causava dor física a Katharine; ela se curvou para examinar a bandeja e sentiu como se alfinetes pontudos estivessem alojados entre suas costelas.

O som da flauta parou. A porta foi aberta quase que imediatamente e Gillian olhou para a mãe, que estava de joelhos.

— Oh, ei! O que está fazendo?

— Queria ver se tinha comido alguma coisa.

— Em vez de ficar bisbilhotando por aqui, por que não dá uma olhada no banheiro?

Katharine levantou-se com o apoio das duas mãos.

— Não posso acreditar que você tenha dito isso!

— Eu. . . eu acho que não devia, desculpe-me.

— E por que esta porta está sempre fechada a chave? Você esteve muito doente e poderia necessitar de alguma coisa durante. . .

— Não costumo fechar a porta!

— Estava trancada ainda há pouco e está sempre fechada; que tem lá dentro escondido, Gillian?

Gillian escancarou a porta, batendo-a contra a parede.

— Oh! Deus! entre, entre se é tão importante para você!...

Estava usando um *short* esfarrapado e um suéter claro. O cabelo estava necessitando de pente e tinha um cheiro... E ela estava muito mais magra. . . Gillian voltou para a cama desarrumada e pegou a flauta. Ficou de cabeça baixa e os pés para o alto. Havia uns ferimentos amarelados de aspecto nojento nas faces internas das coxas.

— Gillian. . .

— Não estou comendo porque minha língua ainda está j_a Bebi leite e estou cheia.

— Eu queria saber se pode mudar a roupa de cama e arejar um pouco aqui dentro.

— Está bem — Gillian ergueu-se e começou a tirar tudo de cima da cama. Katharine abriu a porta de um armário para arejar. Gillian parou o que estava fazendo e olhou fixamente para ela.

— Você costuma usar um boné de tricô azul e branco?

— Ainda uso. Penso que está aí na prateleira.

— Você usa a jaqueta de marinheiro?

— Naturalmente, quase sempre, você já me deve ter visto com ela umas cem vezes.

— E as botas?

— Quando ando a cavalo em tempo de frio, do contrário ando descalça. Mamãe, que inferno. . . eu não entendo, realmente eu não compreendo.

— Suponho que Jody Pete já a tenha visto usando todas essas coisas.

— Jody Pete? Na fazenda? Certamente. Acho que sim. Por que está falando dele?

— Ele está. . . certo de que viu você na fazenda esta manhã. Às sete horas.

Gillian riu. Estava realmente surpresa.

— Loucuras — ela disse balançando a cabeça. — Realmente, loucuras.

— Ele não é o que se pode chamar de um menino imaginativo. Sempre o achei muito sério e. . .

— Conheço Jody Pete, não precisa me falar dele. Por que haveria de inventar uma história louca como essa?

Katharine sorriu.

— Realmente não sei. Suponho que ele devaneie a seu respeito.

— Você está se sentindo melhor, não está, Gillian? Estou. Mas me canso facilmente. Durmo demais.

Gillian ficou de pé, parada, as mãos caídas dos lados, olhando fixamente para um pequeno ponto próximo ao ombro esquerdo de Katharine. O aspecto de reserva e de infeliz solidão que se impôs era depressivo.

— Procure não me deixar do lado de fora, sim? Não pode imaginar como me aflige.

— Mamãe, há alguma coisa errada com essa danada de fechadura.

— Então não feche a porta, Gil.

— Gosto de um pouco de isolamento. Um pouco — Gillian disse, mantendo o polegar e o indicador separados uns dois centímetros. Ela estava zangada e contraída. Katharine estendeu a mão para ela. Gillian se retraiu.

— Não. Já lhe pedi para não fazer isso.

— Por que não posso mais tocar em você, Gillian? Por que está sendo tão hostil? Por acaso eu. . .

— Minha intimidade, mamãe. Apenas permita que eu seja um pouco reservada, por favor! Não sou mais seu estúpido bebezinho. Não quero ser acarinhada e, se você vê nisso alguma hostilidade, sinto muito, realmente sinto muito.

Gillian colocou um cassete no toca-fitas portátil e ligou-o no mais alto volume, alto, alto. Ficou de braços cruzados, de costas para a mãe, abraçada ao aparelho, recebendo todo o impacto do som. Katharine teve a sensação de que ela estava chorando. Agarrou as roupas de cama e saiu. Não havia nada que lembrasse a sua Gillian naquelas roupas; cheiravam a suor noturno já seco e pingavam urina e sujeira, como se uma família de doninhas tivesse vivido entre elas. E as roupas tinham estado na cama por

apenas dois dias. Katharine tremia e foi para a ensolarada rouparia, onde Rosalind encontraria a roupa de cama quando descesse.

Enquanto isso, viu a porta de Gillian bater; a despeito da furiosa pancada que balançou as paredes resistentes, supôs ouvir o estalido da chave na fechadura.

Quarta-feira, 5 de janeiro
10h56 da manhã

— Alô, Sra. Bellaver, fique na linha para atender o Dr. Hansel, por favor.

— Alô, Katharine!

— Bem, Park, imagino, pelo seu contentamento, que não tenha encontrado câncer.

— Kath, recebi os resultados dos testes de laboratório; todos negativos. Repetirei os exames, como faço comumente, mas no momento posso dizer-lhe que não há nada com que preocupar.

— Exceto possivelmente, que posso engravidar, numa um pouco passada para o parto.

— Não são desconhecidos casos de mulheres que concebem aos cinqüenta anos.

— Mas não é comum passar pela menopausa e, dois anos mais tarde, voltar à menstruação. É pior do que quando eu era menina e jorrava como o Niágara até que tive Gillian.

— Sim, eu sei. Tem tido cólicas?

— Não, sinto apenas uma espécie de moleza e fico realmente deprimida às vezes. Mudei o tipo de vida, estou mais amadurecida. Bem, uma parte da vida já se foi, mas não me sinto menos mulher, mais até que antes, com os diabos. Agora aqui estou de novo em plena puberdade.

— Kath, não lhe posso dizer por que isso aconteceu, só posso dizer que até agora não encontrei qualquer anormalidade, graças ao bom Deus. Você tem um útero sadio e dois ovários funcionando depois de uh. . . uh. . . um pequeno hiato. Você parou cedo demais, você sabe, com quarenta e três e meio; nos dias de hoje, a média está por volta dos cinqüenta anos.

— Isso é uma revelação? Já ouvi falar de falsa gravidez, mas nunca de falsa menopausa.

— Os sintomas subjetivos da menopausa podem ser totalmente ilusórios. Quero ver você de novo esta semana. Enquanto isso, tome suas cápsulas de ferro e use aquela prescrição para um novo diafragma, a menos que. . .

— Oh, não; não, senhor, de jeito nenhum!

11h15 da manhã

— Alô, Larue? Katharine Bellaver.

— Sra. Bellaver! Que prazer em ouvi-la!

— Como vão as coisas em Boston?

— Oh! Aquelas críticas torpes e desonestas! Sra. Bellaver, é um belo espetáculo, mas não aconteceu ainda; precisa de mais tempo para acontecer. Houve tanto amor na companhia e agora há tanta amargura. Neil Simon vem assistir. Vai ser bom porque ele tem uma porção de boas idéias. Se os produtores permitissem a meu pai reassumir e parassem de agir de maneira tão mórbida...

— Sei como é difícil estar longe da cidade.

— Estou rezando tão intensamente... Gillian está bem, não está?

— Muito. . . melhor, e ela não se esquece de você.

— Eu poderia ir aí?

— Bem, é preciso que a deixemos repousar mais alguns dias. Que acha de vir sexta-feira para o jantar, por volta das seis horas? Depois Seamus levará vocês ao concerto da filarmônica no Lincoln Center.

— Será fabuloso. . . Sra. Bellaver. Gill deve estar, a senhora sabe, realmente muito desanimada. Todo esse tempo no hospital e depois em casa, presa. A senhora acha que seria bom para ela passar a noite comigo depois do concerto? Eu adoraria ter companhia. Não há ninguém aqui agora a não ser Bjorn e Aase e, a senhora sabe, eles não falam mais que duas palavras em inglês durante toda uma semana.

— Estou certa de que seria bom para ela uma mudança; sim, é uma ótima idéia, obrigada, Larue.

11h35 da manhã

Por acaso a porta não estava trancada e nem mesmo fechada. Gillian estava sentada na cama, com os pés levantados e pousados no peitoril da janela, tocando flauta.

— Ei, Gil.

Gillian olhou para Katharine sem tirar a flauta dos lábios.

— Conversei com Larue ainda há pouco.

— Oh, ela voltou?

— Convidei-a para jantar na sexta-feira.

— Vou adorar vê-la de novo — Gillian disse depois de uma pausa; pegou outra vez a flauta e virou o rosto para o lado ensolarado da janela.

— Ela também pensou que você gostaria de passar a noite com ela depois do concerto no Fisher Hall.

Gillian pensou sobre esse plano e sacudiu a cabeça, soprou uma notas erradas, ficou carrancuda, largou a flauta e levantou-se.

— Acho que vou dar um cochilo.

— Um cochilo? Você dormiu até...

— Já lhe expliquei que fico cansada facilmente, mamãe. Que hei de fazer?

— Nada. Mas acho que você poderia procurar um médico. Eu poderia marcar uma consulta para mais tarde esta...

— Não, mamãe. Estou bem. Estou comendo melhor, não acha? Não tenho febre.

— Penso que você ainda não esta em boas condições para voltar à escola na segunda-feira.

— Bem, então eu fico em casa mais alguns dias. De qualquer modo, tenho coisas para fazer

— Tocar flauta? Girar os polegares?

— Feio, mamãe. Muito feio.

— Eu fi... fico. . . desesperada.

— Você é que procura ficar — Gillian disse muito calma e apontou a porta. — Poderia fechá-la quando sair?

— Poderia ser trancada de novo misteriosamente.

— Poderia. Seria melhor que fosse trancada quando estou dormindo.

— Por quê?

Gillian juntou as mãos numa atitude de prece e dirigiu os olhos para o céu e depois respondeu à pergunta.

— Poderiam acontecer coisas, de qualquer modo.

— Não estou certa do que fazer sobre isso. . .

— Só não gosto da idéia de estar sendo vigiada a todo instante. Você poderia ter uma idéia infeliz enquanto estou dormindo. Poderia tentar acordar-me. Talvez eu não despertasse logo e então você ficaria em. . . pânico. Tentaria mover-me ou qualquer coisa assim. Mandar-me para um hospital. Isso seria muito ruim para mim, mamãe.

Katharine percebeu que as batidas do coração da filha se tornavam fortes e violentas, como portas fechadas com força.

— Que barulho de mau agouro!

— Oh! Não faça disso uma coisa séria — Gillian disse baixinho. Ela sorriu, um raro sorriso nesses últimos dias, não querendo que Katharine ficasse sentida. — Estou ficando crescida. Posso cuidar de mim, se você me der uma pequena chance.

— De que estávamos falando?

Os olhos de Gillian estavam quase fechados:

— Coisas. . . bem. . . fora de sua compreensão.

Sempre me esforçarei para tentar compreender. . . qualquer coisa que você queira me dizer.

Por um instante Gillian olhou para Katharine muito intensamente como se quisesse abraçá-la.

— Isso é bastante agradável, mamãe. Agora, se não se importa...?

Katharine estava de volta ao seu andar quando a música embaladora recomeçou. Sabia que era inútil voltar a martelar a porta e reclamar. A porta estaria trancada e Gillian absorta. Sentiu os espasmos voltando, correu para o banheiro e tomou o remédio prescrito. Lutou contra as lágrimas que se formavam em seus olhos. Então pela terceira vez no dia teve que mudar a peça íntima que era obrigada a usar para proteger-se durante o forte fluxo menstrual.

Quando finalmente chegou ao ateliê, Katharine chamou a Srta. Chowenhill e cancelou todas as atividades sociais marcadas para o resto daquela semana.

3h24 da tarde

A música não tinha fim; deliberada e provocadoramente interminável. Mesmo amortecida por uma forte dose de Valium, Katharine sentiu raiva.

— Avery, precisamos entrar no quarto de Gillian.

Ele recolocou no lugar o livro mofado que tinha consultado e olhou para ela lá do terceiro degrau da escada da biblioteca.

— Katharine! Não a ouvi entrar.

— Ela deve estar ouvindo as próprias gravações, duas horas de gravações. De outro modo ela não poderia continuar tocando e tocando sem uma pausa.

— Você não se sente bem? Você parece. . .

— Estou dopada, cheia até a garganta, não é óbvio? Mas não adianta. Ainda posso sentir, um pouquinho, e ouvir, oh! Meu Deus, se eu pudesse desligar por um instante a minha mente, seria uma bênção. Como pode ficar aí? Não percebe que está acontecendo alguma coisa, ela. . .

— A música, sim. Está alta demais. A Sra. Busk disse que reclamaram lá do outro lado da rua.

— Diabo, Avery, preste atenção ao que estou tentando lhe dizer. Gillian corre o perigo de. . .

— Perigo?

— Sim, eu não sei o que é, mas há alguma coisa terrivelmente errada com ela naquele quarto, devíamos entrar lá.

— A porta está trancada?

— Certamente!

— Mas a Sra. Busk tem...

— A Sra. Busk perdeu a chave; desapareceu de seu chaveiro.

— Você bateu?

— Cinco vezes nesta última hora. Pesadamente. Ela não está... é como se ela. . . ninguém dorme tão profundamente. — Katharine

massageava de leve a pele dolorida das têmporas.

— Vou chamar um chaveiro — Avery disse, e foi procurar a lista telefônica.

— Não! Acho que não há tempo. Avery, você é jeitoso para fazer consertos, coisas como essas. É bem simples abrir uma fechadura de quarto com um buraco dos dois lados para a chave.

Bastaram-lhe dez minutos para encontrar a caixa de ferramentas e três minutos para retirar a fechadura.

A porta foi aberta uns poucos centímetros. O quarto estava bastante escuro para a tarde de um dia luminoso. A música *rock*, bem próxima, abalava Katharine até a raiz dos dentes. Ela entrou primeiro e olhou para Gillian, que jazia pesadamente atravessada na cama, um lençol cobrindo-a pela metade. Não estava familiarizada com o equipamento estéreo de Gillian e levou tempo para desligá-lo. Mas ainda permaneceram no quarto os ecos do som alucionatório.

Avery estava perto de Gillian, olhando para ela.

— Katharine, um pouquinho de luz, por favor — disse abrindo ligeiramente as janelas. Ela afastou as cortinas com uma das mãos e correu para a cama.

Ficou chocada com o que viu em Gillian: manchas esbranquiçadas de um tecido parecendo esclerosado visíveis entre as pálpebras esticadas, lábios como cera, bordas enrijecidas, a pele muito pálida. E sem respiração, não havia mesmo respiração. . .

— Gillian!

Avery agarrou a mão de Katharine a centímetros do peito sem movimento da filha.

— Não toque nela — ele disse bastante calmo, mas a pressão dos dedos dele aumentou o desespero da mulher.

— Ela está. . .

— Não está — disse categoricamente, prendendo a outra mão de Katharine. — Gillian não está morta. Ela não está aqui, neste momento.

— Que diabo, de que está falando, seu velho? Olhe para ela!

— O corpo está todo bem. A respiração e o pulso estão mais lentos e a temperatura baixou, possivelmente em torno de vinte e quatro graus

centígrados. Ela está num estado de, creio, imobilidade tônica. — Avery olhou por cima do ombro para o equipamento estéreo, parecendo não se dar conta dos esforço de Katharine para soltar-se dele. — Oh, sim. Poderia ter acontecido isso. Ela necessitou de toda a enorme energia da música. Essas cerimônias variam um pouco na forma, quando se dão entre os *ashanti*, os *bavenda* e os *hopi*. O chefe de ritual primeiro utiliza a energia do som; depois entoa um nome de poder. Finalmente executa um movimento circular, um movimento ritual, até que o exercício resulte num profundo transe. É muito mais fácil então para o principiante separar-se do corpo físico. Naturalmente, aqueles que são iniciados ou especialmente marcados por projeções astrais não necessitam de preparações extraordinárias para conseguirem essa separação.

Ele piscou e olhou para Katharine outra vez, surpreendido por ver que a estava segurando apertado demais, a ponto de poder quebrar-lhe as costelas, e que ela estava ficando histérica, dando mostras do efeito das drogas que tomara. Estava estupidificada e mostrava um riso tolo, acompanhado por lamúrias, violenta agitação e torções do corpo.

Felizmente Avery era um homem forte e tinha adquirido bastante experiência nas suas estadas entre povos primitivos. Sem largar Katharine, foi empurrando-a para fora do quarto de Gillian, levando-a para o banheiro, onde a meteu sob uma ducha fria. Ele a manteve debaixo do chuveiro até que recuperasse a razão. Depois abriu uma cápsula de sais sob seu nariz.

— Chega!

— A água está ensangüentada, Katharine. Você está ferida?

— Estou apenas tendo o m. . . meu... p. . . período.

— Depois de dois anos de menopausa?

— Deixe-me sair, quero voltar para perto de Gillian!

— Mas eu não posso deixar que você perturbe... o corpo. Isso é de qualquer modo um tabu. Katharine, quer prestar atenção? Toda coisa viva no espaço tem a sua sombra, o seu caminhante duplo, ou qualquer nome que você lhe queira dar. Creio que o termo popular é "corpo astral". Tem ligação com o corpo físico provavelmente através da glândula pineal, mas tem a liberdade de andar em outros planos, outras esferas. É o que Gillian está fazendo agora. Uma grande quantidade de gente, quando pensa que teve um sonho especialmente vivo, na realidade esteve experimentando. . .

— Projeção astral é a meta oculta sonhada pelos pseudo-intelectuais, que precisam vender alguma coisa para os loucos, para as velhas senhoras crédulas que não conseguem mais interpretar sozinhas seus quadros espiritualistas.

— Não penso assim, e esse assunto conheço mais que você. Os aborígenes da Austrália central não têm linguagem escrita e vivem em condições de permanente miséria, mas têm um sistema metapsíquico surpreendentemente completo, que rivaliza com o discernimento da mais avançada mística. Noções de tempo, arquétipos rituais e protocósmicos são moldados segundo um elaborado *mythos* que eles chamam de *alcheringa*, que significa uma situação de presença passada ou tempo de sonho. A vida não começa nem acaba com o corpo material. Vida é pensamento e, portanto, infinita. Pensando assim é que criamos este mundo, um grande mecanismo opressivo a que todos nós estamos ligados; mas, como disse Rimbaud, a vida real está em toda parte.

— Ele devia estar drogado com extrato de papoulas nessa ocasião — Katharine retrucou e puxou a toalha de banho em que Avery a havia envolvido. — Não quero saber, nem vou dar atenção às suas teorias. Quero minha Gilly, quero minha filha de volta.

— Ela voltará.

A insistência de Avery de que Gillian não estava com eles na casa provocou-lhe um novo espasmo de vômitos secos.

— Ontem, Jake telefonou para contar um absurdo sobre Jody Pete, que viu Gillian nas cavalariças lá da fazenda, quando sei muito bem que ela estava aqui. Isso no entanto me assustou. E depois, Gillian está agindo de modo muito estranho ultimamente. Nunca tivemos as portas nossas trancadas, nunca.

— É bem possível que ele tenha visto, não Gillian, mas seu...

— Fantasma?

— Não, os fantasmas são vistos só depois da morte do corpo. Poderia ter sido uma aparição, mas tão real, tão corporal aos olhos de Jody Pete como você e eu somos um para o outro.

— Mas ela falou com ele!

— Isso não é comum. Mas não sem precedentes.

— Não acredito em nada disso! Ela está doente, alguma espécie de recaída, temos de levá-la de volta para o hospital.

— Katharine, eu não sei o que deu a Gillian essa força mágica, aonde ela vai, o que está procurando. Só sei que seria desastroso se removêssemos o corpo. Seria um indescritível inferno para ela, quando retornar, não o encontrar onde o deixou.

— Minha filha está morrendo e você. . .

— Não, Katharine.

— Morrendo!

— Não.

Atingiu-o ferozmente no rosto. Feriu-o mas ele não se mexeu.

— Não, Katharine.

Avery fechou os punhos. Katharine ficou alarmada. Pensou então que ele iria socá-la, para contê-la energicamente se tentasse passar por ele. Insanidade. Ele era o menos agressivo dos homens, sempre educado, cordato. Katharine tentou pensar em algo que pudesse torná-lo humilde, modificasse seu gênio, e clareasse as idéias e restabelecesse sua primazia no relacionamento. Mas a ordem resmungada com que era sempre atendida foi impressionantemente recusada, não pela vontade de Avery de praticar alguma violência, mas pela convicção de que precisava fazer alguma coisa por ela, por Gillian, pelas duas mulheres que ele amava.

— Por favor, por favor, Avery, deixe que eu vá. — Seus dentes batiam, ela estava desesperada.

Ele começou a retirar a toalha molhada.

— Tire essas roupas molhadas. Depois, quero que você fique em meu quarto. Repouse. Eu cuidarei de Gillian. Nada acontecerá. Seria chocante você aparecer para ela como está. Ela tem necessidade de estar sozinha por uns instantes. Procure compreender isso, Katharine.

Katharine protestou, vacilando, mas era como uma massa informe de borracha nas mãos do marido. Trinta segundos depois ele a pôs na cama, de olhos fechados. Trinta segundos depois ela já estava adormecida, de lado, os braços envolvendo completamente um travesseiro.

Avery foi para o quarto de Gillian no andar de baixo. Lembrou-se de ter deixado a porta parcialmente fechada quando saiu com Katharine. Agora estava completamente fechada.

E trancada.

Pela primeira vez ele se sentiu profundamente ansioso. A pele dos antebraços e da parte de trás do pescoço reagiu com um repuxado dos pêlos, um chiado de aviso que ocorre momentos antes do clarão do relâmpago. Pôs o ouvido na porta tentando ouvir Gillian. Dentro do quarto não havia ainda ruído de respiração. Duvidou de que Gillian tivesse voltado, recuperado o corpo e trancado a porta.

Alguém, então, ou alguma coisa, estava garantindo o seu isolamento. Para o bem ou para o mal, não poderia dizer.

9h52 da noite

Avery estava de cabeça baixa diante da lareira na biblioteca, livros a seus pés, mais alguns no colo, quando uma leve mudança de posição fez com que um dos livros que estava segurando caísse no chão. Acordou, levantando a cabeça bruscamente, bocejou até o queixo estalar e olhou fixamente para o fogo.

Sentiu-se observado. Olhou por cima do ombro.

Gillian estava de pé na porta, a barra da camisa feita em tiras, descalça. Estava tomando leite numa garrafinha de quarto de litro.

— Alô, Gillian.

— Papai. — Andou lentamente em direção a ele e deixou-se cair no tapete de costas para a lareira, pernas cruzadas, e acabou de tomar o leite. — Hum. . . Para mim, não há nada tão gostoso como leite frio. É minha segunda garrafinha hoje.

— Altamente nutritivo.

— Mas prende os intestinos. Que está lendo? — Gillian pegou o livro que tinha caído, soltando algumas páginas. — Possessão demoníaca? As páginas estão como capim seco. Deve ter duzentos anos.

Avery observava-a.

— Os fatos, tais como são, nunca parecem mudar.

Gillian torceu o nariz para indicar desinteresse e pôs de lado *Pactos e mágicas demoníacas*.

— Gillian, penso que é somente para ser sincero que vou lhe dizer que estive esta tarde em seu quarto.

Ela se curvou um pouco, braços cruzados nos joelhos.

— Achou uma chave?

— Tirei a fechadura.

— Mamãe estava com você?

— Sim.

Gillian riu-se, mas não estava realmente de bom humor.

— Idéia dela, então. Ela estava muito, muito aborrecida?

— Espero que ela volte ao seu estado normal. Katharine tem uma notável capacidade de recuperação.

— Que foi que você disse a ela?

— A verdade sobre a sua situação, como eu a vejo.

Gillian atirou um olhar para o trabalho sobre demonologia.

— A verdade não está ali, papai. É uma coisa completamente diferente.

— Quer explicar?

Ela ficou silenciosa por tanto tempo que Avery pensou que ela pretendesse ignorá-lo. Então ela se atirou aos pés do pai, olhando alerta e fixamente para o fogo.

— Deu-se uma coisa errada comigo no hospital — ela disse. — A febre alta pode ter causado isso. O Capitão diz que alguns de nós atravessam caminhos difíceis, depois de um acidente ou de um tipo muito violento de choque. Mas ele não tinha dificuldades, ele podia sempre visitar; nunca falhou, como aconteceu comigo. Quando eu estava com três anos e meio, ou quatro, comecei a perder os meus privilégios de visitar e perdi a pista do Capitão. Agora tenho de aprender de novo a visitar. É como aprender a nadar em forte ressaca. Perigoso, algumas vezes. Há coisas. . . não neste mundo mas fora dele. .. como sombras numa janela, oh, Deus! Mas visitar fica um pouco mais fácil cada vez que tento.

— Quem é o Capitão?

— Tive um boneco com esse nome e que por acaso se parecia com ele; logo que nasceu odiava o seu nome. .. Robin, que ele julgava um tolo nome de menina.

— Robin ou talvez. . . Robbie?

— Algumas vezes eu o chamava de Robbie. — Gillian estava encantada. — Você se lembra?

— Isso não foi há tanto tempo. Havia sempre um lugar para Robbie em suas festas. Tínhamos que ser muito cautelosos quando andávamos,

porque poderíamos acidentalmente pisar nele. Agora Robbie voltou, é isso?

— Sei o que você pensa. Não sou maluca! Eu era um dos gêmeos, papai. O outro morreu no útero antes do parto. Então Robin e eu não pudemos ficar juntos como tínhamos planejado. Mas ele está vivo e real, eu juro! E ele é o único ser capaz de ajudar-me. — Gillian sentou-se balançando a cabeça. — Eu farei tudo o que ele quiser e desesperadamente. — Qualquer coisa que ele queira, contanto que me diga apenas como devo controlar-me. Ele pode fazer coisas incríveis, mudá-las para lá e para cá... à vontade. . .

— Gilly, onde Robin está agora?

— O corpo? Não sei. Ele apenas visita quando tem tempo e sente vontade. Algumas vezes fala comigo, de muito longe. Diz-me para ir encontrá-lo em um dos lugares em que costumávamos brincar.

— Como as cavaliças na fazenda de Bedford?

— Era um dos nossos lugares favoritos. Esperei, esperei, mas Robin não apareceu. Engraçado, nunca brincamos de esconde-esconde. Isso pode significar alguma coisa! Eu o amo, mas ele está realmente mudado. Talvez não possa ajudar a si próprio. Penso que alguma coisa realmente ruim está acontecendo com ele. Não, ele não desejaria magoar-me, mas poderia praticar alguma coisa estúpida, como fazer-me esperar por ele num lugar onde eu não possa me defender; eu ficaria numa situação tão terrível, nem sempre eu poderia fazer todo o caminho de volta.

Gillian levantou-se, passou casualmente a mão no longo cabelo, e, pensativa, deu uma volta pela biblioteca.

— Por que você precisa da ajuda dele? — Avery perguntou. — Você está com medo de quê, Gillian? — Uns poucos momentos depois ele repetiu mansamente: — Gillian?

— Oh! Desculpe-me! Pensei ter ouvido. . .

— Robin está aqui?

Seus maxilares se contraíram.

— Não.

Gillian voltou e sentou-se num braço forrado da cadeira grande do pai. Ela estava tendo muito cuidado para não tocar em qualquer parte do corpo dele. Hesitou várias vezes antes que fosse capaz de continuar em voz baixa e cansada.

— Já ouviu falar sobre uma senhora chamada McCurdy?

— Acho que não.

— Eles silenciaram sobre isso então. Ela estava no meu andar no hospital. Um pouco nervosa, mas estava bem, realmente. Tinha sofrido uma cirurgia. Alguma coisa nas pernas. Uma noite antes de eu voltar para casa, estava desesperadamente aborrecida, quase frenética. Porque não tinha nada para fazer, fui até o quarto da Sra. McCurdy no fim do corredor, eu me lembro muito bem; fazia um calor abafado lá, ela estava usando um vaporizador. Eu quis sair de lá e voltar o meu quarto, mas ela acordou e me ouviu. Pediu-me para sentar na cama e fazer-lhe companhia. Devo ter segurado a mão dela. Pode ser que chamem isso de visão. Para mim foi se estivesse olhando uma parte de uma fita de cinema. Não me lembro de nada, mas pude sentir que ela ficou horrivelmente infeliz depois de tantos anos. Ela nunca perdoou o pai, nunca. Eu o odiei, também. Passava de mim para a Sra. McCurdy. O ódio. Foi quando ela começou a sangrar. Até a morte, até morte, até a morte. Que Deus me amaldiçoe, eu a matei

As mãos de Gillian caíram, desamparadas, sem consolo que ela não devia pedir a ele; a cabeça estava baixa. Avery quis tocar nela, na pele macia da nuca, mas um poderoso instinto travou-lhe a mão.

— Gillian, as suturas podem ter-se rompido acidentalmente. Sei que deve haver uma explicação médica para o que aconteceu à Sra. McCurdy; procurarei saber. . .

— Não. Nenhuma outra explicação. Robin diz que fomos nós. Mas ele não acha que seja tão trágico. Pareceu não ficar preocupado quando lhe contei o caso da Sra. McCurdy.

— Você se lembra do que aconteceu depois que você deixou o quarto dela?

— Sim. Não. Em parte, eu acho. Rostos. Um padre. Parecia que ele sabia o que eu tinha feito. Fiquei coberta de sangue. O padre foi muito simpático. Ajudou-me. Disse que eu devia sair dali. Eu quis sair com ele, mas parece que estava com algum problema. Disse que tornaria a ver-me. Gostaria de conversar com ele, esclarecer tudo.

— Gillian, um padre foi morto com um tiro no hospital, não muito antes de a Sra. Busk ter encontrado você sentada na rua.

Ela olhou para cima, os nervos distenderam-se tão violentamente que não pôde derramar uma lágrima.

— É por isso então que ele não apareceu.

— Mas quero muito ajudar você. E não sei como..

"A água está ensangüentada, Katharine, você está ferida?"

"Estou apenas tendo o m. . . meu. . . p. . . período.

"Depois de dois anos de menopausa?"

— Papai?

— Sim, Gillian.

— Gostaria de beijá-lo. Um... um beijo não poderia causar tanto mal.

Avery sorriu gentilmente.

— Não posso imaginar que fazer.

Com os olhos arregalados pela apreensão, ela tocou levemente os lábios na testa do pai.

— É claro que você deve estar preocupado. Agora quase me arrependo de ter contado a você. Mas eu sabia que você se esforçaria para entender, você já viu muita coisa estranha. Aquele homem santo na Índia que repete os milagres de Cristo. Naturalmente, Robin pode fazer o mesmo. Mais. Apesar disso ele não tem, realmente, nenhum complexo de ser um Messias.

— Gillian, se você não confia em Robin, como pode acreditar no que ele diz? Está convencida de que ele não quer maltratá-la?

— Nunca disse que não confio nele. Algumas vezes apenas tenho um pouco de medo. Ele tem sido sempre despreocupado. Ele se exercita duramente. Acha que vai se tornar mais e mais poderoso, e que nunca alguma coisa sairá errada. — Deixou cair o lábio inferior com um ar preocupado. — Confio mesmo nele — ela disse depois de alguns momentos. — Mas que outra escolha eu posso fazer?

— Um outro guia. Se você pudesse encontrar um para você. Alguém com a sabedoria e a experiência que parecem faltar a Robin.

— Está certo. Pode ser. — Gillian ficou apreensiva de novo. — Mas eu não queria que Robin se fosse e ficasse zangado comigo. Oh, isso não seria muito bom.

— Temos que procurar algumas pessoas. Mas são difíceis de achar. Falaremos sobre isso daqui a um ou dois dias.

10h40 da noite

Gillian ensaboava o cabelo na pia, enquanto enchia a banheira com água quente. O alto-falante do rádio FM estava ligado no banheiro em volume baixo. Judy Collins, então uma loucura entre os sucessos de Kristofferson, acompanhada pelo próprio compositor Kris, que não cantava. Gillian esfregava o cabelo com uma toalha e evitou olhar-se diretamente no espelho. Sabia que estava com uma cor péssima. Havia muitas contusões e muitas costelas desajeitadas à mostra. Teve saudades do terraço da casa de repouso da família dominando a baía de Acapulco, um terraço construído para receber o dia inteiro. E ela adorava todas aquelas especialidades revigorantes e que engordavam que vinham da cozinha de Magdalena. Ela estava cansada, quase doloridamente cansada de tentar agradar a Robin num plano ou noutro. Ele tinha a resistência de uma raposa perseguida na caça e uma imaginação infinita para inventar brincadeiras rudes.

Quando tirou a toalha que envolvia o corpo e virou para pisar dentro da banheira, sentiu que a água estava fervendo. Um movimento mais e teria sido demasiado tarde.

Gillian quis gritar, chorar, quebrar alguma coisa, preferivelmente o nariz sardento de Robin. Ele não se mostrou; pode ser que houvesse alguma dificuldade. Mas ele estava lá. Ela sufocou o máximo que conseguiu, mas não todo o seu ressentimento.

— Não gosto também do que fez com o meu gato — ela disse; então levantou a cabeça e esperou, esfregando com cuidado o busto que tinha sido muito maltratado ultimamente.

Quinta-feira, 6 de janeiro
0h16 da manhã

Katharine estava suspirando e chorando no escuro; Avery ouviu-a antes de abrir a porta do quarto. O quarto estava bastante frio, ela tinha fixado o termostato muito baixo. A luz da lâmpada que ele acendeu

incidiu diretamente no rosto dela e ela se encolheu como se tivesse levado um tiro, fechando os olhos em pânico. Katharine estava sentada numa cadeira acolchoada. Estava usando um roupão do marido; somente as pontas dos dedos dos pés apareciam sob a bainha.

— O que é isso? — Avery perguntou, atravessando o quarto para acender uma outra lâmpada. Ele olhou para a cama e viu onde ela estivera dormindo. Ficou de olhos arregalados, apalermado.

— Oh, minha querida — disse Avery. — Oh, oh, minha querida.

— Parou finalmente. Usei uma toalha grande. Parou.

— Oh, minha...

— Sossegue, Avery. Deus sabe que não foi tão... tão... horrível quanto parece. Violentas batidas do coração. Diminuindo agora. Estou fraca, é tudo.

Ele foi para perto dela

— Pode vestir-se sozinha? Andar?

— Mas eu não quero nenhum hospital. Fico aqui. Gillian precisa de mim. Não chame ninguém. Não quero ir.

— Gillian está bem. Conversei com ela apenas há poucas horas. Estava pensando. . . a casa de Min. Quer passar a noite lá?

— Por que?

— Em casa de Min penso que você não corre perigo de hemorragias súbitas como essa.

— E como você sabe disso?

— Gillian afirma que ela pode causar tal sangria por proximidade. Mas se você se afastar, mesmo que sejam só cinqüenta metros. . .

— Que loucos pesadelos você tem tido! Você vai permitir que minha filha se julgue um vampiro?

— Você não está raciocinando claramente, Katharine; você perdeu! uma grande quantidade de. . . vá para a casa de Min, por favor.

— Não.

— Se você não for imediatamente, eu vou chamar Parker Hansel. Você sabe naturalmente como ele agirá.

— Onde está Gillian agora? — Katharine perguntou.

— No quarto dela.

— A Gilly inteira? — perguntou com um sorriso embaraçado.

— Não posso estar absolutamente certo. A porta foi fechada de novo. Ainda há pouco ouvi vozes atrás da porta. Conversei com ela esta noite na biblioteca. Há tão pouco o que contar agora. Os problemas de Gillian parecem envolver um caso único de possessão. Mas a tragédia que está nos ameaçando ultrapassa os limites de qualquer pesadelo. Vamos precisar de toda a nossa capacidade mental para sobreviver; nossa energia. Guarde isso em sua mente. . . Gillian nos ama. Não quer nos causar mal. Posso embrulhar algumas coisas para você, Katharine?

Tinha começado a arrumar-se, meio distraída, como uma criança. Não disse uma palavra; o que pensou guardou para si mesma. Havia um som forte em sua garganta e seus olhos estavam ativos como se seguissem os movimentos de uma dança, uma velha e monótona música tocando tenazmente no escuro teatro de sua mente absorta.

Então, repentinamente, sua cabeça deu um estalo; seu longo pescoço estava tenso de terror.

— Começou de novo — disse Katharine, e pôs-se a chorar.

2h10 da madrugada

Sentado na biblioteca, Avery olhava os toros de lenha na lareira. Estava tão cansado que mal podia manter os olhos abertos.

Já havia muitos números de telefones riscados no bloco que segurava no colo; estivera telefonando por mais de uma hora, tentando comunicar-se com dois colegas que ele julgou que poderiam dar-lhe as informações de que necessitava. Um, em viagem, estava completamente fora de alcance. O outro, Richardson, conseguiu localizar depois de acordar um número considerável de cientistas em Londres. Mas Richardson tinha obtido um nome e um número que ele deveria tentar em Nova York.

Avery ficou segurando o fone com o ombro direito, verificando ocasionalmente para estar certo de que a linha ainda estava livre. Ele não ouvia outro barulho senão o das batidas do relógio do gabinete. O tempo parecia passar lentamente à noite, quando não se prestava atenção senão a ele; mas quando se lembrava dos anos vividos, os segundos tinham uma

cruel velocidade. Felizmente Katharine estava a salvo; tinha ido dormir na casa da mãe de Avery, no portão ao lado, em Sutton Mews.

A velha escocesa, governanta de Min, pensou contudo que eles tivessem tido uma violenta discussão. Não importava o que se pensasse. Como Avery tinha previsto, o perigoso sangramento parou tão logo Katharine abandonou a própria casa. Esperava que ela estivesse dormindo agora. Avery tinha dado instruções à governanta para ir vê-la freqüentemente. Não pretendia incomodar Katharine, a não ser que acontecesse alguma coisa muito grave.. .

— Alô? — Uma voz sonolenta de homem, e possivelmente irada, de cujo auxílio Avery precisava desesperadamente.

Avery agitou-se, respirou profundamente e começou a falar ao telefone.

— Estou ciente de que já é muito tarde. Obrigado por atender ao meu chamado

Então ele ouviu por longo tempo, sem comentários, rugas se formando em sua testa, até que o homem do outro lado da linha telefônica parasse para tomar respiração.

Finalmente Avery teve oportunidade de falar.

— Sim — ele disse —, é uma coincidência muito grande, Dr, Roth.

Quinze

Sexta-feira, 6 de janeiro

Os novos amigos de Hester, os Bundy, decidiram por um creme-baunilha para o quarto de dormir e uma cor mais viva para a sala de estar, um *vermelho-fiesta* que combinava bem com a pesada mobília mexicana e artesanatos de todo o mundo que haviam colecionado enquanto viveram um pouco retirados, em Cuernavaca. Meg jurou que vestia o mesmo modelo que usara no número tropical de *Holiday in Guadalajara*, o último filme deles para a MGM, em 1952. Miles discordou, provocando um vivo bate-boca, que fez com que ele decidisse que na sexta-feira à tarde pediria emprestado um aparelho de dezesseis milímetros e o filme de um colecionador para projetá-lo na parede suja da nova sala de estar.

Hester divertiu-se com o filme espalhafatoso e antiquado, que decididamente era mais velho do que ela própria. Jane Powel estava adorável e Red Skelton vivia situações deliciosas, como a disputa para comer *tortillas* com o garotinho Mex, que se transformou em trigêmeos. A dança, executada pela pequena Vera-Ellen e os Bundy, era espetacular, apesar de o cenário não lembrar muito Guadalajara, que Hester conhecera no verão, três anos antes.

O vestido de Meg, objeto da disputa, era quase, mas não exatamente, o mesmo modelo que ela usara dias antes. Meg reclamou dos estragos do negativo e da cópia de má qualidade. Miles, avermelhado e numa

nostalgia aquecida a gim, concordou pacificamente, e todos retornaram à decoração.

Hester foi convocada para pintar o banheiro e não houve muita reclamação: era rápida e eficiente. Miles, de sua parte, empurrou a mobília, misturou tintas, bebeu mais gim, andando pelo apartamento de *jeans* e alpercatas ordinárias e contando coisas do passado de modo hilariante. Meg ajeitava a sala de estar de uma maneira mais vagarosa. Hester várias vezes mergulhou o pincel na tinta, tendo acessos de riso. Os Bundy certamente tinham se divertido muito durante aqueles últimos anos dourados da velha Hollywood, antes da TV e da amargura e paranóia generalizada da caça às feiticeiras que a destruíram.

Às seis horas Miles saiu e foi comprar comida chinesa. Hester e Meg prosseguiram com a limpeza, abriram mais janelas fazer desaparecer o cheiro da tinta e atiraram-se em almofadas na sala de estar.

Meg estava — devia estar, com certeza — nos seus cinqüenta e tantos anos; a filha de fazendeiro estava de cabelo cinza-prateado, mas ainda tinha ótimas condições de saúde e uma excelente figura; parecia a mais bela representação da mãe-terra. Miles ainda era um californiano sofisticado e tão guapo quanto parecera em seus velhos filmes. Eles dançavam todos os dias juntos, pelo prazer da dança, assim pensavam, enquanto mantiveram a modesta escola de teatro e dança em Cuernavaca. Ambos não esperavam aparecer de novo profissionalmente no cinema ou em qualquer outro espetáculo. Mas o sucesso de reapresentações de momentos gloriosos dos clássicos musicais da Metro puseram-nos em destaque; repentinamente começaram a ser solicitados, procurados por promotores de espetáculos. Assim decidiram reviver, de uma maneira divertida e sentimental, a capital do cinema do pós-guerra. E ali estavam eles de volta a Nova York, depois de vinte e cinco anos, adorando cada minuto de sua nova aventura. Já tinham estado duas vezes em Roseland, apenas para rever coisas do passado.

— Todos os freqüentadores do cinema dos velhos tempos aplaudiram — Meg disse sonhadoramente. — Mas não houve cenas chocantes, todo mundo se apertando, falando todos juntos, tentando cumprimentar uma ou duas vezes. Ficavam no canto de pé, polidamente e na expectativa, como se fôssemos da realeza. Billy, o chefe da banda, anunciou que nós dançaríamos para eles. Então foi uma coisa misteriosa. . . quase todos,

numa só voz, pediram uma valsa. Imagine, uma valsa! Então representamos o trecho inicial do diálogo de *The perfect gentleman*, Miles e eu nos encontrando tarde da noite na estação de Waterloo. Nós ainda a representaremos rapidamente para você, querida. Terminamos a cena. Você quase podia ver as nuvens ondulantes do mundo de fumaça; então dançamos e foi como apaixonar-se novamente. Qualquer um em Roseland parecia ter sido tocado por essa mágica fascinação. Vi lágrimas passávamos por eles; ouvíamos murmurar: "Bem-vindos em seu regresso" ou "Não nos esquecemos de vocês" e outras expressões de sentimentos como essas. Puxa! Realmente tivemos uma excelente temporada.

— Como era Judy Garland, de fato?

— Você também? A verdade é que eu não a conheci realmente, embora tivéssemos trabalhado juntas no mesmo grupo durante anos. Fizemos aquele primeiro filme juntas. Acho que tive quatro ou cinco cenas com Judy. Do que me lembro é de Judy correndo inteiramente nua, cruzando comigo num canto escuro do palco atrás do cenário. Oh! Não quero dizer nua em pêlo, ela usava um vestido comum de crinolina. Refiro-me à emoção visível que ela demonstrava por causa de uma bomba de chocolate que alguém lhe tinha enviado clandestinamente. Você sabe que Judy tinha um problema horrível em relação ao peso; eles não lhe permitiam qualquer gulodice quando trabalhava, o que fazia sem interrupção. Então lá estava ela agarrando .. . segurando com enternecimento aquela enorme bomba de chocolate. Devia ter uns trinta centímetros de comprimento, o que não posso afirmar com certeza, porque uma ponta estava dentro da boca; ela estava lambendo, sugando, mas tudo arrebatadamente, eu me senti como uma espécie de espiã, vigiando-a.

"Judy quase se sufocou com o seu doce quando me viu pelo canto do olho. Ficou lá com aquela coisa imprópria se derretendo e escorrendo nas mãos. . . mesmo longe das luzes estava muito quente no palco. . . e havia creme melado de ouvido a ouvido. Para completar sua situação miserável, começou a chorar. Ela não me conhecia e estava com medo de que eu fosse um dos espiões da companhia que relatavam todos os movimentos dela ao diretor ou ao próprio Louis B. Pobre e infeliz mocinha! Disse a ela que eu também adorava bombas de chocolate (embora nunca tenha querido estourar uma) e então a ajudei a limpar o rosto porque já estavam

chamando o grupo principal. Não havia lugar para esconder o resto do doce, mas ela não foi capaz de desfazer-se dele. Embrulhou-o com grande rapidez e atirou-o para mim, dizendo com aquela voz inimitável: 'Ei! vou amá-la para sempre, mas não deixe que aconteça qualquer coisa à bomba'."

— Que foi que você fez?

— Bem, eu estava usando um avental de trabalho, e havia algum espaço para guardar coisas. Fui capaz de esconder o doce algum sem que ninguém visse. Imaginei que não tivesse de guardá-lo mais do que alguns minutos. Esqueci que estava no fundo da cena para a qual estavam ajustando as luzes. Um segundo cenário desceu e prendeu-me no lugar, e ali fiquei, crianças, hora e meia, enquanto Judy era fotografada vinte e três vezes num espaço entre aqueles grandes arcos que eram usados para simular o brilho do sol no deserto. Calamidade. Eu podia sentir o cheiro da bomba se desfazendo debaixo de meu nariz. Assim que terminou a cena, pretendi sair logo dali, mas Miss Garland já estava atrás de mim, tagarelando. Seu camarim estava cheio de espiões, então ela me levou para outro esconderijo e pediu o doce. Gostaria que visse o jeito dela quando o tirei do avental. Ficou furiosa! Batia o pé e dizia continuamente: "Jesus Cristo, nosso Senhor, olhe para isso! Que foi que você fez com minha bomba?" Ela queria lamber o embrulho, mas não consenti. Depois disso a coisa ficou tão preta que seria capaz de espancar metade de Culver City.

Miles voltou cambaleando sob o peso de um succulento e exótico prato cantonês, mas, depois de colocar na mesa os pratos de papelão, descobriu que tinha esquecido a massa de ovos e legumes. Ele pretendia voltar e andar mais dez blocos naquele frio cortante para redimir-se, mas Hester tinha massa de ovos pronta no congelador e desceu correndo dois andares para apanhá-la.

Hester tinha passado umas horas tão agradáveis com Meg que não tinha prestado atenção ao relógio, e espantou-se, ao entrar na cozinha, que já fossem quase sete horas. Pegou o pacote de massa de ovos, levou-o para cima, entrou no apartamento dos Bundy, deixou o pacote onde Meg pudesse encontrá-lo e saiu de novo porta afora.

— Chamada telefônica — ela gritou. — Dez minutos! Comecem sem mim!

Meg tentou pegá-la ainda na porta.

— Use nosso telefone, você pode comer e falar ao mesmo tempo.. .

— É uma chamada de longe! — disse Hester alto, já saindo, e a porta do apartamento fechou-se atrás dela. Meg abanou a cabeça e voltou para a cozinha.

— Vou aquecer a massa de ovos; quer fechar a outra janela lá dentro, Miles? Está ficando frio.

— O lugar é sombrio — Miles observou, atravessando a sala de estar pintada pela metade. — Hester deu uma boa ajuda, não é?

— Hester é uma jóia — Meg disse lá da cozinha.

Miles abaixou a janela mas não desceu as venezianas. Ficou com as mãos para trás, olhando lá para fora, até que, lá embaixo, ele viu Hester se apressando nos degraus avermelhados da frente do edifício, vestindo o casaco. Ele olhou para o relógio.

— Hester está saindo para dar o telefonema — ele observou.

— Hum, hum. . .

— Faz isso todas as noites às sete horas em ponto.

— Você quer um pouco ou uma porção inteira de *moo goo gai pan*?

— Uma porção.

— Barriga! Barriga! — Meg advertiu.

— Farei a digestão na cama — Miles avisou a ela. Na porta da cozinha Meg apertou o coração, fazendo mímica de terror. Com um sorriso copiado de Fred Astaire, Miles acenou com um dedo; depois abaixou a veneziana e fechou a cortina. Depois de acender a luz foi até o banheiro. Voltou para a mesa, esfregando as mãos, antecipando o prazer da refeição.

— Nossa pintura está terrível; como é que ela faz isso sem deixar as manchas do pincel?

— Esperta — Meg disse. — Hester é esperta.

— Devíamos fazer alguma coisa por Hester — ele disse, sentando-se.

— Sei.

— O quê?

— Alguns pensamentos — Meg disse, servindo-se de chá forte.

Peter havia avisado a ela para usar somente telefones públicos na rua, mas havia escassez deles nas vizinhanças de sua residência. Ela teve de andar depressa todo o caminho até a esquina da 36th Street com a Lex Street. Hester chegou quase sem poder respirar, o rosto vermelho de frio. Seu relógio, que andava sempre certo, mostrava que já se tinham passado vinte e um segundos depois da hora. Tirou uma luva, meteu a moeda na fenda, começou a discar e depois ficou bem junto à caixa do telefone, tentando proteger o rosto do vento gelado.

Deixou o telefone tocar dezenove vezes antes de desistir por aquela noite.

Começou então a soluçar. Não via Peter desde as duas horas daquela tarde na véspera do Ano Novo, quando ele a deixou sozinha em Long Island. Tudo que soube dos seus programas posteriores tinha sido deduzido de uns poucos parágrafos do *Daily News* — um padre, naturalmente contundido com Peter fora baleado e morto. Uma notícia curta e nenhuma referência mais sobre o caso. Já se tinha passado uma semana inteira sem uma palavra ou sinal de Peter. Tinha vontade de gritar para o fone que não lhe trazia uma resposta: "Vivo? Morto? Onde você está, Peter?"

Nessa noite ela nem pegou a moeda de volta. Não mais por desejo de uma companhia, mas pela sensação de uma obrigação social, Hester voltou para seu edifício entre a First e a Second Street. Quando se reuniu aos Bundy, estava ainda falsamente corada do frio, mas mesmo assim eles perceberam que seu mal não era só de amor. Ela era grata a Meg e Miles por terem classe e respeitarem sua vida íntima, não mencionando que sua fisionomia estava tristemente alterada.

Enquanto nevava nas ruas de Nova York, o Estado de Virgínia, ao sul de Charlottesville, gozava de uma rara semana balsâmica.

Do helicóptero Puma, voando a pouco mais de mil metros de altura, podia-se ver, atrás da Ponte Azul, o sol como uma sopeira vermelha. Perto do sol, no céu desbotado, mas talvez a uma distância de mil anos-luz do nosso sistema solar, havia um objeto brilhante como uma estrela à noite, uma nova recorrente em explosão.

Nick O'Hanna, um dos supergraduados a bordo do helicóptero, apontou-a para seu chefe. Byron Todfield tirou os olhos do relatório sobre formação de inteligência que estava estudando, mas não era nisso que estava de fato interessado, mas sim em alguma coisa que acontecia fora da sua esfera de operações. Um outro supergraduado, o druídico Bose Venokur, estava lendo Mishima na viagem para Plantation; ele recitava *Neve da primavera*: "A história é um relatório de destruição, todos devem guardar espaço para o próximo e efêmero cristal". Ninguém prestou atenção a isso. Um dos homens da guarda da Seção de Vigilância dos Pássaros praguejou, quase perdendo a respiração; tinha perdido o porrete. O poderoso helicóptero voava a uma velocidade de duzentos e sessenta e cinco quilômetros por hora.

Alcançaram Plantation um pouco antes das seis horas, e o helicóptero aterrisou no conjunto da rampa sul de James. O céu noturno estava claro, mas, sobre a terra não-cultivada já havia uma cerração que se tornava espessa e escura nas margens baixas do rio. Em volta deles, enquanto se apressavam para tomar os veículos que os esperavam, as luzes se acenderam como gotas de napalm. O'Hanna tremeu um momento numa falha do consciente. Ele não sabia muito a respeito do que se passava em Plantation porque estivera ocupado com suas próprias incumbências. Apenas tinha ouvido umas poucas histórias sombrias.

A viagem para o presbitério levou alguns minutos. Era uma casa colonial de tijolo, com uma varanda que dominava o vale do rio. Havia construções menores no estilo da casa principal, cercas de madeira que haviam sido fincadas antes da revolução. Um empregado da casa, usando calção, estava à porta para ajudá-los a tirar os casacos.

O anfitrião, um homem baixo que usava óculos escuros, desceu uma escada em curva para cumprimentá-los. Seu nome era Marcus Woolwine. Era agradável, até mesmo efusivo, e, apesar de lhe ter apertado bem as mãos, preocupou O'Hanna. É que até então Nick nunca tinha olhado para um homem e visto um pouco mais do que suas mal-intencionadas e desconfiadas reflexões. O assistente de Woolwine, ao contrário, era um jovem homem do campo, magro, subnutrido, branco, cabelo como palha de milho, faces vermelhas, e O'Hanna não prestou atenção à forma de sua boca, um lábio superior que ultrapassava o inferior, formando um bico, e inclinando-se como a lâmina de uma guilhotina. O'Hanna parecia

apreensivo outra vez; não gostava daqueles homens, e as implicações de seu poder o perturbavam.

— Como vai Peter? — O'Hanna perguntou.

Woolwine sorriu.

— Seu amigo está trabalhando no ginásio.

— O quê? — O'Hanna perguntou, pasmado. — Estava seriamente doente quando...

— Perigosamente doente, eu diria. . . tinha ultrapassado exageradamente o limite de exaustão dos seus nervos. Uma temperatura de 39,66 graus. Focos de pneumonia no pulmão esquerdo, naturalmente pela ingestão da água poluída do rio. Descobrimos também uma úlcera duodenal de bom tamanho. Mas ele está bem de novo...

— Depois de cinco dias?

— Já obtivemos resultados em casos de mais difícil recuperação em setenta e duas horas ou menos — Woolwine respondeu asperamente. — A mente cura muito mais efetivamente o corpo do que qualquer droga. Constate você mesmo. Sr. Hodfield, quer falar com ele agora?

— Sem dúvida.

Alcançaram o ginásio lá fora através de uma passagem fechada e aquecida. Peter, usando um agasalho vermelho, estava levantando pesos. Era assistido por uma adorável loura com uns provocantes olhos cor de gengibre e cinza-esverdeados. Era o tipo de moça que poderia ser alegre e indomável sem ter sido submetida a um choque de insulina. Peter estava atrás dela, num banco, levantando pesos de setecentos e cinqüenta gramas em cada perna. Tinha exercitado isso até suar saudavelmente. Tinha uma boa cor de pele, queimada de sol, e parecia em excelentes condições mentais.

O'Hanna, Todfield e Venokur atravessaram o chão demarcado. A moça olhou para eles e então tocou no ombro de Peter. Ele se levantou, deu um sorriso para Nick O'Hanna e observou os outros homens.

— Peter? Graças a Deus, você está formidável.

Peter apertou a mão que lhe era oferecida.

— Nunca me senti melhor, Nick.

— Quero apresentar-lhe meu companheiro, Byron Todfield. E este é nosso chefe na seção de Hothouse, Bose Venokur.

Peter apertou a mão de todos.

— Vamos entrar?

— Por uns minutos apenas — disse Todfield.

— Suponho que Nick tenha contado a vocês o que aconteceu a mim e ao meu filho.

— Toda a história. Naturalmente sempre tivemos grandes planos em relação a você, Peter. Você é um homem valioso. Espero tê-lo em nosso grupo. É absolutamente espantoso como você sobreviveu às traições de Childermass, sem mencionar a mais terrível caçada humana.

Peter olhou para seu amigo O'Hanna.

— Eu não teria resistido todo esse tempo. Devo tudo a Nick.

O'Hanna disse:

— Estávamos admirados por você não ter vindo logo Peter. Quero dizer, apesar dos obstáculos dos dois lados opostos e tudo. Mas você sabe que eu teria acreditado em você.

— Meu velho companheiro do mar — Peter disse com nostalgia. — Mas havia o axioma que espalharam entre nós na MORG, desde o princípio. Você não deve confiar no FBI ou na NASA. Acima de tudo, não deve confiar no grupo de Langlev. Tive medo de que você não me ouvisse de boa vontade e me devolvesse a Childermass.

O'Hanna fechou a cara:

— Jesus! Aquele louco. De modo nenhum.

— O importante agora é... — Peter virou-se para Todfield. — Pensa que pode ajudar-me, senhor?

— Você fez uma proposta — Todfield replicou com energia. — Mas tenho de dizer-lhe, Peter, que até agora ainda não sei onde está Robin. Continuaremos tentando localizá-lo. Enquanto isso você terá todo o apoio moral e material de que necessite.

Peter concordou com um pequeno movimento de cabeça.

— Obrigado. Obrigado. — Ele agora não conseguia parar de acenar com a cabeça; seu rosto ficou todo vermelho e os olhos estavam vagos — Obrigado. Porque a coisa importante é... a coisa é essa... encontrar meu filho. Meu filho. Não consegui. Procurem Robin, procurem Robin. — Ele se virou para a parede e começou a repetir a mesma coisa, batendo nela com o punho — Procurem Robin.

A moça encaminhou-se para ele protetoramente e pôs a mão em seu ombro.

— Peter, não faça isso. — Olhou para os homens incrédulos. — Ele está um pouco cansado — esclareceu.

Peter soluçou, um som selvagem sufocado, e depois ficou quieto, enquanto a moça simpática passava um braço em volta dele. Ela pegou o punho cerrado dele com a mão livre.

— Seus amigos vão jantar agora — disse mansamente. Ela se dirigiu a O'Hanna: — Há alguma coisa mais que queira dizer a Peter?

O'Hanna calou-se, amargurado.

— O chefe fica por aqui alguns dias, Peter. Falaremos de novo com você.

Enquanto se afastavam, Peter voltou-se; parecia ter-se recuperado completamente de sua frenética agitação por causa do filho. Estava sorrindo ironicamente.

— Ei! Nick.

Nick olhou para trás distraidamente:

— Olá, companheiro.

— Como estão tratando você?

— Acho que vai tudo bem.

— Tome cuidado — Peter advertiu-o.

— Certamente. Você também. Cuide-se, Peter.

— Nunca me senti melhor, Nick. Ouça, a primeira coisa que faremos amanhã é sair para a planície.

— Que tal um mergulho agora? — a moça perguntou a Peter; a voz dela tinha adquirido um sedutor tom macio. — O mar está quente a esta hora, ótimo para uma boa e calma natação.

Ouviram Peter rir descontraidamente enquanto deixavam o ginásio.

Do lado de fora, Woolwine e seu jovem assistente se reuniram a eles. Woolwine estava agitado de auto-satisfação.

— Senhores?

— Jesus! — O'Hanna murmurou, sacudindo a cabeça. — Vê-lo desse modo. . . o senhor deveria tê-lo conhecido como sempre foi, um diabo de homem. Onde Peter pensa que está?

— Pescando com você na Flórida. Dois de vocês deixaram Falls Church no domingo à tarde, voando no avião particular para o alojamento

em Lower Matecumbe. Desde então, tem estado lá. Foi necessário restabelecer para Peter uma contínua lembrança, a começar pelos momentos que precederam o colapso naquela noite na sua sala de estar. Então, tenha em mente, quando falar com ele, que estavam procurando um bom lugar para pescar, já um pouco bêbados ao entardecer, ligeiramente tocados, mas não em grande bebedeira. . . não queremos chamar a atenção de Peter para o fato de que quase morreu gelado quando foi levado de volta para Nova York.

Venokur disse pensativamente:

— Para um robô ele pareceu quase emotivo.

— Que idéia curiosa — disse Woolwine, olhando para ele com uma agradável surpresa (como se ainda não tivesse observado seriamente Venokur). — Eu não crio robôs. Isso é literatura. O Sr. Sandza esteve envolvido numa perseguição de vida ou morte, uma situação de proporções épicas. Ele precisava encontrar o filho. Nosso objetivo primordial é fortalecer sua determinação, torná-lo mesmo mais franco e mais desenvolvido. Não queremos fazer qualquer coisa para abrandar os temíveis ângulos de seu caráter. Ele precisa perder um pouco da astúcia animal. Suas explosões parecem de um certo modo teatrais, concordo, mas vocês devem lembrar-se de que ele está num centro de ação com quarenta anos de pasmo e permanecerá nessa situação até que terminemos nossa implantação de conselhos. Digamos. . . na quarta-feira da próxima semana. Lá pela quarta-feira eu garanto que ele estará em condições, sem falhas.

— O senhor pode fazer muitas coisas assombrosas aqui — Todfield disse respeitosamente.

Woolwine sorriu, pacificado.

— Acho que sim, meu senhor.

A limusine que levava o Dr. Irving Roth e sua companheira no Instituto Paragon, a Dra. Maylun Chan We, atravessou os portões de Sutton Mews e prosseguiu seu caminho logo que o vigia verificou que o número de passageiros estava correto.

— Então isso é Sutton Mews — disse Maylun. Tinha a perfeição física que não é rara entre os povos orientais: imaculada, delgada, olhos como duas idênticas pérolas negras. Parecia perfeita demais para ter

nascido de um ventre. Uma pequena cicatriz na testa, branca como um dente, era uma preciosa imperfeição, um sinal de falibilidade. — Já tinha visto estas casas ao passar por ali de ônibus. Sempre quis saber quem morava ali, esses demônios felizardos.

— Nada menos que os malditos Bellaver — disse Roth. — O bloco inteiro.

— Não se poderia dizer que seja uma casa pretensiosa. Mas, oh, é encantadora.

— Ele não é um homem pretensioso.

Para provar a afirmação de Roth, Avery Bellaver veio encontrá-los na porta de entrada. Tirou-lhes os casacos e pendurou-os; então acompanhou os visitantes até a biblioteca, onde Katharine os esperava.

Roth viu imediatamente que Katharine estava sob forte tensão; parecia embaçada por narcóticos. Sem dúvida era ainda deslumbrante, e ele sorriu cordialmente para ela.

Então Roth olhou ansioso para seu anfitrião.

— Gillian vai reunir-se a nós?

— Gillian não está aqui... ela foi a um concerto da filarmônica e vai passar a noite com uma amiga. — Como Roth não dissesse nada, Avery explicou: — Pela conversa que tive com o senhor, fiquei com a impressão de que Gillian não seria perigosa, a menos que entrasse em contato com uma pessoa que potencialmente pudesse sangrar.

Roth tocou na mancha calva de sua cabeça. Pareceu-lhe tão vulnerável quanto um pedaço da parte inferior do ventre.

— Mas expô-la a um grande círculo de pessoas. . . Realmente, preferiria que o senhor não permitisse que ela saísse.

Katharine começou a falar.

— Pensei que necessitasse de um pouco de normalidade em sua vida. Boa música, alguém de sua própria idade com quem conversar. — A voz de Katharine ameaçava falhar, mas ela se controlou com uma expressão de autocensura, que o Dr. Roth achou clinicamente interessante. — Eu a queria longe desta casa e dele também.

Roth não tinha idéia da pessoa a quem Katharine se referia.

— Espero que seja uma sábia decisão.

Katharine justificava-se.

— O senhor não sabe o que tem acontecido. O senhor não sabe o que está acontecendo.

— Sei muito pouco — Roth replicou humildemente. Mas tinha pressentido alguma coisa infernal. Maylun estava preparando o gravador Negra. — Tem uma fotografia recente de Gillian?

Avery mostrou-lhe uma fotografia emoldurada que estava sobre a escrivaninha. Parecia muito diferente da menina que Roth tinha visto por alguns segundos no corredor do hospital. Parecia simples, inteligente, autoconfiante. Uma bonita testa ampla, olhos cativantes, sorriso amplo. Roth estranhou a beleza da menina e fez somente perguntas que exigiam respostas agradáveis, tanto para os pais como para os filhos. Dessa maneira ele começou habilmente a apertar os cordões que envolviam os aflitos Bellaver, colocando-os numa situação apropriada para a difícil investigação que tinha de levar avante.

Passava da meia-noite quando deu por encerrada a série perguntas. Por três ou quatro minutos ninguém falou. Katharine estava sentada, absorta, ajeitando a farta cabeleira, hesitando se deveria ou não tossir secamente no lenço. Os olhos de Avery estavam inflamados; raspava a cavidade do cachimbo com a ponta de um fósforo, com um ruído que bulia com os nervos de qualquer um. Maylun recolocou na bobina a gravação que tinha feito. Roth, enrijecido e suado por ter estado sentado durante tanto tempo, levantou-se, esticou-se e foi servir-se de um copo de Ind Coope Bitter. Serviu-se três vezes de uma das melhores cervejas do mundo, que Avery Bellaver tinha mandado buscar de avião diretamente do barril da cervejaria na Inglaterra. Roth fez-lhe um gracioso movimento de bons votos.

Encarou os Bellaver, sentados lado a lado num sofá.

— Tudo que sabem do Capitão, ou Robin, é o que Gillian tem contado a vocês. Nenhum de vocês viu qualquer manifestação?

Avery balançou a cabeça. Katharine estremeceu.

— Viu. . . ? Não.

Roth sorriu indulgentemente.

— O que é, Sra. Bellaver?

Ela abaixou os olhos.

— Na noite em que Gillian veio para casa, ela me mostrou um boneco. O Capitão. Tinha cabelo vermelho. Era uma coisa lasciva, com um sorriso malicioso, com um pênis proporcional ao tamanho de um homem. Gillian garantiu que sempre o possuía. Mas eu nunca o vi antes.

— Onde está o boneco agora?

— Gostaria de saber. Desapareceu. Uma ou duas horas mais tarde, voltei ao teatrinho de marionetes. Não estava lá. Em seu lugar havia um gato mutilado.

— Um gato mutilado — Roth repetiu.

— Sim. Não, não exatamente o que a palavra quer dizer. Mas morto. Desfigurado. Uma forma de gato. Tinha a cor de Sulky Sue, embora fosse difícil afirmar. Mandeí Patrick dar sumiço nele.

Ele olhou fixamente para Roth com olhos aguçados.

— Não estou inventando — ela disse asperamente. — Patrick viu também.

— O gato — Roth disse com um sorriso estranho.

— Sim, o gato!

— Então o mais provável é que fosse um gato — Roth concordou. — Uma vítima que foge da cena, talvez?

— Isso foi exatamente o que disse a mim mesma. Mas o boneco. ..

— Acho que Gillian fez a senhora acreditar no Capitão um momento. Ela acredita, apaixonadamente.

— Não existe o Capitão? Nem Robin?

Roth abanou a cabeça.

— Não, senhor. Quando criança, Gillian inventou-o para preencher uma necessidade; é claro que ele tomou o lugar do gêmeo que morreu pouco antes do nascimento. Agora, enfrentando uma crise, ela o reinventou, ou talvez uma versão mais adulta equipada com poderes telemágicos, para tirá-la da má situação. Assim, Robin. . . Robin é uma fantasia.

— Dr. Roth, não posso acreditar que minha filha esteja louca!

— Naturalmente que não está. Mas o poder psicométrico que ela possui é assustadoramente real e perigoso. Conhece a pequena história de um homem que realizou uma expedição através do tempo e mudou o

destino do mundo porque inadvertidamente pisou numa borboleta em uma certa época pré-histórica? Quando retornou ao seu próprio tempo, por causa de sua desatenção, o mundo era então grotesco, cruelmente distorcido, sem qualquer coisa bela. Nunca mais seria o mesmo. Gillian, enquanto se apaga e torna a brilhar no tempo, é como o nosso homem que esmagou a borboleta. Muitos dos seus pensamentos podem afetar significativamente a realidade tal como a conhecemos. Ela necessita urgentemente de socorro profissional para que seu poder seja controlado.

— O senhor pode ajudá-la?

— Sim. Tente não se preocupar, Sra. Bellaver.

Roth polidamente não repetiu a dose de Ind Coope. Sentiu-se persuasivo e inspirando confiança; as coisas estavam indo melhor do que esperava. Não tinha deixado de perceber o alívio em seus rostos quando abruptamente repudiou Robin como algo existente. As palavras também podiam ser mágicas, e a sua mágica era poderosa naquela noite.

— Penso que seria uma boa idéia ir buscar Gillian agora.

No meio do concerto, entre a *Abertura trágica* de Brahms e os trechos escolhidos de *Sonho de Gerontius* de Elgar, Gillian não se sentiu bem e teve necessidade de ir depressa para o salão de entrada. Larue teve medo que ela desmaiasse e acompanhou-a, mas Gillian tomou um comprimido e a sensação de náusea passou logo. Muita gente, um pouco mais de agitação. Entraram novamente no corredor enquanto tocavam *Gerontius* e, exceto por uma pequena dor de cabeça, Gillian estava se sentindo bem.

Larue sugeriu que fossem ouvir as *Danças húngaras* e voltassem para seus lugares.

Gillian quis andar, e argumentou que o ar fresco poderia fazer-lhe bem. A distância entre o Lincoln Center e o lado sul do Central Park, onde ficava o edifício de Larue, era de oitocentos metros; Larue tentou desencorajá-la. Gillian recusou o carro; Seamus seguiu-as no Rolls. Seamus era o motorista que tinham tomado emprestado do primo Wade.

Gillian estava determinada a começar a fazer exercícios; detestava ter que parar no meio do caminho para agüentar subir uma escada sem perder a respiração.

— Você acha que o *show* foi um sucesso? — Gillian perguntou durante a caminhada. Referia-se ao musical que o pai de Larue estava tentando lançar em Boston.

— Pode ser.

— De outro modo, ele terá que desistir, pois o *show* será lançado em Nova York.

— Eu sei.

— Então para onde você irá?

Larue ficou séria:

— Londres, suponho. Um filme. Minha mãe tomaria parte nele. Por algum tempo estaremos todos juntos, o que não será tão mal.

— Vou sentir falta de você, se partir.

— Vou ter saudades de você também. Você poderia ir me visitar. Devemos falar de coisas tristes?

O quarto de dormir que Larue ocupava no apartamento *dúplex* no vigésimo andar tinha vista para o Central Park. A lua estava brilhante, e enquanto Gillian tirava o casaco pôde ver o retângulo branco do ringue de patinação com o gelo brilhando entre as árvores sem folhas.

Larue estava no andar inferior fazendo chocolate quente e aquecendo rosquinhas temperadas com canela. Gillian escovou os dentes e vestiu a camisola; deu também uma escovadela nos cabelos. Deu então uma volta pelo quarto muito bem mobiliado em estilo Luís XIV, que Larue detestava. Tudo no apartamento era alugado, inclusive as toalhas de banho e os talheres. Larue só tinha trazido roupas e alguns objetos pessoais.

Em uma parede estava pendurada uma fotografia dela com seu meio irmão Michael. Ele estava vestido com uma malha atlética. Tinha as pernas compridas como um jogador de basquete e uma cara de galgo. As mãos estavam nos quadris e a cabeça inclinada para trás, enquanto ele ria de alguma coisa.

Larue voltou e viu Gillian olhando para a foto. Colocou num móvel a bandeja que trazia, foi silenciosamente ao guarda-roupa e voltou depressa trazendo a camisola entre os seios.

— Desde o tempo em que tive idade para sair andando à sua volta, só pensava em casar com ele — disse Larue.

Gillian olhou compassivamente para ela.

Larue ficou constrangida, toda tensa. O espasmo passou em poucos segundos.

— Algumas vezes penso que meu coração vai parar de bater —
_Larue disse. — Qualquer dia estarei pensando o quanto ele era belo, quanto eu o amava; meu coração vai parar e morrerei também. — Sentou-se e serviu-lhes chocolate, tendo o cuidado de não o derramar.

Gillian sentou-se perto dela numa poltrona e começou a beliscar uma rosquinha.

— Alguma coisa boa na TV?

— Só drogas — disse Gillian.

A telefonista internacional francesa chamou e Larue atendeu. Sua mãe chamando da Iugoslávia. A ligação estava ruim. A conversa foi interrompida por um longo tempo. Larue não falou muito, mas quando queria dizer qualquer coisa era obrigada a gritar. Pela maior parte do tempo ela permaneceu sentada, afundada na poltrona, de olhos fechados, o fone no ombro, os dedos discretamente contraídos e os braços estirados, como se sentisse que ia ficar de pele arrepiada.

Quando desligou o aparelho, Larue disse:

— Já não a vejo há seis semanas, e agora serão mais duas outras em que estará ocupada. Ela me avisou de que fará um outro filme durante dez dias na Espanha. Minha mãe passa de um filme a outro. Está cansada, sozinha e provavelmente se envolvendo com alguém de quem não gosta muito. No fundo não é uma boa pessoa e tem uma formação moral à antiga. Nada e desprezível no que se refere à integridade humana, e coisas como tal. Ouvei um ator dizer que no trabalho de *shows* as emoções são tidas como moeda de difícil aceitação. Bem, minha mãe esbanja sentimentos. Muitos de nós somos como ela, não pensa assim? Por outro lado, meu pai se valoriza demais. Não faz amigos, cria dependentes. Suponho que goste da coisa pronta. Só de tempos em tempos aparece alguém como Mike. Dedicando-se totalmente aos outros. Nenhum preconceito, nenhum medo. — Larue olhou para o rosto sorridente do irmão. — Pagou pelo que deu e pelo que recebeu. Você lê Frost? Frost disse: "Lar é o lugar onde, quando você está lá, faz parte dele" Mike estava com todos. Era parte de seu destino.

— Qual era a outra parte?

— Para ter prazer em continuar vivendo tinha de realizar as coisas belas, difíceis e perigosas. — Ela baixou as mãos e pousou uma sobre a outra.

— Oh, Larue — Gillian disse docemente —, lamento que sua mãe tenha lhe trazido mais aborrecimentos.

A mão de Larue mais uma vez se moveu graciosamente-ela observava a fotografia com um olhar intenso.

— Isabella sabia que ele estava morrendo. Tentou preparar-me.

— Quem é Isabella?

— Uma amiga feiticeira de Malibu. Uma maravilha. Toda a família é feiticeira, desde o século XVII.

— Deus, nunca tinha ouvido falar em tal coisa!

— Onde você tem vivido, Gil? Bem, suponho que Nova York não é uma terra de feiticeiros.

— Você acredita em feitiçaria?

— Você não compreende. O vício de drogas é um fato número 1 da vida aí fora. Se você é uma garota de boa aparência, bruxos procurando recrutas vêm atrás de você na rua ou na praia. Pelo amor de Deus. E se você não sabe se defender, os que fazem parte do grupo continuam a persegui-la. Oh, é assustador. No último ano encontrei um sujeito no Renaissance Faire. Estava sempre procurando por mim, mas eu estava com amigos, não podia fugir dele. Por causa disso, durante uma semana tive grandes complicações. Pesadelos todas as noites. Sentia-me sendo empurrada para um ponto de venda quando passava pelo caminho da escola. Quando me recusava a entrar, sentia dores de cabeça terríveis. Isabella disse que eu estava dominada por um ataque psíquico. Mas ela quebrou o encanto.

— Como?

— Não sei; é magia branca, magia popular. Ela está sob juramento. Não pode contar como é.

Gillian sacudiu os farelos das rosquinhas do seu colo e aparou-os com o guardanapo. Levantou-se e foi vagarosamente para as janelas; ficou olhando fixamente para fora por tanto tempo que Larue ficou preocupada.

— Está se sentindo mal de novo?

— Não. Apenas pensando.

— Suponho que você ache isso um pouco difícil de acreditar. Sobre o ataque psíquico. Essas coisas podem acontecer. Gil, pensei que tivéssemos uma camaradagem que permitisse que eu dissesse todas as coisas que me vêm à cabeça. Todas as coisas, não importa o que seja.

— Faremos isso.

— Porque sempre estive muito ligada a você.

Gillian sorriu e balançou a cabeça, concordando. Olhou novamente para a fotografia do querido Michael. Então, ainda sorrindo, ela se meteu na cama de dossel.

— Larue?

Larue aproximou-se e ficou perto dela, mãos no queixo, olhos inquisitivos.

— Eu gostaria de contar a você sobre Robin — Gillian disse.

A história que Gillian contou sobre Robin tomou um tempo considerável. Larue ficou fascinada, como Gillian esperava que acontecesse, e fez perguntas muito sensatas sobre todos os aspectos do relacionamento que a confundiam ou intrigavam. Num determinado ponto ela se sentou e, fechando os olhos, levantou a mão, tentando imaginar o mundo astral além da ponta dos dedos.

— Que está acontecendo agora? — perguntou.

— Tudo o que está acontecendo aqui e mais. É um lugar cheio de atividades.

— Que aparência você tem quando está lá?

— A mesma. Mas poderia parecer diferente se quisesse ou se fosse condenada a isso.

— O que significa. . . ser condenada?

— O Diabo não acaba com o mundo; continua. Mas o que existe no astral é visível. Você não pode esconder seus pensamentos ou emoções no astral.

— E esse é o primeiro lugar a que nós vamos? Quando morremos?

— Sempre.

Larue disse, excitadamente:

— Mike estaria lá?

— Bem, poderia estar. Mas era tão jovem quando morreu. Contudo, se ele está para terminar um ciclo, parte do ciclo de oitenta e quatro anos, então voltará logo.

— Às vezes eu sentia como se ele ainda estivesse realmente muito ligado a mim. Sempre de olho em mim.

Larue de repente pôs seus braços em volta de Gillian apertou-a estreitamente. Gillian ficou rígida de aflição; então com muito esforço, disse:

— Largue-me, não toque em mim.

— Não tenha medo. Se alguém tivesse de ficar com medo seria eu. Tive terríveis sangramentos nasais quando era pequena. Ficava tão nauseada e tonta que quase desmaiava. Não posso suportar a visão de sangue! Mas nada vai acontecer. Você deve ter compreendido que vai passar, Gil, essa coisa de ficar alarmada em tocar ou ser tocada por alguém.

Esforçaram-se corajosamente por alguns momentos, mas Gillian dispunha de pouca energia e Larue venceu facilmente. Ela pousou a cabeça no peito úmido de Gillian e ficou esperando a alarmante batida de coração.

— Estou bem — ela disse suavemente. — Estou bem. Não vai acontecer nada. Não fique perturbada, Gil.

Depois de pouco tempo Gillian relaxou e docemente tocou na nuca de Larue. Respiravam juntas, com aspecto sadio e aquecidas.

— Você está doida — disse Gil. — Realmente adoro você. Nunca tive uma amiga como você. Agora, levante-se, você está amassando minhas costelas.

As duas meninas sentaram-se, sorrindo à toa, certas da intensa admiração que uma tinha pela outra. Gillian curvou-se e lambeu uns pingos de açúcar e canela que ficaram dos lados da boca de Larue.

— Você acha que poderia comunicar-se com ele? — Larue perguntou.

— Você se refere a Mike? Oh, não, penso que não. Seria como tentar encontrar você nos caminhos subterrâneos do metrô. Se eu não soubesse exatamente onde encontrá-la, poderia viajar nos trens para sempre e não a veria.

— Mas como seria se ele estivesse perto de mim neste momento, do outro lado, a poucos passos de distância?

— Não sei — disse Gillian em dúvida.

— Se eu pudesse conversar com Mike só um pouquinho. Veja onde ele está.

— Não se lamente, Larue.

— Nunca pediria um outro fa. . . favor a você em toda a minha vida.

— Acho que não é um pedido muito grande. Só não sei é se teríamos sorte.

Gillian andou, andou, e parou em frente ao retrato de Mike.

Havia um reflexo no vidro e ela não podia vê-lo bem. Tirou a armação da parede. O reflexo continuou, mas ela foi contagiada pela sensação de alegria, fruto da brincadeira com o cavalo que o tinha feito rir. Gillian riu-se também, até que a luz refletida, ou, mais exatamente, a luz que parecia brilhar do centro do corpo dele, atingiu os olhos dela.

Piscando, chorando, ela balançou a cabeça fortemente.

— Gillian?

— Que brilho terrível — Gillian se queixou, segurando a armação com uma das mãos e esfregando os olhos úmidos com a outra. Então ela começou outra vez, porque era divertida demais a luta do travesseiro no longínquo pólo que ninguém conseguia alcançar. Se você perseguiu seu oponente com muita disposição, você não poderia manter seu lugar, e se não conservasse seu lugar, havia o banho mais sujo que você já tenha visto uns poucos centímetros abaixo do pólo. . .

— É a luz da lâmpada do alto — disse Larue. Ela apertou o interruptor, mas a luz do vidro continuou a brilhar tremendamente forte, como um sol, atingindo Gillian em plenos olhos.

Sem fala, paralisada, Gillian começou a girar em torno dela mesma, abraçada à armação.

— Que está acontecendo? — Larue perguntou numa voz aguda.

— Olhe para fora, olhe para fora — Gillian disse, cega, os pés freneticamente indo para mais longe, a boca aberta pela tensão. Repentinamente a armação despedaçou-se contra uma coluna da cama. Voaram cacos de vidro.

Gillian parou, oscilou e caiu de costas no tapete macio.

Como se estivesse no fundo de um poço, ela olhava fixamente para um círculo de céu azul, não mais a penosa esfera do distante sol. Ela ouviu e sentiu o vento que passava refrescantemente sobre seu rosto avermelhado, como se estivesse subindo graciosamente e flutuasse inteiramente livre; não estava mais com a carga de dez quilos de vela em cima dela nem teria mais idas à terra

Estou no lugar certo?", ela pensou, enquanto olhava para baixo, para a sombra de sua superfície no rochoso declive da montanha. Uma pequena rajada de vento sacudiu-a; a armação tubular do planador tremeu incomodamente. Ela moveu a barra de controle para a esquerda e trocou o peso horizontal para a direita, firmando-se sem esforço. Então, abaixo, ela viu os outros esperando por ela no alto prado alpino. Enquanto baixava o planador em direção ao lugar de aterrissagem, a garganta bloqueada pela satisfação de seu mais longo vôo, ela baixou os pés e suspendeu a barra de controle, levantando a ponta do aparelho.

Seu movimento para a frente parou exatamente quando tocava o chão, aterrando contra o vento, como lhe haviam ensinado. Perfeito. Nenhum nariz afundado dessa vez. Dois outros jovens correram para ajudá-la a tirar o equipamento. Tinha voado mais de quatrocentos e cinqüenta metros em meio minuto. Estava vibrando de admiração e prazer.

Tirando o capacete, ela se voltou para olhar para Mike, que lá em cima no pico estava começando sua corrida para levantar vôo. Uma inesperada rajada de vento desarrumou seus cabelos e ondeou a manga da blusa de náilon. Era muito mais forte do que a rajada que, não muito antes de ter sido transportada pelo ar, tinha-lhe momentaneamente causado complicações.

Se continuasse a ventania que passava traiçoeiramente, deviam desistir naquele dia e ela mal agüentaria voar mais uma vez. . . mas Mike estava nas alturas agora, planando mais alto do que ela se permitiria ir, a vela amarela quase transparente contra o azul brilhante. Pequenas piscadelas de sol, como uma saudação, refletidas brilhantemente no visor do capacete — ele era tão belo como as estrelas do Senhor.

Ela se divertia e sacudia os braços, mas Mike, parecendo tentado pelo seu poder, foi tão alto que parecia não poder voltar nunca mais; ela

teve medo de que numa demonstração final de liberdade ele se decidisse a planar acima dos próprios picos e desaparecesse na grande borda da Terra.

Dois minutos, três minutos. Então, relutantemente, Mike desceu em direção aos prados.

Era como se atravessasse uma parede.

Parou loucamente e por uns poucos momentos desastrosos suas pernas se moveram violentamente, enquanto a asa delta, apanhada pela hélice, girou violentamente e inflou como uma explosão amarela de fumaça de um canhão. Mike tentou recuperar o controle do aparelho danificado, mas ele girou, seriamente mutilado, em direção aos rochedos que se erguiam abruptamente no fim do prado. Mike rodopiou no ar como um pedacinho de papel; então foi levado, sem possibilidade de ajuda, por uma outra rajada violenta, que o empurrou para mais longe. . . e mais longe. . . e oh, repentinamente, longe demais, ficando visíveis apenas pedaços da asa, estirados em cima dele. Mike caiu mais uns cento e cinquenta metros, batendo antes na rocha nua com uma ventania que fez o sol desaparecer. Ela baixou os olhos e caiu contraída na espessa grama do prado, sem respiração na escuridão envolvente. . .

Aborrecida com o desastre, Gillian espantou-se com o cobertor com que Larue a tinha envolvido enquanto jazia no chão; por quanto tempo ficara ali? Não sabia. Seu único ponto de orientação no quarto escurecido foi a luz que à noite iluminava o telefone, que no momento estava tocando.

— Larue?

Ela devia ter dormido profundamente. Gillian não lhe diria. Ela alcançou o telefone antes que tocasse de novo.

— Larue, desculpe-me por chamá-la a esta hora, é Avery Bellaver, e tenho necessidade de falar. . .

— Papai?

— Gillian, é que. . . estou tão satisfeito por ouvir sua voz. Eu. . . eu. . . estava com medo..

— Medo de quê?

— Não tem importância agora. Gillian, você tem de voltar para casa ainda esta noite. Estarei aí na porta daqui a uns vinte minutos.

— O quê? Por quê?

— Por favor, peça desculpas por mim a Larue.

— Des. . . ? Papai, não tenho a menor idéia do que. . .

— Podemos discutir isso quando eu chegar aí.

O pai desligou o telefone sem dizer "até logo", uma coisa que ele fazia somente quando supremamente perturbado. Gillian continuou segurando o fone, surpresa demais para pensar claramente. Estava tão estranho. Que teria acontecido a ele?

— Larue — ela murmurou —, está acordada?

Nada de Larue. Gillian acendeu a luz e iluminou o quarto com uma luz brilhante. Larue não estava na cama.

Gillian ergueu-se, virou-se e teve uma visão de si mesma no espelho em frente.

Enormes gotas de sangue seco na parte da frente da camisola azul.

Nervosamente, Gillian arrastou-se de joelhos e puxou o cobertor. Descobriu mais manchas de sangue. Viu mais rastros de sangue, como se Larue tivesse tido uma súbita hemorragia enquanto se curvava para cobri-la.

E havia manchas de sangue por todo o tapete, não gotas, mas em fios, um terrível trilho até o quarto de vestir e mais adiante, até a porta fechada do banheiro.

Lá, mãos impressas em sangue na madeira branca. Um quantidade considerável no chão.

Gritando, Gillian atirava todo o seu peso contra a porta. Ela cedeu, mas não o suficiente. Gillian gritava, gritava e caiu estupidificada no chão, enquanto Bjorn, o mordomo sueco chegava correndo.

"Terrível sangramento nasal quando eu era criança. Costumava ficar tão nauseada e tonta, eu..."

— Ela está desmaiada lá dentro. Está sangrando até morrer! Tire-a daqui, tire-a daqui!

Bjorn meteu o ombro na porta e moveu-a uns centímetros de cada vez. Larue estava no chão, de rosto para cima, bloqueando a entrada. Parecia que tinha levado um golpe de machado. Bjorn meteu o corpo no espaço da porta. Tentou achar o pulso de Larue. Esteve acororado um longo tempo ao lado dela, os dois dedos em seu pescoço.

A mulher dele chegou e olhou para Gillian sobre o ombro de Bjorn. Voltou-se e pegou no ombro do marido com uma mão pesada. Disse seu nome numa voz áspera. Teve que sacudi-lo para levantá-lo. Ele saiu

chorando. Ele torcia os dedos na gola do pijama. Em pouco ele estava vermelho como uma bandeira. Sua mulher fechou a porta do banheiro. Ambos olharam para Gillian.

— Tire-a de lá!

A mulher balançou a cabeça.

— O que há com vocês? Ela está sangrando e vai morrer!

— Já está morta — disse Aase.

Ela não tirava os olhos de Gillian, mesmo quando o marido não resistiu e chorou. Gillian tinha os olhos espantosamente secos. Mas alguma coisa neles se modificou, uma terrível alteração que lembrava a loucura.

— É que... ela... você.. .

— Sinto muito, está morta — disse a mulher.

Gillian pronunciava os sons como se estivesse sufocada.

— Mas quanto tempo pensa que vou ficar de pé? — ela disse, sua voz parecendo normal. Ela estava em pé no quarto de vestir, encostada a uma parede, com as mãos na madeira trabalhada. Primeiro, o tom de sua pele mudou, de róseo passou para um sombrio azul; à medida que se tornava mais e mais rígida, quase todos os músculos eram perceptíveis sob a pele; nervos, vasos e ossos se destacavam sob o fundo da madeira branca. Tinha um aspecto monstruoso e firme. — Quanto, quanto? — Seus dentes batiam. Os olhos pareciam ossos polidos; Havia tanta tensão na sua garganta que parecia impossível respirar. Seus olhos iam do homem para a mulher. E voltavam. E cada vez mais rápidos. Estavam assustados com a cena. O rosto apresentava uma violência tão inexplicável e insuportável que a mulher gelou. Aase teve medo de que Gillian saltasse sobre eles com uma força psicótica que por fim daria cabo dela mesma. Mas não antes que causasse consideráveis males a ela e ao marido.

Aase puxou Bjorn delicadamente pelo braço, fez com que, perturbado, passasse humildemente por Gillian, que os vigiava com um interesse selvagem mas sem se mover. O coração da mulher batia violentamente. Ela evitou os lugares ensangüentados do tapete, fez Bjorn sentar-se e pegou o telefone, mantendo um olho no quarto de vestir enquanto discava pedindo socorro.

Lá dentro, Gillian deixou escapar um fraco desabafo de sofrimento. Mas nada aconteceu. Nada mudou.

Dezesseis

Terça-feira, 12 de janeiro

Às duas e trinta da tarde a temperatura na Faculdade Psi era de três graus acima de zero. O céu estava tão azul e claro que incomodava olhá-lo. Mas outra tempestade estava se deslocando do Canadá, e rapidamente. Só há trinta e seis horas, e ameaçava ser violenta. Já tinha havido duas nevascas com uma camada de neve de quase oitenta centímetros, montes de mais de dois metros de altura formados pela neve. Máquinas para retirar neve estavam trabalhando nas estradas entre o *campus* e o gelado lago Celeste.

Um carro da segurança parou em frente ao edifício da administração. Childermass, usando um casaco preto de astracã e chapéu, desceu do carro. Gwyneth Charles, agasalhada até a ponta do nariz, esperava por ele nos degraus da escada. Sua cabeça estava baixa, em contemplação ou aborrecimento.

— Alô, menina querida — disse Childermass.

Tinha visto a sobrinha há um mês. No momento, só podia ver os olhos dela. Nesses trinta dias os olhos pareciam ter envelhecido pelo menos dez anos. Reagiam lentamente; refletiam a luz do dia mas não mostravam sua própria luz. Ele tocou nela e notou que ela tremia dentro do pesado casaco.

— Você andou trabalhando demais — disse Childermass.

— Um inferno, sim. — Sua voz estava estridente, como se estivesse com a garganta irritada. — Todos nós.

— E como vai o menino-maravilha?

Gwyneth não lhe respondeu. Ela parou, gelada, por uns segundos; seus olhos se apertaram como se suspeitasse de alguma irreverência. Virou-se então abruptamente e entrou no edifício gótico.

Childermass seguiu-a com seu corpo de guarda e alcançou-a numa sala de conferências sem janelas. Granny Sig estava lá, ocupada com o complicado equipamento audiovisual em cores de dezesseis canais. Childermass, que odiava invertidos sexuais porque geralmente causavam complicações no trabalho, cumprimentou-o superficialmente. Granny Sig sorriu para ele e apagou as luzes, enquanto Gwyneth tirava o casaco

Childermass sentou-se numa poltrona de frente para uma rede com dez telas de televisão, a maior das quais tinha aproximadamente um metro e meio quadrado. Na semi-escureidão, Gwyn pegou um cigarro. Não passou despercebido a ele o tremor das mãos da sobrinha.

— Achemos que gostaria de uma reprise de seu desempenho na noite de Ano Novo antes de ver o próprio Robin. Vamos mostrar Robin na tela central. Os acontecimentos relevantes serão apresentados nas telas laterais. Incluímos também todo o complemento áudio.

Gwyn olhou para Granny Sig e atirou-se numa cadeira a poucos passos de Childermass. Os dedos de Granny Sig mexiam-se sobre o consolo, apertando botões e girando maçanetas. Os filmes giravam; as figuras apareciam como dados superpostos.

Childermass reconheceu o quarteirão da cidade de Brad-bury, Maryland, e o caminhão-reboque envolvido na malha. Ele sorriu, imaginando o desconforto — e, talvez, o terror dos VIPS colocados lá dentro. Relembrou como estava o seu rival Byron Todfield segundos depois de ter se lambuzado com o próprio vômito. Má foi a recordação da conversa que tiveram enquanto esperavam no crepúsculo sobre as emoções de suas vidas.

Então ele fixou sua atenção na vista exterior de uma cúpula geodésica no *campus* da Faculdade Psi, o laboratório frio no qual Robin fazia seu extraordinário trabalho. A cúpula era prateada à pálida luz dos últimos dias de dezembro. Por causa do poder do campo eletromagnético que gerava quando estava trabalhando e seus efeitos sanguinolentos nas

pessoas suscetíveis, Robin tinha sido removido para um lugar afastado pelo menos duzentos e setenta metros de qualquer um.

E lá estava ele na tela grande, apresentado de quatro maneiras. Uma visão muito próxima, com parte do rosto obscurecida pela respiração em ondas imensas; perfil, pela direita e pela esquerda, e uma tomada de quando estava se sentando na cadeira acolchoada, colocada num pedestal, rodeada pelo equipamento. Sobreposta na tela estava marcada a temperatura do laboratório frio em graus Fahrenheit: um grau acima de zero. Abaixo, uma luz emitia o registro de diodos mudando mais rapidamente do que o olho poderia acompanhar. Para proteção contra o frio e para facilitar o controle de radiações de sinais vitais, Robin usava uma roupa de astronauta sem o capacete. A iluminação na cúpula era subdividida. Num dos aparelhos de som, Childermass pôde ouvir a respiração do menino e as vozes dos técnicos começaram a ficar audíveis.

"Pulso 92, ainda baixando.. ."

"Perturbação do campo magnético durante a prova PK foi de caráter casual, com uma ressonância paramétrica numa frequência de cinco ciclos..."

"Nós agora temos diferenciação entre as ondas P e T; ação cardíaca permanece levemente arritmica..."

As figuras saltavam na tela como se cortes tivessem sido feitos. O relógio avançou dois minutos e meio.

Voz de Gwyn: "Robin, nós estamos ligando os circuitos de Bradbury na sua tela. Você quer acelerar o ritmo agora?"

Robin balançou a cabeça. Childermass olhou para o vídeo-teipe do caminhão-reboque. Tornou a olhar para Robin, que era focalizado atentamente pelos transmissores na TV no laboratório frio. Nuvens de ar expirado demonstravam o atemorizante poder de uma locomotiva à espera numa estação de estrada de ferro. Embora soubesse a que resultado chegaria a apresentação, Childermass moveu-se impacientemente na cadeira. Olhava curiosamente para um ecoencefalograma do cérebro de Robin, pensando no que tudo aquilo significava para os especialistas.

"Atividade aumentando no lóbulo occipital e formações reticulares..."

"Pulso subindo."

"Estamos detectando ondas em rotação no campo de força flutuante..."

"Pulso 180 e subindo mais rapidamente. . . "

"Nível gradiente 40 para 1..."

"Temos um campo de flutuação eletrostática muito forte..."

"Batidas no coração, ondas cerebrais e flutuações do campo de força estão em proporção..."

"Pulso 240!"

— Aí está — Gwyneth murmurou, revivendo o acontecimento.

Robin estava respirando explosivamente. Na tela de Bradbury, o caminhão-reboque criou energia e Childermass riu alto. Gwyneth sentou-se bruscamente na cadeira, dedos erguidos. Childermass distraiu-se com o espetáculo do carro inclinado por alguns momentos e então disse:

— Você sabe como ele faz isso? A quatrocentos e oitenta quilômetros de distância? Quero dizer, pode exprimir isso matematicamente?

— Por enquanto, não. Mas a distancia não é importante. Pense em termos de tempo e não de espaço. Tempo não se propaga como as ondas luminosas. . . ele aparece instantaneamente em qualquer lugar. Se conceber o tempo como uma forma de energia primária trabalhando em conjunto com as atividades mecânicas e químicas conhecidas, a teoria, pelo menos, é fácil de entender.

Childermass fez uma careta e tornou a prestar atenção ao resto da ação, quase pulando da cadeira ao sentir próxima a colisão do carro com o trem. Enquanto o carro chegava devagar a uma parada de Bradbury, as telas ficaram vazias.

Havia sons de comemorações e congratulações na fita gravada, mas foram sumindo suavemente; mais algumas telas escureceram, restando apenas a imagem de Robin sozinho, afundado na cadeira, literalmente embriagado; seus olhos tinham aspecto selvagem mas ele ria euforicamente, socando o braço da cadeira com o punho, acendendo e apagando luzes dentro da cúpula gelada.

— Que há com ele? — Childermass perguntou, espantado com a apresentação daquele comportamento estranho.

Robin dava risadinhas, ofegava e gemia.

Granny Sig replicou:

— Euforia, trauma; dor. Ele ainda tem catorze anos e não sabe como orientar-se.

— Orientar-se?

— Psicologicamente Robin fica confuso entre o conhecimento de que é ao mesmo tempo todo-poderoso e potencialmente letal no exercício de sua força. Há então um dilema comum. Nossos problemas se desenvolvem rapidamente mas nossos corpos evoluem devagar. E nossas emoções nunca mudam.

Gwyn, incapaz de olhar qualquer coisa que não fosse o espetáculo de Robin na tela, cobriu o rosto com as mãos. Granny Sig teve pena dela, desligou todo o aparelhamento e iluminou o salão.

— Seria melhor irmos agora — disse Gwyn. — Não gosto de deixá-lo sozinho por muito tempo.

— Pensei que continuaria a ver algumas das últimas experiências. Não têm filme?

— Alguma coisa sempre parece dar errado com nossos filmes; é um fenômeno comum em casos de materialização Tentamos, até onde era possível, três experiências empolgantes, mas só insucessos. Aqui há uma grosseira analogia. A água tem uma estrutura molecular simples. Ferve a cem graus Celsius, transforma-se em vapor ou fumaça. Resfrie e condense o vapor e terá água novamente. Qualquer criança faz isso. Robin, perturbando eletromagneticamente as células, digamos, de um *hamster*, pode transformá-lo em qualquer coisa inanimada; as únicas limitações são suas idéias criadoras. Pode produzir uma xilografia ou um vaso de argila. Mas naturalmente não obteremos o roedor de volta. Essa é a parte que o põe frustrado por não poder dominá-la: compor uma entidade viva, extraída da terra ou da madeira. Ele consegue fazer imitações, com pêlo, unhas e pele verdadeiros. A parte interna é composta de células amorfas, escamosas, sem identidade genética. São células não-funcionais. Porque não são especializadas, não têm finalidade, facilmente se exaurem, chegam ao seu limite. Depois disso. . .

— Gostaria de ver uma dessas criações.

Gwyn sacudiu a cabeça.

— Por mais cuidados que tenhamos em preservá-las, elas se desmaterializam depois da dissecação, como as vísceras e tumores

produzidos por cirurgiões psíquicos das Filipinas durante seus rituais curativos.

— Contudo, Robin continua tentando.

— Oh! Sim. Continua tentando.

No inverno os empregados da Faculdade Psi comumente circulavam nas redondezas do *campus* em pequenos veículos para a neve ou esquis de viagem. Granny desprezou o barulho desagradável dos motores e, por causa de seu tamanho, os esquis não seriam uma alternativa prática. Para resolver seu problema de transporte, tinha adquirido um velho trenó. Era puxado por dois cavalos negros castrados da raça Morgan, que estavam parados, deixando cair grande quantidade de bosta em frente aos degraus do edifício da administração, à luz do sol da tarde gelada.

Childermass olhou infeliz para o trenó e disse:

— Não tem um carro?

— Sou uma mulher antiquada — replicou a mulher-homem suavemente, porque sabia que ele poderia aborrecer-se.

— Se eu soubesse que seu rabo era tão vivo quanto sua boca eu me casaria com você — Childermass disse. E assim continuaram.

Um homem da segurança dirigia o trenó. Os passageiros estavam envolvidos em mantas, um de frente para o outro, dois a dois. — Childermass e seu guarda-costas, Granny Sig e Gwyneth. Todos os olhos eram impenetráveis atrás de óculos escuros. Ninguém estava pretendendo uma pequena conversa. Estavam sendo transportados como fugitivos czaristas através de uma estrada gelada entre muros de neve. Os cavalos Morgan corriam com as cabeças para o alto, esticadas. O dia evocava sinos. Eram perseguidos por uma sombra movediça e faiscante — as árvores despejavam como um chuveiro pedacinhos de gelo que brilhavam, enquanto o trenó seguia para diante.

Quando chegaram à casa onde Robin morava com Gwyneth, eles o viram no lado mais afastado do lago, dando corridinhas em volta do gelo endurecido. Robin não tomou conhecimento deles. Foram para o segundo andar, no estúdio de Gwyn, e de lá, na janela, observaram o menino.

Childermass usava um par de binóculos 15X Vixem, que praticamente colocava Robin dentro do quarto.

Gwyn não disse uma palavra quando Robin pegou um sujo pedaço de madeira, mas reagiu como se alguém tivesse colocado um laço bem apertado em volta de seu pescoço. Ele continuou pulando, no sentido dos ponteiros de um relógio, em direção a um monte rochoso coberto de neve, que subia com dificuldade. Felizmente estava bem protegido. Childermass, ajeitando os óculos, dirigiu o olhar para Gwyn. Ela se afastou dele, levando involuntariamente uma das mãos ao rosto; ela escondia sua ansiedade como se fosse uma coisa suja. Robin subia lentamente. Childermass estudava o rosto de Robin enquanto ele se agarrava à superfície gelada. Raramente tinha visto tanto raiva. Quando Robin já estava no alto, atacou novamente o gelo, os braços se agitando como uma foice adiante corpo, enquanto corria para mais longe.

— Há quanto tempo ele está patinando desse modo? .__
Childermass perguntou a Ken, que passou servindo drinques

— Quase uma hora e meia, senhor.

Robin caiu de novo. Ouviram-no urrar, não de dor, mas de raiva. Golpeou o gelo antes de levantar-se. Continuou a patinar, firme e obstinadamente, pondo todo o empenho no esforço de atingir esse desejo de velocidade.

— Vocês não podem acalmá-lo?

Granny Sig tomou um gole do seu Calvados e disse:

— Todos os dias ele toma trezentos miligramas de fenobarbital e cinqüenta miligramas de Prolixin. Em dias de experiência dobramos a dosagem.

— Que raio de coisa você está dizendo? Isto é o suficiente para matá-lo!

Granny Sig sorriu tristemente.

— Psicofarmacologia é uma ciência empírica, baseada num número de hipóteses, a mais importante das quais é que as drogas podem afetar as funções normais ou patológicas do cérebro a um nível sináptico. Mas no caso de Robin, os parâmetros psicológicos influenciados pelas drogas são tremendamente limitados. O problema parece estar ligado ao córtex cerebral, onde se exercem a maioria das funções normais do ego. Os

tranqüilizantes não têm o efeito desejado na área hipotalâmica. Além disso. . .

— O ego de Robin é monstruoso — disse Gwyn. — E seus impulsos normais estão afetados. Fome, sexo. . . ele passa dos limites ou perde o interesse completamente.

— Por ora, ele freqüentemente se comporta como um gato de laboratório cujo córtex tenha sido removido. . . pode ir ao auge de um acesso de raiva ou não reagir. No caso de Robin, como sabe, isso é indescritivelmente perigoso.

Naquele momento Robin estava parado na neve. Tinha as mãos nos quadris, como se olhasse fixamente para alguma coisa.

— Que está ele querendo fazer lá fora? — Childermass perguntou, olhando novamente através do binóculo.

— Ele sente que seria capaz de ir de um triunfo a outro — Gwyn disse. — Dos milagres no laboratório a uma vertiginosa corrida de quilômetros ou um recorde mundial de velocidade na patinação. Ele tem obtido melhores resultados do que um atleta médio. Quando falha, a frustração é intolerável.

— E na cama, como vai ele?

Gwyn recorreu a um outro drinque. Havia duas manchas vermelhas em suas faces. Granny Sig vigiava Robin, que voltou à patinação, fazendo uma ampla acrobacia no gelo. Parecia ter em mente alguma façanha espetacular, e Granny Sig estava temerosa.

— Robin — disse Gwyn clinicamente — tem freqüentes ejaculações. Freqüentemente permanece inteiramente ereto entre os orgasmos. Dá pouca importância ao ato ou não se sente gratificado, seja ele executado oral ou genitalmente. Mas ele... — ela se virou para que Childermass não pudesse vislumbrar as lágrimas em seus olhos — quer muito me agradar. Isso ainda é alguma coisa a nosso favor. Tem necessidade da minha pessoa porque é potencialmente esquizóide, como já dissemos, e freqüentemente atemorizado. Confia em mim para ajudá-lo...

— Quando está de bom humor — Granny Sig fez questão de chamar a atenção para isso. — Mas em outros tempos. . .

— Brigávamos — disse Gwyn. — Isso não quer dizer nada. Robin é compelido a comprovar minha lealdade.

Ela se dirigiu para a janela. O que viu sobressaltou-a de tal modo que derramou um pouco de uísque do copo nas mãos. Robin estava esquiando diretamente para as rochas empilhadas que se erguiam aproximadamente a um metro e meio da superfície do lago.

— Oh, meu Deus!

No momento em que invocou Deus, Robin saltou. A neve voou de uma das rochas quando uma lâmina do esqui a atingiu, mas ele continuou de pé, conservando o equilíbrio, e escapou por frações de centímetros de um tombo de cabeça. Estava de novo com os esquis em terra e fez uma parada súbita.

Childermass chegou a ter náuseas.

— Ele acaba se matando com acrobacias iguais a essa; não me importam quais sejam os problemas mentais dele, é melhor que lhe passem uma reprimenda, se sabem o que é melhor para vocês.

Gwyneth, profundamente amargurada, fechou os olhos.

— Ele tem vivido sob enorme pressão nestes últimos dezesseis meses. Precisa sair daqui. Planejamos umas férias para esqui, nós dois. .

— Não.

— Mas eu prometi — Gwyn disse, sua insistência transformando-se em terror.

— Acho que você pode saber mais. Não posso provar, mas sei que há um prêmio de pelo menos um milhão pela cabeça de Robin. O grupo de Langley tem o contrato; estão vigiando pelas vizinhanças, porque nem mesmo um milhão de dólares atrairia bastante um grupo não-organizado, a ponto de levá-lo ou penetrar na Faculdade Psi e fazer o serviço. Seria um plano suicida. Todfield sabe disso. Naturalmente poderia reunir um grupo bastante forte para dominar nossas defesas. Mas não quer entrar em luta comigo, e isso é exatamente o que acontecerá se nos atacar. Ele destruirá o exausto filho de uma puta! Childermass tomou alguns goles do Calvados que Granny Sig estava bebendo.

— Não sei se isso é mijo ou vinagre — ele resmungou, pondo a bebida de lado. Movimentou a cabeça em direção a Gwyn:

— Não, não, enquanto Robin estiver aqui, tenho certeza de que é intocável. Mas se você se afastar, daqui com ele, em vinte e quatro horas ambos estarão mortos.

— Um corpo de guarda. . .

— Teria que usar uns vinte homens para protegê-lo. Um exército! E isso só serviria para atrair uma indesejável atenção sobre Robin. Nenhuma viagem para esquiar, Gwyneth. Arranje outro meio de distraí-lo e ocupe a mente dele com trabalho e estudo.

— Então está bem. Mas faça isso por mim. Mantenha a menina um pouco mais em Nova York. Não a traga para cá, seria desastroso para Robin.

— Como? Ele e Gillian são muito unidos.

— Sim, gêmeos psíquicos.

— Ele está. . . como se costuma dizer. . . visitando a menina...

Gwyn balançou a cabeça.

— Eu sei. Eu sei! Contudo ele não menciona freqüentemente Gillian. Ele tem ciúmes, acho. Chame a isso sibilina rivalidade, se quiser.

Childermass deu uma risada; achou a interpretação dela absurda. Granny Sig olhou para ele impassivelmente, sabendo que sua opinião não interessava.

— Estou prevenindo-o, tio! A presença de Gillian poderia causar grande complicação. A competição poderia enlouquecer Robin completamente. . .

— Acho que você mesma está com ciúme. De uma garota de catorze anos!

— Oh! mas isso é inteiramente idiota. Apenas não necessitamos dela agora! Dê-me uma semana ou duas. . .

— Por causa do que aconteceu à amiga, Gillian está no momento num lamentável estado de depressão, num estado de espírito que a fará aceitar nossa hospitalidade, romper para sempre todas as relações com a família. Ela teme causar-lhe qualquer dano. Por isso, quer ficar com o gêmeo. Ela tem necessidade dele, ou pensa que tem. Não, não vou discutir esse assunto. A menina está inteiramente envolvida pelo ambiente que criamos em torno dela. Nossos planos já estão em ação. Temos que aproveitar inteiramente essa oportunidade.

Gwyneth baixou a cabeça, sentindo-se miserável. __

— Se eu desapontá-lo e Gillian tomar meu lugar, oh, será insuportável. Há ainda tanta coisa que posso obter de Robin, tio!

— Ela estará aqui até amanhã cedo. E, agora, nem mais uma palavra.

Gwyn mordeu o lábio inferior. Foi para a janela novamente. Os raios de sol batiam em sua face como cal viva, que queimava até os ossos, num terror irracional. Robin continuava a patinar dando voltas como um ponteiro no mostrador de um relógio. Granny Sig bebia e estudava a angústia refletida no rosto de Gwyn. E bebeu mais ainda.

Sob a pálida luz do sol da Virgínia, Peter Sandza trabalhava metodicamente em seus exercícios de tiros a distância contra Plantation, treinando tiros à distância de quase cinqüenta metros, explodindo três tiros com um Smith e Wesson K-38, usando carregadores rápidos que acompanhavam as seis posições circulares em que atirava — sentado, inclinando, à esquerda, à direita, etc, em barricadas.

— Fantástico — disse Nick O'Hanna, seguindo de perto os progressos de Peter no curso. O próprio O'Hanna era um grande atirador e Peter estava usando a pistola dele. — Duvido que ela tenha dado tantos tiros em todos esses anos.

Todfield ria, mas na verdade não era apreciador desse esporte.

Woolwine olhava pacientemente por trás dos vidros dos óculos contra o sol e disse: _

— Um dos muitos benefícios da hiperestesia hipnótica. A visão de Peter está mais aguçada que nunca. Todos os sentidos estão maravilhosamente ajustados. Se antes ele era eficiente e mortal, agora é virtualmente inatingível.

Peter deu o sexto e último tiro e foi recolher os alvos. Trouxe-os de volta para O'Hanna, rindo-se dos resultados.

— Olhe para este grupo, Nick! Nem um traço do círculo X.

— Grande tiro, Peter. Você não perdeu o seu jeito.

Peter não olhou para os outros homens; não lhe tinham dito por que estavam ali, então de fato não existiam para ele. Peter entregou o K-38 para O'Hanna.

— Você trabalhou muito naquelas superfícies de contato — Peter observou. — De fato, nenhuma resistência. É realmente um gatilho fácil, mas a mira está sempre firme.

— Bem, você vê que eu não toco na mola principal, o que é um erro comum. O que eu fiz foi. . .

Um helicóptero circulou sobre o conjunto perto do rio, uns oitocentos metros adiante. Todfield, que estava de pé a pouca distância de Peter, voltou-se para Woolwine e disse:

— Quase três horas. Já é tempo de Peter pôr-se a caminho.

Woolwine fez um aceno de cabeça; o que ouvira estava de acordo com suas próprias observações.

— Ele está pronto.

Todfield mudou de atitude inesperadamente e disse:

— Ainda poderíamos mudar o plano de luta. Sabemos a exata localização do menino. Poderíamos colocar Peter nas redondezas a uns oito quilômetros do local.

— Não sobreviveria — Woolwine respondeu rapidamente.

— Não acredito que tenha muito mais chance de ser bem sucedido de outra maneira.

— As situações ocasionais são melhores do que você pensa. Pode ganhar coragem, audácia, espírito de improvisação em face do perigo extremo. Durante estes últimos dias eu despendi praticamente quarenta anos com Peter Sandza, explorando sua vida instintiva, os mitos de seu dinamismo emocional. Todos nós temos nossos mitos; somos dominados por imagens arcaicas de vida e morte. Rapidamente descobri, através de amnésias sistemáticas, a história profundamente marcante que dominou a vida dele. Com a idade de dez anos, Peter acidentalmente matou o pai com um tiro durante uma caçada. Uma clássica insensibilidade tornou-se realidade. Daquele momento em diante sua vida foi sempre marcada por atos inconscientes de violência.

Morta a divindade, Peter desejava pagar por seu erro procurando situações dolorosas, comumente tidas como artes do Demônio. Mas pior foi a tremenda desilusão que sofreu com o típico mágico negro, Childermass; serviu como tempo de prova e preparação. Peter substituiu o que poderia ter se tornado uma monomania patológica, sentindo-se pai e marido do próprio filho. Levou uma vida normal durante o tempo em que foi necessário ficar escondido e abandonar a arena. Tudo isso é muito complicado para você?

— Arre, merda.

Woolwine sorriu discretamente:

— Serei breve. Como você sabe, o principal problema de Peter consiste em tirar o filho do supervilão, o mágico que tão traidoramente o manipulou. Mitologicamente, é uma conclusão apropriada. Mas apressar os meios pelos quais Peter vai agir será um erro fatal para seu destino. A fortaleza em que se encontra o menino está terrivelmente bem guardada. Você hesitaria em mandar lá mesmo os seus melhores homens. Peter naturalmente está bastante motivado para tentar ser bem sucedido; o tempo que passou aqui de nenhum modo interferiu na direção básica de sua atividade. Mas, simbólica e psicologicamente, não seria bom pôr fim à sua busca. Acontecem coisas pela predominância de uma interferência sobrenatural. Ele poderia ser afastado do rumo certo, tornando-se confuso, vulnerável e propenso a erros de julgamento. Não está preparado para um súbito sucesso. De certo modo, ele ainda não sofreu suficientemente.

— Meu Deus!

— É verdade!

— Então por que veio pedir-lhe auxílio?

— Mas não foi socorro que ele implorou, veio esclarecer uma traição.

Todfield ficou com os olhos sombrios e olhou duramente para Peter, que continuava conversando com O'Hanna sobre pontaria e tiros.

— Traição — Todfield repetiu, perplexo e hesitante.

O'Hanna olhou para o chefe, que balançou a cabeça. O'Hanna tocou no braço de Peter.

— Peter, já é tempo de você ir andando.

Passaram por Todfield e Woolwine e entraram no carro rural, para a curta viagem até o helicóptero.

No carro, O'Hanna deu a Peter um revólver Colt Python, 357 magnum com cano de dez centímetros, um silenciador, um coldre Bianchi e cargas extra de 210-g.

— Seu ponto de desembarque no aeroporto de Westchester é quatro e trinta e sete — disse O'Hanna.

Peter sacudiu a cabeça. Tirou a jaqueta de pele de porco e colocou o coldre.

— O carro é um Cougar azul-escuro, licença de Nova York, chapa 776-WIH, registrada em nome de Richard Santry. Está na segunda fila do estacionamento em frente à porta. — O'Hanna puxou um envelope do

bolso interno do paletó. — Chaves, cartões de crédito, licença para dirigir, dois mil dólares em notas de cinquenta e de vinte. Arranjei uma maleta de viagem para você. Aparelho de barba, suéteres, camisas. Também ferramentas da marca Saber-300. Sistema de medidas defensivas. Isso deve estar à mão.

— Certamente.

O'Hanna olhou tristemente pela janela quando se aproximaram do helicóptero.

— Eu. . . eu gostaria de ter feito mais, companheiro.

— Você fez um mundo de coisas. Nunca me esquecerei disso.

Trocaram um aperto de mãos antes que Peter subisse no Vought Gazelle.

— Bem, espero que eles continuem ligados a você — Peter disse alegremente.

— Sim, também espero.

Peter fechou a porta do helicóptero atrás dele. Logo que apertou o cinto de segurança, começou a dormir profundamente.

O'Hanna permaneceu alerta enquanto o helicóptero se afastava. Sentiu um nó na garganta; não podia imaginar que fosse tão duro vê-lo afastar-se. Teve uma sensação de afronta que nunca seria capaz de exprimir.

Sentiu-se sujo.

Enquanto o helicóptero se afastava, Todfield perguntou a Woolwine:

— Qual a palavra-chave?

— Comandante.

— De onde tirou isso?

— Peter foi um tenente-comandante da Marinha. Ele freqüentemente se referia e ainda se refere ao menino como Capitão, um termo ao mesmo tempo de afeição e respeito.

— Entendo. E assim suponho que estejamos apostando dinheiro num cavalo morto. . .

— Tenha um pouco de esperança. __.

— Suponho que tenha, quando Peter e Robin se encontrarem, Deus sabe quando, e Robin responder com a palavra-chave. .

— Se tiver uma espingarda na mão, Peter prontamente lhe dará um tiro na cabeça. Se tiver uma faca, cortará a garganta do menino. Se dispuser somente das mãos desarmadas, então o matará com um murro no plexo solar ou na nuca.

— Bem preparados os seus trabalhos de condicionamento.

— Já não comprovamos, para sua satisfação, em outros assuntos, que o condicionamento sempre funciona? — Woolwine disse irritado. — É muita canalhice que a um homem não seja permitido realizar atos contrários a certos instintos. Você simplesmente o prepara com um raciocínio lógico que torne um instinto mais poderoso que um outro que você deseja esmagar. Peter ama o filho, sim, mas não podemos esquecer-nos de que Robin assumiu um *status* mitológico no inconsciente do pai. O círculo está se fechando. Peter assassinou o pai, o filho de Peter crescerá para matá-lo. Esse pavor primário vai permitir-lhe assumir, temporariamente, o papel do próprio pai; ele vai defender-se como o pai não conseguiu.

— E então ele volta à realidade e compreende o que fez ...

Woolwine encolheu os ombros.

— As conseqüências para Peter serão inimaginavelmente terríveis, destruidoras. Já imaginou isso?

— Não. Somente o rapaz me interessa.

— Você precisa falar-me mais dele.

A suíte que Gillian ocupava no Instituto Paragon era no último andar. Estava mobiliada confortavelmente, mas sem estilo. Havia janelas que davam para um parque e para o rio. Gillian passava a maior parte do tempo numa cadeira de balanço que ficava de frente para as janelas, enquanto uma mulher grandona, contratada para vigiá-la, a Sra. Cunningham, fazia bordados ou palavras cruzadas e raramente falava a não ser que lhe dirigissem a palavra.

Gillian estava tranqüila e lúcida por efeito de uma combinação de barbitúricos hipnóticos e drogas contra ansiedade. Estava tão mansa quanto um pássaro na gaiola. Pensava nos pais, mas não sentia falta deles. Era capaz de falar calmamente sobre a morte de Larue com o Dr. Roth e sua assistente, a Dra Maylun Chan We. A morte tinha sido provocada por

alguma coisa em sua cabeça, mas explicaram-lhe que os medicamentos impediriam que aquilo se repetisse; ela não causaria mais danos a ninguém, nunca mais. Gillian sentia uma submissa gratidão mas nenhuma emoção era forte ou duradoura. O tempo passava naturalmente para ela. Ouvia boa música, mas nem se inspirava nem tinha vontade de tocar flauta.

Havia duas mulheres jovens que substituíam a Sra. Cunningham; uma loura, cujo cabelo era cortado tão rente que parecia pêlo de gato, e uma outra com mechas lustrosas e negras como carvão. Por alguns dias, Gillian sorridentemente confundiu as duas — Kristen e Hester. Mas então foi Hester, a de cabelos escuros, que começou a vir com mais freqüência e quem sempre trazia a medicação e ficava para conversar enquanto a Sra. Cunningham ia tomar um pouco de ar. Hester tornou-se amiga. Gillian estava atenta para nunca mais correr o risco de ter outra vez uma amiga verdadeira, mas decididamente não podia deixar de gostar de uma pessoa de natureza tão doce quanto Hester.

Duas vezes por dia, pela manhã e à tarde, antes do jantar, Gillian deixava seus cômodos em companhia da Sra. Cunningham para um passeio pela casa, um exercício simples mas com muitos movimentos que o Dr. Roth prescrevera para manter o tônus muscular. Iam vagarosamente por corredores intermináveis e desciam lances de escadas, não encontrando ninguém no caminho. Nos primeiros três dias foi difícil para Gillian andar, mas cada vez que saíam terminavam na cozinha, onde uma cozinheira, uma mulher preta que se chamava Mayborn, tinha preparado uma gulodice especialmente para ela. A Sra. Mayborn se tomou de amores por Gillian e sabia despertar o fraco apetite da menina.

De sua parte, Gillian apreciava ser recebida com entusiasmo na cozinha, que era comprida e estreita e ficava uns poucos degraus abaixo do nível do andar térreo. As flores eram aceráceas e as paredes de tijolo tinham sido pintadas de cor creme-amarelada; uma coleção de utensílios de cobre balançava do teto iluminado.

Do lado de fora havia uma espécie de pátio. Sentada a mesa num recanto da cozinha, Gillian olhava para os montes de neve que amarelava no piso com a urina de cães. Passava gente com jeito alegre e entravam e saíam carros. Lá fora havia um mundo terrivelmente perturbador, proibido para ela.

Na quarta-feira pela manhã, quando olhava para a porta — o caminho de saída para a rua —, ela sofreu uma tal crise de nervos que atirou uma xícara e um pires no chão. A Sra. Mayborn foi atenciosa e não permitiu que ela limpasse a sujeira; a Sra. Cunningham percebeu a alteração do seu comportamento e comunicou-a ao Dr. Roth.

Na primeira vez que o Dr. Roth viu Gillian, perguntou-lhe se alguma coisa a estava aborrecendo. Ela sorriu placidamente e disse que achava que não. Ele deu uma palmadinha no ombro da menina e perguntou se não queria tentar comer um pouco mais, porque precisava aumentar sua energia. Gillian prometeu tentar.

Seu pensamento começava a martelar sempre a mesma coisa.

Alguma coisa mortal estava em seu cérebro, em sua mente.

Era bom tomar remédio, para que nunca mais fosse causadora da morte de alguém.

Estava alerta a esse tipo de emoção, uma sensação de sufocação e dano que a tornava tensa. Suportava-a pacientemente, certa de que passaria. Mas não era o que estava acontecendo. A emoção aumentava e as lágrimas lhe pareciam uma possibilidade, embora mal se lembrasse do que fosse chorar.

"Mas o que aconteceu a Gillian?", pensava, cada vez mais imaginando coisas. "Quando tomo o remédio, deixo de ser Gillian."

E continuava a imaginar, imaginar.

"A coisa que mata está na mente. Está na mente. Está na mente..."

"Se não posso ser Gillian, quem sou eu? Que posso ser?"

E imaginava, imaginava. . .

A música no estéreo era *Slow down*, um *boogie* executado por Alvin Lee que Hester tinha trazido e pedido a Gillian para tocar. Hester quis tocar bem alto. Gillian ficou tímida e atônita quando Hester, praticamente diante de seu nariz, furtiva mas decididamente, esvaziou as cápsulas de Diazepan e de barbitúrico numa folha de Kleenex e escondeu-a na mão. Ao mesmo tempo estava de olho atento na porta aberta para o corredor

— Que está fazendo?

Hester encostou a boca junto ao ouvido de Gillian de modo a ser ouvida.

— Vou cortar completamente a medicação esta noite

— Por quê?

— Porque tenho de tirá-la daqui logo — disse Hester escondendo o lenço de papel na manga de seu suéter. Entregou a Gillian as cápsulas vazias e um copo com água. — Tome-as — disse.

— Por que você quer me tirar daqui? — Gillian perguntou, confusa. Hester olhou-a assustada, o que fez Gillian ficar apreensiva também.

— Porque se eu não a tirar daqui — Hester explicou enquanto se curvava sobre a cadeira de balanço — você desaparecerá como aconteceu com Robin Sandza. Eu sei por que estão interessados em você.

— Quem?

— Oh, Gillian, você foi tão tremendamente dopada para que possa fazer alguma coisa esta noite! Deus, como é que vou conseguir isso?

— Hester, não fique tão aflita.

— Há dois dias venho retirando os tranqüilizantes, mas seu sistema nervoso está tremendamente infiltrado de drogas. À noite você estará a zero. Será um choque. Mas você tem que se manter tranqüila. . . sorria e aja vagamente, não importa o que esteja sentindo. Não os deixe suspeitar! Falarei com você outra vez pela manhã, até lá já terei os planos, saberei como tirá-la deste lugar. — Hester viu o brilho de lágrimas nos olhos de Gillian. — Querida, não, não comece a se lamentar. Tudo dará certo. Confie em mim! E, acima de tudo, não deixe transparecer que você não está dopada. Estarei metida numa grande complicação se o Dr. Roth descobrir que não estou lhe dando a medicação. Você compreende? Você não quer me meter em apuros, quer?

Gillian sacudiu a cabeça agitadamente.

— Acalme-se, seja paciente. — Hester lançou um olhar para a porta. Agarrou uma escova de cabelo e ficou ajeitando os cachos de Gillian sobre uma orelha, até que a Sra. Cunningham reapareceu, indo logo diminuir o volume do som. Hester pôs a escova na mão de Gillian e tentou sorrir com um entusiasmo verdadeiro enquanto dava um tapinha no ombro da menina.

Gillian retribuiu o sorriso de um modo estranho, e então um olhar de aflição dominou-lhe o semblante; os olhos, revelando negros

pensamentos, pareciam os de um gato preso num cercado.

— Seja forte — Hester murmurou, desligando o aparelho de som. — Tenha uma boa noite. — E saiu dali apressadamente, a tempo de dar seu telefonema das sete horas numa bilheteria da estação da York Avenue.

Bem. Duas semanas infernais sem uma palavra, e agora ela estava se envolvendo numa impetuosa seqüência de atos que poderiam ser desastrosos. Peter a prevenira freqüentemente: "Não seja inteligente, não se meta com esse pessoal". Se Peter estivesse morto, quem poderia arrancar Gillian do Instituto Paragon?

Morto. Era triste demais, terrível e irreparável. Hester recusava-se a acreditar nisso. Peter devia ter razão muito séria para ficar tanto tempo sem se comunicar. Devia ter alguma coisa muito bem planejada em vista.

Mas se fosse esse o caso, então havia uma possibilidade de ele não necessitar mais de Gillian.

Hester ficou envergonhada do alívio que sentiu. Para o inferno com o que Peter necessitasse ou não. O que seria da pobre Gillian? Que aconteceria a ela em questão de horas, de poucos dias no máximo?

Ser mandada para a Faculdade Psi é o que lhe podia acontecer. De qualquer modo, seria isso. Hester apostaria a sua cabeça como surgiria uma outra baixa no computador. Um bom número de casos, ou seja, de pessoas, tinha sido transferido do Instituto Paragon para lá. Hester não sabia mais nada sobre a Faculdade Psi; sabia que existia com a finalidade de absorver pessoas psiquicamente muitíssimo bem dotadas como Robin Sandza e Gillian Bellaver.

Assim, postos de lado todos os motivos, era uma obrigação moral tentar retirar Gillian do Instituto Paragon antes que ela desaparecesse. Problemas e mais problemas. Hester não parecia ter um plano exequível e, mesmo que ela eventualmente fosse bem sucedida, Gillian ficaria virtualmente sem auxílio, entregue à sua própria sorte. Não poderia ser mandada de volta para os pais. Voltaria para o mesmo lugar para começar tudo de novo. Provavelmente os pais ficariam agradecidos por se verem afastados da filha infeliz. Devido à sua formação convencional de moça da classe média criada numa cidade pequena, Hester tinha uma opinião desfavorável dos americanos endinheirados e importantes. Adoradores do todo-poderoso dólar, eram insensíveis e particularmente sem qualquer

afetividade em relação ao povo. Não, ela não podia correr o risco de devolver Gillian na esperança de que os pais agissem da maneira certa.

Mas Hester sabia que ficaria sob considerável suspeita no instituto. Teria que despistar as suspeições deles enquanto protegia Gillian e cuidava dela até que Peter voltasse. E como ficaria Gillian uma vez retirados os tranqüilizantes? Meio louca, insegura e potencialmente tão perigosa (não por própria culpa) quanto a peste bubônica. A própria Hester necessitava de alguma proteção.

Nove horas. Música ligada. Um *rock*, depois um mordente *blues*, canção dos anos 20 sobre um apanhador de algodão numa voz fraca e amarga como o café da Louisiana.

"Oh, destrua-me, garota, atraia-me
para o seu rosto, com sorriso de pérolas, que mata.
Para o seu ossário poderá então levar-me
Num carro de doze cilindros comigo viaja."

Hester teve sobressaltos. Como estaria Gillian no momento? Se Gillian agisse erradamente, se tentasse sair sozinha, então Hester estaria perdida. Cada voz vaga no corredor do lado de fora de sua porta, cada pisada faziam-na gelar e suar. Nove e meia. Quando ouviu seus amigos, os Bundy, saírem cantando uma canção de Cole Porter, felizes como passarinhos, ela teve vontade de correr lá embaixo e ser levada para longe numa noitada imprevista e alegre: umas bebidas aqui, umas risadas ali. Foi até a porta, mas não a abriu. Não era bom. Não adiantava a política de avestruz. Se a MORG a quisesse, que a procurasse. Se não. . . Não havia outra coisa a fazer senão vaguear pelo apartamento de três peças e, presa de aflição e medo, aguardar a chegada do novo dia, quando poderia começar a viver acontecimentos que gostaria de ver concluídos satisfatoriamente.

"Desligue a sirene, oh, mulher.
Você parece uma ambulância na rua."

Passava das duas da manhã quando surgiu a grande idéia. Por desespero, talvez, porque tudo dependia das realizações de Gillian quando começasse a fuga. Mas Hester gostou do plano. Não era complicado. O

sucesso dependia da surpresa e, o que era de se esperar, de meio minuto de uma total confusão. Infelizmente havia um impedimento em potencial na pessoa da Sra. Cunníngham. Ela não parecia uma mulher, o que a punha facilmente confusa, e raramente se afastava de Gillian quando estavam ambas fora do quarto.

Mas Hester prosseguiu em seus pensamentos; seria o melhor que podia fazer. Tudo de que necessitava agora se resumia num terceiro elemento, um sujeito suave e calado que fizesse de boa vontade tudo que lhe fosse pedido sem perguntar coisas demais. Tinha pensado numa porção de pessoas. Hester já tinha escolhido o homem quando se atirou na cama e caiu no sono bocejando.

"Menina de olhos como cofres
Dirija as sombras deles para o chão
Entregue-me seu cheque em branco, querida
Para minha assinatura final."

Gillian estava desassossegada quando foi para a cama, desassossegada e falante. A Sra. Cunningham olhou para ela duas vezes. Ela estava socando e puxando as cobertas, resmungando entre dentes. Da segunda vez a Sra. Cunningham acendeu a lâmpada perto da porta e viu o rosto de Gillian brilhando de suor.

— Este quarto. Esta cama. É o quarto de Robin. Ele. . .
— O que há, querida?. . .

Gillian ficou repentinamente quieta, olhando fixamente para ela como se seu pensamento estivesse muito distante.

— Está com alguma indisposição de estômago, querida?
— Um pouco — Gillian resmungou.

A Sra. Cunningham sorriu para assegurar-lhe que podia fazer alguma coisa por ela. Fechou a porta do quarto e, usando o telefone da sala de estar, chamou Maylun Chan We. Maylun prescreveu um medicamento contra náuseas e uma pílula para dormir. A Sra. Cunningham então ligou para o plantão noturno da associação médica que atendia o Instituto Paragon. Trouxeram as pílulas do dispensário.

Quando a Sra. Cunningham abriu de novo a porta do quarto de dormir, Gillian estava de lado; parecia tranqüila finalmente. A Sra. Cunningham chamou-a, baixinho. Não teve resposta. Decerto o mal-estar de Gillian tinha passado. Se ela acordasse mais tarde o remédio estaria à mão. Satisfeita, a Sra Cunningham voltou para o seu lugar para ouvir o noticiário noturno na TV — amargo, odioso e malvado —, ignorando que estava cuidando de uma concha e não de uma menina adormecida.

Gillian tinha sido atraída a algum lugar.

Tinha agora uma noção de horizonte e inverno
muito exagerado, campos de neve,
lua iluminando num espaço ofuscante
causado por excesso de luminosidade, todo o movimento
descontínuo segundo leis de tempo e
distância.

Ela espera para uma comparação com a mediunidade dele.

A mente espera com um olho no precioso passado.

Uma esperança de que ele esteja decidido a realizar.

Robin?

Seguindo a linha de menor resistência,
eles se encontram, não com grande choque pelo
reconhecimento.

Olhos fechados, ardentes, nos campos de neve
calmos
como o túmulo.

Alguma coisa quase formal entre eles,
uma nova evolução — ela fica silenciosa
pelo ódio violento de seu olhar.

— Venha — ele diz. Está ausente de novo,
altamente inflamável como o clarão de uma estrela
entre as cruzes crestadas. Sustentada

pela visão estreita e impiedosa de sua crença,
ela segue, com sua face de noiva coberta de
lágrimas,
para a sua cama de libertinagem:
(Golpeada
com um olhar
menina
exausta
roubada com destreza
e vibrando
docemente
pelo manso
temperamento
ronronante e atitude
enganadora e
permitindo-se
um lúbrico
olhar rápido de
asno)
Prostituta —
um cavalo empinado — Robin exibindo-se caval-
gando-a
de lado, por cima, por baixo
ou pés no chão. Você chama a isso
uma catarata de natureza animal.
Os nervos se adelgaçam, negros sob a pele,
como cordas enceradas de um violino, um. . . lá
vem ele.
Sua maneira de declarar-se,
atirando em candelabros romanos para a confissão,
criando galáxias de pecados sem arrependimento.
"Gosta dela Gillian?" Olhos baixos
escondem mágoas.
O sorriso dela, encrespando-se como uma flama
escurece
o espírito, e ele está (como devia estar)

horrorizado tanto quanto divertido, tendo pleno conhecimento do futuro e do passado, enquanto o corpo, desproporcional à corrente de vida, em toda parte e para sempre ameaça desintegrar-se.

— Agora vá embora.

Com um simples movimento da mão dele ela é atirada, como um mosquito, através do tempo.

Excitado com sua crueldade, insaciável, ele se vira para Gwyneth, inerte. Ele está ansioso por elogios, e pelo perdão que certamente vai chegar.

Quando Hester chegou ao trabalho às oito horas da manhã de quinta-feira, Roth e Maylun já estavam lá. Pelas aparências deviam ter tido uma longa conferência. Havia alguma coisa no ar, algo que tinha relação com Gillian. Hester não teve meios de saber o que era. Mas pelo menos a menina ainda estava no Instituto Paragon. Tivera medo de que a houvessem retirado de lá durante a noite.

Às oito e vinte ela acompanhou os dois médicos ao andar superior. Gillian estava acordada e sentada na cama, olhando fixamente para fora através da janela toda salpicada de neve. Havia um sorriso suave em seu rosto, mas seus olhos estavam inchados, úmidos e pareciam desoladoramente tristes. Hester prendeu a respiração quando Gillian dirigiu o olhar para o seu lado, mas o sorriso dela não se alterou e sua atitude era de indiferença. Hester não foi capaz de perceber se a indiferença era estudada ou real. Se real, então sem dúvida era resultado das drogas que eles deviam lhe ter dado durante a noite, o que transtornava totalmente seu plano.

Hester perguntou a Gillian o que desejava para a refeição da manhã; ao que ela respondeu:

— Não faço questão. — E então o Dr. Roth a examinou. A pressão sangüínea tinha subido e o pulso estava mais rápido do que vinte e quatro horas antes. Roth parecia sentir que o estado era animador.

— Gostaria de tomar um banho antes da refeição — Gillian disse.

— Naturalmente — respondeu Roth.

— Hester poderia ficar e lavar meu cabelo?

— Não vejo por que não. Hester?

— Com todo o prazer — Hester respondeu, tentando não estudar a expressão de Gillian. Maylun deixou medicação e as vitaminas para Gillian e os doutores se retiraram, cabeças unidas, conversando em tom baixo.

— Como está o dia hoje? — Gillian perguntou, olhando para fora da janela outra vez.

— Frio — disse Hester, tremendo para dar mais ênfase à palavra. Então sorriu para a Sra. Cunningham, que estava retirando do móvel um vestido para Gillian. — A senhora poderia trazer a refeição enquanto lavo o cabelo de Gillian.

— É uma boa idéia.

— Eu gostaria de usar *jeans* hoje, Sra. Cunningham — disse Gillian.

— Quando vai usar todas essas roupas bonitas?

— Prefiro *jeans*.

— Como quiser, querida.

Hester entrou no banheiro, deixando a porta entreaberta. Abriu as torneiras e quando a grande banheira estava pela metade Gillian entrou. Ela não olhou para Hester. Atirou a roupa de dormir num canto e levantou descuidadamente os cabelos. Então deu um passo, entrou na banheira e ficou de pé olhando tristemente para o corpo, que, embora no momento estivesse necessitando de enchimento, era elegantemente estruturado e revelava tímidas curvas que poderiam arredondar-se gloriosamente quando desabrochasse como mulher. Estava já com um metro e setenta e cinco de altura, tinha um pescoço esguio, um belo olhar sombreado e lábios finos. "Possivelmente nunca teve um machucado", Hester pensou tristemente. Gillian curvou-se sobre as pernas, joelhos afastados, e começou a ensaboar-se. Então, distraidamente, foi se lavando por partes.

Hester permaneceu de pé, rígida de tanta ansiedade, quando Gillian começou a chorar, tentando abafar o pranto na toalha. Então Hester usou a cabeça e ligou o barulhento exaustor do teto, esperando que os microfones que ela sabia estarem instalados no banheiro não captassem os sons da aflição de Gillian, aflição que ela não deveria sentir se estivesse tomando os remédios que lhe tinham sido receitados.

— Oh, Hester, isto aqui é o fim do mundo!

— Gillian, Gillian.

— Quero sair deste lugar!

— Está praticamente tudo arranjado. Psiu, quietinha agora. Cuidarei de você.

Cobrindo a boca com as mãos, Gillian olhou para ela sem poder acreditar.

— Mas nós podemos fazer isso. Sei que podemos.

— Quando?

— Esta tarde.

— Co.. . Como?

Hester ajoelhou-se de frente para a porta, vigilante para o caso de a Sra. Cunningham aparecer repentinamente. Começou a ensaboar os cabelos de Gillian, cochichando-lhe enquanto fazia espuma.

Quando terminou de apresentar todo o plano lhe disse:

— A Sra. Cunningham tem uma arma.

— Oh, Deus! Você está certa disso?

— Está no bolso do suéter de malha.

— Mas não há de querer matá-la.

— Poderia matar você.

Gillian não pôde conter as lágrimas.

— Nosso plano dará certo, Gillian, não se preocupe Ninguém será ferido.

— Estou com medo, Hester; sei que farei alguma coisa realmente estúpida. Quando terei outra oportunidade? Esqueci tudo! Minha mente é uma folha em branco. . .

Quando Gillian saiu da banheira, Hester apanhou no bolso um Band-Aid redondo. Meteu a mão por dentro do robe de Gillian e, para surpresa desta, pregou o Band-Aid no alto do lado interno da coxa.

— Vou escrever tudo. Se você esquecer alguma coisa, apenas levante o Band-Aid.

Os dentes de Gillian estavam batendo. Hester começou a secar os cabelos molhados, esfregando-os até que o couro cabeludo ficasse rosado. Os cabelos de Gillian ficaram enrolados com a massagem. Ela bocejou e aos poucos foi relaxando nas mãos hábeis de Hester.

— Hester, eu não posso ficar com você, de modo algum.

— Não se preocupe agora com os problemas que teremos mais tarde.

— Tenho que ficar sozinha. Sozinha! Para o resto de minha vida. Robin me odeia, não há lugar para onde eu possa ir agora. Ele deve me odiar para fazer o que fez comigo.

Hester estava curiosa para saber coisas sobre Robin. Mas o telefone tocou no quarto de dormir e ela teve que atender. Era a Sra. Cunningham. A refeição de Gillian estava pronta e talvez ela quisesse comer na sala de estar, para mudar um pouco de ambiente. Hester disse que a levaria em seguida.

Desligou o telefone e lembrou-se de dar sumiço ao medicamento que estava na bandejinha ao lado da cama. Gillian só tomou as vitaminas.

A Sra. Cunningham poderia ter subido e conduzido ela mesma Gillian à sala; estava ficando um pouquinho preguiçosa e descuidada? Um bom sinal. Afetuosamente, Hester ajudou Gillian a vestir-se. Roupa demais nos armários, mas por enquanto teria que aceitar isso. Mais tarde, numa conversa séria, trataria do assunto.

Hester conversou futilmente sobre cinema, modas, dificuldades de uma moça que trabalha e que por fim encontra o grande amor. Gillian ouviu sem comentários, a cabeça inclinada para a frente, parecendo estar num lastimável torpor.

O resto do dia foi para Hester a mais terrível espécie de tormento. A preocupação transformara seu estômago numa pequena bomba-relógio. Era dia de folga de Kristen e havia muito trabalho. A língua estava constantemente seca, não importando a quantidade de água e café que tomasse. Os intestinos movimentavam-se freqüentemente, o que significava uma porção de idas ao banheiro. Não conseguia encontrar anotações que tinha preenchido dois dias antes. Discava números errados e mal podia escrever algumas frases do ditado. O Dr. Roth estava muito apressado e não podia ocultar sua irritação.

Mesmo com todas essas dificuldades, o tempo passou depressa. De repente, já eram quatro e meia. O relógio em frente a ela bateu as horas. Que houve às três e meia? Sua hora de lanche? Quatro e trinta e um. Hester compensava o seu pânico com uma velocidade louca. Juntou toda a

correspondência a ser expedida a várias seções; era tal a quantidade de envelopes que deu para encher dois sacos de compras. Casaco, chapéu, luvas. Arrastando os dois sacos desceu correndo a escada que levava à cozinha. Seu rosto estava vermelho, seu pulso rápido demais. Se não acontecesse agora, sabia que poderia desistir.

Gillian, cumprindo seu programa da tarde, estava sentada perto da mesa a uns poucos passos da porta, muito atenta à sua xícara de chocolate. A Sra. Cunningham e a Sra. Mayborn estavam estalando os lábios sobre alguma coisa que borbulhava numa panela no fogão.

— Aqui está o serviço de entregas — Hester disse atravessando o cômodo, não se atrevendo a olhar diretamente para Gillian. Mas pelo canto do olho viu que ela levantou a cabeça.

— Que correria! — comentou a Sra. Mayborn.

— Foi um dia infernal, Felicia.

— Sei, o patrão se zangou comigo por nada.

Hester disparou para um pequeno lance de escada — seis degraus ao todo —, até a porta dos fundos, que estava trancada com uma fechadura Medeco. A fechadura de alta segurança precisava de uma chave especial. Hester pôs no chão as sacolas, pegou o molho de chaves e abriu a porta. O ar frio fez-lhe bem. Ela se virou e pegou uma das sacolas.

Envelopes e pacotes cascatearam pelos degraus.

— Não se incomodem — ela disse acenando para Cunningham e a cozinheira. Rapidamente ela recolheu a correspondência. Gillian não tinha se mexido. Hester olhou nervosamente para ela. Gillian parecia estúpida e paralisada, como se seus nervos tivessem falhado.

"Pelo amor de Deus!", Hester pensou. "Mova-se sua burra!"

Gillian levantou-se lentamente, sem fazer barulho. Aproximou-se dos degraus com a presteza de um rato e desviou-se.

— Aqui está um que você esqueceu — ela disse.

— Oh! Obrigada, Gil. . .

Então, como uma bala, Gillian correu porta afora. Havia se lembrado de dar em Hester um empurrão bem forte, de modo que ela, ricocheteando, não tivesse que fingir um bem-calculado tranco no corpo da Sra. Cunningham, que, com todo o seu tamanho, era rápida num caso de emergência.

A Sra. Cunningham, sem fala e sem ar, ainda teve força para agarrar Hester como um brinquedo e atirá-la contra a parede mais próxima. Ela subia os degraus, mexendo no bolso do casaco de malha.

"O revólver", Hester pensou horrorizada; mas não era uma arma, era um transmissor.

— Segurança! — A Sra. Cunningham correu tanto quanto podia e se pôs perto da parede, do lado de fora. — A menina fugiu. A menina fugiu. Todas as unidades do setor oeste da 86th Street. Bloqueiem a região! Bloqueiem a região! Chefe número 1 e chefe número 2, dirijam seus binóculos para ela!

Hester estava do lado de fora quando alguém saiu correndo da casa, dando-lhe um esbarrão ao passar que quase a atirou no chão. Era Maylun Chan We. Hester não tinha idéia de onde teria vindo. Mas era a mulher mais veloz que tinha visto até então; mesmo antes que recuperasse o equilíbrio, Maylun tinha alcançado Cunningham, exausta, mas que ainda berrava no transmissor. Passou pela traseira de um caminhão de combustível estacionado em frente à abertura de um depósito, bombeando óleo para um edifício de apartamentos; ela atravessou a rua atrás de Gillian.

Havia um mundo de outras atividades em volta do Instituto Paragon. Dois sedãs de aparência comum estacionados do outro lado da abertura do depósito começaram a pôr em ação holofotes e sirenas. Mas o caminhão de óleo estava bloqueando a saída. Hester correu, para salvar a vida, em perseguição à veloz Maylun.

A hora do *rush* no tráfego da 86th Street tinha começado, e podia retardar outros carros de caça que estivessem tentando se dirigir para oeste do parque em East End, mas Hester compreendeu num instante que Gillian, mesmo rápida como era e com um avanço de vinte segundos no longo quarteirão, não poderia escapular de Maylun. Cabeças viravam, olhos acompanhavam a corrida. Quem teria pensado que a modesta médica chinesa fora antes uma profissional de corridas? Hester, correndo, travava uma batalha consigo mesma. Atrás dela sirenas pediam passagem na rua atravancada. Um carro desviou para o lado da calçada e recuou.

"Vire a esquina", Hester implorava em silêncio. Seus pulmões já estavam queimando como frango no espeto. Gillian virou-se ligeiramente

e ficou chocada quando viu Maylun quinze metros atrás dela, correndo com seguras passadas. "Continue!", Hester pedia, mas Gillian não precisava de advertência. Saltando em largas passadas como um cão de caça, ela percorreu a York Avenue e virou à direita na esquina. Alguns instantes depois a Dra. Maylun Chan We a estava seguindo.

Hester era a terceira, perdendo já as energias. Virou a esquina, hesitante, ofegante e assustada.

Gillian tinha se metido num táxi, mas Maylun tinha uma das mãos na porta e curvava-se para dentro para tirá-la do assento. Gillian afastou-se para o outro lado. Hester tentou gritar para Maylun, para perturbá-la, mas sua excessiva concentração na ação e a ventania impediam-na de perceber qualquer som nitidamente.

Então Maylun recuou, soltou a porta e voltou, enquanto o taxi sumia numa curva e desaparecia numa repentina explosão do agitado tráfego.

Maylun ficou obviamente surpresa quando viu Hester curvada num poste de iluminação, observando, e fez uma pausa.

— Idéia sua? — Maylun perguntou.

Hester espantou-se e olhou de boca aberta para a médica.

— O quê, Maylun? Por que diz isso?

— Porque há coisas que eu não posso explicar a mim mesma — declarou Maylun.

— Sei que. . .

— Sim, está bem. Você também sabe que nossas vidas correm perigo se você não calar a boca?

Hester fez um movimento.

— Quem... o que. . . não direi uma palavra.

— Ótimo — disse Maylun, e rapidamente apertou a mão de Hester, selando a conspiração um pouco antes de serem alcançadas por uma onda de grupos de segurança da MORG.

Quando ouviu Gillian vomitando no banco traseiro, Walter, motorista do táxi, o amigo de Hester, disse:

— Use o saco de papel.

Gillian pôs metade da cabeça dentro do saco e esvaziou o estômago. Walter entrou na 91st Street e aumentou a velocidade para atravessar a Park Avenue antes que o sinal fechasse. Então desarrolhou uma garrafa térmica e encheu um copinho de papel impermeável com chá quente, virando-se para trás e entregando-o a Gillian. Estava sentada muito rígida contra o forro marrom do assento, pálida e com uma estranha luminosidade; sua pele parecia néon. Ela aceitou o chá.

— Hester achou que você poderia sentir-se mal com toda a correria — Walter disse. Ele tinha precoces cabelos grisalhos, encaracolados sobre as orelhas, uma fisionomia feia e simpática como a de um anão de Disney. — Ela me contou sobre a má situação em que seu amiguinho a colocou. Posso compreender. Ouça, não se aborreça por causa do saco. Vou atirá-lo na caixa de lixo no primeiro sinal vermelho. Gosta de música? Que tal a rádio QXR?

— Ótimo.

Walter atravessou o parque, movimentando-se paciente e vagarosamente no trânsito engarrafado, o que era bom para não perturbar o estômago de Gillian. Ela tomou metade do chá quente, engolindo-o devagar. Uma sensação de frio fazia-a tremer até os ossos, o que poderia causar mais vômitos.

— Chegamos.

Gillian tinha estado totalmente distraída enquanto o carro seguia. O sol também tinha se posto; havia poucas janelas acesas no céu aberto, altos pontos brilhando na obscuridade da parte mais baixa da cidade, afastada. A sombra igualava os níveis das ruas e o ar estava cheio de partículas arenosas sopradas pelo vento. A cabeça de Gillian doía com o próprio movimento.

— Onde?

Walter indicou o cinema. Estavam na 33^r Street, perto da Lexington. Era um cinema que reprisava clássicos dos tempos áureos do cinema e que já haviam sido exibidos duas, três vezes.

— Aqui — disse ele sorrindo. Entregou-lhe um bilhete de entrada.

Gillian ficou calada, segurando-o. Não sabia o que dizer ou o que fazer.

— Adeus e boa sorte — Walter lhe disse. Parecia encerrada aquela parte. Gillian abriu a porta e saiu. O vento passava por seu corpo como se

ele fosse uma gaiola vazia.

— Não esqueça o casaco. — Walter entregou-lhe um agasalho de lã através da janela. Então pôs o carro em movimento. Junto com o casaco havia um xale cor de oliva. Gillian nunca tinha visto um antes, mas vestiu-o.

Olhava inquieta para um lado e para outro na rua. Estava em algum lugar que reconhecia. O vento atravessava o agasalho, provocava-lhe dor nos ouvidos e gelava-lhe o nariz. Então usou o xale como capuz. Começou a andar, os olhos brilhando como um luminoso. Sentia-se dominada pelos transeuntes ocasionais, estava quase se anulando sob o peso do desconhecido. Simples lembrar o que Hester dissera se fixasse a mente nesse ponto. Ela conseguiria. O chá que bebera não tinha satisfeito sua sede e a garganta ainda se ressentia dos vômitos e por estar respirando mal na ventania. "Deus, oh, Deus, meu nome é Gillian." Um homem com um bigode parecendo uma escova preta, os cabelos arranjados esquisitamente em tufo e um charuto para completar o tipo, olhava-a com uma indescritível paixão, lá do poste em frente ao cinema.

Sua entrada foi aceita na portaria. Seria ótimo se se sentasse por algum tempo; era tudo o que tinha a fazer. Uma antiga máquina de pipoca estava funcionando no corredor, e ela sentiu fome ao ver as pipocas saltarem, mas não tinha dinheiro. Prontamente pôs as mãos nos bolsos do casaco e encontrou uma nota novinha de cinco dólares em cada bolso. Hester tinha feito o milagre. Trocou uma das notas de cinco e comprou pipoca e goma de mascar para limpar os dentes depois de ter comido a pipoca. Não vendiam soda. Ela tomou um gole de água tépida da fonte; então entrou na sala escura em direção ao centro da tela defeituosa. Pandemônio. Três palhaços desvairados. Brincadeiras sibilando numa velocidade que o ouvido mal podia seguir. Chocolates. Havia talvez uma dúzia de pessoas interessadas em velhos filmes bufos no pequeno cinema. Gillian sentou-se à direita, no meio da sala, na terceira cadeira a partir da ala esquerda.

Groucho dizia:

"Agora, por aqui. Neste lugar vamos construir um hospital para um olho e um ouvido. Vai ser um lugar para olhos irritados". E continuava: "O amor voa pela porta quando o dinheiro chega diminuído".

Mas então Gillian já tinha acabado com as pipocas e continuava encolhida, meio adormecida dentro do morno casaco de lã. Esperar. Esperar que Hester produzisse mais e mais milagres. "Deus, oh, Deus, eu sou Gillian. Eu era Gillian." Era quase o fim do mundo, mas talvez não tarde demais para milagres. Caso contrário, nada mais restava fazer senão morrer... morrer.

Se ao menos ela soubesse como.

Antes de colocar os pés no escritório de Roth, Hester tinha decidido que a melhor defesa seria um berrante caso de histeria, o que imprevisivelmente o sensibilizou. Havia um jeito nos seus olhos que podia somente ter sido inspirado pela aproximação da loucura na cabeça de um homem.

— Hester, Hester, pare com isso, nós não estamos censurando você.

O Dr. Irving Roth se sentia afundado na merda. Assim se sentiam todos, de um certo modo, mas a responsabilidade última pela fuga de Gilliam era dele.

— Se tiver de responsabilizar alguém — Maylun disse sem medo —, acuse-me. Eu receitava para Gillian. Ela não poderia correr daquele modo. Isso não poderia ter acontecido.

— Ela é uma menina muito especial — Roth disse desoladamente. — Mas nós a encontraremos. Pelo amor de Deus, poderia fazer alguma coisa nesse sentido?

Maylun banhou o rosto de Hester em água gelada. O telefone na escrivaninha de Roth tocou. Os telefones tocavam em todo o Instituto Paragon. Roth pegou uma linha por acaso. Era Avery Bellaver, atendendo a um recado urgente.

— Gostaria que o senhor viesse imediatamente para cá — Roth disse.

Dentro do helicóptero da MORG que sobrevoava um vale sul do rio Hudson, empregados de Childermass ligaram o aparelho e informaram ao patrão:

— Até agora nenhum sinal da menina.

Não era uma coisa fácil de se dizer a um homem reconhecidamente terrível pela maneira com que recebia más notícias; mas Childermass, em mangas de camisa, recostado na cadeira de descanso, a mão colocada atrás da cabeça, apenas ouvia a comunicação. Olhava para a escuridão da noite onde vagava a lua silenciosa.

— Continue a busca.

— Sim, senhor.

— Resolva isso, temos de saber onde está Gillian.

— Também penso assim.

— Diga-lhes que isso me parece coisa de Chan. Nada de sutilezas. Diga-lhes que não há tempo para sutilezas num caso indecente. Que metam as tetas amarelas dela numa velha prensa de aço.

— E sobre a outra, Hester?

Childermass não gostava que lhe apresentassem alternativas.

— Olhe, estou lhe dando uma informação que vale um milhão de dólares; você está valendo menos do que um níquel. — Ele abaixou o polegar decisivamente. — Eu a vi. Não tem miolo na cabeça. Conheça seu inimigo. Sempre foi o perigo amarelo. Alguém aqui, me dê fumo.

Estava sentado languidamente, fumando seu cigarro, segurando um dedo do pé, pensando, uivando. Outros homens no helicóptero enviavam terríveis mensagens codificadas e continuavam falando pelo fone.

— Cama, dama — Childermass disse num desabafo. — Dupla chama. Estrelas estão caindo no Alabama. — Sua fronte enrugou-se profundamente. Expirou uma nuvem de fumaça pela boca. — E caindo. E caindo.

Gillian acordou no cinema, sentindo-se abafada; tinha suor acima do lábio superior. Sentia muito calor vestida com o casaco. Desfez o capuz puxando as pontas do xale e abriu o casaco pelo fecho éclair. Quando retirou o capuz, percebeu que havia alguém sentado ao seu lado.

— Quase derramou a pipoca — ele disse. — Salvei-a para você. — Entregou-lhe o saquinho. A pipoca já não lhe apetecia, mas de qualquer modo Gillian sorriu.

— Obrigada.

Na tela um vagabundo tinha se aproximado de Harpo. "Poderia me ajudar?", ele disse. "Gostaria de tomar uma xícara de café." Por causa do pedido, Harpo meteu a mão num bolso de suas calças imensas e entregou ao vagabundo uma xícara de café exageradamente quente. O jovem perto dela deu gargalhadas. Gillian, entorpecida, espantou-se, sem ter idéia de que filme estava vendo.

— Não sei quantas vezes já vi Harpo fazer tudo isso_— o jovem comentou —, mas eu sempre acho engraçado.

Gillian olhou polidamente para ele, mas ele já lhe era familiar. Havia passado a vida rodeada de jovens como ele. Conjeturando, ela poderia dizer onde ele estudava. Princeton, naturalmente; não estava usando um anel de Princeton? Mãos pousadas no valioso casaco de caxemira. Unhas tratadas e brilhando. Os cabelos tinham sido cortados de uma maneira estilizada, para dar uma boa proporção a um rosto que, embora pequeno, era anguloso. Mesmo a escolha da loção para barba era intencional. Estava tentando fazer crescer um bigode. Devia ser mais velho, mas aparentava ter dezenove anos.

— Meu nome é Bradford — ele disse.

— Gillian.

— Alô, Gillian.

Ele riu de novo quando Groucho passou calote num garçom. Gillian mexeu-se no assento duro e suspirou. Bradford olhou para ela por longo tempo. Gillian, muito devagar, foi apertando o saquinho de pipoca e mordendo o lábio inferior; então tornou a olhar para ele.

— Gostaria de ir para casa comigo agora? — ele perguntou.

Ela tremeu excitada, feliz por não ter que continuar sentada por mais tempo vendo fantasmas cujas piadas eram velhas e cujo humor era irrelevante, refletindo um tipo de vida tão remoto quanto a *chanson de geste*. Ela ainda estava inclinada a ser precavida.

— Hester enviou você?

O sorriso de Bradford foi inteiramente tranqüilizador.

— Naturalmente — ele disse.

Depois de sua provação, Hester não conseguiria voltar para casa de ônibus; foi então de táxi até a esquina do seu apartamento e fez algumas

compras necessárias para a refeição da noite. Comprou alguma coisa para a dor de cabeça e para o estômago na farmácia, apanhou um embrulho na lavanderia e suportou o terrível vento até a entrada do edifício. Até aquele momento ela ainda estava espantada e vacilante.

Já eram sete horas e estava terrivelmente preocupada com Gillian, mas ela devia estar a salvo mais algumas horas — um pouco depois da meia-noite, de acordo com o anúncio do cinema. Até lá Hester teria outras preocupações. Embora os homens da MORG tenham sido surpreendentemente gentis com ela, fazendo poucas perguntas, era provável que a tivessem seguido até a casa. E por que Maylum tinha desaparecido tão subitamente, deixando Roth para resolver tudo à sua maneira? Nunca tinha visto um homem tão abalado. Hester estava desconfiada e assustada. A MORG era agora o inimigo poderoso.

Havia um bilhete na porta de Meg Bundy. "Pinceladas hoje à noite. Dá-nos uma mãozinha?" Hester sentiu-se terrivelmente mal. Tinha recusado os convites com tanta frequência ultimamente que eles pensariam que estava se retraindo. Enquanto abria a porta tentou achar uma desculpa razoável. "Impossível esta noite, estou protegendo uma fugitiva. Mas, de qualquer modo, obrigada."

Hester abriu a porta uma polegada e manteve-a aberta com um pé, a cabeça baixa e os braços cheios de embrulhos. Entrou no apartamento, encontrando o interruptor na parede perto da porta com a mão livre. Uma luz estava acesa perto do sofá na sala de estar. A porta bateu com força.

Hester virou-se e quase morreu de susto; mantimentos e roupas espalharam-se pelo chão.

Peter Sandza estava no meio da sala de estar, segurando um cartaz escrito a mão com o batom dela:

"Não fale", dizia o cartaz. "Eles estão escutando!"

Dezessete

Peter não podia permitir que ela dissesse uma palavra, mas segurava-a amorosamente, tapando-lhe a boca com uma das mãos para evitar que ela chorasse alto. Então, com o controle remoto, ligou a televisão. Desabotoou-lhe o casaco, abriu-lhe o fecho éclair da blusa, tirou-lhe as calças de baixo que iam até o cano das botas. Hester nunca tinha sido despida tão urgentemente em sua vida. Foi uma divertida violação. Ela se entregara tanto no tapete felpudo quanto no chão do corredor; depois, não pôde mais se lembrar onde.

Não havia mais dor de cabeça, nem estômago embrulhado, nem nervosismo. Hester tinha tido sua compensação. Trocaram carinhos eróticos. Através da força dele, Hester sentia uma abrasadora vitalidade. Hester prendeu o rosto de Peter entre suas mãos, a ponta da língua tocando-lhe a ponta do nariz, as pálpebras salgadas.

- Você está queimado. Onde esteve?
- Flórida.
- Oh, Flórida. E que esteve fazendo por lá?
- Pescando a maior parte do tempo.
- Pescando! Bem, bem. Teve sorte?
- Apanhei-os aos montes.
- Imagino que não lhe tenha ocorrido que enquanto você esteve lá pescando eu estava aqui me desesperando toda noite às sete em ponto.
- Hester, perdão.

— Perdão não vale. Hum. . . Oh! Está bem, não vou ficar mais zangada. Querido, você vai voltar de novo?

— Só com uma pequena ajuda. . .

— Ajuda como esta? Primeiro descascamos a maçã, então tiramos-lhe a semente. Deus. Querido, querido, querido.

Enquanto descansava, Peter contou-lhe como foi sua difícil fuga do hospital e a perseguição mortal.

— Quase fiquei no fundo do rio, Hester. Bati com a cabeça em alguma coisa enquanto nadava sob a água. Perdi meu escudo. A corrente carregou-me pelo menos uma milha abaixo do ponto em que pretendia alcançar a margem. Fiquei tempo demais no rio. A temperatura do meu corpo estava caindo rapidamente; mais um minuto naquela água gelada e não conseguiria fazer o que pretendia, mesmo que ainda fosse capaz de pensar. Graças a Deus era véspera de Ano Novo. Alguns motoristas de carros-reboques estavam numa festa num terreno particular e deixaram seus pertences à beira do rio. Escondi-me num beliche atrás de um dos carros, enrolei-me em cobertores e fui comendo cubos de açúcar de uma caixa que encontrei. Precisava de combustível; perder seis graus do calor do corpo pode ser fatal.

"Acordei de madrugada numa parada do carro-reboque em algum lugar ao sul de Wilmington, Delaware. Não podia ainda pensar com clareza. Tomei algumas roupas emprestadas e abandonei o carro-reboque. Estava doente e sabia que precisava de ajuda. Washington seria mais difícil do que Nova York. Tive muita sorte, pois encontrei um velho amigo, Nick O'Hanna. Estivemos juntos na Marinha. Contei tudo a Nick. Levou-me ao médico e então mandou-me de avião para o sul, para um lugar de que não sei bem o nome. Suei a camisa; tive um período duro. Nick trouxe-me de volta para Washington; esta tarde peguei um vôo comercial para o aeroporto de Westchester e tomei um carro direto para cá. Nicke seu companheiro, um homem chamado Todfield, estão procurando um meio pelo qual eu possa recuperar Robin. Até agora nada."

Hester sentou-se e pediu-lhe silêncio tapando-lhe a boca.

— Quero falar com você a esse respeito. Mas, primeiro, por que não tiramos nossas roupas e realmente nos amamos?

Peter sorriu, mas abanou a cabeça firmemente. Hester fez uma cara que o acusava de ter perdido a energia depressa demais, mas, de qualquer modo, não se despiu, pois estava suada e pegajosa.

— Para trás — ela disse.

No banheiro, preso no espelho, havia um outro cartaz de Peter. Hester tremeu à idéia de que seu apartamento estivesse cheio de pequenos microfones da MORG e ficou de boca fechada quanto se lavava. Vestiu um conjunto felpudo, perfumou o pescoço com um extrato sedutor e então, porque se sentia bem, colocou uns brincos rococó trabalhados em prata mexicana e com grandes opalas; era um presente de agradecimento de Bundy pela ajuda da pintura do apartamento.

Na sala de estar, ela deitou a cabeça no colo de Peter puderam conversar, protegidos pelos sons da TV.

— Quantos microfones você encontrou aqui?

— Seis.

— Seis! Como você sabia onde encontrá-los? Gostaria de saber como procurá-los.

— Os lugares de colocação são simplesmente de rotina Usei um sistema de detetor chamado "Saber". Encontrei-os em vinte minutos.

— Você não poderia retirá-los das paredes?

— Eu podia também ficar nu na janela com um abajur na cabeça.

— Oh! lá, lá! Sei o que quer dizer. Está certo de que não se esqueceu de nenhum?

— Inteiramente certo.

Hester olhou em volta com aversão. — Como os sujeitos teriam entrado aqui? Tenho umas fechaduras infernais. . .

— E eles têm as pessoas que fazem as fechaduras para pessoas como você.

— Hum! Não posso continuar aqui. Foram intrometidos demais. Comigo! De qualquer modo eu não me sinto mais como uma pessoa. Roubaram-me a cidadania. Eles podem alcançar o que pretendem, não importa quando. Eles me ouviram mascar, gargarejar, defecar e urinar quando eu estava triste e só e. . . e. . . eles fizeram buracos na minha parede! Ficavam me espionando!

— Quase — Peter disse calmamente, com a mão no braço dela.

— Quanto tempo você pensa que eu fui espionada?

— Pelo menos duas semanas. Algumas das instalações, o telefone, por exemplo, devem ter sido feitas quando você saía para trabalhar no Instituto Paragon.

— É isso porque você esteve afastado daqui.

— Uma das razões.

— De onde eles estarão ouvindo?

— De algum lugar no quarteirão.

— Neste edifício?

— Seria conveniente para eles.

A respiração de Hester sibilou entre os dentes. Curvou os ombros com ar preocupado.

— Bem, as coisas estão realmente complicadas. Eu a peguei, mas agora não sei o que fazer com ela.

— Pegou quem, Hester?

Ela olhou orgulhosamente para ele. —

— Gillian Bellaver — disse.

Bradford morava uns poucos blocos adiante do cinema, num conjugado entre o parque e a 38th Street. O último nome de Bradford era Whitlock. Havia uma porção de Whitlock pela vizinhança e todos tinham muito dinheiro. Ele não perguntou, então Gillian não lhe disse que era uma Bellaver. Contudo, ele estava curioso por saber que escola freqüentava.

— Bordendale — Gillian lhe disse.

Bradford pareceu surpreso e nervoso:

— Pensei que fosse mais velha. — Seu sorriso revelou a linha das gengivas. — Você parecia ter mais idade — ele disse.

Pararam em frente ao edifício e Bradford perguntou-lhe se queria comer alguma coisa. Ele elogiou o restaurante à luz de velas da esquina. Gillian não sentia fome, mas estava com frio.

— Não — ela disse —, continuemos.

O sorriso de Bradford era forçado. Os olhos azuis tinham um jeito um pouco artificial, mas Gillian não pensou se ele seria importante em alguma coisa; algumas pessoas realmente tinham olhos de boneca. Agradáveis como se fossem de uma mocinha. Bradford segurou-a

desajeitadamente pelo ombro e seguiram. O porteiro foi gentil e o ascensorista estava encantado com a presença de Bradford. Tratou-o por senhor cinco vezes no percurso para o apartamento de cobertura.

A porta foi aberta por um homem enorme de cabelos brancos e uma enorme quantidade de manchas escuras no rosto idoso. Usava calças cinzentas com vincos acentuados, uma camisa branca e um colete com desenhos e um friso de um azul discreto. Falava mansamente e nem uma vez olhou diretamente para Gillian. Até parecia lastimar o fato da presença dela.

— Boa noite, senhor.

— Boa noite, Elias.

Tiraram os agasalhos e entregaram-nos a Elias. Havia uns desenhos colocados na entrada do vestíbulo que pareciam ser de velhos mestres e um grande quadro a óleo do século XV que mostrava um rei posando num balcão, agasalhado demais para um homem adulto. A mobília era francesa, tudo pelo menos com mais de duzentos anos, com aparência de alta qualidade.

— Posso servir-lhe alguma coisa para comer?

— Acho que não. É muito tarde.

Elias curvou-se uma fração de polegada e saiu artriticamente, arrastando um pouco os pés. Bradford segurou novamente Gillian pelo ombro e escoltou-a pela sala de estar. Mais mobília antiga. Duas lâmpadas estavam colocadas em cantos opostos. Adiante do terraço a vista era dominada pelas luzes do United Nations Plaza e pelo rio.

— Você mora aqui por conta própria? — Gillian perguntou.

— Sim. — Bradford estava ocupado em apertar os botões do sistema de controle de luzes instalado numa mesa de jogo, iluminando grande quantidade de velhas pinturas e desenhos nas paredes. Ele chamava a atenção dela para um outro.

— Aqui está o meu favorito; um Giordano. É um quadro pequeno. Ele lembra você, Gillian.

Gillian examinou o desenho atentamente; não percebeu qualquer semelhança. Ainda não podia conceber, de nenhum modo, certas coisas. Colocado num canto, em destaque, havia um velho espelho para o qual ela olhou esperançosamente, mas estava muito afastado para que pudesse se ver nele.

Bradford abaixou as luzes ao máximo e juntou-se a ela. Pôs uma das mãos levemente no ombro dela. Gillian olhou dentro dos olhos de boneca.

— Há quanto tempo conhece Hester?

— Oh! Há dois anos.

— Ela virá logo?

— Não se preocupe. Que tal alguma coisa para beber?

— Não, não bebo.

— Eu também não. Vinho com uns biscoitos. Você não poderia chamar a isso beber. É vegetariana?

— Não.

— Somos dois. Oh, de vez em quando eu tenho uma união apenas. . .

— Gostaria de usar o banheiro — Gillian disse.

— Naturalmente.

Ele a conduziu através do quarto, monástico em sua simplicidade — único lustre pendurado, correntes e metal em artesanato rústico, uma cama baixa e espaçosa com uma pesada estrutura, vigas pintadas de escuro. O chão era forrado de vermelho, um vermelho flamejante. Paredes brancas. O banheiro era convencional e apresentava alguma cor — vidros coloridos, madeira trabalhada cor de canela. Gillian trancou a porta e olhou-se no espelho, o que a fez ficar com os olhos cheios de lágrimas. Um reostato controlava a iluminação em volta do espelho e ela a manteve baixa. O banheiro cheirava a loção de barba.

Gillian sabia que tinha cometido um erro. Bradford não era amigo de Hester. Ele mentira para ela. Que queria então? O que mais seria? Gillian engoliu em seco e ficou agitada. Abriu a torneira para umedecer as faces e acalmar-se. Sentiu uma cólica como se fosse menstrual; isso a fez sentir-se um trapo. Desabotoou as calças e sentou-se acorada no vaso, a cabeça nas mãos. Forçou os intestinos, moveu-se e sentiu uma saliência. O movimento se fez com dificuldade e doeu. Provavelmente por estupidez tinha esquecido as recomendações de Hester. O que faria agora?

Seus dedos tocaram o arredondado do Band-Aid perto da virilha e alguma coisa estalou em sua memória. Arrancou o plástico da pele macia e ficou com ele na mão. Hester o tinha colocado ali para o caso de se perder ou haver alguma falha durante a fuga. Precavida Hester. Havia uma porção de folhas. Gillian retirou a gaze presa no plástico. Um recado embaixo do enchimento, em letras pequeninas. Gillian teve que acender as

luzes outra vez. Não havia nada mais que um endereço da 36th Street West. Apartamento de Hester? Gillian pôs o enchimento no lugar e colocou o Band-Aid num lugar mais conveniente, na parte de dentro da blusa. Sabia que poderia esquecer-se novamente, embora sua mente estivesse mais clara agora do que horas antes.

Quando deixou o banheiro, abotoando a calça, encontrou Bradford. Ele tinha tirado a roupa e estava curvado, a parte traseira voltada para ela, segurando os tornozelos. Ele tinha deixado à vista na cama um sortimento de instrumentos flagelantes.

— Maltrate-me, Gillian — ele arquejou.

Gillian ficou espantada, mas não atemorizada. Não era exatamente uma violação. Ela olhou para o traseiro levantado e para o rosto dele, que estava vermelho.

— Você me mentiu sobre Hester.

— Tive que fazer isso. De outro modo você não viria aqui. Você pode começar agora mesmo. Maltrate-me. Faça-me gritar.

As nádegas dele eram uma coisa horrível. Escoriações e feridas da cor de minhocas. Gillian afastou o olhar.

— Deixe-me ir — ela disse. — Tenho de encontrar Hester.

— A porta está trancada. Você tem que me surrar para conseguir a chave!

— Vou gritar. Eu juro. Elias vai ouvir-me.

— Ele já ouviu o seu tipo de gritos antes. Eu quero aquele chicote preto cheio de nós pequenos. Apanhe-o para mim, Gillian. Use toda a sua força, fira-me.

Seu aparelho genital era pouco desenvolvido, inteiramente infantil; sem pêlos, o escroto vazio como um balão murcho. Seu pênis meio levantado era atrofiado. Bradford nunca o teria maior. Vivia luxuriosamente no inferno. Pela primeira vez, desde aquela manhã, Gillian pensou em Robin, como ela o vira pela última vez, na cama com a sua puta. Tentando escarnecer dela. Mas vivia num inferno! Ela teve pena dele e compreendeu naquele momento que ele nunca se desenvolveria também; Robin estava condenado. Um clarão interior que foi pior do que um golpe; ela não imaginava como isso a tinha deixado.

Gillian aproximou-se de Bradford e ficou olhando calmamente para ele. Ele estava embaciado pela transpiração. Tremia da cabeça aos pés.

— Faça o que pedi.

— Levante-se, Bradford — Gillian disse. Como ele não lhe obedeceu, ela o puxou pelos cabelos. Ele se agitou, ansioso. Gillian olhou para ele fixamente dentro dos olhos fugidios, agora brilhantes no rosto suado.

— É o fim do mundo, Bradford? Que é que você pensa?

— Você está metida com alguma dessas religiões loucas?

— Não — Gillian disse, e beijou-o suavemente no rosto. Bradford recuou, afastando-se em grande confusão e espanto.

— Não gosto de ser beijado — ele disse. — E não olhe para mim. Apenas me surre da maneira que lhe expliquei. Ele cobriu com a mão seu minguido equipamento sexual, parecendo uma ninfa esvoaçante de uma das velhas pinturas que enchiam os cômodos.

— Não posso fazer isso — Gillian explicou. — Desculpe-me, mas você está em tal embaraço. . . Eu também estou metida num outro tipo de complicação. Mas a diferença é que... a diferença é... que não posso explicar. Tenho alguma coisa a fazer. Se você destrancasse a porta, eu realmente desejaria ir embora agora.

Bradford começou a chorar desesperadamente, mas Gillian não soube como falar com ele; as lágrimas eram piores do que seus terríveis ferimentos. Ela o surpreendeu correndo para o banheiro e batendo a porta com força.

Depois de andar pelo austero quarto algumas vezes, ela decidiu forçar a porta. Na realidade, não estava trancada. Bradford tinha dito outra mentira. Gillian olhou com pena para a porta do banheiro e depois atravessou o sossegado apartamento. Elias devia estar em outro lugar. Ela encontrou o casaco e vestiu-o. Seus passos ecoaram no vestíbulo. Três minutos mais tarde estava na rua, andando tristemente em direção ao rio.

Mesmo antes que tivessem deixado o pequeno restaurante exótico na First Avenue, Miles Bundy sabia que teria uma noite terrível. Fez tudo que pôde para evitar o arrote enquanto apertava a mão do proprietário à saída, mas o mal-estar se notava em sua expressão. Meg fingia que mordida uma unha para não cair na risada.

Já, na rua ele deixou escapar um profundo arrote, não importando quantas janelas quebrasse.

— Oh! Meu Deus. . . — disse Meg. — Não aponte essa coisa para o meu lado.

— Ninguém conhece muito bem esses encantadores recantos.

— Você insistiu em comer um prato húngaro, eu o preveni.

— Eu me dou bem com a comida húngara. Quando ela é boa. Esses dois devem ser egípcios. Vindos diretamente do acampamento. Devem ter metido de tudo naquela única panela. Cabelo, pele humana, couro cru e tudo. — Miles estava amargamente incrédulo. — É o que parece. Sinto-me como se tivesse comido um escalpo.

— Contudo, gostei do violino soluçante.

— E o violinista?

Meg balançou a cabeça sonhadoramente.

— Ele é a espécie que gostaria de ter em casa comigo por algumas horas. Acorrentado.

— Está criando uma razoável barriga. Usa graxa de sapato no cabelo.

— Tem olhos de pecador arrependido. Não pude agüentar quando notei que você achou encantadora a mulher que nos servia. Você acredita que eram realmente marcas de dentes o que tinha no busto?

— Mordida antiga, como numa maçã envenenada. Temos algum ente misterioso em casa?

— Um marciano — Meg respondeu.

— O quê?

— Todos os húngaros se imaginam descendentes de uma tribo perdida de marcianos que vieram para colonizar a Terra. É porque sua língua não tem nada em comum com as outras línguas européias. — Miles estava olhando espantado para ela. — O húngaro é muito difícil de aprender. E, quanto à personalidade, é uma espécie à parte. Eles têm qualidades extraterrenas, espaciais. Um mundo de mistério se oculta por trás de seu sorriso.

— Arre. Deus me livre!

Andaram silenciosamente o resto do caminho para casa. Meg abriu a porta com a chave, entraram no edifício e seguiram escadas acima.

— Não estamos em tempo de pegar o último *show* da noite? — Miles perguntou.

— Quinta-feira? Hum. .. Canal 9, às onze.

— Aquele em que trabalhamos com Cyd, Frank e Ann Miller? *Texas vermelho*?

— Um número de *Billy the Kid* — Meg disse. — Terrível. Não vou esperar para vê-lo de novo.

A televisão de Hester estava ligada num programa banal, claramente audível do corredor. Meg deu uma olhadela quando passaram pela porta.

— Hester pegou nosso recado.

— Era Gene e não Frank — disse Miles. — E não era Ann Miller, era Betty Garrett.

— Sabe que você está certo? Betty Garrett. Nós sumimos exatamente umas duas semanas antes que Larry fosse agarrado. Sempre confundo esse filme com *Feriado em San Antônio*.

— O balé *Queda do Álamo*.

— O único dos grandes em todos os tempos. . .

— Academia! — Miles disse, curvando-se graciosamente e batendo os calcanhares, ainda ágil como um menino.

Então ele expeliu gases. Meg apertou o nariz, entrou no apartamento e acendeu as luzes.

Toda a pintura tinha sido completada e toda a mobília estava no lugar.

— Você disse "ente misterioso"? — perguntou Meg, indo para a cozinha.

— E um copo de leite para lavar. — Miles jogou o casaco no sofá sem forro, sentou-se numa cadeira de couro, colocada no seu canto favorito, e trocou as botas pelos chinelos.

— *Feriado em San Antonio* — ele disse. — Eu não escorreguei numa superfície úmida e me machuquei?

Meg estava ocupada e não respondeu. Miles levantou-se e abriu um armário com portas trabalhosamente esculpidas. Dentro havia gavetas também com fechaduras. Ele puxou duas gavetas fundas. Uma continha um volumoso receptor UHF, a outra um toca-fitas. Um olhar lhe garantiu

que nada havia sido mexido em sua ausência. Ligou o rádio, uma relíquia dos anos 50, e de uma outra gaveta retirou dois pares de fones.

— Não creio que você se lembre do nome daquele comissário, ladrão sem-vergonha, que se fez de empresário no *show* ao ar livre.

Meg voltou para a sala de estar com uma bandeja de prata. Leite para ele e chá com limão para ela. Ela pôs a bandeja numa mesa baixa com revestimento de cobre. Uma réplica do calendário asteca estava desenhado no cobre.

— Era Lawrence Keats?

— Lawrence Keats! Sim. Conseguimos agarrá-lo, não foi?

Meg disse afetuosamente:

— Conseguimos segurar uma porção deles, querido.

Miles conseguiu a frequência que desejava. Uma luz vermelha brilhou. Descuidadamente, pôs o volume alto demais e tentou o número 3 — música *rock* que quase estourou seus tímpanos. Arrancou os fones.

— Ouououou, Jesus, o que é isso?

— Assustou-se?

— Não, quero dizer. . . ela deve estar com um amplificador de som ligado na sala e outro no quarto. . . uma festa? Daria uma festa sem nos convidar?

— Não. Experimente o banheiro — Meg sugeriu, oferecendo-lhe mais leite. Bebeu todo o leite e voltou para o trabalho, ajustando cuidadosamente todos os botões.

— Água gotejando — ele disse. — Realmente, ela precisa chamar um bombeiro. — Aborrecido, ele imitou Ronald Coleman para Meg. — Hester, minha querida, onde está você? Você não pode estar dormindo com todo esse barulho. — Voltou a falar com sua própria voz e suspirou. — Hester está impossível esta noite.

— Deve estar se sentindo sozinha.

— Pode ser. Bem. . . para a cozinha. — Miles apertou outro botão. Apareceu um som inidentificável no fone. Miles franziu as sobrancelhas e segurou os fones de modo que Meg pudesse ouvir também.

— Deve ser interferência de um rádio FM — Meg sugeriu.

— E pode ser que nosso equipamento de guerra esteja inteiramente estragado, o desgraçado — ele resmungou. — Eu quero dizer que esses

trastes são velhos demais. Minha idéia é simplesmente essa, não que eu aprecie aparelhos sofisticados.

— Sempre funcionou.

— Poderíamos usar um retrator térmico e um inalador da respiração humana, apenas em aberturas.

— Provavelmente haverá muito ruído de maquinismos em volta.

— E nosso primeiro cuidado é silêncio. Bastante silêncio é a prioridade.

— Bem, a MORG nos quis de volta. Há alguma coisa. — Ela pôs os braços em volta dele e encostou o rosto no ombro do marido.

— Há alguma coisa que ainda me põe a pensar.

— Já sei...

— Depois que fizemos tudo para a indústria. . . correndo atrás dos danados dos vermelhos e grupos simpatizantes. . .

— Sei. Sei. . .

— O Duque não quis estender a mão para mim. Fui a ele pedir um auxílio e apresentar-me. . . "Sr. Wayne. . . ", eu disse, "sou Miles Bundy e penso que temos uma porção de coisas em comum." Não estava esperando mais do que um "Ótimo, companheiro". Diabo, ele odiava os simpatizantes tanto quanto eu! Mas o diabo do sujeito me abandonou. Desprezou-me.

Meg aninhou a cabeça no ombro dele.

— Miles, preste atenção. Há barulho demais. Sabe o que penso?

— Barulho estratégico. Estava pensando a mesma coisa. Não imagino o que possa ser. Por que não procuramos saber se Hester está usando nosso pequeno presente?

Miles tentou uma freqüência diferente e de repente ambos puderam ouvir Hester muito claramente.

— Mais cedo ou mais tarde — Peter disse — Maylun vai falar. Então se considere desempregada. Você terá que ir com Gillian e comigo.

— É melhor irmos indo. — Hester espetou mais dois pedaços de frango passado na farinha de trigo e jogou-os na frigideira. A gordura fritava barulhentemente, um outro elemento satisfatório para despistar os sons para o microfone colocado logo abaixo de uma tomada quase

encostada ao chão da cozinha. Ela colocou uma mistura de temperos na fritura e prendeu um transistor mal sintonizado, próprio para produzir estática, a pouca distância do receptor. Falavam em tom normal, confiando que mesmo o melhor e mais aperfeiçoado equipamento não poderia captar suas vozes com todo aquele ruído.

Peter já tinha comido quase meio frango e estava chupando os ossos do último pedaço. Hester estava satisfeita com seu bom apetite.

— Quando esteve aqui pela última vez, você comeu alguma coisa?

— Não me lembro. — Peter franziu a testa, largou os ossos e foi sentar-se na cadeira, olhando fixamente para a parede. — Não me lembro — repetiu, como se o lapso o tivesse aborrecido.

— Ei! Não me apresse agora. Esta parte ficará pronta num minuto. — Hester olhou para o relógio. — Acha que terei tempo de embrulhar algumas coisas?

— Já perdemos tempo demais — disse Peter.

— São só oito horas e cinco minutos.

— Posso dizer-lhe o que está acontecendo agora a Maylun?

Hester ficou fria.

— Não. Não. Não diga. Não agüento passar mais uma noite sem dormir. Vamos no nosso carro?

— Não, muito vulnerável. O'Hanna arranhou-me condução. Tenho um bom carro na 47th Street, bem perto da Third Street. Um Cougar azul-escuro, modelo deste ano. Vamos sair daqui separadamente. Tenho que verificar para você meios de não deixar pista. Vou lhe dar o número do telefone que você deve chamar depois que tiver dado algumas voltas. Estou satisfeito. Vou vigiar enquanto você tira o carro. Então nos encontraremos onde deve estar Gillian.

— Peter, ela sabe onde encontrar Robin. Ela deve saber. Acho que aqueles mapas astrológicos que vi no escritório de Roth pertenciam a Robin e Gillian. De outro modo, por que ele faria tanto mistério sobre eles? Se nasceram quase ao mesmo tempo, quase no mesmo segundo, então é possível que eles sejam como gêmeos, sabe? Gêmeos, astrológica e psiquicamente.

Peter sorriu tristemente.

— Não ponho muita fé em astrologia.

— Eu também era assim; agora estou convencida de que Gillian está ligada a ele. E ela nos levará diretamente a ele.

O óleo no fogão estava fazendo fumaça. Hester apagou o fogo e ligou o exaustor. Jogou fora os restos de fritura e frango torrado. Seu estômago estava vazio e tinha a boca seca. Sentou-se em frente a Peter para comer.

Meg despejou uma meia xícara de chá aquecido sobre uma fatia de limão e sentou-se no braço do sofá, olhando para o marido através da sala.

— Temos carta branca nesse assunto — ela disse.

— Nunca esperaríamos que lhes entregássemos o peixe.

— Se não usufruirmos agora algumas vantagens, então nunca mais as teremos.

Miles brincava com os fones no colo e não disse nada.

— Em nosso tipo de trabalho, mesmo um degrau inferior, de qualquer modo, é um degrau para conseguir o esquecimento. — Ambos pensaram sobre isso. Meg bebia o chá em pequenos goles.

— Não estou preparada para a autodestruição, meu bem — ela disse suavemente.

Miles olhou para cima.

— Estou somente um pouco triste por causa de Hester.

Meg balançou a cabeça, mas estava de acordo com o marido e não sorriu.

— Sim. É isso. Mas não poderíamos chamar Hester de inocente, não é?

Meg colocou a xícara de chá de lado e levantou o fone. Segurou-o sem discar. Trinta e três anos juntos. Ela gostava que a palavra final fosse de Miles. Uma das cortesias que mantiveram o casamento sólido.

Repentinamente Hester retirou os brincos de prata e opala.

— Não estou acostumada a usar essas coisas — ela disse. — Cada um pesa uma tonelada. — Ela os pôs na palma da mão para olhá-los.

— Bonitos — Peter comentou, com o pensamento em outra coisa.

— Foram os Bundy que me deram. — Ela esperava que isso o impressionasse. — Meg e Miles Bundy. Eles tomaram parte em todos os

musicais dos anos 40 e 50. Dei-lhes uma mãozinha quando estavam se mudando lá para cima; então, depois de alguns dias, me presentearam.

O fone tocou na parede atrás de Hester.

Ela olhou direto para Peter, que disse:

— Acho que pode atender. — Hester pôs os brincos na mesa, curvou-se e apanhou o fone.

— Alô. Oh, oi! Estava pen. . . pensando exatamente em você. Não. Não. Ouça, queria lhe falar sobre a pintura. Estou perdoada? Oh! Oh! Está? Sério? Que está fazendo com ele? Hum. . . bem, é melhor que ele esteja assim. Sim. Sim. Você está com sorte, não o joguei fora, está ainda no quarto. O jornal inteiro ou só a parte de palavras cruzadas? Não, não precisa se preocupar, Meg. . . bem, está certo.

Hester perdeu o sorriso.

— Era Meg Miles, está aborrecida com um resfriado e quer as palavras cruzadas do *Times* de domingo. . .

— Está descendo?

— Exatamente na porta. Vou livrar-me dela depressinha.

Hester empurrou a porta de mola da cozinha antes que Peter pensasse em perguntar quando eles haviam se mudado.

— Mudaram-se há três semanas. E queria que visse como transformaram o apartamento deles.

— Ótimo — Peter murmurou quando bateram na porta em frente a ele.

Hester desligou o som da TV na sala de estar. Notou o revólver Colt Python de Peter num canto da mesa do café; tinha-o posto ali depois que retirara o cinto quando se amavam. Agarrou a arma e levou-a para o quarto. Escondeu-a na bolsa que estava aos pés da cama. Desligou o aparelho. O súbito silêncio foi uma bênção. Folheou as páginas do *Times* do último domingo.

Peter, as mãos enlaçadas atrás da cabeça, olhava fixamente para a instalação da luz de onde estava pendurado o rádio transistor. Então olhou para o telefone na parede. Qualquer coisa surgiu em sua mente, incomodando-o. "Ora, relaxe " Outra vez sentiu a mesma coisa. Os brincos na mesa chamaram-lhe a atenção.

A campainha da porta da frente tocou.

Carregando o suplemento do *Times*, Hester deixou o quarto. Parou para fechar a porta atrás de si e olhou para a sala de estar.

O tapete aveludado estava bem assentado onde eles tinham se deitado, mas quem mais iria saber disso? Apressou-se para ir ao encontro de Meg.

Peter pegou os brincos, um em cada mão. Pesou-os. Talvez houvesse uma diferença de peso, mas não estava certo. Largou os brincos, pegou um saleiro com fundo bem espesso e jogou-o com força sobre os brincos. Uma das "opalas" partiu-se em doze pedaços. Pegou pedaço por pedaço e encontrou um rádio pequenino, conhecido no comércio como "cubo de açúcar", e uma subminiatura de microfone de vigilância, suficientemente pequeno para ser colocado na cavidade de um dente. O cubo de açúcar tinha suficiente energia para irradiar as vozes deles a mais de dois metros de distância. Ele pulou rapidamente da cadeira.

— Hester! Não!

Enquanto Peter gritava, Hester abriu a porta da frente. Apenas deu uma olhadela em Meg, de pé do lado de fora. Alarmada ao ouvir a voz de Peter, Hester virou a cabeça em direção à cozinha.

O tiro do revólver silencioso na mão de Meg atingiu a cabeça de Hester, saindo a quatro centímetros acima do olho esquerdo. A bala espalhou a maior parte dos miolos e quebrou o pescoço; o impacto atirou-a atravessada no corredor que levava à sala. Miles avançou, segurando uma serra com as mãos enluvadas, e arrebentou a corrente da porta. Meg abriu a porta com um empurrão e entraram rapidamente, pulando agilmente por cima do corpo retorcido de Hester. A porta da frente se fechou fazendo barulho. Miles também tinha um revólver na mão. Dirigiram-se para a porta da cozinha. Tudo — o ponta-pé, a entrada forçada, a parada — estava lindamente coreografado. Gastaram dois segundos.

— Peter! — Meg chamou.

— Peter, acabou-se — disse Miles. — Conhecemos a disposição da cozinha. Não há outra porta nem lugar para esconder-se. Se está armado, não tenha esperança de que possa atingir-nos. Atiraremos através da porta se formos obrigados a isso.

Passaram-se os segundos como se fossem a pressão de um instrumento de tortura. Meg e Miles eram muito disciplinados para perderem tempo olhando um para o outro. Mesmo uma distração momentânea poderia ser fatal para eles. Eles esperavam, tensos mas confiantes.

Um som abafado, indecifrável do lado de dentro da cozinha.

— Não responde, Peter?

— He... Hester?

Meg disse calmamente:

— Hester foi-se, Peter.

Uma outra pausa e então o ouviram soluçando:

— Oh, Deus, oh, Deus, estou tão cansado, não agüento mais. Não posso...

Meg não pôde conter-se, teve que olhar para Miles. Ele estava tão surpreso quanto ela.

Peter caiu imediatamente numa crise de histeria.

— Nós compreendemos, Peter — disse Miles, tentando conter-se. — Agora simplesmente você precisa nos deixar passar. Quanto mais depressa melhor.

— Não quero morrer! — Peter lamentava.

— Não atiraremos. Você tem nossa palavra de honra.

Eles o ouviam se arrastando e fungando lá dentro. Uma cadeira caiu no chão.

— Saia, Peter. Mãos onde possamos vê-las.

A porta de mola ficou um pouquinho aberta. Peter firmava as costas contra ela. Observava atentamente Miles pela fenda. Lágrimas corriam-lhe pelas faces. Meg moveu-se um passo para a esquerda de modo que a porta não a atrapalhasse quando Peter saísse. Miles acenou quase imperceptivelmente para ela. Dos dois, ela era a perita atiradora. Ela devia estar a apenas dois metros e meio de Peter. Poderia atirar na cabeça e pôr fim à sua fascinante vida num efusivo milésimo de segundo.

Miles sentiu cheiro de frango frito e de gordura quente; seu estômago cheio de gás começou a fazer ruídos.

— Não atirem! — Peter implorou-lhes. — Eu. eu estou innndo!

Enquanto gritava, abriu a porta inteiramente, segurando uma panela tirada do fogão à altura da cabeça; luvas isolantes protegiam-lhe as mãos. Meg fez pontaria para a panela de cobre um instante antes de ela e Miles serem atingidos com uns quatro litros de gordura fervendo.

Miles pegou o pior, diretamente no rosto, mas Meg ficou suficientemente salpicada para ter encoberto seu campo de visão. Seu segundo tiro foi uma falha evidente; Peter saiu aos saltos e golpeou-a na face esquerda com a panela. Miles, rolando no tapete, dava horríveis berros como os de porcos no chiqueiro; os olhos saltavam-lhe das órbitas devido ao calor das pálpebras enrugadas pela queimadura; metade da cabeça tinha sido queimada até os ossos.

Peter arrancou o revólver da mão de Meg, passou por cima de Miles, ainda fumegante, e ajoelhou-se ao lado de Hester. Ela estava quase irreconhecível. O rosto de Peter contraiu-se numa horrível careta, os dentes à mostra. Ele se levantou e ligou a TV, para abafar os gritos de Miles.

— Piedade! Piedade! — Miles gritava, arqueando-se cada vez mais em sua agonia.

Peter fez pontaria e deu-lhe dois tiros na cabeça. Então voltou-se para Meg. Ela ainda estava consciente; a boca estava aberta, pendurada, e os olhos tinham afundado. Os dedos mexiam-se penosamente no tapete. Tinha bolhas em toda a extensão do corpo magro. À esquerda, o osso do maxilar estava arreventado e o nariz estava inteiramente deslocado. Peter atirou nela também.

Por uns instantes, depois que baixou a arma, Peter ficou olhando para Meg, quando sentiu uma bolha no rosto, no lugar onde fora queimado por uma gota de gordura. O ar que respirava estava insuportável. Precisaria ter um estômago mais forte para suportar aquilo. Virou-se e vomitou.

Quando olhou para cima, alguém estava lá.

Gillian estava de pé, do lado de dentro da porta, mantendo-a aberta atrás dela. Estava olhando para os restos deformados de Hester, angustiada, a face mostrando sinais de que ia descontrolar-se. Peter esfregou a boca com uma das mãos. Com esse gesto Gillian se desorientou, mas continuou de pé, dura como um pau, mãos atrás das costas como se disfarçasse a surpresa. Olhou para ele através daquela névoa azulada e de cheiro horrível.

Uma risada louca na TV. As pálpebras de Gillian batiam. Ela se viu de repente numa tumba infernal.

— Bati na porta — ela disse.

— Gillian.

— Eu bati, mas. . .

Ela deslizou pela porta depressa, mas sem pânico, e se foi.

Peter deixou cair o revólver da mão e foi atrás dela descendo dois lances da escada, toda recoberta de passadeira de borracha. Gillian, correndo na rua, parecia apostar corrida com um táxi. Ela não o alcançou, ficou confusa e mudou de direção, passando para a calçada. Peter continuava atrás dela. Era uma grande corredora, mas o agasalho parecia ser tão pesado quanto uma âncora.

Gillian chegou até uma escavação que tomava a metade do quarteirão do lado norte da rua. Estava rodeada por uma cerca alta de madeira e havia uma passagem de madeira com cobertura por cima do enorme buraco. Ela temeu passar pelo túnel e voltou para a rua. Quando tentava passar entre dois carros esporte com os pára-choques quase colados numa curva, Peter levantou-a, segurou-a pelo capuz e amparou-a contra a cerca. Gillian gritou, mas sua voz mostrou apenas surpresa, e não terror. Soou como a de uma criança brincando, e qualquer um que passasse não veria nada de anormal naqueles dois fazendo algazarra na rua.

Quando ela levantou o queixo, Peter deu-lhe um soco sob o maxilar. A vista de Gillian escureceu instantaneamente; ela não sentiu dor e caiu tonta nos braços dele. Ele a levou para os degraus de um depósito cheio de pedras ao lado da escavação. Sem que pudessem ser vistos da rua, ele sentou Gillian sobre um monte de material abandonado e levantou-lhe a cabeça para que ela recuperasse os sentidos mais depressa. Quando ela começou a gemer, ele usou o largo cinto do casaco como uma mordação, prendendo-o fortemente atrás de sua cabeça.

Peter tremia; estava usando apenas a jaqueta e um leve sueter decotado. Sua respiração escoava através das fendas das janelas da fachada da velha casa.

Quando Gillian abriu os olhos e o viu, sua reação instintiva foi lutar. Dava-lhe pontapés, agarrava-o violentamente e acabou se deslocando do lugar em que estava, um pequeno declive naquele pedacinho estreito. Mas

ele lhe segurou a cabeça obrigando-a a olhar diretamente para ele à luz do reflexo de' um bloco de gelo polido que os iluminava.

— Gillian, sou Peter. Não se lembra? O hospital. Ajudei-a lá. Disse que voltaria. Procure lembrar-se, Gillian!

O vento forte na rua parecia açoite, zunindo seu canto desolado e frio. Um carro passou perto, o rádio tocando uma música espanhola, barulhenta e alegre. Gillian ainda se debatia, mas já deliberadamente; seus olhos, passando e repassando sobre o rosto dele, gelaram num momento fulminante de compreensão.

— Não matei Hester. Ela era minha amiga. O homem e a mulher a estavam espionando. Um deles a matou. E eu... eu matei os dois.

Os olhos de Gillian se fecharam. Parecia sentir náuseas, a boca ainda amordaçada, mas as mãos que o tinham agredido estavam quietas e caídas agora.

— Sou o pai de Robin — Peter disse a ela.

Ele afrouxou os nós do capuz e pôs uma das mãos pelo lado de dentro para deixar livre o rosto de Gillian. Sua respiração tinha se tornado tranqüila. Tirou a mordaca também.

— Quero encontrar meu filho. Hester pensava que você poderia me ajudar. É tudo que quero de você, Gillian. Ajuda.

Gillian olhava-o agudamente, mas ele não percebeu a perturbação de seus olhos, o sinal de alarma; sua atenção foi despertada por um outro carro na rua.

O carro parou repentinamente. Quando as portas laterais se abriram, Peter ouviu o inconfundível ruído de estática do rádio policial, seguido por uma voz monótona que surgia e sumia. Passos. Dois, não, três homens correndo pelos degraus de pedra marrom. Um segundo carro oficial passou acima de suas cabeças, entrando na contramão. O motorista freou bruscamente.

Peter pôs a mão cautelosamente no ombro de Gillian e subiu dois degraus, pulando como um gato. Ele olhou para as luzes amarelas que marcavam o local da construção. Os carros estacionaram diagonalmente na rua em frente ao edifício de Hester. Não eram NYPD. Todos os homens usavam casacos cinzentos de serviço. A rua estava se enchendo de moradores. Maylun Chan We tinha confessado o que sabia depois de uma hora ou mais de inspirada persuasão.

Peter voltou para perto de Gillian. Os olhos dele pareciam de cobra; vigiavam-lhe a pulsação no pescoço e os cantos da boca.

— É a MORG. Ha uma porção de homens e querem matar-me de uma vez. Diga-me aonde devo ir, Gillian. Diga-me onde posso encontrá-lo,

Ela balançou a cabeça.

— Não sei.

— Como pode mentir? Não sabe o que isso significa?

— Sei, mas eu...

As mãos dele avançaram para o pescoço dela, os polegares comprimindo-o cada vez um pouquinho mais. Estavam ocultos na escuridão da casa. Então, tão rápido quanto tinha surgido, a fúria desapareceu de seu rosto e ele a largou. Ela se curvou num canto, respirando com dificuldade.

— Oh! Jesus — ele murmurou. — Oh, não. Lamento. Perdoe-me, Gillian.

Peter tocou-a mansamente; ela sacudiu a cabeça novamente, cruzou os braços, tremendo, e não proferiu uma palavra mais.

Gillian não percebeu que ele a tinha deixado. Então as vozes dos homens na rua se tornaram mais próximas e olhou para cima, assustada. Levou poucos, momentos para compreender aonde Peter tinha ido. Ela passou nervosamente pela janela da casa em demolição. Subiu três degraus e parou, horrorizada com a completa escuridão.

— Peter! — ela sussurrou.

Ele não respondeu. Gillian continuou, tropeçando, correndo penosamente; escorou-se num pilar e fez ressoar o concreto do chão. Olhando para trás, ela pôde ver o retângulo da janela, com alguma luminosidade. Ela lutava com a urgente vontade de desistir e voltar.

— Peter — ela implorou —, não me abandone!

Criou coragem e foi hesitantemente para a frente, mãos estendidas. Um palito de fósforo acendeu-se pertinho dela. Ela vacilou, rapidamente comprimindo a boca com as mãos.

— Gillian, volte.

— Não, não posso, não tenho lugar para onde ir. Peter, eu vi Robin ontem à noite, ou uma noite antes. Posso encontrá-lo de novo. Isso não

tomará muito tempo. Deixe-me ir com você. Prometo encontrá-lo para você.

Peter soprou a chama. Por algum tempo Gillian ficou lá de pé, tremendo, ouvindo-o mover-se na escuridão. Então ela o sentiu perto de si, a mão dele segurando seu ombro.

— Vi luz na escada. Por aqui. Ande com muito cuidado perto de mim, há buracos no chão.

Peter não podia arriscar-se a acender outro fósforo, mas foi se encaminhando com ela, arrastando os pés vagarosamente em direção à escada que tinha percebido quando acendera o fósforo. No andar de cima havia bastante reflexo da luz da rua; puderam ver ao fundo um caminho num terreno cheio de entulho. Um bloco ao norte, eles pularam uma cerca de correntes e seguiram, abraçados, em direção à 47th Street, onde Peter tinha estacionado o carro.

Pelo menos naquele momento estavam livres.

Dezoito

Depois de olharem rapidamente o apartamento de Hester, que ainda cheirava a carne humana assada e a sangue derramado, apesar de todos os corpos já terem sido removidos, Childermass subiu ao apartamento dos Bundy. Jogou-se no sofá batido pelo sol e pediu *scotch* puro. Trouxeram-lhe. Eram nove horas e vinte minutos. Por alguns instantes Childermass prestou atenção à fita que Miles Bundy tinha gravado na noite anterior.

Havia mais de um ano que Childermass não ouvia a voz de Peter Sandza. Ele a ouviu com uma expressão de dolorosa fascinação. Tão próximo no tempo e tão ilusório. Duas vezes ele largou o copo para acarinhar o toco do braço esquerdo amputado. Os outros homens na sala, desajeitados, olhavam para fora das janelas ou para as pontas dos sapatos.

— Lamento os Bundy — Childermass falou quando a fita terminou. — Era realmente amigo desses dançarinos loucos. Estivemos juntos naqueles velhos maus tempos, quando tudo o que havia na MORG era um grupo de salas nojentas num depósito atrás do pátio da Marinha. 1946. Sabia, Richard, que Meg e Miles Bundy estavam entre os meus primeiros recrutas?

— Não sabia disso, senhor — Richard Kanner respondeu. Era o segundo executivo em disponibilidade, chefe da Home-folks, a divisão doméstica da MORG. — Se tivessem chamado com antecedência...

— Não posso acusá-los pela maneira como agiram. Sei que eles não podiam imaginar que já não eram tão eficientes. O tempo é um ladrão e é quase humanamente impossível fazer Peter Sandza cair numa cilada. Você

não pode acreditar que ser extraordinário ele é enquanto não o enfrentar realmente.

— Senhor, acho que devíamos perseguir aquele Cougar com um APB.

— Por que nos darmos a esse trabalho? Peter dispôs de uma hora; ele está longe daqui agora. Quantos homens sobreviveram àquela terrível experiência? Poderíamos dar todas as descrições dele e da menina à polícia, mas seria um grande risco. Mesmo que os pegássemos, não sei se seríamos tão afortunados a ponto de ocultá-los rapidamente para evitar que a menina virasse notícia de primeira página dos jornais; o nome Bellaver faz dela uma notícia sensacional.

— Ele poderia não estar com Gillian.

— Penso que está. Contudo estamos cem por cento certos do lugar para onde vão. Hester disse o mais importante: Gillian vai se comunicar com Robin. Nós nos retiramos e esperamos por eles nas proximidades da Faculdade Psi.

— Há outro problema. Como encaixar Nick O'Hanna nisso tudo?

— Estou prestando atenção — disse Childermass, e piscou para um subordinado que estava perto.

Kanner meteu as mãos entre os joelhos.

— Bem, certamente Peter procurou-os pedindo auxílio. Por causa da arma, artigos de vestuário e os aparelhos eletrônicos que encontramos no apartamento de Hester, podemos concluir que O'Hanna concordou suprir Peter quanto às necessidades materiais. Podemos também aceitar a idéia de que ele está contando com toda a fidelidade e todo o crédito do grupo de Langley. Mas eles estão fora da lei. Eles querem o menino morto e não libertado pelo pai.

— Quantas maneiras você tem para esfolar um gato, Richard?

— Eles planejam enganar Peter?

— Ora, certamente. Deixemos isso para Todfield. Se Peter fosse bem sucedido, recuperando o filho, eles os colocariam numa clínica de repouso e fariam o serviço sujo. Mas como não vamos deixar Peter aproximar-se do menino de modo algum, nem mesmo por causa dos velhos tempos, é um projeto liquidado. Não se preocupe com o grupo de Langley. As coisas estão se passando sem cruzarem nosso caminho.

Childermass ficou de pé; ajudaram-no a vestir o blusão e depois o longo casaco de astracã.

— Bem, ele está por aí — Childermass disse sorrindo. — É um fugitivo, escondido com uma menina que esteve num sério estado de exaustão e que poderá enlouquecer a qualquer momento. Ela tem um poder imprevisível que pode destruí-lo. Mesmo que sobreviva a Gillian Bellaver, Peter está no começo do fim. Muito brevemente será um caso encerrado. Mas será que ele já sabe disso? Oh, não, ainda há aquele último clarão de esperança. Por muito, muito tempo eu pensei que ele era encantado. Realmente acreditei. Duvidava que pudesse lutar contra ele o tempo suficiente para ver aquele inefável clarão apagar-se diante dos meus olhos. Não restando nada! Uma pilha de um destroço humano. Mas isso vai acontecer. É inevitável agora. Sinto-me plenamente pago. Que diabo de emoção! Vou jantar à noite no Twenty-One com amigos. Depois disso vou arranjar uns milhões de dólares num golpe de dançar na mais fantástica suíte do Waldorf. Se precisar de mim, Richard, estarei na Faculdade Psi ao nascer do sol. Mas procure não precisar.

— Temos que fechar em cinco minutos — disse a mulher na biblioteca de Port Chester. — Achou o que estava procurando?

Ela sorriu para Gillian, que estava folheando um espesso trabalho intitulado *Colégios católicos e universidades católicas na América do Norte*. Gillian balançou a cabeça. Já tinha olhado cada página pelo menos duas vezes. E agora estava aflita. Havia centenas de fotografias de estabelecimentos de ensino, mas nenhuma das escolas lhe era familiar. A ansiedade causou-lhe perturbação na visão, deixando-lhe os olhos úmidos e embaçados.

— Gail, querida.

Gillian, ainda não habituada com seu novo nome, olhou com um jeito culpado para Peter, que a olhava calmamente através da mesa.

— Está certa de que é um colégio católico?

— Sim, por causa da capela.

— Fale-me sobre a capela novamente.

— Não era como os outros edifícios — Gillian explicava gesticulando. — A capela estava num outeiro ou morro, isolada. A maioria

dos vidros eram coloridos e havia uma porção de ângulos, você sabe, um estilo muito avançado, parecendo uma tenda. Os ângulos dos telhados encontravam-se, formando cruces, e as cruces se transformavam em três espirais abertas. E por toda parte a lua brilhava, formando cruces negras na neve. Era realmente muito bonito.

A bibliotecária balançou a cabeça:

— Há quanto tempo visitou o colégio?

— Há anos e anos — Peter respondeu rindo.

— Eu era muito pequena — Gillian explicou.

— Você tem uma esplêndida memória visual — disse a bibliotecária.

— Bem, estamos realmente na hora exata de fechar.

Peter procurou obter mais luz pondo a mão na testa.

— Sou um estúpido — ele disse. Alcançou a mesa, pegou o livro e leu a data na capa. — É edição deste ano.

— Sim, senhor, a última. . .

— Mas o colégio está fechado. Não está funcionando.

— Como soube disso, senhor?

— Se estivesse, teria sido apresentado na edição nova. Tem uma edição mais antiga? De três ou quatro anos?

— Não sei. Estamos sempre substituindo nossas obras de referência. Os volumes mais velhos devem estar numa caixa no porão aguardando uma disponibilidade. Se pudessem voltar amanhã...

— Não é possível — Peter disse tristemente. — Gail e eu estamos de passagem e temos uma certa pressa. Sou arquiteto e fui encarregado de reformar o *campus* de um colégio na Virgínia Ocidental. Estamos visitando *campus* no leste, procurando idéias. Gail lembrou-se dessa escola católica e parece ser um lugar impressionante. Gostaria de vê-la antes de voltar para casa. Há muitas caixas?

— Poucas. . .

— Ficarei contente se puder ajudá-la a procurar. Não levaria muito tempo.. .

Woodlawn College for Women. Lago Celeste, Nova York.

Quando alugaram um quarto para a noite, Peter localizou a cidade num mapa rodoviário de uma companhia petrolífera. O lago Celeste

ficava numa estrada estadual na região leste, em Adirondacks, uma área com um conjunto de lagos e montanhas de altura média, onde existiam três centros de esqui. População: trezentos e cinquenta mil. A mais próxima estrada de ferro estava a sessenta quilômetros, a sudeste. Nenhum aeroporto mais próximo do que o de Glens Falls. Havia um caminho pelo interior e outro por fora, uma estrada de terra que facilmente podia ser bloqueada.

Sobre as terras da circunvizinhança e o *campus* do que tinha sido o Woodlawn College havia uma camada de neve de metro e vinte, e mais ainda pelo caminho. Peter telefonou para um posto meteorológico da JFK para ter uma previsão exata. Era prevista uma nova camada de neve fresca de uns vinte centímetros para sexta-feira. Ou isso tornaria sua tarefa impossível ou aconteceria o que ele desejava. Não poderia dizer ainda. Precisava de mapas melhores da região do lago Celeste; mapas governamentais de inspeção geológica, que mostrariam a localização de cada edifício no *campus*.

Até um certo ponto Gillian colaborou, descrevendo a grande casa em que Robin vivia. Mas quando ele lhe pediu para visitar novamente, fazendo maiores verificações no interior da casa, ela taxativamente recusou. Mais tarde ela chorou amargamente; às vezes chorava até dormir na cama dupla do quarto que dividiam.

Peter ficava surpreso por ver como ela suportava tudo há tanto tempo. Ela devia ser um amontoado de filamentos nervosos feridos, atormentada que fora por uma série de horrores. A boa vida de Gillian tinha sido totalmente destruída; a vida atual corria loucamente, vacilante, em direção a um futuro que se assemelhava ao inferno. Ela ainda possuía aquela vontade de ferro dos sobreviventes que escaparam dos campos de concentração nazistas no fim da Segunda Guerra Mundial, feridos, humilhados, mas nunca vencidos.

Sua relutância em revisitar o Woodlawn College era culpa de Robin. Peter pensava muito sobre isso, mas o estranho relacionamento deles num outro mundo perturbava-o. Robin tinha feito alguma coisa que a ferira muito. Quase sempre terminando fatigada e chorosa, Gillian tentava explicar: depois de dezoito meses naquele lugar, Robin estava muito diferente da imagem do menino que Peter ainda alimentava. Seus pensamentos tornavam-se incoerentes. Ela se referia a coisas da infância

que misteriosamente envolviam Robin; então ela simplesmente chorava pelo que estava perdido ou irreparável. Ele entendia muito pouco do que ela queria dizer.

Das janelas do quarto da hospedaria em que iam pernoitar, Peter leu as horas na face iluminada do relógio da Igreja Pré-Revolucionária Congregacional. Faltavam seis minutos para as onze. A essa hora a histórica via de Mount Carmel, em Connecticut, estava inteiramente parada. Há dez minutos que não via passar um carro. Mount Carmel estava na região sudoeste do Estado, distante das principais estradas e um pouco distante demais da cidade de Nova York para servir como dormitório de uma comunidade — o seu atraso a incapacitara de reter a maior parte de suas características coloniais. O luar brilhava na neve e nas árvores altas e nuas, que demarcavam o local monótono.

Gillian, já na cama, respirava asperamente e tinha um sono angustiado. Estava vestida com muita roupa, mas o quarto era gelado. Peter pôs um cobertor em cima dela. Havia uma mancha de sujeira espalhada numa sobancelha, que ele não tinha percebido antes. Tinha o hábito de roer as unhas. O cabelo estava revoltado no travesseiro e o rosto tinha ficado terrivelmente pálido. Gillian tinha uma antipatia indiscutível, visceral por ele; não era luxúria, ele pensou, mas uma previsão da maravilhosa mulher que ela poderia vir a ser, se tivesse oportunidade.

Considerando a companhia que ela decidira escolher, ele imaginava quais seriam suas chances de viver além do amanhã. . .

Numa transposição imensamente viva e horrível, Peter viu a cabeça de Hester atirada no travesseiro. Pulou da cama e agarrou a garrafa de gim que comprara imediatamente depois de ter deixado a biblioteca de Port Chester. Bebeu uns goles, sabendo que aquela noite tomaria toda a garrafa e ficaria muito próximo da embriaguez. Não, ele não se ia apegar à memória de Hester. Sempre soube que aquilo poderia acontecer, apesar de todas as precauções. E por isso eles a mataram. Provavelmente ela não chegara a ter idéia de que sua vida ia terminar, certamente não sofreu, e nem era possível ficar a lastimar-se sobre isso. Hester não precisava de um momento de pavoroso e pegajoso remorso em lugar de louvores. O

remorso só serviria para torná-lo menos ativo, para reduzir seu espírito crítico nos piores momentos. . .

Peter bebia o gim em doses medidas e forçava o pensamento para os problemas do momento.

Tinha entregue a Hester o esplêndido equipamento eletrônico, o revólver Python, que desejaria ter agora, um sobretudo e jaquetas esportivas que poderia facilmente substituir. A maior parte de sua roupa, os dois mil dólares em caixa e a identificação falsa, ele havia trancado prudentemente no porta-malas do Cougar. Agora estava dirigindo um Volaré Wagon alugado, mas não tinha a intenção de dirigi-lo até o lago Celeste. A MORG poderia ter cada centímetro da cidade sob controle, seriam apanhados num minuto.

Julgou que não seria menos suspeito viajar sozinho; Gillian possuía um talento que ainda poderia utilizar: a capacidade de comunicar-se telepaticamente com Robin.

Havia um outro fator emocional na sua decisão final de continuar com Gillian. Uma acerba e incomum sensação de responsabilidade por sua vida tinha surgido naquela noite no hospital e se tornara mais intensa agora. Peter não tinha dúvida de que Gillian estava fortemente atraída por ele e se tornara dependente. Não, ele não a abandonaria. Tinha perdido Hester, mas possivelmente haveria alguma coisa que ele pudesse ainda fazer por Gillian.

Na segunda vez que foi à janela para ver o relógio, faltavam dez minutos para as duas da manhã e a garrafa em sua mão estava praticamente vazia.

Peter bocejou. Tinham surgido algumas idéias bem elaboradas, um meio de utilizar a tempestade de neve como vantagem. Ao mesmo tempo era realista sobre as probabilidades de sucesso. Bocejou outra vez; não se sentia nervoso, embora ainda não tivesse sono. Gillian permanecia em paz na cama. Quando se virou para a única lâmpada do quarto, ele se perguntou se ela estaria ali inteira ou se estaria vagando. Foi ao banheiro, vomitou grande parte do gim que tinha bebido, escovou os dentes e foi para a cama ao lado de Gillian.

Logo que ele se estirou, ela se virou e passou um braço por cima dele, procurando ficar bem junto e aquecida; soltou um longo suspiro que

poderia ser de prazer ou liberação de profunda tensão. Peter segurou a cabeça dela, colocou-a contra seu peito, beijou-lhe a orelha que estava à vista e fechou os olhos.

Pouco antes da madrugada ele acordou com uma sensação de pânico, certo de que, no curso de um sonho, não mais voltaria, tinha morrido.

Durante o sono Peter tinha mantido o desejo de tentar agarrar Gillian, mas agora ela estava de costas para ele, meio encoberta pela manta, quentinha e ainda adormecida. A lua tinha desaparecido, mas entrava luz de fora no quarto, o brilho de uma manhã desmaiada. "Você nunca morreu em sonhos", ele pensou. Poderia sentir a morte, mas não morrer. Seria realmente o frio peso de Hester em sua consciência?

O pânico é uma coisa momentânea. Mas agora que estava perfeitamente acordado, ele estava obcecado por alguma coisa que não fazia parte do sonho. Tinha ocorrido um catastrófico acontecimento, um grande insulto para a sua mente: dedos palpáveis tinham provocado a ejaculação de seu precioso líquido. Sentia-se como um menino em excitações noturnas. Estava chocado com a idéia; agitou-se infantilmente e gemeu alto.

Gillian sentou-se ainda sonolenta e olhou-o intrigada; então ela ofegou e afastou-se dele. Caiu da cama e levantou-se novamente, segurando a cabeça com as duas mãos, suspirando com tristeza.

— Gillian, sou Peter. Não chore. Acalme-se, menina. Está tudo bem com você.

Ela precisou de mais um minuto para segurar o seu mal-estar.

— Banheiro — ela murmurou.

Ele se levantou e guiou-a até a porta fechada. Foi quando ele notou alguma coisa estranha na sua mão esquerda. Os dois últimos dedos estavam insensíveis. Estavam inertes, dois galhos mortos num membro vivo. A extremidade da palma da mão estava entorpecida até o punho. A ponta do dedo médio também estava dormente. Tinha controle somente sobre metade da mão esquerda.

Devia ter dormido de mal jeito. A sensibilidade voltaria. Mas mesmo quando tentava assegurar-se de que a situação era temporária, ele tomou

consciência da verdade. Não era problema circulatório ou um nervo comprimido.

"Derrame cerebral", Peter pensou mais contrariado do que assustado. A mais traiçoeira das mortes. Um vaso filiforme havia rompido em qualquer lugar profundo no hemisfério direito ou no centro básico do cérebro. O vazamento de sangue tinha destruído sem dor um minúsculo pedacinho de neurônio. Resultado: dois dedos mortos. Havia alguma possibilidade de recuperar o uso daqueles dedos? Sabia que tinha tido sorte: podia usar uma mão e meia. Podia estar lá atirado na cama, incapaz de mover-se ou falar. Ele poderia ter sido afetado de milhares de maneiras bizarras e mutiladoras.

"Oh, Deus, que isso não seja o pior. Não permita que eu tenha uma morte depois de um sofrimento prolongado", ele implorou.

Gillian saiu do banheiro.

Peter, de pé perto da janela, a mão esquerda apoiada na direita, olhou para ela assustado. Não lhe tinha ocorrido que pudesse ser afetado, acordado ou dormindo, pelo imenso poder que tinha matado a mulher no hospital. Não tinha idéia de como ou por que isso acontecia, por que alguns eram imunes e outros suscetíveis. Ficaria admirado se a própria Gillian soubesse.

— Você dormiu comigo — ela disse. —

— Não no sentido bíblico.

— Sei — disse. — Devia ter contado a você: há uma coisa, bem, penso que você já sabe que apresento fenômenos sobrenaturais. Mas é pior do que isso. Sabe o que é um poltergeísta?

— Uma palavra de origem germânica, *Poltergeist*, que significa "espírito barulhento". Isso envolve psicocinesia. . . movimento de mobília, objetos voando, quadros caindo das paredes sem serem tocados. Li não sei onde que esse tipo de atividade psicocinética depende de energias geradas pelas angústias reprimidas ou frustrações sexuais de certos adolescentes. Em geral costuma haver uma criança por perto quando há um poltergeísta.

Gillian virou-se e olhou para ele.

— Posso ler o pensamento das pessoas, sabe disso? Como uma cartomante. — Peter sacudiu a cabeça. — Não me lembro muito do que me disseram no Instituto Paragon. Eles me drogaram para impedir que

pensasse muito e recordasse. — A voz dela tremia. — Eu era lá alguém diferente, o mais desprezível camundongo.. .

— Gillian, querida.

Ela cerrou os dentes para não chorar.

— Desculpe-me. O que estou querendo dizer é que quando estou em clarividência, tendo visões, transformo-me numa espécie de terrível gerador. Como um poltergeísta, mas não quebro pratos. Costumo exaurir as pessoas. Mato-as. Matei minha me. . . melhor amiga.

— Mas você não é culpada.

— Como pode dizer uma coisa dessas?

— Você não seria mais culpada se fosse portadora de um vírus raro durante anos, inoculando-o inadvertidamente em algumas pessoas particularmente suscetíveis.

— Para um vírus há o antivírus. A única cura para mim é...

Gillian não terminou o pensamento, mas estava claro que queria dizer. Peter veio fazer-lhe companhia na cama.

— Você feriu a mão? — ela perguntou.

Peter não se tinha dado conta de que estava massageando os dedos inertes.

— Apenas um pouco dormente; nada que dê preocupações. Gillian, quando estivemos perto um do outro, dormindo ou meio adormecidos, você leu alguma coisa em mim?

— Sim.

— Pode me contar?

— Não há muito o que contar. Apenas tive a impressão de alguém. . . alguém muito chegado a você.

— Refere-se a Hester?

— Não; era um homem. Você fez alguma coisa a ele. Penso que devia amá-lo, mais do que a qualquer um que tenha amado. Mesmo mais do que a Robin. Você chorou quando teve de contar-lhe alguma coisa sobre seu pai. Fazia-lhe tanto mal falar sobre tudo isso em sua vida que você tentou esquecer.

Peter olhava fixamente para as janelas. Os rombos escuros nas cortinas iam ficando visíveis à medida que o céu clareava.

— Qual a aparência do homem? — Peter perguntou com voz forçada.

— É baixo. Velho. Pouco cabelo. Uma pessoa comum. Mas ele usa óculos contra sol, reflexivos; você não vê os olhos dele.

— Tive poucos amigos em minha vida, Gillian. Não conheço o homem que você descreveu. Você deve ter sonhado.

— Sonhos e visões são diferentes — ela disse. — Ele é real. Que aconteceu a seu pai?

— Não sei — Peter respondeu distraidamente. — Então... Sim, eu sei. Foi do coração. Eu tinha apenas onze anos. Os pais morrem. E depois são incinerados. Você procura não pensar muito neles depois disso.

Peter levantou-se e começou a andar pelo quarto.

— Robin pensa que eu estou morto. Convenceram-no disso. De outro modo não teria cooperado com eles. Vai ser um choque infernal quando ele. . . bem, isso é mais um problema. Chegar até Robin é tudo o que me preocupa agora. Tenho de encontrar Robin. Encontrar Robin.

Deu um murro na parede com o punho direito, forte bastante para despertar qualquer um na hospedaria. Gillian pulou da cama.

— Peter!

Ele virou-se vagorosamente, com o punho suspenso.

— Você.. . você está me assustando.

Peter sentou-se aos pés da cama. Não fez comentários sobre o soco, mas abriu e fechou a mão direita várias vezes, a cabeça baixa, em concentração.

— Sei muito pouco sobre o cérebro humano. Mas sei que existe um meio de ajudá-la, Gillian.

Ela balançou a cabeça.

— Sou inofensiva quando dopada. Suponho que poderiam fazer uma operação; colocar eletrodos no meu cérebro e apagar-me para sempre. Mas recuso-me a acabar assim. Prefiro a morte.

— Em que lhe afeta o fato de sua doença poder ser classificada como uma forma rara de epilepsia?

— Oh, Deus — ela disse indiferentemente.

— Mas não precisa ter medo disso. Muitos epiléticos estão sendo tratados por meio de treinamento de bio-regeneração, que impede os acessos, auto-regulando as ondas cerebrais. Você será capaz de controlar plenamente sua clarividência e os efeitos colaterais, a tempestade de energia magnética que causa os danos.

— Não posso acreditar nisso.

— Um número enorme de pessoas tem corpos extraordinários, que exercitam para realizar feitos que são literalmente impossíveis de serem repetidos. Houdini, o artista das fugas, ou aqueles corredores de maratonas que gostam de escalar montanhas o tempo todo. Não muitos anos atrás eu era membro de um grupo de elite de assalto da Marinha. Treinei natação doze, catorze horas por dia. Pensei que era excelente, mas havia um sujeito baixinho na minha turma que podia me exceder não uma, mas milhares de vezes.

— Que prova isso tudo?

— Você é viva e inteligente, não uma fraca ou uma idiota, capaz somente de um único e bizarro feito mental. Você e Robin provam realmente o que sempre soubemos: que a mente humana é capaz de tudo. Mentalmente você isolou o átomo. No momento você só pensa no holocausto, na tragédia em potencial. Mas seu poder é basicamente mais útil do que o poder do átomo, uma vez que você se esforce e adquira os controles necessários. Talvez ninguém possa ajudá-la, Gillian. Você tem que fazer isso por sua própria conta. Mas penso que você é bastante forte para passar o diabo e fazer tentativas. Se não pensasse assim, não perderia meu tempo com você.

Ele não se surpreendeu por ver Gillian chorando, mas a mudança nela foi notável. A cabeça estava erguida, as faces clareavam como camafeu, quando se voltou para o lado das janelas. Ela estava então tão bela como ele sempre desejou que fosse. Ele cuidaria dela até uma idade conveniente. Ele prendeu a respiração, com medo de que qualquer movimento de sua parte, que o mínimo gesto, pudesse anular esse recente desabrochar.

— Isso tudo é demais para que eu tenha esperança; não me atrevo a acreditar nisso tudo.

Peter aproveitou-se de sua superioridade.

— Somente disse que havia uma chance, Gillian. Mas penso que é uma tremenda chance para você e para Robin.

— Sim, Robin; oh, ele precisa de auxílio. E o mais breve possível, antes que ele. . .

— Se você acha isso, então tente entrar em comunicação com ele. É vital.

Gillian sentou-se e deixou-se ficar; seus olhos estavam vigilantes.

— Vou tentar — disse. — Você quer agora?

— Não. Vamos experimentar quando estivermos mais perto. Temos viagens duras pela frente.

Peter levantou-se e deu a mão a Gillian para sair da cama. Por um instante ela se curvou graciosamente diante dele. Então ficou tensa, tentou parecer natural e afastou-se. No momento seu pavor à morte era instintivo, mas pelo menos tinha uma alternativa de esperança. Peter sorriu discretamente. O dedo médio da mão esquerda, que ele escondeu dela, estava insensível até a primeira junta. E os dedos paralisados tinham começado a curvar-se até a palma da mão. O pequeno acidente vascular cerebral ainda estava em processo. Ele podia ter evitado esse acidente que fatalmente aconteceria. Mas ele se deu por feliz, pois, pelo tempo que esteve exposto, poderia ter sido maior. . .

— Suponho que você gostaria de uma escova de dentes — disse Peter.

— E de uma escova de cabelo. E. . . esses *jeans* estão tão sujos. Se eu tivesse nove mil panquecas e pratos, pratos de lingüiça, eu comeria tudo às dentadas!

— Amém. Seremos capazes de encontrar algum lugar na Seventh Road que sirva a refeição da manhã. Providenciarei roupas para você quando chegarmos a Poughkeepsie.

— Poughkeepsie? — Gillian perguntou com um meneio engraçado, surpresa e bem humorada.

A agente de viagem que Peter encontrou perto do *campus* do Vassar College foi totalmente eficiente como ele esperava que fosse.

— Está no auge da temporada e as acomodações estão escassas na área do lago Celeste. Que tal Vermont? Não, esqueça o que eu disse. Vermont ainda é pior.

— Pensei que a tempestade de neve afastaria as pessoas do lago Celeste.

— Passará amanhã cedo; a previsão é de bom tempo e sol para o fim de semana. Deixe-me pensar. Quero ficar perto do lago Celeste. Isso nos

limita a Shadowdown, Great Spirit Mountain ou Purviance. Dois quartos. . . impossível. Que idade tem sua filha?

— Catorze anos.

— Ficaria embaraçada por compartilhar o mesmo quarto com o seu velho?

— Esquiar é o que importa.

A agente pegou no telefone.

— O gerente de Shadowdown é muito amigo meu, mas vou tentar este também mais uma vez. — Ela consultou um catálogo, discou um número interurbano e falou entre dentes, enquanto examinava Peter.

— Há uma série de problemas, sabe disso? — Ela sorriu para ele. — Não se preocupe. Vou alojá-lo no Shadowdown. Sei como é isso. Faz-se promessa, quebra-se promessa. Chega uma hora que não é possível, não há lugar, e a pessoa deve ir embora. Exatamente agora, esquiar com o papai é a coisa mais importante na vida de sua filha. É preciso ser herói pelo menos uma vez diante dos filhos, enquanto é tempo.

Depois de várias compras, Peter e Gillian se encontraram em frente à biblioteca do Vassar College. Ela parecia satisfeita.

— Tinham os mapas. Mande fazer dois xerox.

Era um dia brilhante, sem nuvens. A neve estava derretendo e a água corria em riachos pela rua. Peter segurou o braço de Gillian enquanto andavam juntos. Ele usava um jaqueta de *tweed* sobre um suéter de lã, de gola alta. O sol batia diretamente nele e ele sentiu um pouco de calor. Mantinha a mão esquerda no bolso da jaqueta. Gillian carregava o agasalho. As faces estavam avermelhadas pelo ar frio. Ela se parecia com qualquer outra estudante bonita, mais bonita do que a maioria. Estavam exatamente num grupo no *campus* e ninguém prestava atenção a eles.

Peter disse:

— Estamos metidos numa reserva chamada Shadowdown. São vinte e sete quilômetros até o Woodlawn College e, ainda por cima, do outro lado da montanha. Nosso trem sai à uma e quarenta. Às sextas-feiras a estrada põe um vagão extra para os esquiadores. Há sempre um grupo de Adirondacks, inclusive um bando de garotos, seguindo por conta própria.

— A MORG vai ficar nos vigiando lá, Peter?

— Sim.

— E nós vamos nos disfarçar, nos esconder?

— Vamos nos unir ao grupo. É muito mais eficaz do que você possa imaginar.

— Alguma coisa está me perturbando. Se eles contam com sua. . . com nossa vinda até aqui, por que não levariam Robin para outro lugar qualquer? Isso faz sentido?

— Movimentar uma pessoa sob guarda aumenta enorme-mente o fator risco. Não acredito que tenham todas essas preocupações. De nenhum modo, Childermass é autoconfiante. Há uma loja de esqui perto. Quer parar de andar?

— Sinto-me bem — Gillian replicou.

No canto do *campus*, à sombra de uma parede, ela se inclinou por um momento, aborrecida, francamente tristonha. Tão perto da realidade e das rotinas das classes, amigos, fins de semana combinados, sentia-se a um passo da sua verdadeira vida. Um grande passo, Peter pensou, e possivelmente o mesmo pensamento ocorria a Gillian; ela virou-se e continuou a andar, os fortes raios de sol através das árvores atingindo-a em cheio, ofuscando e umedecendo seus olhos.

— Amigos meus — ela disse — estão se indo, um após outro. Sexo, acidentes. Pressão demais para eles. Lamentava. Mas me sentia bem apesar de tudo, sabe? Isolada. Sabia quem eu era, o que eu era em todos os sentidos.

— Está se lastimando agora? — Peter perguntou asperamente.

— . . . Desesperada — Gillian disse, afastando-se.

— Está certo — ele disse, segurando-a outra vez pelo braço com a mão útil. — Isso acontece.

Na loja especializada em material de esqui Peter gastou aproximadamente setecentos e cinquenta dólares. Comprou ainda um pequeno veículo preto para andar sobre a neve, para duas pessoas, capacetes e botas apropriadas. Deixaram a loja carregados de embrulhos, usando suéteres escandinavos e calçados para esqui. Ela usava também óculos pintados em tom avermelhado, com pesadas armações francesas.

Peter duvidava de que a própria mãe a reconhecesse a mais de um metro e oitenta de distância.

— Os veículos para neve geralmente são proibidos nas áreas de esqui — Gillian disse já na rua.

— Shadowdown deve ter poucos desses carros para uso pessoal. Procuo tudo de que vou precisar.

— É com isso que pretende chegar até Robin? Em carrinho de neve? Mesmo os mais modernos fazem muito barulho... por volta de setenta e três decibéis.

— Diretamente sobre a neve e em certas condições de vento, não será ouvido a uma distância de quinze metros.

— Mas está escolhendo uma terrível oportunidade para andar sob uma nevasca. . .

— Gillian, é a única chance. Se as coisas forem difíceis para mim, serão também para a MORG. Agora vamos debater as questões. O que você não souber pode prejudicar a nós dois.

Pararam numa loja de miudezas e compraram um xale para Gillian. Na parte de trás do carro, Peter desembulhou um equipamento de som que tinha obtido antes. Colocou uma fita e começou a gravar. Falou quinze minutos sobre si mesmo, sobre Robin e sobre a MORG.

Então Gillian teve a sua vez. Falou especialmente para os pais, interrompeu-se, recomeçou e contou-lhes exatamente onde poderia ser encontrada.

— Mas para que isso vai servir? — ela perguntou enquanto Peter lacrava o cassete em envelopes duplos de papel manilha.

— Sua família, quero dizer, todos os Bellaver, têm tremendo poder, Gillian. Têm acesso a todos os poderes em Washington. Mas em relação à MORG, numa situação de aperto, todos terão que mobilizar-se rapidamente de acordo com as normas que eu sugeri, para que sejamos protegidos.

— Não poderíamos então chamá-los e dizer-lhes...

— A MORG deve ter receptores nas linhas telefônicas Mas não conseguem interceptar a correspondência.

Gillian pôs o endereço dos pais no envelope e pediu expedição especial enquanto Peter pedia a um guarda informações sobre o posto policial de Poughkeepsie.

Quando voltou ao carro, ela perguntou:

— Por que a MORG ficará em apuros?

— Não há uma linha definida de sucessão. Childermass sempre teve medo de dar poder demais aos subordinados. É cortar a cabeça e os inimigos da MORG devorarão o corpo. E então o esqueleto se esfacelaria às margens do Potomac.

— É o que você pretende fazer? Matar Childermass?

— Sim, se esta for a última coisa que eu seja obrigado a fazer — Peter respondeu.

Gillian pestanejou várias vezes. Ela apoiou a cabeça contra o assento, o rosto virado para Peter. Parecia deprimida. Ele não perguntou por quê. Ambos ficaram sem falar por algum tempo.

Chegaram ao terminal da Central Penn passando pelo rio que vinha de Poughkeepsie quinze minutos antes de o trem partir.

Tudo que não era essencial, inclusive as roupas que Gillian tinha usado, foi colocado no vagão de bagagem. Mesmo assim Peter se sentia sobrecarregado.

— Sua mão está pior? — Gillian perguntou. — Você não a está utilizando.

— Na mesma.

— Posso carregar os dois pares de esquis — ela disse e, para provar isso, balançou-os num ombro. Juntaram-se a um grupo de quase uma centena de turistas na plataforma da estação. Era um grupo de jovens, mas havia também muitas famílias. Peter viu três homens mais ou menos de sua idade com crianças já crescidas.

Ele havia explicado a Gillian que seria uma boa idéia que não passassem muito tempo juntos até que estivessem a salvo no quarto em Shadowdown. Ele se antecipava à vigilância da MORG com os recursos de que dispunha, pois, no meio de quatro mil esquiadores que estavam chegando à região para o fim de semana, seria pouco provável que a MORG pudesse retirar Peter ou Gillian do meio do povo.

Gillian deixou-o com os esquis e ficou andando pela plataforma. Quando o trem chegou, ela voltou, seguida por um menino que apresentou como Cary. Cary era bochechudo, mas bastante divertido. Peter sorriu benevolmente.

Trinta e sete minutos mais tarde, quando o trem passava pelo Hudson, Nova York, Gillian disse em seu ouvido:

— Papai, este é Francis.

Peter olhou para cima. Francis era alto, usava óculos e suspensórios. Tinha cabelo igual ao de um troglodita. Peter apertou sua mão e falou em particular para Gillian.

— Que aconteceu com Cary?

— Oh, ele está conosco. Ele está. . . — Ela acenou em direção ao vagão atrás do deles. — Acha que eu poderia arranjar um terceiro? — ela disse corando.

— Gail, querida, você não está exagerando no seu disfarce protetor?

— Isso é divertido. Eu nunca agarrei rapazes.

A proteção de Peter era um homem chamado Galleher. Estava com os três filhos, de dez, onze e doze anos de idade. Estavam indo para Shadowdown. Galleher era um agente de seguros. Peter lamentou o fato de que nunca tivesse possuído bastante segurança na vida. Peter e Galleher tornaram-se quase amigos naquele instante. Peter conquistou os meninos, permitindo que os dois mais velhos o vencessem no jogo de xadrez. Às quatro e trinta e nove, quando o trem parou em Fort Edward para deixar a maioria dos esquiadores, Peter, Galleher e os meninos estavam muito amigos.

Os centros de esqui tinham enviado ônibus escolares amarelos, desocupados no fim de semana, para transportar seus hóspedes pelo percurso de quarenta minutos pelas montanhas. Peter subiu primeiro num dos ônibus que seguiam para Shadowdown e Gillian seguiu no outro com Cary e Francis.

Em Fort Edward a neve já estava caindo, mas levemente. Distante, a oeste, o pôr-do-sol era vermelho e enfumaçado como o fogo num túnel. Quando chegaram a Shadowdown já estava escuro e dez graus mais frio; a neve repentinamente começou a cair como chibata.

Shadowdown consistia em um alojamento principal no estilo de um chalé e em três alas, construídas uma um pouco mais acima da outra, no lado das montanhas. Eram ligadas umas às outras por um elevador funicular e duas escadas cobertas. Havia uma pista para esqui à noite, uma porta que dava para o rink de patinação e uma piscina de água corrente bem atrás do alojamento. Havia acomodações para trezentas

peças e de todos os preços: de luxo, com sauna privativa, sala de estar e dormitório em estilo, um dos motivos por que os Galleher gostavam de Shadowdown. Para alimentação, os hóspedes tinham para escolher um moderno restaurante íntimo, uma lanchonete aberta as vinte e quatro horas do dia e uma cervejaria que servia autênticas especialidades alemãs.

Peter e Gillian foram acomodados na segunda ala de alojamentos. O quarto estava superaquecido. Tinha camas gêmeas com cobertas azuis, armários de madeira escura, quadros com paisagens de neve nas paredes e portas de vidro corrediço que davam para uma sacada que dominava o brilhante balão envidraçado em que estavam a piscina e o imenso telhado inclinado do chalé que ficava abaixo. Depois de um minuto exposto à neve esvoaçante, espessa como um mingau de farinha, Peter voltou para o quarto.

Sentou-se em uma das camas e verificou a mão esquerda. Três dedos agora perdidos, a palma já quase sem sensibilidade. Mas sua maior preocupação estava agora em uma mancha dormente quase do tamanho de um meio dólar que ele descobriu no antebraço logo abaixo do ombro. Foi ao banheiro procurar um copo, desembulhou um pacote e despejou trinta gramas da garrafa que tinha comprado.

No banheiro Peter desdobrou os mapas geológicos da região que Gillian obteve em cópias xerox. Localizou Shadowdown e depois encontrou o que estava procurando. O rio chamava-se Breed. Começava como um gotejamento a meio caminho das montanhas de Shadowdown, alargava-se no vale abaixo e eventualmente corria o centro dos terrenos do Woodlawn College, onde, nos limites a leste do *campus*, tinha sido represado para a construção de uma piscina. Havia uma casa ou edifício não-identificado ao lado do lago.

O rio Breed em certos lugares tinha menos de dez metros de largura. Provavelmente entre quinze e dezoito metros de profundidade, em plena cheia, com covas mais profundas aqui e ali.

Peter discou para o posto de meteorologia, uma cortesia da gerência do Shadowdown. A temperatura às seis da tarde era de catorze graus e estava baixando. O vento noroeste corria a cinquenta quilômetros por hora. Esperava-se uma pesada nevasca por um período de doze horas; a partir das sete horas da manhã de sábado. Eram esperados mais vinte

centímetros de neve sobre a terra, que já estava com uma camada de quase um metro e vinte.

Peter tomou o gim em pequenos goles, enquanto imaginava que estrada tomaria para chegar a Woodlawn.

Contando com todos os cotovelos e curvas do rio, a distância seria de mais de trinta e dois quilômetros. A visibilidade durante todo o tempo seria somente de poucos centímetros. A força do vento poderia ser ainda maior. Esses eram seus últimos problemas. Não conhecia o rio. Dependendo do peso, o carrinho que escolhera precisava de pelo menos quinze centímetros de neve em toda a extensão. Mas a neve agia como um isolante e protetor contra o gelo. Mesmo em pleno inverno, sem um aviso, ele podia dar um salto a distância onde o gelo era apenas uma frágil camada. Buracos para pegar peixe seriam um possível risco. Um pequeno salto poderia produzir uma fenda no gelo. Se o rio tivesse qualquer tipo de corrente, então em certos lugares poderia ser muito perigoso.

Mas não havia outro caminho a seguir. Se tentasse ir por terra, ao acaso, poderia facilmente perder-se, mesmo com uma bússola ou qualquer outra coisa que usasse para orientar-se. Com sorte e cuidado o gelado rio Breed poderia levá-lo aonde ele queria, se a mão e o braço esquerdos não ficassem inutilizados completamente. Dirigir um carrinho de neve sobre o gelo durante alguns quilômetros era uma tarefa que requeria grande resistência.

Ficou no quarto uns quinze minutos. Ainda não tinha visto Gillian, mas não estava aborrecido com ela. Acendeu uma lanterna, vestiu o casaco, pôs os óculos e saiu.

O Shadowdown estava lotado e a tempestade pôs todo mundo portas adentro. Já estavam se formando alguns grupos para saída. O pessoal da segurança de Shadowdown era fácil de reconhecer. Ele tentava tirar de sua mente a lembrança da MORG. Mesmo que estivesse lá, fazendo seu trabalho por trás das cenas, verificando registros, ele não queria saber se as coisas correriam mal para ele.

Sem pretender qualquer complicação, Peter descobriu quatro carros estacionados numa área do pavimento de armazenagem, perto da cozinha; era acessível pela rampa. Havia duas portas duplas e nenhuma tinha sido fechada a chave tanto que poderiam ser abertas com uma unha

pontuda. As luzes de cima estavam acesas. As chaves de ignição estavam nos respectivos carros. Examinou os motores cuidadosamente e notou que um dos carros estava equipado com trilhos próprios para correr no gelo. O carro, para duas pessoas, tinha um motor de trinta e cinco cavalos-força, mais silencioso do que o habitual modelo japonês, de dois tempos, nove barras, cinto de segurança e molas. Inteiramente equipado.

Quando voltou ao quarto a porta estava aberta. Gillian estava recebendo Cary, Francis e um jovem par do Hamilton College, amigos de Cary. Depois das apresentações, Peter encostou-se numa parede com os braços cruzados. Sorria sem dizer nada. Em cinco minutos os jovens saíram.

— Já comi um sanduíche com os meninos. Quer comer alguma coisa? Cary faz o curso de direito em SUNY, em New Platz, e Francis é especialista em exposições fantásticas de carro. Amanhã eles. . .

— Gillian, nós temos trabalho para fazer.

A advertência foi suficiente para aborrecê-la e causar-lhe um ataque de desespero.

— Sei.

— Quero sair dentro de uma hora — Peter disse.

— Não sei como conseguirá ir a algum lugar. Tudo inteiramente coberto de neve.

— Quero que tente comunicar-se com Robin agora.

Os olhos de Gillian giraram para baixo e para cima e por todo o quarto; finalmente se iluminaram quando olhou para Peter com um desespero cheio de remorsos. Ele não se perturbou e continuou de pé. Seu olhar excepcionalmente calmo venceu-a.

— Não estou certa de que. . .

— Agora.

Ela se virou desanimada e curvou-se num canto da cama.

— Está bem.

Peter não se moveu. Gillian disse:

— Acho que seria melhor você ir para outro lugar. Tenho medo do que possa acontecer se você estiver no quarto.

— Você vai lá ou o quê?

— Não, não é isso. Robin também visita algumas vezes, mas tenho que estar adormecida ou inconsciente para visitar. Tenho que tentar

procurá-lo e encontrá-lo. Robin diz que você é uma forma de pensamento e então você desmentirá isso. Nossas mentes se juntam, elas se entrosam. — Ela ergueu as mãos cruzadas. — Ele faz isso melhor do que eu. Mas penso que posso aproximar-me dele. Se estiver sossegada e puder concentrar-me. — Havia gargalhadas espalhafatosas no corredor do lado de fora da porta do quarto e Gillian sorriu tensa-mente.

— Porei algodão nos meus ouvidos.

— Há um edifício ou uma casa enorme ao lado de um lago artificial ou *campus*. Essa deve ser a casa que você me descreveu. E preciso saber de um caminho seguro.

— Está bem.

— Vou jantar agora. Não sinto fome, mas precisarei de energia mais tarde. Quarenta minutos?

Gillian deu de ombros.

— Se tem que fazer isso, é melhor que seja agora.

Dezenove

Pareceu a Gwyneth Charles que não se passara nem um minuto desde que ela se sentara para tomar banho morno e fechara os olhos. Quando os abriu, Robin estava lá. No seu banheiro, olhando duramente para ela. Ela tremeu involuntariamente; a expressão dele estava perturbada. Por alguns momentos ela pensou que estava sonhando com ele. Não sabia se realmente estava acordada ou dormindo. . .

Depois de alguns minutos, começou a pensar. Seria perguntar demais?

— Que é que você quer, Robin? — ela indagou empalidecendo.

— Estou cansado de esperar. Por que está demorando tanto?

— Robin, preciso de um bom banho e também, que diabo, de um pouco de tempo para ficar sozinha. — O gelo tiniu no copo de Gwyn, que engoliu de um só trago o resto do uísque. Esperou nervosamente que causasse alguma reação. O *bourbon* Wild Turkey aquietou-lhe os músculos, mas não os nervos.

Robin agarrou-a e ela não pôde libertar-se. Gwyn levantou o copo.

— Traga-me mais um pouco enquanto estou aqui; a garrafa está no carrinho de bebidas. Wild Turkey.

Robin pegou o copo. Olhou para ela e passou a língua por dentro do copo. Ele estava tão estranho aquela noite, Gwyn pensou. Lambia, lambia o copo. . . Hummmm. . . hummmm. Como sempre, Gwyn não conseguia tirar os olhos dele, mesmo que se esforçasse ao máximo. O olhar perigoso que lhe sombreava o rosto poderia hipnotizá-la.

Robin pôs uma pedra de gelo na boca e ajoelhou-se diante dela. Beijou-a e colocou a pedra de gelo dentro de sua boca.

Gwyn tremeu, retraiu-se e jogou fora o gelo. Ele se sentou nos calcanhares, carrancudo.

— Pensei que você gostasse de fazer isso.

— Realmente gosto, quando estamos na cama, quando estamos. . . — Ela rapidamente cobriu o rosto com as mãos úmidas; sua aversão era visível. Ele poderia usá-la, devido a seu inacreditável complexo, para uma vingança.

— Por favor, Robin — disse numa voz francamente de bêbada —, quer dar-me uma bebida?

Gwyn só sabia que estava ficando realmente assustada, todas as capacidades de sua atenção foram alertadas. Ele tinha tirado a rolha e estava despejando o precioso *bourbon* no vaso.

— Robin! — Ela se afundou mas não saiu da banheira de mármore cheia d'água.

— Não gosto de você cheirando a narcótico — ele disse olhando para o traseiro cor de âmbar, que estava à tona.

— Não vou beber mais esta noite! Acredite!

Robin desvirou a garrafa antes que todo o conteúdo de Wild Turkey se fosse.

— Você me quer por trás? — ele perguntou prazenteiramente.

— Eu apenas queria. . . temos estado dias e dias juntos... você nunca se entregou a mim completamente. Sim. Por favor, amor, faça por trás.

Ele trouxe a garrafa com ele e colocou na borda da banheira. Gwyneth olhou longa e furtivamente para a garrafa. Pusera-a ali de propósito, para tentá-la. Mas se tentasse roubar um gole, Robin ficaria furioso e no momento não estava disposta a enfrentar uma cena de raiva masculina mas infantil. Então ela se levantou e atirou-lhe espuma.

Robin tirou a camisa e grudou-se ao dorso de Gwyn.

— Ficaria feliz com um pouquinho de bebida agora — Gwyn explicou. — Preciso beber para relaxar. Sabe que sou terrivelmente alérgica a barbitúricos e não tenho conseguido dormir, de modo algum.

— Não pode dormir? — perguntou como se fosse uma novidade para ele.

— Não quando você não dorme. E você não fechou os olhos nenhuma vez nestes cinco dias. Não sei como pode ficar de pé.

— Sinto-me bem.

— Oh! Robin! Você está num outro mundo. Temos evitado que você chegue à beira dos limites mortais. Você parece não ter consciência de que há limites, mas sei que algo lhe acontecerá.

Ele balançou a cabeça, parecendo confuso — ou estaria escarnecendo dela? Gwyn sentia-se perturbada demais para tentar um julgamento racional.

— Nada me acontecerá, Gwyn. — Pôs a saboneteira no lugar, levantou-se e se pôs por cima de Gwyn na banheira funda. Já passava dos quinze centímetros e ainda crescia. Aspectos maravilhosos da juventude que tanto a fascinavam. Seu inebriante desejo por ele parecia uma coisa monstruosa mas imperecível; ele crescia dentro dela como ossos quebrados. Erguia o queixo na banheira, os olhos brilhavam.

Robin pegou a garrafa de Wild Turkey. Desarrolhou-a e tomou um gole. O gosto era levemente desagradável, mas o sabor que vinha depois e o aquecimento que se expandia naturalmente o intrigavam.

— Eu me perguntava por que você bebe isso. — Tomou um gole maior, saboreou-o. — Está certo, eu gosto.

— Robin, cuidado. Isso não combina com seus medicamentos.

Ele bebeu de novo, ignorando-a. Restava apenas um terço da garrafa quando ela o persuadiu a não atirar o resto pelo vaso.

— Você tem tomado seus remédios?

— Está nevando fortemente agora — observou Robin através do visor de vidro acima da banheira. — Talvez mais tarde pudéssemos sair e jogar. Poderíamos ter uma verdadeira batalha de bolas de neve.

— Robin, se não seguir o esquema de medicação você pode acabar numa séria decadência física, acredite ou não nisso. Você queima seis mil calorias por dia! Está prestes a auto-consumir-se.

— Acabou com o banho?

— ...Sim. Que horas são?

Robin olhou para o Rolex Oyster de ouro maciço que ela lhe dera no seu décimo quarto aniversário.

— São sete e dez.

Gwyn suspirou.

— Preciso vestir-me. Temos companhia para o jantar. —
Repreendeu-o em tom mais alto: — Agora não beba mais; não queremos transformá-lo em um rapaz alcoólatra.

— Quem vem? — Robin perguntou, olhando sombriamente para a garrafa depois de um outro gole.

— Granny Sig. E. . . meu tio.

— Não gosto dele.

— Já sei — Gwyn disse, saindo da banheira e enrolando-se numa toalha. — Não posso fazer nada. De qualquer modo é uma companhia. Nunca temos outras pessoas conosco.

— Quem mais?

— Ninguém mais. Robin, quer largar essa merda de garrafa?

Ele limpou os lábios numa ponta da toalha.

— Língua, fique quieta — ele disse.

Quente e úmida quando saiu do banho, Gwyn pôde sentir o calor que Robin emitia como uma fornalha. Ele a ajudou a enxugar-se. Uma contusão azulada chamou-lhe a atenção abaixo do busto.

— Como aconteceu isso?

— Seu punho.

— Feriu-a? Quando foi que eu a machuquei, Gwyn? — Sua voz, que estava mudando, inesperadamente subiu de tom. Se ela não estivesse se sentindo tão mal teria sorriso.

— Frequentemente, quando nós. . . não discutamos isso. Pode entregar-me a toalha?

— Não quer que eu a enxugue entre suas pernas?

— Não. — Ela estava certa de que estava encaminhando as coisas para o sexo. Quatro vezes por dia; uma semana de espetáculos angustiantes. O corpo de que ela tanto se orgulhava não tinha mais elasticidade. Robin tinha perdido o controle. Quando pensava em sexo tinha de praticá-lo, não importava onde estivesse ou quem andasse por perto. Duas noites atrás ele a agarrara diante de Granny Sig. Um ponto negativo na vida de Gwyn, sem dúvida.

Robin voltou, a despeito do ar de reprovação de Gwyn, e virou toda a garrafa de *bourbon*, sorvendo-o até as últimas gotas.

— Não vai me fazer mal — ele assegurou a Gwyn. — Nada me faz mal. — Deu-se ares de importância; voltou os olhos para ela; estavam

ativos e inteligentes. — Nada me atinge. Você poderia pôr veneno na bebida e não me aconteceria nada. — Mas ele estava transpirando. Afagava a garrafa vazia e passava os lábios no gargalo. — É o que você gostaria de fazer?

— O quê? — Gwyn disse distraída e vagamente. Ela procurava uma toalha enxuta.

— Envenenar-me. Pôr-me fora de seu caminho.

Alguma coisa cintilou perigosamente na cabeça de Gwyn.

— Pelo amor de Deus, seu miserável, que coisa estúpida dizer-me isso!

— Você não faria isso?

— Não! Não!

— Mas você mente para mim. É uma forma de envenenamento.

— Não minto para você, Robin. E estou cansada de. acusações! Você está louco! Precisa ser controlado! Seus insultos, brutalidade. . .

Ele se virou serenamente e atirou a garrafa vazia contra uma parede de mármore do banheiro. Gwyn pulou e ficou arrepiada.

— Quebrou — Robin disse sem entusiasmo. Ele se virou para ela e comprimiu-lhe o púbis. Não era um gesto de amor. Mostrava uma indiferença de açougueiro por sua carne mole. Ele empurrou a ponta do dedo contra a protuberância do útero.

— Tire suas mãos de cima de mim! — ela gritou, finalmente perdendo a paciência; e cuspiu no rosto dele.

A reação de Robin foi, estranhamente, a de um menino humilhado. Lágrimas rolaram de seus olhos. Afastou-se de Gwyneth. Os lábios tremiam.

— Isso não é gentil, não é amor. É humilhante! — A voz de Gwyn tornou-se um gemido. Chorava também. Usou a toalha para limpar o nariz dele também. — Oh! Deus! Robin. Doce, doce Robin, o que está acontecendo? Eu o amava tanto. Quero o meu menino de volta. Quero meu menino belo e amoroso. — Pôs as mãos na cabeça dele, tateando. Ele se esquivou e correu. Bateu com força a porta do banheiro. Gwyn ficou lá tremendo de terror e paixão.

Quando ela saiu para procurá-lo, não o encontrou em seu espaçoso apartamento, que tomava praticamente todo o terceiro andar na ala sul da casa. A porta para a sala de estar estava ligeiramente aberta. Gwyn ouviu

música tocada em tom baixo e a voz murmurante de Ken. Sentiu fortemente o cheiro de *hors-d'oeuvres* quentes. Ken tinha vindo à sala e preparado um bom fogo na lareira. Gwyneth, nua, sentou-se tão perto das chamas que poderia queimar as costas, mentalmente imersa em si mesma, olhando para as chamas transparentes. Em poucos minutos, ao calor do fogo, recuperou as forças para ir vestir-se.

Com as faces naturalmente coradas, ela apenas colocou um pouco de batom nos lábios e sombreou os olhos de verde. Ajeitou os cabelos com a escova. Vestiu uma saia de lã branca até os tornozelos, graciosas botas brancas, uma blusa comprida de gola alta, também branca, e um bolero de lã. Nenhum enfeite, nem mesmo anéis.

Ken bateu à porta do quarto e, quando ela abriu, entregou-lhe um aperitivo: Wild Turkey com gelo. Gwyn pegou-o com prazer e bebeu-o logo.

— Robin disse que quebrou sua garrafa.

— Oh! — Gwyn olhou ansiosamente por trás dos ombros de Ken mas não encontrou Robin na sala de estar do quarto andar. Ken apontou para um grupo de cadeiras de couro, de espaldar alto, perto das janelas sem cortinas; a tempestade lá fora turbilhonava contra os vidros fixados com solda.

— Como está ele?

Ken pôs as mãos em atitude de súplica à altura de seu peito; as mãos se afastaram numa mímica que ela não conseguia interpretar. Talvez quisesse dizer que o humor de Robin estivesse suportável; talvez uma advertência: "Não mexa com ele".

— Sei. — Gwyn bebeu mais uísque. — Poderia deixar-nos a sós por uns minutos? Tivemos uma pequena discussão. — Os músculos de um lado do rosto crispavam-se, provocando um riso rude que ela nunca tivera.

— Está bem.

— Retenha, retenha as outras pessoas quando chegarem. Tocarei a campainha.

— Certamente; você está bem?

— Por que não haveria de estar?

Ken sorriu, tentando confortá-la, atravessou a sala de estar e fechou a porta atrás dele.

— Robin?

Ele não lhe deu resposta. Gwyn não sabia dizer, do lugar em que estava, em qual das cadeiras ele se sentara. Andou vagarosamente em direção às cadeiras, oscilando devido ao cansaço e ao uísque. Seria tão bom se pudesse passar adiante, pensou, e deixar que qualquer pessoa se preocupasse com ele por alguns momentos. Mas ela estava possuída por um temor irracional. Se perdesse o contato com Robin, mesmo por uma hora, ela nunca mais o veria.

— Robin, quer comer alguma coisa?

Gwyn viu-o abaixado perto dos vãos gelados das janelas expostas ao tempo. Olhava-as fixamente, com raiva. Metia as unhas no couro resistente dos braços da cadeira. Ele ainda não conseguia olhar para ela ou falar-lhe. Ela ouviu o vento uivar e respirou asperamente em resposta. Decididamente estava começando um desagradável episódio. Antes, quando Robin tinha seus circuitos sobrecarregados, a narcolepsia dava resultado. Durante uma fase narcoléptica, se não estivesse dormindo, era extremamente dócil. Ela se lembrava das semanas em que teve de dar-lhe banho, levar-lhe o alimento à boca com uma colher, atos que ela julgava agradáveis, calmantes para ambos. Agora ele não conseguia descansar, e o comum era o aparecimento de explosões de violência. Depois do nojento episódio da violação, Granny Sig tinha recomendado prendê-lo em uma camisa-de-força. Apesar dos acessos de raiva e do comportamento grosseiro, ela não podia desfazer o relacionamento deles tão friamente. Robin poderia acalmar-se; ela encontraria um meio de apaziguá-lo.

Gwyn curvou-se sobre as costas da cadeira e olhou para as unhas que continuavam a arranhar o couro.

— Saia de perto de mim!

— Não poderíamos esquecer isso? — Gwyn sussurrou.

— Você me deu uma cusparada!

— É verdade. . . e estou arrependida; você não quer tentar entender a pressão que eu venho sofrendo? Ando tão preocupada com você!

Arranhando, arranhando. O barulho provocado pelas unhas dele dava-lhe aflição. Gwyn curvou-se sobre Robin, o cabelo caindo sobre o rosto dele.

— Pare — ela implorou, com voz baixa. As unhas dele curvaram-se como garras.

— Obrigada, querido. Agora, por favor, perdoe-me. Por favor, um grande favor. . . Gwyn quer que você a perdoe. Gwyn está aborrecida porque agiu de modo tão brutal. — Ela deixou cair sobre o rosto dele a cortina formada por sua cabeleira, enquanto, às escondidas, verificava as condições do humor tão precário do menino.

— Você disse que sairíamos daqui. Para esquiar, só nós dois. Agora não podemos ir.

— Mudaram meus planos. Ordem de uma autoridade superior.

Gwyn estava quieta, ouvindo-o respirar. De boca franzida, ela esperava, visivelmente apreensiva, por uma reação de Robin.

Ele a surpreendeu não comentando nada. Tentou tocá-lo; achou-o menos rígido do que imaginava.

— Poderíamos ir alguma outra vez? — ele perguntou resignado e submisso.

— Bem, estou certa de que poderia conseguir isso.

— Está bem.

— Um beijo?

Ele consentiu em ser beijado. O nariz estava gelado por estar sentado diante da fresta. Gwyn abriu um sorriso tão aliviado que pensou que sairia voando. Robin pôs as mãos no colo. Estava pasmosamente quieto, mais calmo do que nos últimos dias. Os olhos estavam semicerrados.

— Agora desejo alguma coisa para comer — disse Gwyn. — E para beber. — Ela serviu um pouco de *bourbon*, depois aproximou-se do carrinho de aço que Ken tinha deixado perto da lareira. Estava faminta. Quase devorou seis grandes bolos de carne à moda sueca, usando os dedos; então sofregamente descobriu o prato de frutos do mar *au gratin*.

Enquanto isso, Robin tinha se levantado e atravessado a sala com ligeiros e leves pés de gato. Gwyn só prestou atenção a ele quando estava fechando a porta a chave.

— Por que fez isso?

— Para ninguém entrar.

— Por que não, Robin? qual é o motivo?

— Você sabe qual é.

— Honestamente não sei.

— É Gillian.

— Gillian?

— Eu lhe disse que tinha acabado tudo com ela, não quero vê-la nunca mais. Disse-lhe para afastar-se de mim.

— Quando você. . .

Robin olhou em volta da sala vagarosa e cuidadosamente.

— Mas ela está aqui — ele disse.

— Isso não é possível. Gillian está em algum lugar em Nova York. Ela fugiu do. . .

Robin olhou para ela fixamente em silêncio.

— Robin, Robin — ele imitou. — Pensa que não conheço a voz dela?

— Não sei nada a respeito de Gillian.

Robin parou de espreitar e ficou em pé do outro lado do carrinho de serviço. Ele se preparou para servir-se, olhando para Gwyn.

— É mentira.

— Não é.

— Ela fará todas as coisas que sei fazer. Você de modo algum vai sentir falta de mim.

— Robin, não sei o que você quer dizer.

Ele apontou para a mesa.

— Os convidados estão chegando.

— É isso mesmo.

Robin contava nos dedos.

— Você. Eu. Granny Sig. Childermass. Gillian. São cinco.

— Mas você vê que não estamos esperando mais ninguém. Há quatro lugares à mesa.

— Quatro para o jantar. Não estarei aqui. Estarei morto. Gillian tomará meu lugar depois que você me envenenar.

— Mas isso é rid. . .

Robin explodiu. Empurrou o carrinho de rodas por trás de Gwyneth e jogou-o na lareira. Os pedaços de madeira em brasa espalharam-se como uma fonte de faíscas. O carro voltou e virou. Cheiro de comida queimada espalhou-se rapidamente pela sala. Rolos de fumaça giravam em torno de Gwyn, que recuou, assustada. Robin seguiu-a. Gwyn, curvando-se fortemente enquanto tossia, atirou-se numa cadeira. Havia uma queimadura na parte de trás de sua cabeça; doía-lhe como se tivesse torcido um músculo no acesso de tosse.

Apertando a cabeça firmemente com as duas mãos, ela olhava desamparada para Robin. A boca estava aberta, mas não conseguia falar. A dor era forte e aumentava. Parecia que seus miolos começavam a ferver.

— Lembra-se? — perguntou.— Disse que não precisava tocá-la para ferir. E estou fazendo isso agora. Porque eu não a amo mais. Estou cansado de você.

O calor do fogo parecia mais intenso. Espessas lágrimas escorriam dos cantos dos olhos de Gwyneth. As faces estavam molhadas com o que ela pensou que fosse suor. Estava sufocando. Abriu a gola da blusa, levantou-se e tirou um guardanapo da mesa. Terrivelmente agitada, passou o guardanapo de linho na face. Quando o retirou, estava vermelho.

Gwyn gritou. Através de um nevoeiro escaldante ela viu Robin virar-se e afastar-se dela vagarosamente. Parecia ter a mente ocupada com outras coisas. Gwyn olhou firmemente para as costas das mãos. Estava sangrando por todos os poros, bolhas minúsculas de sangue se formavam e rompiam. Tinha a aparência de escombros num naufrágio no alto-mar. Sentiu seu rápido fim pela pele que desaparecia.

Gwyn tropeçava atrás de Robin, tossindo, incapaz de enxergar nitidamente. As lágrimas que chorava eram lágrimas de sangue pingando dos cílios como cola. Gwyn deslizou, já sem peso, como uma onda rolante, e derramou-se pelo tapete. Tentou erguer-se, sem poder falar, e levantou lentamente um pé. Tossiu e uma outra onda crescente a atingiu inteiramente. Rolou, ainda não completamente inconsciente, como se arrastada para uma praia ao longe.

Robin saiu do seu devaneio quando ouviu que batiam à porta.

— Gwyn!

— Vão embora — ele disse, mas não tão alto que pudesse ser ouvido através da porta espessa.

A sala estava fedorenta. Precisava de ar.

As janelas eram do tipo de armação com espessura de meio metro. Abriu três delas. O vento soprou gelado, picando seu rosto. Ótimo.

Todas as portas da casa eram sólidas, de carvalho, e tinham a espessura de cinco centímetros. Precisariam agora de um machado. Estavam impedidos de avançar.

Não havia lugar para onde ir, exceto o seu quarto de dormir e o banheiro. Duas portas a mais. Mas deviam ter um machado. Não lhes tomaria muito tempo. Então, o que aconteceria?

Robin tremeu e respirou fundo. Noite, frio e nevasca. A neve já estava formando montes na parte de dentro das janelas, agitando-se por cima do tapete. Ele viu grandes flocos se derretendo em cima de Gwyneth. Ela estava toda vermelha.

Impedidos. Madeira dura como ferro. Resistindo à lâmina do machado.

Não podiam atingi-lo. Ninguém poderia causar-lhe algum mal.

Pouco a pouco o machado ia vencendo.

Mais meio minuto e a porta viria abaixo. Não queria falar com eles sobre Gwyneth. Isso era coisa do passado. O que havia a dizer? Seria aborrecido.

Mas achou que a neve estava divertida. A noite gelada desafiava-o.

Robin dirigiu-se rapidamente ao bar e apanhou uma garrafa quase cheia de *bourbon* Wild Turkey. Meteu-a dentro da jaqueta para protegê-la. Então se dirigiu para as janelas, passando por Gwyneth. A poça em que ela estava atolada, membros contorcidos já alterados, espalhava-se rapidamente no tapete dourado.

Subiu por um lado da armação da janela. Executava os movimentos de cabeça baixa para proteger-se do ímpeto do vento.

A saliência de ardósia do lado de fora tinha quinze centímetros e estava coberta de gelo. Esse lado da casa estava muito próximo da piscina. Já tinha tentado no último verão mergulhar daquele canto, mas havia pouca profundidade e todas aquelas rochas na quina da varanda que davam o que pensar. Achava que podia tentar o mergulho, mas atendera ao pedido de Gwyneth e desistira. Robin sorria agora, lembrando a expressão do rosto dela, as pequenas gotas de suor que caíam do nariz e do queixo.

Antes era muito mais divertido estar com ela.

Robin olhou para trás. Pôde ver um brilho desmaiado que atravessava as janelas. Fora isso, não havia mais nada a não ser o ruído do vento, que uivava como um cão fantasma à procura da própria cauda. A íngreme muralha de pedra descia para o fundo uns nove metros ou mais. Mais adiante seria mais fácil. Havia um quarto andar, pouco usado, e

então um sótão; telhado de ardósia, não muito inclinado, espigões dispostos em toda a linha do telhado, e ainda chaminés, cinco grandes chaminés ao todo. À esquerda de Robin, perto das janelas, havia a calha, muito bem fixada. O desnivelamento das pedras da parede bem como a calha do telhado serviriam como alças. Tudo muito escorregadio, naturalmente.

Mas por fim a porta cedeu. Olhando pelas janelas, Robin viu um rombo nas almofadas da porta de carvalho quase do tamanho de um homem e uma mão que tateava tentando alcançar a fechadura. Gwyn estava quase morta; no momento apresentava fracas contrações, frágil como uma criancinha desnutrida em todo aquele tapete manchado.

Ele se admirou de ter podido galvanizá-la, como havia feito com animais mortos no laboratório, fazendo-os pular. Talvez pudesse pôr Gwyn de pé uma última vez para cumprimentar os arrombadores. Mesmo que pudesse fazê-la dançar, isso não enlouqueceria ninguém. Morto era morto. Assim, que ficasse estendida por lá.

Robin respirou profundamente e começou a subir por fora da casa, o vento fustigando-o pelas costas.

Quando Peter regressou ao quarto do Shadowdown, encontrou a porta do balcão inteiramente aberta. As cortinas voavam violentamente na escuridão e a temperatura do quarto tinha caído verticalmente.

Gillian estava do lado de fora, segurando a grade, e tremia descontroladamente.

Não tinha vestido o casaco. O cabelo estava coberto de neve. As sobrancelhas eram um traço de neve congelada. Peter soltou-a da grade e carregou-a para dentro. Fechou a porta que vedava a temperatura externa, aumentou o grau de aquecimento interno e enrolou a menina nos cobertores das duas camas. Ela havia vomitado e alguns salpicos tinham ficado congelados no suéter.

Gillian agarrou-se a ele, emitindo sons inarticulados. Ele examinou os dedos dela, à procura de sinais de enregelamento, mas não havia nenhum; sabia porém que ela sentiria muitas dores quando a circulação voltasse ao normal. Quando a segurou bem perto dele, notou que a orelha dela parecia porcelana.

— Que foi que lhe aconteceu, Gil?

Ela tentou falar, mas as palavras saíam sem som. A mão livre tamborilava sem parar nas costas dele. Sinal de hipotermia. Peter segurou-a e agasalhou-a mais ainda. No banheiro havia uma cafeteira. Quando o café ficou pronto, ele amparou Gillian e fê-la beber meia xícara. O violento tremor diminuiu e transformou-se numa agitação descontrolada.

— Aiii. . . minhas mãos, minhas mãos!

— Você poderia ter perdido uma porção de dedos. Quanto tempo esteve no balcão? E por que diabo não vestiu o casaco?

— Perdi a noção do tempo. Fui lá fora porque o frio tornava mais fácil entrarmos em contato.

Alguém fez barulho na porta do quarto e Peter foi ver quem era. Mais uma reunião improvisada e gente que passava para lá e para cá no corredor.

"Venha, venha, não importa quem seja você", uma menina alegre estava dizendo e alguém riu. Então as vozes sumiram.

— Encontrou Robin? — Peter perguntou a Gillian.

Gillian olhou-o assustada, como se fosse ser picada em pedaços.

— Robin tem problemas sérios. Ele ma. . . matou a moça, penso.

— O quê? Matou quem?

— A mulher. Não sei quem ela é. Robin vive com ela. Robin feriu-a mortalmente. Fez isso deliberadamente. Meu Deus! Fez isso deliberadamente. Pode chegar até ele? Penso que ele morrerá se não conseguir. . . Ele está gelado. . . gelando. . .

Gillian curvou-se e cruzou os braços fortemente, chorando de dor nas mãos geladas ou de pena de Robin.

— Onde está ele agora?

— Na casa do lago.

Peter deixou Gillian chorando na cama. Trocou as botas que usava por outras apropriadas para a neve e tirou o capacete de um cabide.

— Leve-me!

— É perigoso demais, Gillian. Congelamento seria o pior de seus problemas. Tranque a porta e não saia do quarto. Voltarei. Se não voltar, aguarde comunicação de seu pai.

"Peter!"

Alguém que passava pelo corredor estava tentando cantar uma alegre canção alemã. Uma outra voz abafou a do cantor. Peter parou com a mão na maçaneta para um último olhar para Gillian. Então saiu do quarto.

Três boêmios estavam parados na parede oposta, segurando uma garrafa e tentando cantar harmoniosamente. Eram cabeludos, jovens robustos usando suéteres listrados para esquí. Com eles estava uma garota que usava uma fita amarela brilhante no cabelo escuro. Ela atirou a fita, que alcançou um olho de Peter no momento em que ajeitava a sacola no ombro. Os patinadores não eram realmente o que pareciam, e a cena tinha sido preparada contra Peter.

Peter não hesitou, embora soubesse que suas chances fossem poucas. O primeiro homem recebeu o impacto do capacete no queixo, cujo osso se partiu em dois. Peter girou sobre as pesadas botas e atingiu o outro cabeludo em cheio na virilha. Ele tinha que prestar atenção à moça, mas ela estava abaixada calmamente, com uma espécie de arma nas mãos.

— Jerry! — ela gritou para o terceiro cabeludo, que estava entre ela e Peter. Ele se atirou no tapete, deixando Peter a descoberto. A moça atirou. Sua pontaria era perfeita. Uma corrente elétrica atingiu-o na face. Fechando o circuito, o choque jogou-o contra a parede, cegando-o. A corrente elétrica, que poderia atingir rapidamente cinqüenta mil volts, rompeu seu sistema nervoso e ele não tinha mais controle muscular. Quando caiu no chão, contorcendo-se e pulando, ele a viu mais de perto, fios esticados entre os dois. A dor era intolerável.

"Desligue", Peter pensou. "Desligue, desligue!" Ele ficou horrorizado percebendo o quanto isso a divertia.

Algumas vezes Robin podia ouvir vozes, lá no alto onde a neve e o vento passavam livremente. Sabia que tinha provocado uma excitação naquela noite. Tinham acendido todos os holofotes do lado de fora. Estava no escuro, acima de todos eles, e, olhando para baixo, parecia ver um mar dourado, misterioso. Quando o vento parava por breves instantes e a cortina de neve sumia, ele conseguia ver figuras entroxadas no chão. Estavam ainda usando binóculos e lanternas manuais para tentar encontrá-lo. Elas luziam através das muitas

trapeiras, parapeitos e chaminés. Mas a luz nunca o alcançava. Era muito rápido e ágil.

Até o momento a voz transmitida pelo poderoso megafone tinha apelado para ele. Ele os ignorara. Então dois homens saíram do sótão para tentar trazê-lo de volta. O telhado era praticamente plano ao nível da chaminé, como um caminho de gato, mas inteiramente coberto de telhas. E sempre havia o traiçoeiro gelo. Os homens se movimentavam nervosamente e com grande cuidado, não como ele. Robin, desdenhosamente, não estava disposto a ter espírito esportivo. Muito bem escondido atrás do vão da oitava chaminé, fez uma volta por trás do homem alto protegido com um impermeável e deu-lhe um empurrão.

O homem alto arrastou outro homem com ele, escorregando até o chão. Um deles, por sorte ou agilidade, agarrou-se a tempo na calha, onde ficou pendurado. Outros tentaram socorrê-lo, mas ele estava virtualmente inacessível e duro como um defunto. Finalmente, o melhor deles foi tomado de pânico, ou melhor, seus dedos congelaram-se dentro das luvas, e ele se atirou. Depois disso a voz se tornou zangada. Robin ria para si mesmo, atirava bolas de neve e esquivava-se dos chiantes fogos que eles lançavam para atingi-lo.

Provavelmente pensavam que ele acabaria se cansando, ou gelando. Mas as altas chaminés produziam calor e refúgio adequado. Quando os dedos ficavam muito frios ele subia e expunha-os à fumaça quente da madeira queimada. Com os grandes goles já tomados, a garrafa de *bourbon* que havia trazido estava quase no fim. Virou o gargalo para baixo. Infelizmente havia bebido quase tudo. Restavam um ou dois goles. Ele sabia que quando o *bourbon* acabasse também terminaria toda a graça.

Granny Sig serviu-se de outro copo de Calvados e, no estúdio do segundo andar, olhava para Childermass. Estava usando um aparelho transmissor, comunicando-se imperiosamente com o posto de observação da MORG no alto do sótão. Granny Sig olhou para o relógio. Robin já estava lá fora há mais de duas horas. A temperatura tinha caído para três graus abaixo de zero e a força do vento era incalculável.

Segundo Granny Sig, Robin só tinha duas escolhas. Ou entraria para tomar um remédio ou ficaria lá fora e inevitavelmente seu cérebro se

perturbaria e ele cairia, quebrando o pescoço. Todo o sucesso era devido ao narcótico. Inspirava-o a realizar ações espantosas, que confirmariam sua crença nos poderes sobre-humanos. Grany Sig tinha tentado persuadir Childermass a acabar com a luta, apagar as luzes e ir para a cama. Depois de algum tempo, o frio, o aborrecimento e a curiosidade poderiam prontamente trazer Robin de volta para dentro, porque ele já não era mais o centro das atenções.

Childermass achou que era uma estúpida idéia. Considerada a procedência, só podia ser estúpida. Granny Sig tomava seu forte *brandy* e sorria perversamente atrás de Childermass. "Bem, querida, sei bem o que vou fazer agora." Mas sua bravata, Deus é quem sabia, era pateticamente oca. Começou a tremer e a agitar-se, dando gargalhadas. Mas duas grossas lágrimas começaram a escorrer do canto de seus olhos. Lá ficaram, à vista. Agora que Gwyn, sua defensora e protetora, tinha morrido, perderia o emprego. Se Robin, o miserável, também morresse, muito em breve sua vida correria perigo. Precisava fazer alguma coisa para salvar-se, mas não conseguia saber o que.

Continuava a chorar, tanto que parecia uma pancada de chuva. Os óculos estavam embaçados.

— Que diabo há com você? — Childermass disse, andando diante dela.

— Exatamente chorando de tristeza, suponho.

— Sua maldita invertida. Temos um problema sério, colabore.

Granny Sig sacudiu a cabeça; depois se lastimou, fungou até que o controle e a tranqüilidade fossem recuperados. Childermass levantou os olhos.

— Ele parece um cabrito novo lá em cima. A quinze metros do chão, sob uma horrível tempestade de neve. Será que alguém conseguirá pegá-lo? Gostaria de uma opinião profissional sobre isso. Qual é sua condição mental? Estável ou piorando?

— Está quase insano.

— Não me dê todas as más notícias de uma vez. Que quer dizer "quase insano"?

— Olhou Gwyneth de perto? — Granny Sig perguntou num ódio fulminante. — Não imagina o que ele fez com ela? Apesar de sua disposição e de aptidões únicas, o feito exigia concentração. Foi um ato

de homicídio premeditado. Aqueles dois homens foram empurrados do telhado. Ele se transformou em um assassino maníaco.

— Isso é curável? Bem, ora, que diabo, para que preciso saber disso? Não sou um psiquiatra. Doido ou não, Robin é ainda inacreditavelmente precioso. Vou deixar que cuide dele logo que ele se resolva a entrar.

Ken entrou no estúdio.

— Os carros de Shadowdown chegaram.

— Onde diabo se meteram nessa estrada horrível?

— Os caminhos estavam realmente infames esta noite.

— Mande-os entrar — disse Childermass, e Ken desapareceu.

O rosto de Childermass evidenciava uma expressão de ódio selvagem que fez Granny Sig sentir-se fraca e vulnerável. Quando ele se encaminhou para a porta, os olhos vidrados, e apalpou o seu toco dolorido, ela teve vontade de vomitar. Não o fez; ficou quieta. A respiração de Childermass silvava entre os dentes.

— Traga-me *scotch* puro — ele disse com os olhos voltados para a porta aberta.

Não se moveu nem falou, os olhos ainda fixos na porta aberta, esperando. Granny Sig teve que pôr o copo na mão dele. Ambos ouviram vozes. Então Peter Sandza e Gillian Bellaver foram trazidos para dentro do estúdio por um grupo de robustos jovens da MORG.

Peter parecia não estar em plena consciência, estava sob a ação de um choque. Um dos lados do seu maxilar tinha sido queimado pela corrente elétrica. O braço esquerdo estava lesado. Mas seus olhos estavam firmes quando olhou de frente para Childermass. O outro braço protegia a menina, que estava assustada.

Childermass aproximou-se deles. Primeiro, toda a sua atenção concentrou-se em Gillian. Sorriu para ela. Era uma gentileza com que ela não contava. Gillian mordeu os lábios e baixou a cabeça.

Então os olhos dele passaram de Gillian para Peter. Ninguém na sala se movia ou falava. Era como o acordar de alguém que ainda não estava completamente morto. Uma manifestação prematura não seria conveniente. Todos vigiavam Childermass, tentando adivinhar de que modo deviam se conduzir.

Childermass sorriu para Peter também; seu sorriso foi inesperado e parecia-se terrivelmente com um tiro.

— Boas-vindas pelo regresso, Aço — disse Childermass. — Talvez você pudesse nos ajudar a resolver o que está acontecendo.

Robin estava desapontado. Tudo começou a parecer sem graça.

Aparentemente, não queriam continuar a brincadeira. Não ouviu mais os desesperados apelos. Pararam de lançar focos de luz para o telhado, tentando iluminar seus esconderijos. Não importava a maneira por que se expusesse agora, ninguém dava atenção.

E os pés estavam frios. Não quis pensar nisso, mas estavam realmente frios. Não se lembrava mais de quando tinha sentido os dedos dos pés. A insensibilidade fê-lo ficar um tanto desajeitado e depois a falta de graça dominou-o.

— Ro. .. bin!

Oh! silêncio. Agora quem era?

Ele precisava fazer alguma coisa para dominar o aborrecimento, então teve a idéia de atravessar de um lado para o outro o telhado em forma de L, apenas para ver se faria isso depressa. Saltar sobre águas-furtadas e correr por aqueles lances altamente perigosos e pelo telhado inclinado coberto de gelo provavelmente era tarefa difícil até mesmo para um esquilo. Não conseguiria fazer isso à noite sem cair.

Seria divertido aquilo, cair, cair, flutuar e acabar num sono profundo. Sentia que poderia dormir naquele momento, oh, realmente, dormir se...

Mais tarde. Primeiro precisava correr. Precisava fazer alguma coisa com os pés.

Tirou a rolha da garrafa de Wild Turkey e bebeu o resto, encostando-se na chaminé que agora esfriava. Imaginou que estavam apagando as lareiras lá embaixo. Tinham tido a brilhante idéia de tentar congelá-lo para obter sua submissão. Eles o queriam implorando na janela do sótão, onde percebia olhares vigilantes. "Deixem-me entrar, deixem-me entrar." Como um bebê. Um merdinha. Ele ainda não ia entrar e, quando o fizesse, seria pulando a sua janela.

— Robin! Robin!

— Caia fora, homem. Ou eu empurro você.

Nenhuma sensibilidade nos pés, a mais estranha das sensações. Robin reprimiu uma risadinha e em vez disso arrotou.

Ele não devia ter jogado fora os sapatos, mas nunca teria subido para o telhado metido neles. As meias dê lâ tinham-lhe protegido os pés por algum tempo, mesmo quando úmidas; depois ficaram rijas como uma armadura. Agora teria de encontrar uma outra maneira de aquecer os dedos tortos.

— Roooooobiiiiinnnn!

A voz de homem ainda estava mais perto e lhe era familiar, embora prejudicada pelo vento. Vento, silêncio! Robin prestava atenção. Não ouviu o homem outra vez. Bem, nesse momento não fazia questão de ser importunado. "Continue", Robin pensou. "Vai ver o que lhe acontece. Passe direto por esta chaminé e cairá. Lá embaixo."

Robin colocou a garrafa cuidadosamente no telhado atrás dele (podia ser que ainda houvesse uma ou duas gotas) e com muito trabalho foi puxando as meias congeladas dos pés. Abriu o fecho das calças. Urinou, espasmodicamente a princípio, então jorrou uma corrente satisfatória, formada por todo o *bourbon* que tinha tomado nas últimas duas horas. Urinou fortemente sobre os pés, tão gelados que quase não era possível distingui-los das peças de ardósia em que estava em pé.

Uma lanterna, o suporte gelado quase encostando nele.

Quando a lanterna piscou de novo, Robin meteu-se no vão da chaminé, bem mais para dentro.

— Robin? Onde está? Por favor, responda-me!

"Vou matar você", Robin pensou. "Não pense que não posso."

Gillian foi para um quarto, escoltada por Granny Sig e por Lana, a moça de cabelos pretos e fita amarela que carregava a estranha arma mortal. Era um quarto espaçoso no terceiro andar. Janelas a este e a oeste e uma enorme lareira na parede do lado norte. A lenha queimava lentamente. Granny Sig acendeu as luzes. Gillian estava em pé, tremendo.

— Abra as janelas — ela implorou.

— Ovelhinha, você quer virar pedra de gelo? — disse Granny Sig.

— Ele está lá! Bem lá em cima! — Gillian apontou para a quina do teto. — Por favor, abram. . .

Granny Sig olhou para Lana, que mexia a pequena mas resistente mandíbula mascando goma. Lana encolheu os ombros.

— Isso é asneira — ela disse. — Congele-se, se é o que quer.

Gillian agarrou as cortinas das janelas que davam para leste.

Peter escorregou e caiu sobre as mãos e joelhos. A lanterna que havia amarrado no punho direito chocou-se contra o telhado, mas era de vidro inquebrável e a luz não apagou.

"Jesus", ele pensou, suando por dentro da roupa, apesar do frio.

Andou cautelosamente, a mão deslizando pela corda de náilon que tinha ajustado ao corpo. A corda estava esticada até a janela do só tão, por onde tinha descido há pouco. Fez sinal para soltarem o cabo. Logo que isso foi feito, o vento, numa revirada abrupta, quase o arrastou. Sentia a neve como vidro enterrado na face. Curvou o braço esquerdo com dificuldade e limpou os cílios com as costas da mão enluvada.

— Robin!

Então era possível que os vigias tivessem se enganado e não tivessem visto o vulto de Robin nesse final de telhado. Ele poderia estar a uma distância de uns trinta metros do outro lado da casa, metido no vão de uma outra chaminé, impossibilitado de ouvi-lo. Certamente ele não seria capaz de ver melhor do que Peter, e Peter sentia-se quase como um cego ali.

Ou Robin poderia ter caído, algum tempo atrás, sem ruído e sem ser visto. De manhã, quando o sol se levantasse num tom alaranjado sobre os vastos campos cobertos de neve, eles o encontrariam quase encoberto, duro como rocha, pelo efeito da temperatura abaixo de zero.

O vento mudou de direção novamente e Peter sentiu cheiro de alguma coisa inconfundível: urina humana.

Ele aproximou a luz para examinar a grande chaminé. Não havia nada a não ser escuridão e a neve caindo. Nada também do outro lado da chaminé. Mas ele chegou mais perto, jogando o feixe de luz para a frente e para trás sobre as várias faces da dupla chaminé octogonal.

Alguma coisa estava refletindo a luz no profundo nicho dividido: a luz de dois olhos à espreita. "Oh, Deus." Deu mais um passo. Mais um.

— Ro. . . Robin?

Uma face surgiu cautelosamente do fundo da sombra. Estava metido naquele lugar, embora o nicho mal desse para um menino de tamanho

médio. Peter pôde verificar que Robin tinha ultrapassado de muito o tamanho médio. Estava alto, mais alto do que ele. Peter tinha manchas vermelhas, neve envolvendo as mechas de cabelo que lhe caíam na testa. "Oh! que belo estou!" Peter soluçou em tom alto. Uma face tão familiar, ainda que assustadoramente estranha. Diminuiu a luz para não ofuscar o filho.

— Robin, Robin!

Robin mostrou os dentes como um cão. Peter veio para mais perto e impacientemente fez sinal para que lhe dessem mais corda. Deram-lhe mais uns sessenta centímetros.

— É papai, Robin.

Robin permanecia calado, mas seus olhos se aproximaram.

— Sei que lhe disseram que eu estava morto. Mentiram! Passei esses últimos dezoito meses procurando você. Nunca desisti, eu... qual é o problema, Capitão? Não me reconhece? Não pode dizer alô para seu velho?

Compreendeu tardiamente como tinha sido estúpido. Porque ele estava contra a luz, Robin não tinha possibilidade de vê-lo. Para Robin, com os olhos deslumbrados, ele era apenas uma sombra na escuridão.

Sorrindo, Peter voltou a luz para o lado dele.

— Aqui estou, Capitão. Não é piada. Não sou um. . .

O golpe de Robin pegou-o completamente de surpresa, mas ainda pôde ver a garrafa apontada para sua cabeça e levantou o ombro esquerdo para aparar o golpe. Isso pôs fim à pouca sensibilidade que lhe restava em todo o braço. Escorregando, caindo, ele se agarrou a Robin com a mão direita, fazendo-o perder o equilíbrio. Então ambos deram passadas pela parte plana e depois pela inclinação do telhado numa distância de quase quatro metros. Caíram a prumo, enroscados, até a saliência da calha, e aí ficaram pendurados. Os dois homens na outra ponta da corda de náilon foram sacudidos na janela, na parte interna do sótão, e, devido ao peso dobrado, iam deixando escapar a corda que passava pelas mãos deles, queimando-os e cortando-os até os ossos.

Pelo lado de fora, Robin foi até a quina, sua mão segurando a de Peter. Ele se balançava, o rosto erguido no vento cortante, os olhos de um azul claro e celestial iluminados pela lanterna pendente, a boca num quase perfeito "oh!" de surpresa. Peter, com a metade inferior do corpo

no telhado e a corda esticada cortando-o no peito, tentava alcançar a borda com a mão esquerda para reforçar o precário suporte que tinha no filho.

Não houve reação. A mão esquerda continuava caída, inútil, abaixo dele.

— Puxem-nos! Pelo amor de Deus, puxem-nos!

Esse grito lhe tomou toda a respiração, mas o vento zunia mais alto.

Peter sentiu um rompimento na corda; escorregaram mais cinco centímetros. Robin, ainda olhando pasmado para ele em arrebatada atenção, ofegava penosamente, mas não se esforçava.

— Tente agarrar-se com a outra mão — disse Peter. — Segure-se no meu ombro. Suba por cima de mim. Deus, eu estou amarrado, não vou cair. Agora venha. Ande. Antes que eu não agüente mais.

Robin subiu muito vagarosamente. A mão esquerda tocou o casaco acolchoado. Olhou fundo nos olhos de Peter. A mão se moveu e tocou a face do pai. Lágrimas rolaram pelas costas de suas mãos.

— Oh, Capitão — Peter resmungou. — Venha, ande logo, mantenha-se seguro.

Uma expressão animada surgiu na fisionomia rigidamente neutra de Robin.

— Ahh. . . — ele disse, certo naquele momento da importância do reconhecimento. — Ajude-me, Comandante!

Ele sorriu.

E então caiu. Peter o soltara.

Foi caindo, caindo, e espatifou-se nas rochas no canto do lago.

O vento passava sobre ele. Homens correram e levantaram o corpo; havia uma mancha escura onde a cabeça abrira. Peter, pendurado de cabeça para baixo na beira do telhado, não queria aceitar a súbita tragédia. Sua expressão de grave indagação não mudou quando um homem de um só braço apareceu na neve, falando grosseiramente com ele e rogando-lhe pragas. Não mudou quando a corda estalou, afrouxou e ele foi arriado do telhado. Foi mais fácil para ele descer do que subir. Momentaneamente perdeu a consciência quando as pernas foram postas para baixo e o sangue começou a escorrer da cabeça.

Peter foi baixado mais uns três metros. Quando levantou a cabeça viu o rosto estupidificado de Gillian na janela. Grief segurou-o pela garganta.

— Oh, menina — ele disse ou pensou dizer — Como foi que saiu tudo errado?

Peter admirava-se de que ela não o ouvisse. Mas não pôde continuar olhando para ela. Os olhos enevoaram-se e ele caiu, a cabeça balançando para a frente. Ele se balançava ao vento na ponta da corda que o ia comprimindo.

Childermass correu ao quarto e arrancou Gillian da janela. Ele se curvou para retirar neve dos olhos.

— Peter! Peter, seu filho da puta! — A cabeça de Peter já estava envolvida em neve. Escondera seu rosto mudo e sério. — Você o deixou escapar! Eu vi! Você matou seu próprio filho. Por quê? Maldito Peter, sei que não está morto! Responda-me!

Ele parecia estar julgando mal Peter pela última vez. Mas então, devagar, muito vagorosamente, Peter levantou a cabeça até olhar fixamente dentro dos olhos furiosos de Childermass. Granny Sig julgou ver Peter sorrindo. Talvez não. Mas o gesto que fez não permitia engano. Mão direita estendida, e o dedo indicador apontado.

Childermass saiu da janela, chamou o agente da MORG mais próximo e disse:

— Dê-me sua arma.

— Não! — Gillian gritou.

Ela foi atirada ao chão antes que se pudesse colocar entre Childermass e Peter.

Childermass tinha na mão um revólver Magnum 44. Seis cilindros de alta velocidade. Tomando posição na janela, Childermass, com perfeita pontaria, alvejou Peter com seis tiros. Voltou-se impetuosamente e acalmou-se. Teve a decência de baixar as cortinas logo depois.

Lana estava sobre Gillian, tentando imobilizá-la. Os olhos dela rolavam nas órbitas, histericamente, quando Childermass se ajoelhou a seu lado.

— Bem, já não tenho mais Robin — ele disse. — Você terá que substituí-lo.

Ele atirou o revólver ainda quente na cama e deixou o quarto.

Vinte

Aquilo que matava estava em sua mente.

No sonho Gillian abria janelas enormes que davam para o mundo e olhava para Peter, suspenso no vazio em um balanço para crianças. Pés juntos, aumentando o impulso ritmadamente, arcos sucessivos levavam Peter cada vez mais para o alto. Ele ria e acenava para ela quando passava pelas janelas. Que boa alma.

— O boneco — ele pediu.

Gillian olhou relutantemente para o boneco Capitão em suas mãos. Ela sempre tivera o Capitão e não queria se desfazer dele. Mas Peter insistia. Ele tinha direito ao Capitão também.

— Dê para mim, Gillian — Peter disse na vez seguinte que passou pelas janelas. — Atire-o para o alto. — Seu humor mudara. Não estava mais rindo. Ela sabia que era melhor fazer o que ele pedia.

Tudo que precisava fazer era abaixar-se e Peter poderia arrebatá-lo com os braços. Mas não se animava a enfrentar o vazio que tinha pela frente. O nada a aterrorizava. Quis fechar os olhos e segurar o Capitão de braços esticados, de modo que Peter o pudesse pegar. Mas estava sem cílios. Não importava de que maneira virasse a cabeça, era sempre forçada a ver. Continuava vendo indefinidamente.

A cabeça do Capitão estava nas suas mãos. Ele estava pendurado, dançando, ao alcance de Peter, que não conseguia pegá-lo. Quando Peter fez uma segunda tentativa de pôr as mãos no Capitão, deslocou-se no balanço. Levou o Capitão com ele e despencaram na vazia solidão.

Gillian, à janela, mãos estendidas, olhava, olhava. Estava amaldiçoada, obrigada a visões eternas. O olho orientava a mente. Era uma estranha forma de loucura e os horrores já tinham começado.

Ela ainda segurava a cabeça do Capitão. Ele rolava tolamente nas palmas das mãos, piscando e dando risadinhas, pondo a língua para fora. Então se transformou em um tucano, um pássaro de olhar tirânico e um pontudo bico que brilhava como botas engraxadas. O tucano bicou-lhe uma orelha e comeu-a, e Gillian tolerou isso. Esfomeadamente, o tucano foi dismantelando a cabeça dela. Então parou, fitando o movimento dos miolos azulados a descoberto. "Isso é demais", Gillian pensou, chorosa. "O que é meu é meu. Seu pássaro miserável!"

Ela acordou com um pequeno estremecimento, pestanejando, instantaneamente certificando-se de que não estava condenada a uma existência sem cílios. A mente rejeitou o olho que tudo via e fez o melhor que pôde para encarar a realidade. O sonho desfez-se lentamente. Havia um brilho de chama de fogo no teto do quarto frio em que estava deitada. Ouviu alguém respirando através de um nariz obstruído e o ruído das páginas de uma revista. Gillian moveu cuidadosamente a cabeça, no travesseiro, não querendo fazer barulho com as cobertas.

A moça de fita amarela na cabeça estava sentada numa cadeira perto do fogo, com uma revista no colo, esfregando o nariz nas costas de uma das mãos. Uma lâmpada de luz intensa espalhava luz sobre ela. Gillian ouviu o tique-taque de um relógio e não tinha idéia das horas nem por que não estava dormindo. Granny Sig tinha insistido que tomasse as cápsulas que a fariam descansar por um ou dois dias. Granny Sig tinha sido amável, apesar de tudo.

Mas sua mente, apesar dos terríveis sonhos, estava vigilante e clara. Estava bem acordada e esperava ser capaz de raciocinar convenientemente. Ela até se lembrava do nome da moça de fita amarela no cabelo. Lana tinha sido uma companhia constante desde Shadowdown.

Se ela não estava dormindo, então as pílulas que engolira eram apenas açúcar.

Havia alguma razão para isso.

Granny Sig era a única pessoa que parecia se preocupar com ela. Tanto quanto podia se lembrar, nunca tinha visto um travesti verdadeiro,

apesar de algumas das relações de sua mãe. Sempre tinha considerado os travestis como criaturas miseráveis e ridículas, mas Granny Sig era franca e inteligente; era fácil conversar com ela. Levaram quase duas horas discutindo a tragédia, falando de Robin, das habilidades e do último fracasso, que ultrapassara os limites de seu poder. O poder que ela e Robin tinham em comum. Não foi então difícil para Gillian desabafar. Granny Sig compreendeu.

O telefone ao lado de Lana tocou. Ela lançou um olhar para Gillian, que a estava observando disfarçadamente. Pegou no fone. Ficou alguns instantes sem falar e tornou a virar a cabeça.

— Totalmente sem meios — Lana disse. Ela ouviu mais algum instante, pôs o fone no lugar e aproximou-se da cama. Gillian fingiu que dormia. Lana pôs-lhe a mão no ombro e sacudiu-a levemente. Gillian achou que não era suficiente, quis que ela parecesse que dormia como uma pedra. Lana puxou uma orelha com as unhas pontudas. Gillian não moveu nem as pálpebras.

Satisfeita, Lana deixou-a, falou qualquer coisa ao telefone outra vez, colocou o fone no lugar e deixou o quarto.

Gillian esperou, contou dois minutos. Então se sentou. Estava sozinha. Levantou-se, tremendo, e vestiu a roupa. Estava pensando em Peter e na conversa que tinham tido há menos de vinte e quatro horas. Chorou por Peter, mas as lágrimas não duraram muito. Não era o que ele desejaria.

Seu quarto era no terceiro andar. Granny Sig, garantiu-lhe durante o colóquio sussurrado que tinha pleno conhecimento de que a casa estava vazia.

A escada que conduzia aos quartos dos empregados estava fria e mal iluminada; Gillian tropeçou uma vez e fez algum barulho; ficou gelada e quase pôs o coração pela boca.

Quando chegou ao segundo andar, conforme Granny Sig lhe tinha prometido, a porta não estava trancada. Um relógio de parede tinha um tique-taque barulhento. Atravessou o corredor para a ala sul. Eram quatro e dez da manhã.

"E quanto aos cães?", tinha perguntado, e Granny Sig dissera que Childermass odiava cães. Não havia cães naquela casa.

Todas as portas dos quartos da ala sul estavam fechadas. Gillian ficou confusa por alguns momentos. Ela contou e tornou a contar, então pôs o ouvido numa porta e não ouviu qualquer ruído. Prestando atenção à outra porta, ela ouviu Lana, fracamente, falando lá dentro. Ela esperou, pronta para correr. Ninguém chegou perto da porta. Gillian continuou a prestar atenção, mas não ouviu Lana falar novamente.

— O que você faz acidentalmente — Granny Sig disse — pode fazer propositadamente. Querendo.

— Não, é horrível. Não posso.

— Então certamente você vai ter o fim de Robin. De forma tão má e monstruosa quanto Robin.

(A coisa que matava estava em sua mente.)

Gillian girou a maçaneta e abriu a porta. Entrou na sala de estar da suíte de Childermass.

Uma única lâmpada estava acesa. Abaixo da lâmpada, na cama, Childermass estava sentado, nu. Lana, ainda de fita amarela no cabelo, mas inteiramente nua, estava abaixada, um joelho entre as pernas dele, o rosto colado à virilha. Ela o sugava e ofegava. Pelas suas reações, ela não devia estar se sentindo bem ali.

Gillian abriu a única porta de um armário perto da porta do quarto. Então, sem muito interesse, ficou observando a estúpida cena de sexo todo o tempo que durou. Muito cansativa para Lana, mas ela a levou até o fim.

Assim que Lana terminou, Gillian escondeu-se dentro do armário.

Ela os ouviu conversando novamente. Aparentemente Childermass devia sofrer de insônia. Ele pensou num banho quente. Gillian ouviu Lana no banheiro enchendo a banheira. Quando ela saiu, Childermass lhe disse que estava com fome. Queria um bife e ovos e um gole de *brandy*. Lana vestiu a roupa. Do fundo do armário, Gillian viu-a sair do quarto. Uns poucos momentos depois a porta que dava para o corredor foi trancada atrás de Lana.

"Corte a cabeça", Peter tinha dito a ela, "e os inimigos da MORG devorarão o corpo."

Gillian abriu o armário e olhou para o banheiro. Então se voltou para trancar a outra porta.

Até o momento tinha estado razoavelmente calma, mas o ato de trancar-se com Childermass quase lhe arreventou os nervos. Sua mente parecia perder o controle, porque sabia o que teria de fazer a seguir. Não poderia ficar parada no meio do quarto a pouca distância do banheiro, ouvindo-o suspirar e patinhar letargicamente no fundo da banheira. Childermass estava de costas para a porta.

"Que efeitos você poderia ter descrito como uma forma rara de epilepsia?"

"Oh, Deus, como vou fazer?"

"Sou como um gerador. Ligo-me, desligo-me."

"Robin fazia isso; Granny Sig disse."

"O que eu faço você pode fazer, Gillian. Você é minha irmã."

"Mas o que liga o gerador, Granny Sig?"

"Ódio e raiva. Qualquer emoção poderosa."

"Não posso. Estou com medo."

"Sim, medo. O medo é poderoso. Use-o, Gillian."

Mantendo um olho na porta do banheiro, Gillian sem fazer barulho tirou a roupa e os cobertores da cama. Movia-se decididamente, mas seu pulso estava batendo inacreditavelmente rápido, a umas cento e vinte batidas por minuto. Sua pele estava rubra. Ela puxou a ponta do lençol e dobrou-o em dois. Quando a porta do banheiro se abriu, as dobradiças rangendo, Childermass estremeceu todo, assustado com a ameaçadora sonolência.

— Lana? — ele perguntou. — Ponha mais água quente para fazer um pouco mais de vapor.

— Vá para o inferno — Gillian disse.

Com um poderoso esforço ele se sentou depressa, levantando a cabeça. Só teve tempo de lançar um olhar para a fisionomia furiosa de Gillian antes que ela atirasse o lençol dobrado sobre ele. Em seguida ela segurou o corpo gordo dele empurrando-o para baixo, mantendo-o dentro da banheira com toda a força. Seus gritos eram abafados pelo lençol e impedidos pela torrente de água goela adentro, embora ele tentasse imediatamente pôr o rosto acima do nível da água. Ele lutava com seu único braço, mas o lençol molhado agarrava-se a ele sufocantemente.

Quando ele recuou os pés, a cabeça afundou; Gillian fez pressão outra vez, bufando, braços molhados até os ombros, o rosto gotejando.

Então o sangue dele começou a aparecer no lençol. Childermass, respirando penosamente e soluçando, levantou a cabeça ainda uma vez antes de afundar. Gillian olhou para o outro lado. Era terrível, ainda pior do que em seus sonhos. Tinha de fechar os olhos para não ver o lençol se tornar vermelho e a água ficar horripelantemente escura.

Com os olhos bem fechados, ela se recordou da expressão do rosto de Childermass quando atirara em Peter; ela se admirava de que ele tivesse a mesma expressão agora. Isso não importava. Sua fúria tinha terminado quase que imediatamente depois que ela retirara as mãos de cima dele. Tinha esgotado todas as forças com Childermass e agora não havia nada a fazer senão esperar que a força dele se esvaísse.

Poderia ter levado um minuto ou uma hora.

Limpeza depois disso era difícil; Gillian vomitou e quase desmaiou. Teve que despir-se até a cintura. Felizmente as calças de esqui eram de um azul escuro e ela não prestou atenção às poucas manchas que havia nelas.

No quarto ela se enrolou num cobertor e abriu as janelas. A neve caía em flocos isolados e havia uma cor delicada no céu que se transformava em ondas e mais ondas de abençoada claridade através dos melancólicos campos cobertos de neve.

Não sabia o que aconteceria agora. Não havia meios de fugir. Seus pais saberiam onde encontrá-la e viriam logo. Ninguém poderia ficar por muito tempo em seu caminho.

Lana estava do lado de fora, no corredor, forçando a fechadura, alarmada com a porta trancada. Gillian não tinha pressa de deixá-la entrar. Tinha que fazer uma coisa antes.

Deixou a janela e procurou um espelho em que quis se ver seriamente, conhecer-se verdadeiramente; a luz de inverno refletiu indiretamente em seu rosto como fogo através de uma lente.

Talvez a trancassem por pouco tempo. Ela era perigosa, não havia dúvida.

Perigosa, mas não culpada.

"Obrigada, Peter, por ter-me dito isso. Penso que acredito agora. Deve haver meios de controlar esse poder. A coisa que mata está na mente. . . Mas em minha mente. Encontrarei um meio. Não importa quanto tempo leve. . . "

Tocou na face e achou isso confortador.

— Está bem — ela disse —, você é alguém com quem posso viver.

E sorriu.

{1} Trocadilho em inglês. "Eye" significa "olho" e "ren", "outro". (N.da T.)

{2} Trocadilho em inglês, devido à semelhança de sons entre "ei" e eye , que significa "olho". (N. da T.)